

LUSTOSA DA COSTA

Como  
me  
tornei  
Sexagenário



**UFC**

---

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL

Imagino um Tauá bem longe, um Tamboril perdido, sei lá que mais perto seja um Quixadá desses cheio de pedras...- *Vem, noite antiquíssima e idêntica !.../ Com as estrelas lantejoulas rápidas / No teu vestido franjado de infinito /* - diria Pessoa\* num dos mais belos poemas da língua lusa; e ali a casa, grande, e os compadres meus, um vento leve, dizem-no Aracaty, assim mesmo com "ípsilon", é um vento muito velho; naqueles mundaréus onde o assunto é sempre um "*será que vai chover, compadre?*" - e Lustosa, senhor e proprietário de todas as histórias, a todos nós, de antigamente, as do Amazonas.

## UM GOVERNO SÉRIO

Um governo responsável, houvesse nestas terras, já teria baixado um decreto-lei, uma medida provisória, qualquer coisa assim: Art. 1º - Lustosa da Costa, esse sobralense da Paraíba, fica proibido de trabalhar a partir desta data. Art. 2º - São-lhe asseguradas todas as condições, éticas incluídas, para que o referido cidadão bote em papel e tinta todos os causos destas terras, verdadeiros e inventados porque isto, de verdadeiros, de inventados, não tem a menor importância, mesmo porque os que ele inventar, com certeza um dos nossos o realizará ou já está prestes a cometê-lo, porque aos nossos sempre é possível realizar uma façanha bem maior e mais nutrida, aqui e alhures, do que a anterior. Cumpra-se.

## DOM

Poucos têm o dom. Lustosa da Costa tem. Sob prosa leve, um senso de humor à inglesa, a capacidade de rir em primeiro de si mesmo, - e as cartas, o epistolar, gênero que Lustosa cultiva como poucos, onde parece escrever para a eternidade. Outro dom do memorialista Lustosa é a capacidade de despintar a maldade do mal. Por mais brabo que seja o pistoleiro, por mais reça o político-coronel, por mais devasso o clérigo, sob Lustosa, o retrato de cada qual estará a ressaltar o eterno-fugaz do humano: a graça e a leveza do momento.

\*Pessoa: *Dois Excertos de Odes*,  
in: de Álvaro de Campos.

Pinçar, eis a essência do escrito lustoseano nesse mar de banalidades. Talvez que a vida valha - diz-nos o causo causeiro em riso aberto.

## A CABECEIRA

Não vamos mais ao Amazonas. Ali fundamos o Acre, fundamos Manaus, enfrentamos a selva e do nosso sangue o sangue da ferrovia Madeira-Mamoré, que dizem corre vermelha, nem corre mais, é tudo sucata, mas ali os nossos, uma epopéia por escrever. Hoje os eldorados são o Sul-maravilha, Brasília, outras paragens, mas sempre lá a presepada, a cearensidade a sobressair em tino e manha. Lustosa, o retratista.

O alpendre em Fortaleza - o meu pelo menos é assim - uma rede apenas, um televisor e um controle remoto, como se ele, o controle, quem conversasse, eu com ele, conversássemos, pra lá e pra cá, pobre controle! - porque os coronéis nem o somos mais, a redução do espaço e tempo, onde alpendres convívio não.

E a viagem? Claro que o sertão é cidade, hoje. O causo matuto é o causo urbano. Leonardo Mota é o mesmo Lustosa da Costa pra quem acredita nessas coisas, com todo o respeito, Monsieur Kardec. Lustosa nos devolve o alpendre e toda a fauna mágica, como se fosse.

## GÊNERO

Não sei o que os portugueses de Portugal ou os da lusofonia em Angola, neste mundo sem fronteiras, da Internet, dirão deste nosso linguajar lustoseano. Um "manera, fulano", assim mesmo, escrito e pronunciado leve, com "e" aberto, tal qual dizemos por aqui. E não deveria estar aspeado, como se fosse, e é, do verbo manejar? De maneira alguma. Isto é o nosso: alma e alpendre - *Compadre, será que chove mesmo?* - disto somos: chão e terra. Lustosa da Costa faz literatura. De qualidade, um livro de cabeceira.

**SOARES FEITOSA**  
Fortaleza, novembro99

Você, Lustosa, é inesgotável falando da nossa terra. Você falando de Fortaleza, Sobral, e qualquer parte do Ceará, do seu passado e do seu tempo vivido, você é cinema ambulante.

(Caio Porfírio Carneiro)

*Rache o Procópio!* é um manual da arte de contar histórias. É assim a mais recente produção de Lustosa da Costa, coletânea de crônicas cada qual melhor do que a outra, culminando com a anedótica conversa que dá título ao livro.

Discípulo de Milton Dias, de Moreira Campos, ou de Mario Lago, Chico Anísio e alguns outros excelentes *causeurs*, Lustosa se aprimora em seu estilo chistoso, mantendo o interesse do leitor numa constante.

(Blanchard Girão)

Lustosa da Costa é um desses eleitos: nele, a composição constrói efeitos que a linguagem comum não consegue produzir, uma vez que é manipulada de forma diferente, de onde trescala o novo – depósito de inquietações e perplexidades humanas.

A leitura de *Rache o Procópio!* aponta-nos um texto que prima pelo trabalho artesanal da palavra. A linguagem direta, simples e correta (o autor é daqueles que se rendem à beleza do Português bem escrito, talvez por ver na literatura também um instrumento de aprendizagem).

Ler *Rache o Procópio!* é sobretudo, mergulhar numa multiplicidade de seres e de coisas, exercício de múltiplas sensações. É reencontrar Manuel Bandeira, o nosso “tísico profissional” ou o prosaísmo do Beco da Piedade. Nesse livro, o

mundo todo são vários: fundem-se as ruas da Europa, as poltronas dos aviões, os salões de festas, as redações dos jornais, os corredores do Congresso, Veneza, Sobral, Brasília...

(Carlos Augusto Viana)

*Rache o Procópio!* é um livro saboroso, que deve ser degustado com todo o apetite e toda a voracidade do olhar. É um exercício de inteligência ler o que é bem escrito, o que nos remete à magia machadiana com os seus eufemismos mortais: “aprovado no vestibular de geologia do campo santo”, “a cobradora implacável”, “Morreu de que? De solidão? Do desencontro com a vida?”. “É melhor envelhecer do que morrer” É um livro de saberes, do mundo, e para o mundo”.

(R. Leontino Filho)

Lustosa aprendeu, no seminário, a ler os clássicos e isso ajudou-o no seu ofício de jornalista e escritor. Creio que as gerações posteriores à de Lustosa, Paulo Elpidio, Hélio Barros, Lúcio Brasileiro, a geração dos ativos e participantes quarentões, não possui o mesmo estofo cultural daqueles que, nos seminários ou em colégios tradicionais, aprenderam a ler e a estimar escritores da craveira de Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Camilo Castelo Branco, Machado de Assis e Graciliano Ramos.

Nas *Cartas do Beco* percebe-se de imediato, o reflexo dessas leituras, não só pela citação dos autores, mas, principalmente, pela estrutura do texto feito à maneira de cartas, como o fez magistralmente Eça de Queirós, através do seu alter ego Fradique Mendes.

(Carlos d'Alge)

**UFC**

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL

Oliver H. P.  
Maínel, <sup>interlineado</sup>  
Paris, 0  
11 99 / 11 99

Como  
me tornei  
Sexagenário

# **COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO**

## **COORDENADOR**

Antônio Martins Filho

## **CONSELHO EDITORIAL**

Francisco Carvalho  
Joaquim Haroldo Ponte  
Geraldo Jesuino da Costa

## **CAPA**

Assis Martins

## **EDITORACÃO ELETRÔNICA**

Carlos Alberto A. Dantas

Lustosa da Costa

# Como me tornei Sexagenário

**UFC**

---

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL

1999



*Ao amigo José Sarney,  
na iminência dos seus  
venturosos setenta.*



## APRESENTAÇÃO

Estão aí algumas crônicas, já publicadas em livro, outras, não. São espécie de antologia de páginas que me agradaram e agradaram a terceiros. Para estes, vivemos. Rubem Azevedo Lima, legenda do jornalismo brasileiro, revisor da imprensa carioca no tempo em que um dos colegas de ofício era Graciliano Ramos, se ofereceu para corrigir algumas delas. Outras foram acrescentadas sem passar por seu crivo. Sem sofrer melhorias que ele impôs às primeiras.

Não digo quais para me beneficiar da confusão. E da indulgência dos leitores que, há décadas, me favorece. Se alguém amar algumas dessas páginas, dar-me-ei por recompensado e feliz. Para isto, vivo. LC.

Fortaleza, novembro de 1999.



## SUMÁRIO

|                                                                      |    |
|----------------------------------------------------------------------|----|
| A RUA SENADOR PAULA ONDE VI O MUNDO, VEZ PRIMEIRA .....              | 13 |
| MENINO EM SOBRAL .....                                               | 16 |
| DECEPÇÃO ELEITORAL .....                                             | 17 |
| ERA SOBRAL E CHOVIA .....                                            | 18 |
| A PRIMEIRA PROFESSORA .....                                          | 20 |
| PRESTÍGIO FUNCIONAL .....                                            | 22 |
| CABO ELEITORAL E A IGREJA .....                                      | 24 |
| BAIRRISMO DE SOBRAL .....                                            | 25 |
| OS MITOS DO MEU TEMPO .....                                          | 26 |
| A MATRIARCA EM PARIS .....                                           | 28 |
| AOS OITENTA ANOS NO CAMPO DE BATALHA .....                           | 29 |
| ELE FICOU ME DEVENDO .....                                           | 32 |
| Passeando em Sobral com os olhos de ontem .....                      | 34 |
| ITINERÁRIO DA SAUDADE .....                                          | 36 |
| O DIVINO BALZAC .....                                                | 39 |
| TOU NUINHA E OS FRADES ESTÃO EM CIMA (ou: “As Missões”) .....        | 41 |
| A DEFESA DA MORAL .....                                              | 41 |
| A FUGA DO PADRE IVAN .....                                           | 44 |
| AS GLÓRIAS DO BISPO .....                                            | 44 |
| QUANDO D. JOSÉ ESTAVA DE BOM HUMOR .....                             | 47 |
| HISTÓRIAS DE SEMINARISTAS .....                                      | 49 |
| EU ERA COMUNISTA E NÃO SABIA .....                                   | 50 |
| O CÃO DE SÃO BENEDITO .....                                          | 53 |
| O PADRE PALHANO .....                                                | 55 |
| JOSÉ SABÓIA, O OUTRO PATRÍCIO .....                                  | 58 |
| COLUNA DA HORA .....                                                 | 60 |
| CHICO MONTE, O ÚLTIMO CORONEL .....                                  | 61 |
| DONDON PONTE .....                                                   | 64 |
| Sinapismo .....                                                      | 64 |
| UMA MULHER COM O CABELO NA VENTA .....                               | 66 |
| O PAIOL DAS CANGALHAS .....                                          | 68 |
| O FIM DO VELHO SONHO DE SER UM BISPO COMO NOS<br>VELHOS TEMPOS ..... | 71 |
| O ESTUDO E O AMOR .....                                              | 72 |
| NA DÉCADA DE CINQUENTA .....                                         | 74 |
| A CIDADE DA MINHA ADOLESCÊNCIA .....                                 | 76 |
| SONHANDO COM MESSEJANA .....                                         | 78 |
| ÚLTIMO SALÃO .....                                                   | 80 |

|                                                |     |
|------------------------------------------------|-----|
| ERA TEMPO BOM .....                            | 80  |
| QUANDO ERA SÓCIO DE DEUS .....                 | 81  |
| SAUDADES DA GAZETA .....                       | 83  |
| ESCREVER, UM VÍCIO .....                       | 84  |
| DE COMIDAS E BEBIDAS .....                     | 88  |
| O VELHO IAPC .....                             | 88  |
| QUASE PIGMALIÃO .....                          | 91  |
| VERSATILIDADE .....                            | 92  |
| QUANDO IA SER DEPUTADO .....                   | 95  |
| FOI HÁ VINTE ANOS .....                        | 98  |
| IN ILLO TEMPORE .....                          | 101 |
| QUANTO ME FALTOU .....                         | 103 |
| CADERNO DO REPÓRTER POLÍTICO .....             | 103 |
| GARANTIA DE FIDELIDADE .....                   | 107 |
| EMPREGO PÚBLICO NO CEARÁ .....                 | 108 |
| UM QUARTO DE SÉCULO .....                      | 110 |
| REPETIR .....                                  | 111 |
| VINTE E CINCO ANOS DEPOIS .....                | 112 |
| A PRAIA DE IRACEMA .....                       | 113 |
| O BAIRRO DE JACARECANGA QUE CONHECI .....      | 116 |
| O SAGÜI QUE VIROU CARVÃO .....                 | 119 |
| As pernas alvíssimas dos marujos .....         | 119 |
| Vaia na primeira minissaia .....               | 119 |
| Uma penosa imolada .....                       | 120 |
| Pula! Pula! .....                              | 121 |
| APRESENTAÇÃO DE LOUVAÇÃO DE FORTALEZA .....    | 121 |
| NEM CAMÕES FOI CAPAZ DE ME SALVAR .....        | 123 |
| EU E O TCU .....                               | 125 |
| A GAGUINHA NA PRAÇA DO FERREIRA .....          | 125 |
| QUE SAUDADES QUE TENHO DO CIGARRO! .....       | 128 |
| QUANDO IA SER PUBLICITÁRIO .....               | 130 |
| PORQUE NÃO FIQUEI MILIONÁRIO .....             | 132 |
| SEM CUMPRIMENTO NEM PAGAMENTO .....            | 133 |
| O TEMPO, ESSE INIMIGO .....                    | 134 |
| MINHA AMIGA, A GARRAFA .....                   | 136 |
| 20 ANOS DE BRASÍLIA .....                      | 138 |
| AS TRAGÉDIAS DE 31 DE MARÇO .....              | 140 |
| MORRI E NÃO SABIA .....                        | 141 |
| DOIS CAJAZEIRENSES EM LISBOA .....             | 141 |
| VIVENDO NA SAUDADE (OU JÁ FUI BOM NISSO) ..... | 143 |

|                                                   |     |
|---------------------------------------------------|-----|
| UM SUSTO .....                                    | 146 |
| CAMISAS POR CHAMPÃ .....                          | 146 |
| TANTO POR NADA .....                              | 147 |
| MEU CARDIOLOGISTA .....                           | 148 |
| RÉVEILLON EM PARIS .....                          | 148 |
| DE MICRO NOVO NO CYBERESPAÇO .....                | 151 |
| PERDI A CONTAS DAS GAFES QUE COMETI .....         | 153 |
| O QUANTO MELHOREI .....                           | 155 |
| LIVRO É QUE NEM FILHO .....                       | 157 |
| COMO SÃO SÁBIOS OS VENDEDORES DE RAPADURA ! ..... | 159 |
| UMA BISAVÓ .....                                  | 161 |
| CORAGEM DE QUÊ? .....                             | 162 |
| UMA PALAVRA DE ALENTO .....                       | 164 |
| SAPATOS NOVOS .....                               | 165 |
| MUSA DA DÉCADA DE 70 – RECUERDOS DE SOBRAL –      |     |
| RECUERDOS DO RIO .....                            | 166 |
| MICRO É QUE NEM CASAMENTO .....                   | 167 |
| VERGONHA DA ORIGEM .....                          | 169 |
| ELITE EM PARIS .....                              | 171 |
| TELEFONE EM PARIS .....                           | 172 |
| ANDO COM SAUDADES DO VELHO MUNDO .....            | 174 |
| MIA COUTO .....                                   | 175 |
| NEM NOME DE PRATO .....                           | 175 |
| SEMPRE UMA FESTA .....                            | 175 |
| CAÍ FEIO .....                                    | 176 |
| SAUDADES DA ANTIGA TV CEARÁ .....                 | 176 |
| TURISTA SEM DISSIMULAÇÃO .....                    | 179 |
| TEM MAIS É DE MOSTRAR .....                       | 179 |
| APROVEITAR .....                                  | 180 |
| MOROSO NO PAGAMENTO .....                         | 180 |
| APRENDI TUDO ERRADO .....                         | 180 |
| A GABOLICE DEVIA SER OUTRA .....                  | 181 |
| O LUXO .....                                      | 181 |
| SEM FAZER NADA .....                              | 181 |
| ÍNDIA .....                                       | 182 |
| SARAMAGO .....                                    | 182 |
| BEBENDO POR PROCURAÇÃO .....                      | 183 |
| ESTEREÓTIPOS .....                                | 183 |
| COMO EM PARIS .....                               | 183 |
| AGRADECIMENTO .....                               | 184 |

|                                                  |     |
|--------------------------------------------------|-----|
| IA A SOBRAL .....                                | 184 |
| LIVRO EM PARIS .....                             | 185 |
| MULATAS OU MALETAS .....                         | 185 |
| ETELVINO NA ÍNDIA .....                          | 186 |
| QUALIDADE DE VIDA, NEM A ALDEOTA TEM .....       | 186 |
| CLOACA .....                                     | 187 |
| COTAS .....                                      | 187 |
| POR QUE LOGO COMIGO, SENHOR ? .....              | 187 |
| ALASKA .....                                     | 189 |
| Crise .....                                      | 189 |
| UM AMARAL SINGULAR .....                         | 190 |
| VALE A PENA CHEGAR AOS 100 ANOS? .....           | 191 |
| Voto em 1966 .....                               | 192 |
| Cumpre agradar os amigos .....                   | 192 |
| HÁ TRINTA ANOS .....                             | 193 |
| CANETA BIC .....                                 | 194 |
| O PRAZER DE LER .....                            | 195 |
| O desrespeito ao livro .....                     | 195 |
| Viajar nem sempre é cultura .....                | 195 |
| O AMOR E A IDÉIA DE JANTAR .....                 | 196 |
| UMA FESTA DE AMIGOS .....                        | 197 |
| NO APRÊS-MIDI EM BRASÍLIA .....                  | 197 |
| O CAMINHO DA UNIVERSIDADE .....                  | 198 |
| BOA MOÇA .....                                   | 198 |
| O PADRINHO: MEU PAI .....                        | 198 |
| SEM CONFUNDIR AS COISAS .....                    | 199 |
| COMEMORAÇÃO .....                                | 199 |
| COISA DE POBRE .....                             | 200 |
| SEM RANCOR .....                                 | 200 |
| MIMOS DE NATAL .....                             | 200 |
| A FALTA QUE ELE ME FEZ .....                     | 201 |
| Um novo cidadão .....                            | 201 |
| Não pergunto sem solução .....                   | 202 |
| Calvados .....                                   | 202 |
| O JORNAL ME DISPENSOU DE APRENDER A DANÇAR ..... | 202 |
| SEXAGENÁRIO .....                                | 204 |
| PORQUE SESSENTA .....                            | 205 |
| OBRIGADO, MEU DEUS! .....                        | 205 |

## A RUA SENADOR PAULA ONDE VI O MUNDO, VEZ PRIMEIRA

Minha vida começa na rua Senador Paula (hoje avenida D. José). Que foi a primeira em que tive de mim notícia. (Claro que me lembro da noite em que cheguei a Sobral, 17 de setembro de 1942, e de haver dormido sobre um colchão estendido no chão da casa alugada ao Chico Neves, vizinho à bodega do Solon Vasconcelos. Foi só.) O mundo mesmo apenas me apareceria depois no sobrado do Bispo, hoje sede do Museu D. José, na rua Senador Paula, posteriormente promovida à avenida Dom José. Ali abri os olhos para a vida. Foi onde nasceu o Paulo. Onde morreu o primeiro Elcias Lustosa. Era 1942, lembro-me, vagamente, (ou me contaram depois? inventei?) de ver lá em baixo, na rua, multidão (tenho impressão de que todos de uniforme) de trabalhadores da SENTA, que iam escapar da seca no Amazonas.

### Espancamento

Não fazia calor como hoje, porque ainda não existia muita rua asfaltada. Havia ficus de benjamin à vontade, ensombrando a cidade. Tinha eu de sete para oito anos. Estava sentado, num final de tarde, a uma janela do primeiro andar do sobrado que dava para a casa de “seu Capote”, na rua Deolindo Barreto, numa enorme cadeira de madeira, tipo avião.

De repente, vi e nunca pude esquecer. Gritos, um tropel de gente. Dois soldados se esforçam para recolher um bêbado. Ele resiste. Grita. Quando dois soldados tentam detê-lo, foge. As autoridades o espancam com seus sabres. Já há sangue no chão empoeirado. O bêbado, porém, não se deixa prender tão facilmente. Continua seu espancamento até que Walter Andrade (vinha chegando do sítio, a cavalo, de botas altas, chicote à mão, à porta de sua serraria), intervém. Aos gritos, manda que os soldados parem a violência e libertem o preso, na base do “sabem com quem estão falando”. O bêbado valente resistira à prisão e aos lanhos dos sabres dos soldados, que empapavam sua camisa de suor e de sangue. Uma inquietante agonia agitava meu coração. Quando os policiais atenderam à ordem de Walter Andrade e libertaram o quase preso, sai de cima de meu coração o peso de enorme pedra.

## Outros vizinhos

Na varanda do sobrado de frente, vi, algumas vezes, a enérgica matriarca dona Ana de Figueiredo Paula Pessoa, que dava gritos nos vaqueiros, fumava charuto e cujo marido nunca saía de casa. Ou já morrerá?

## Desfile dos “pracinhas”

Certa manhã de muito sol, numa varanda dos altos do sobrado, estendemos uma toalha amarela em cujo território esplendia uma rosa ruborizada sobre a qual apoiei o cotovelo. Foi no dia em que chegaram da Itália os pracinhas sobralenses que haviam participado da II Guerra Mundial. E desfilaram pela rua em carro aberto. Lembro-me de ter ido depois, com meu pai, à casa do José Leôncio de Andrade que recebia, vivos, os filhos de volta da Europa. Um tinha seu nome. Um homônimo. O outro, o Miranda. Aquele que, preso como comunista nos sombrios tempos de Dutra, quase leu toda a *Comédia Humana*, de Balzac, no cárcere.

## Presença da morte

Naquele casarão, uma empregada doméstica que trabalhava conosco se envenenou. Engravidara, sem querer. Tentou abortar, ingerindo “garrafadas” (remédios matutos) que verificou vãos. E por isso, tomou veneno e morreu. Antes, porém, atroou o silêncio cavo da madrugada com seus gritos desesperados, até que foi soltar o último suspiro na Santa Casa de Misericórdia. Ali, como já disse, a Morte ainda nos visitou, levando o primeiro José Elcias, que andou aparecendo nos sonhos e pesadelos posteriores do Bispo D. José. Morreu antes do fim da II Guerra Mundial, de infecção não devidamente identificada e devido à falta de penicilina. Os antibióticos ainda não haviam chegado ao Ceará. Mal acabou de expirar, meu irmão Alberto indagou de “seu” Costa:

“Papai, será que posso beber o resto do guaraná dele?”

Referia-se ao guaraná *champagne*, o qual, a esse tempo, se comprava especialmente para os doentes.

## **Ratos insones**

Pela madrugada, ouviam-se passos nas escadarias de madeira. Muitos diziam que era a alma penada de um negro que fora enforcado nas proximidades, por haver esfaqueado seu proprietário. Meu pai não acreditou, foi ver. Tratava-se de ratazanas que despencavam do alto das escadas centenárias, do primeiro andar para o térreo.

## **Cinema**

Dali saí para assistir, no Cine-Teatro S.João, ao primeiro filme de minha vida, na companhia do cartorário Edson Almeida que se fazia acompanhar do Luiz Carlos Barreto. Voltei dormindo, nos braços do primeiro.

## **Os vizinhos**

Lembro-me de cadeiras na calçada e cordiais cumprimentos ao vizinho de lado, Eurípedes Ferreira Gomes, então um velhote de cabelos grisalhos, bem cuidados e que parecia de bem com a vida. Em frente a ele, morava o grande cirurgião da cidade, Guarany Montalverne, pai de Ronaldo, com quem, às vezes, ia às aulas no Educandário de S. José, à praça do S. Francisco, onde estudávamos. Ao lado deles era a casa do promotor José Gil de Carvalho, pai do Gilmar, o prosador. De frente a ele, o professor Luiz Jácome Filho, à janela, atento ao movimento da rua, amparava o queixo com o lenço, temendo que caísse. Outro era o solteirão rico Waldemar Lira. Mais adiante, a casa de Ivone e Adauto Araújo, bons amigos de meus pais. O consultório do Cláudio Amaral, cujas obturações eram sempre adiadas, não terminavam nunca. A casa apalacetada do Walter Araújo cuja mulher Cristina não dispensava boa conversa com as irmãs e amigas ao cair da tarde. Todos os dias. Mesmo nas intempéries. Certa vez, esperou, na calçada, sombrinha em punho porque chuviscava, que elas aparecessem com as novidades. E o Colégio Sant'Ana, das moças, portanto de acesso proibido aos marmanjos. Vizinho, a Capela Rosa Gatorno onde eu ajudava o padre Expedito Lopes, depois Bispo de Garanhuns, a celebrar missa.

## **Um casal soturno**

Ficava esquina com o estabelecimento e a morada de um padeiro que cortava, uma espécie de cano à mão, a massa das bolachas. A gente o via, sombrio, silencioso, de olheiras, ao lado da mulher de me-las cinzentas desgrenhadas, naquela espécie de cave, ao lado da capela de Rosa Gatorno e não sei porque engendrava tenebrosas fantasias a seu respeito. Às vezes, eu ia comprar pão e bolachas mais adiante na Padaria União do seu Mercídio Gonçalves.

## **Literatura, bebida e quase um amor**

Quase defronte era a casa de Dalva e Agenor Rodrigues em cuja estante travei conhecimento com Somerset Maugham, Oscar Wilde e Aldous Huxley. Ali tomei o primeiro pileque. Também conheci uma moça gordinha, do interior, de pele macia como a carteira de plástico com que me presenteou. Foi um namoro que não se consumou apesar do mimo. Por culpa de minha paralisante timidez e porque ela viera comprar o enxoval do casamento e o noivo logo apareceu. Fez muito bem em ficar com ele que foi prefeito, várias vezes. Eu nem síndico de prédio me elegi até hoje. (1997)

## **MENINO EM SOBRAL**

Ainda me vejo cavalgando um cavalo velho rumo à escola. Saía de casa, descendo uma várzea ornamentada de vegetação nativa, em que proliferavam mata-pastos e beldroegas, mofumbos e marmeleiros. Tomava a estrada de terra batida, por onde trafegava, uma vez por outra, algum carro. Na temporada das chuvas, com dificuldade, desviava-me dos atoleiros. No verão, dos buracos. E lá ia, cabeça tão cheia de pensamentos que, às vezes, detinha o animal, sem querer, ou lhe reduzia a marcha, em seu caminhar entre cercados e fileiras irregulares de juremas e sabiás. Ali e acolá, um pau-branco espargindo brancura pelas flores que eram muitas. Adiante, cruzava um córrego que somente nos invernos mais intensos ficava cheio, impedindo a passagem de veículos. Como era agradável às crianças esse banho, em que se deixavam arrastar, uns poucos metros,

na correnteza pacífica! Oiteticas antigas, talvez centenárias, debruçavam sua sombra sobre o regato - sombra escura de árvore escura, crescida no úmido e envelhecida pelo beijo das águas passantes e boêmias.

Depois, ganhava a estrada real, pedregosa e ressequida, em meio a descampados onde o gado erguia um olhar vazio de esperança, para cidade já próxima, até encontrar, em toda sua lúgubre aparência, o matedouro - prédio esguio, cinzento, em torno do qual corvejavam, em vôos preguiçosos, espaçadas levas de urubus, tingindo o céu de azul cinza.

Chegava, enfim, à estação de trem, à altura da Santa Casa, à cancela rodoviária, e logo estava dentro de Sobral. Era bem cedo, mas já podia ver as primeiras casas abertas, aquele murmúrio precocemente cansado dos lugarejos, os velhos de pijama na calçada, jumentos que carregavam, penduradas em cada cangalha, quatro pipas de madeira para transporte de água. Uma grande pasmeira em tudo! Rumava, então, para casa, deixando para trás a alimária passada de anos, umidade e suor.

Em período de estudo, ia diretamente para o colégio, onde ouvia e prestava atenção a qualquer coisa, menos ao que dizia a professora...

A sineta tocava. Se era hora do recreio, merendava o pão com doce. Se fim de aula, debandava, normalmente só. Costumava sair entre os últimos, sem correria ou atropelo, com algum amigo mais chegado, raramente alguma amiga. Aproveitava a ocasião para falar de coisas grandes, distantes mundos de romance e fantasia, por onde vagava a imaginação irrequieta e abrasada de idéias.

Voltava para casa, sol ainda a pino, muita fome e um desejo louco de amainar o tempo. Vinha-me aquela vontade de pegar a espingarda, caçar nos vaus ou nas grotas, de ir pescar carás e enguias, de dar longas caminhadas por sobre a areia branca, solta e fina, na qual era gostoso assentar o pé inquieto de meus nove anos. (08/08/93)

## DECEPÇÃO ELEITORAL

Entre meus guardados, tenho a cartilha do ABC com o registro manuscrito - por minhas garatujas - de que comecei a estudar no Educandário S.José, de Sobral, a 2 de maio de 1943, portanto, com menos de cinco anos. O folheto tem o título "Carta de A-B-C por Landelino

Rocha”, pobre edição da Typografia “Guarany” de Recife. O estabelecimento escolar situava-se na antiga praça do S. Francisco, hoje penso que Francisco Monte, no local onde atualmente funciona a Teleceará, e era da ex-freira Honorina Passos, irmã do vigário geral da Diocese, mons. Olavo Passos, gente da Viçosa, muito amigos lá de casa. Tanto assim que foram padrinhos dos dois Elcias Lustosa, o que faleceu criança no prédio do Museu Diocesano onde moramos e o outro, hoje diretor do Espaço Cultural da Câmara. O único defeito dos dois era serem da UDN. Não posso jamais esquecer a noite em que nos foram visitar e a uma pergunta de dona Dolores, Honorina respondeu:

“Estou tentando engolir a pílula amarga da eleição do marechal Eurico Dutra”. Não prestou, não. Foi o maior bate-boca.

Dona Dolores era radical em política desde os tempos de integralismo em Cajazeiras em que rebateu, de público, pregação de Otávio Maia. Seu sobrinho, o falecido governador da Paraíba, Antônio Mariz, me contava que seu tio, já velhinho, costumava lembrar o desafio da atrevida professorinha da terra do padre Rolim.

Claro que nem tudo foram desavenças entre elas. Recordo a visita que nos fez, mais tarde, quando da morte de Elcias e o pranto desatado com que abraçou minha mãe, irmanadas ambas na mesma dor.

Memória não me falta

Guardo, comigo, outros documentos da infância o que devo à minha mãe. Na certa, sonhava ela com aquelas reportagens sobre os começos dos que se tornaram grandes homens. Bem que começo tive. O resto é que não foi esses balaíos todos. Mas a papelada está aqui para o caso de a Presidência da República me cair no colo.

## ERA SOBRAL E CHOVIA

“A tarde bruscamente fez-se clara. Porque já cai a chuva minuciosa. Cai ou caiu. A chuva é uma coisa, que certamente ocorre no passado”.(Jorge Luís Borges).

O Dário Castro Alves que me perdoe o plágio do título de seu livro *Era Lisboa e chovia*, que curto de montão. Como bom nordestino, amo a chuva. Ela está impregnada em meus sentidos e em minha memória desde os longes da infância.

Ainda hoje sinto, nos costados, chuva fina e persistente que nos perseguia no açude Mocambinho, em Sobral - onde hoje se situa a fábrica de cimento - que sangrava. A vida era risonha e franca. Tanto que eu, menino tímido, arriscava as mãos nas grotas e locas de pedra, para capturar muçuns e carás.

Recordo, ainda, de banhos de chuva tomados com meu pai, nas ruas da cidade. A água despencava lá de cima dos jacarés do sobrado do Bispo e escorria, pressurosa, pela coxia das calçadas, ávida do rio Acaraú.

Adolescente, uma tarde estava passando pela Praça da Boa Vista. O céu de repente, não mais que de repente, como diria o poetinha, ficou escuro. Da terra se desprendia cheiro forte, carregado de expectativa d'água, de fecundação, de erotismo. Alguém dizia na tarde úmida: "o açude de dona Arolisa está pra arrombar". Décadas depois me disseram que ela não tinha fazenda nem açude. Por que esta frase ficou pairando nas recordações? Talvez fosse o açude do Júlio Coelho, funcionário do IAPC, marido de dona Gláucia Aragão. A chuva desabou com força - em pingos grossos, "de cruzado", como dizia meu pai - antes que eu pudesse chegar à casa na Praça do S. Francisco.

Pela vida, agora, gosto de ver a chuva cair, lá fora, eu com nariz espremido contra a vidraça. De ouvir seu arruído sobre o telhado.

Um dia destes, entrei numa gelada, por não atentar para as condições de vida do interlocutor. Estava numa loja fazendo compras quando a água começou a cair. Disse à funcionária que me atendia do meu deslumbramento com a chuva. Ela não mostrou o mesmo entusiasmo. Quando estranhei, explicou o porquê:

"O senhor não gostaria, se tivesse de atravessar um quilômetro de barro do ponto de ônibus até sua casa."

O ex-senador Passos Porto, na quadra chuvosa de Brasília, hospedou, certa vez, um prefeito do interior de sua Sergipe que vinha à capital. Para a clássica peregrinação pelos ministérios. Todo o dia, desciam para a garagem e tomavam o carro rumo à garagem do Senado, onde se apeavam quer chovesse ou fizesse sol. Finda a temporada, o bom Passito perguntou ao prefeito o que achava da vida de senador? O matuto foi sucinto: "é boa porque senador não se molha".

A maioria das pessoas quer ir para a chuva, mas não quer se molhar. São assim as mulheres dos homens de vida muito intensa e bem sucedida, que, por isso mesmo, não têm tempo para a família. Elas ado-

ram as mordomias do sucesso. Não desejam, porém, pagar por elas preço algum. E não há almoço de graça, advertem os americanos. É assim a humanidade. Ocorre que a vida tem sua tabela de preços, suas cobranças, e, raramente, é careira e injusta. Ela simplesmente cobra. Agora ou depois. É pagar. Sem tugir nem mugir. Aliás, espernear bem que pode. Ninguém jamais o conseguiu. (17/03/91)

## A PRIMEIRA PROFESSORA

Cabeçudo como um anão de Velasquez (como diria Nelson Rodrigues), lá vou eu pro primeiro dia de aulas, vergado ao peso de uma bolsa de caixeiro-viajante que pertencera a meu pai. Não sigo diretamente à escola, e, sim, à casa da diretora (dona Honorina Passos) sob cuja asa devo tomar o caminho do colégio, o Educandário S. José. Sinto que me aguarda mundo hostil, diverso, inóspito. Quem há de me salvar da ruína total, logo o descubro, é a professora, dona Dalva, mãe, supermãe, nossa senhora, abrigo antiatômico, guarda-chuva no temporal. Pois ela foi tudo isso para mim, menino amedrontado e receoso de enfrentar universo diferente do que até então conhecia: livros, solidão e companhia de adultos. Hoje indago se não foi graças às mulheres de minha vida, portadoras todas do leite da ternura humana de que falava Dickens, que se tornou inviável, em mim, a sobrevivência de qualquer tipo de amargor ou azedume.

Mas nem sempre o mundo foi assim perfeito. Um dia ele desabou. Havia um rival em minha vida. Vinha buscar a bem-amada (minha e dele) pra casar. Lembro-me bem do caderno amarelo (a capa feita de envelopes grandes, usados pela repartição de meu pai) sobre o qual fazia um “exercício”, que, segundo a pedagogia da época, se chamava Imitação de Caligrafia. As letras ficaram molhadas, borradas até se apagarem, confusas em meio às lágrimas que derramava copiosamente. Chorava que dava pena! Foram feitas *démarches*, gestões (meu pai tinha certa influência no colégio e a professora era pobre, muito pobre). O certo é que escapei da orfandade... ou melhor dizendo, ela fora adiada. Marcou-se o casamento para dezembro e a mestra continuou a me estender o peito donde jorrava tanta ternura até o fim do ano letivo. Fiquei eu, ficou ela.

Passou o ano, a professora casou, engravidou, botou filho no mundo, eu cresci, aprendi, nos portais do colégio, verdades elementares

da vida, fumei escondido o primeiro cigarro e, um dia, viajei. Maravilha das maravilhas, sabem vocês onde ia?

A Viçosa, cidade do meu amor, daquela mestra-quase-mãe (desculpem os analistas!). E lá fui eu, cheio de ansiedade, confrontar o passado com o presente, tentando extrair do passado alguma beleza que este, eventualmente, tivesse esquecido de me mostrar. Se fui buscar beleza, só encontrei decepção. Minha amada era agora pobre criatura cujos dentes a rapadura e o mau açúcar haviam feito cariar e enegrecer. Seu asseio, tanto quanto o do local, era pouco, no chão batido onde rolava uma criança nascida de sua traição a mim. Mirei meu rival, magro, dentadura igualmente maltratada e pensei seriamente no mau negócio que ela fizera, trocando-me por aquilo...

Adeus às ilusões! Botei pedra e cal em cima de minha saudade. Percebi, vez primeira, quão traiçoeira é a memória. Põe confete e confeito no que passou e foi bom, distribuir “glamour” sobre as coisas pretéritas, só para aumentar o desgosto e a desdita do reencontro. Mas nem todo esse sofrer adiantou ou me corrigiu a mania de redourar o passado.

Anos depois, barba feita, coração por fazer, amei. E, amando, gastei a sola dos sapatos passando, muitas vezes por dia, pela rua Joaquim Ribeiro, na esperança de avistá-la à janela. Por ela, consumi, tímido e silencioso, conhaque e quinado (bebia-se isto àquele tempo). Talvez até cachaça pois é imbatível o fígado dos tempos do primeiro amor. Fui acometido de esperanças violentas e desesperos mortais. Até que veio o “não”. Empatara romantismo incipiente, fígado igualmente incipiente, disponibilidade igual; e o resultado era este. Ao criar coragem para chegar perto da amada, ali na Praça 5 de Julho, na alameda atrás da Igreja do Rosário, ouvi dela:

“Não. Não podia. Era comprometida. Não usava aliança, mas era comprometida. Namorava um rapaz que morava fora e ia fazer concurso pro Banco do Brasil”.

A esse tempo, meu sonho menor era a Presidência da República e estava sendo preterido, atropelado por uma larva, uma expectativa de bancário.

O tempo passou. Enquanto me doíam coração e cotovelo, andou muito devagar.

Depois, correu a mais não poder. O concurso do banco não se realizou. O amor era mofino e geográfico. Mudamos ambos da cidade.

Assim também o sentimento. Anos mais tarde encontrei-a. Revi aquele rosto adorado, analisando as sardas que lhe povoavam a face morena (era morena, mas tinha sardas a valer!). O nariz arrebitado, um vago ar suburbano que antes me escapara e, surpreso, só soube lhe dizer desastadamente:

“Maria Helena, como é que pude ser tão apaixonado por você?”

Nunca, até então, fora tão descortês com uma mulher. Poucas gafes lamentei como aquela.

Em verdade, em verdade hoje vos digo. Não houve, propriamente, intenção de grosseria. O que aconteceu foi o choque com a atroz traição da memória que, pérfida como cobra, mente que nem camelo.

Diante desse último ocorrido, fiz solene promessa, vã talvez, de não mais volver o pensamento à primeira namorada nem ao amor passado.

## PRESTÍGIO FUNCIONAL

Seu Costa foi gerente do IAPC (Previdência Social dos comerciários) em Sobral. Durante treze anos. Compeliu muita gente a se fazer segurado. Isso desagradou, na ocasião, os que tiveram de pagar contribuições. E os fez muito felizes, anos depois, quando puderam aposentar-se e garantir velhice tranqüila. Um dos beneficiários foi Gaudêncio Carvalho que, agradecido, de vez em quando, no dia de receber os proventos, lhe levava um queijo.

Em 1956, meu pai decidiu voltar a Fortaleza para dar melhor educação à família. Foi nomeado Diretor dos Serviços Gerais do IAPC, na capital, por seu compadre, o Ministro do Trabalho, Parsifal Barroso. Ficou como substituto outro bom amigo nosso, Jader Ribeiro Parente (o Jader Pé-de-Fogo, apelido que ele e os irmãos ganharam porque, durante algum tempo, usaram meias vermelhas que o pai, Diogo Ribeiro Parente, lhes comprara por serem mais baratas. Mas não é isso o que interessa).

Pois bem, no último mês de nossa permanência na cidade, apareceu, na agência, o Gaudêncio com seu pequeno queijo, envolto em papel pardo. Meu pai, instintivamente, estendeu a mão para recolher o presente. Ele se desviou e o entregou ao Jader. Seu Costa, bem-humorado, o advertiu:

“Gaudêncio, não fui demitido, não. Fui promovido”.

O outro, com feroz pragmatismo, ponderou:

“Mas o gerente agora é o Jader.”

Não vi Judith Sedy nas fotografias da festa com que Luiz Frota Carneiro homenageou a crônica social dos anos cinqüenta. Nem se falou na Maura Barbosa, de *O Povo*, nem em Bayard, do *Correio do Ceará*.

Bayard se chamava José Calazans Pires. Era solteiro e comprava telefones, como forma de fazer poupança. Sua crônica se limitava a narrar, em duas a três linhas, o acontecimento social e depois dizer que estavam presentes “O Sr. e Sra., Fulano de Tal e noiva etc e tal”. Uma comprida relação que ocupava toda a coluna. Só. Em certa edição, ao lado do rol de presenças, publicou a foto do patrão, Eduardo Campos, com legenda. Como ele não houvesse comparecido, lamentava a ausência ao acontecimento narrado. Não era mal, no entanto. Só ofendia a comida que comia. Ficou, todavia, uma fera quando Lúcio Brasileiro trouxe sua coluna pro jornal. Era uma parada enfrentar concorrente tão brilhante. Estava numa calorosa tarde de sábado, na velha redação de *Unitário* e *Correio*, quando ele entrou, baixinho, muito bem encadernado num paletó croisé azul marinho, fulo da vida, furioso, fumando numa quenga. Nem o percebi. Quando lhe perguntei como ia, respondeu feroz:

“Vou bem. O jornal é que não”.

Seria algo contra mim? Não podia ser. Indaguei porquê e ele detonou a injúria: “Está entrando até veado, aqui.”

Fiz de conta que não percebi seu despeito. Não passei recibo. Respondi-lhe bem-humorado:

“O sol nasceu pra todos.”

A esse tempo (ou foi antes? Não estou certo), pelas manhãs dos dias úteis, havia congestionamento de trânsito, abalroamentos, batidas de automóveis na rua Costa Barros. Eram dezenas de fortalezenses, bem sucedidos, que paravam, de repente, seus carros, empenhados em dar carona a Eutímio Moreira, colunista social de *O Povo*, em transportá-lo escassos quarteirões adiante, até o Fórum, onde tinha cartório. Um dia, não se sabe porquê, atribuíram-lhe calores tardios por moçoilas em flor que povoavam o café soçaite e ele perdeu a coluna. Deixou de ter sua banca na feira das vaidades. Dia seguinte, aqueles motoristas que se

matavam para levá-lo, não mais o viam, parado, à esquina, à espera do ônibus. Passavam ao largo.

O mesmo aconteceu ao pernambucano Tavares Miranda, comunista e grande poeta antes de se tornar rei da sociedade de S. Paulo. Era feliz e dormia em alcova de cetim. Pintava e bordava. Casava e batizava. Um dia, grassou na *Folha de S. Paulo* a febre da juventude. Ninguém mais confiava em ninguém com mais de trinta anos. Sua redação encheu-se de focas, a ponto de se dizer que se alguém jogasse uma daquelas bolas grandes de plástico no local, ela jamais cairia, amparada pelo focinho de tais bichos. Assim, a *Folha* fez o que fazem muitas empresas quando um de seus funcionários chega aos trinta anos de serviço: presenteiam-no com uma bandeja de prata e um pontapé na bunda. Tavares nem bandeja recebeu. Só o bilhete azul. Foi catapultado, de repente, pro anonimato. Morreu, um dia desses, varado de saudades da fama e do prestígio perdidos. *Sic transit gloria mundi*.

## CABO ELEITORAL E A IGREJA

No último ano em que morei em Sobral, entrei, de cabeça, na campanha eleitoral de Acácio Aguiar que queria passar de tesoureiro a presidente do Centro Estudantil Sobralense contra o outro candidato, Gerardo Aguiar Mendes. A favor de quem, não sei porque cargas d'água, ficou o colérico padre José Ignácio Mendes Parente, professor do Colégio Sobralense, que chegou a ir à nossa casa me pressionar. Na hora agá “apelou”, em face das ligações de meu pai com o clero sobralense.

E na sua presença, nós três no amplo sofá de jacarandá antigo, (“seu” Costa adorava móveis antigos, entalhados), em que estávamos sentados, perguntou:

“Você não mudaria nem que seu pai mandasse?”

Disse que “não” e felizmente, “seu” Costa respeitou minha decisão. O sacerdote saiu, fumando numa quenga e, dia seguinte, em aula que ministrava no Colégio Sobralense, me criticou com veemência. Teve, porém, na hora pronta resposta do Moacir Sobreira Filho, seu aluno e irmão do Narcélio, meu colega de Seminário Franciscano: “Pois eu não acho isso do Lustosa, não”, disse o altivo moço.

No auge da campanha, Gerardo fez acusações ao desempenho de Acácio como tesoureiro, obrigando-me a mim, seu *ghost writer*, a escrever resposta num panfleto em que dizia: “aplicou-me o epíteto de ladrão que só a ele cabe e bem se ajusta”. Evidentes exageros de disputa eleitoral. Ignoro em que deu a campanha pois estava de mudança para Fortaleza. Só sei que tive de sustentar os atos embora não fosse nem seja corajoso. Como sempre, fazendo das tripas coração.

## BAIRRISMO DE SOBRAL

Eça se dizia um pobre homem de Póvoa de Varzim. Não sou Eça, não escrevi *Os Maias* e tenho pena. Apenas posso dizer, também, que não sou universal, sou municipal. Não sou nacional, sou de Sobral. Sobral de antigamente, que conheço de velhos jornais, de livros, da memória de seus filhos.

Nesse tempo, Moacir Silva terminava seu artigo “O invisível” publicado em *A Ordem* de 3 de outubro de 1919 e assim o datava:

“Sobral, domingo 21 de setembro, entrada de primavera”.

A santa terrinha tinha primavera e, segundo o falecido Paulo Sanford, filho de um americano que trocara Nova Iorque pela Serra de Meruoca, a Petrópolis sobralense em fins do século passado, ali se dizia:

*Le monde marche et Sobral aussi.*

Seus jornais registravam que o carnaval fora fraco no Rio. Em Sobral, ao contrário, estava no auge, atraindo muitos visitantes, vindos de Fortaleza.

A capital ironizava o bairrismo da cidade. É que o desenvolvimento do Ceará veio do interior para Fortaleza. Quando Sobral era febril entreposto do comércio, Fortaleza se espreguiçava ao sol, desértico areal.

Quando esta superioridade acabou, ficou a nostalgia da época em que era a capital cultural, social e econômica do nordeste do Ceará, tinha força política para impor a construção de estrada de ferro só pra si, ligando-a ao Oceano Atlântico; exportar bispos, formados em Roma, presidentes de províncias, senadores, médicos diplomados em Paris pro resto do Brasil.

Os fortalezenses descontavam em ironias. Chamavam-nos “Estados Unidos de Sobral” e diziam que nossa língua corrente era o

inglês. Durante a guerra, quando as fortalezas voadoras defendiam os ares nordestinos contra a ameaça nazista, falavam em que reivindicávamos “Sobral voadoras”.

Tudo porque Sobral não é uma cidade qualquer. Distingue-se das outras. Pode não ter o Sena, como Paris, mas é banhada pelo Acaraú. Tem seu Arco de Triunfo, assentado, sabem onde? No *boulevard* Pedro II. Isto explica muita coisa.

Há, porém, diferenças. Uma delas, o calor insuportável à tarde, amenizado à noite, quando os pernilongos varam calças jeans como se fossem de voile. Nem todos, contudo, reconheciam a inclemência do clima. Dolores Marinho de Andrade, da aristocracia da terrinha, organista da Igreja do Rosário, à tardinha, à janela de sua casa na rua da Aurora, punha sua pele de raposa sobre os ombros, tal o frio que sentia. A esta hora, soprava a brisa do Aracati-açu.

## OS MITOS DO MEU TEMPO

Sou do tempo em que havia três instituições sagradas no País, além da Igreja Católica. Eram as Casas Pernambucanas, as forças armadas e o Banco do Brasil. Entre os pobres e a classe média, quem sonhava encarrear os filhos pensava em vê-los militares ou bancários. Também padres, embora a opção sacerdotal já estivesse menos prestigiada.

Meu pai foi caixeiro dos Lundgren, os proprietários de “As Pernambucanas”, e morreu falando maravilhas da organização empresarial germânica. Não só ele. O Brasil todo. Naquela época, havia quem dissesse que, para um aglomerado humano passar a ser considerado cidade, precisava ter, pelo menos, uma Igreja, um cabaré (a zona) e uma loja de “As Pernambucanas”. Atualmente, vemos, desolados, parte do grupo empresarial minguar, encolher que nem pneu furado, tendo até de recorrer à concordata. É pena. Trata-se de mais um mito de minha infância que se esfarela, se desfaz.

Uma das carreiras de maior futuro era a militar. Claro. Tratava-se de emprego certo, com status e velhice segura. Hoje é o que se vê. Capitães habitam favelas no Rio. Outros pilotam táxis. Sem falar nos que se alugam a bicheiros pra comer, sobreviver. Por toda a parte, os milicos estão numa pindaíba de fazer dó. E, pro futuro, ainda querem morder

suas aposentadorias. O que os espera à frente é ainda mais negro. Na matriz, o Banco Mundial e o FMI simplesmente pretendem acabar com as forças armadas dos países periféricos. Não teríamos mais Exército, Marinha nem Aeronáutica. Seríamos assim feito a Costa Rica.

Bancário, então, nem se fala. No interior, o funcionário do Banco do Brasil era um rei. Um príncipe em que estavam de olho todas as moças casadouras da cidade. Partidão raro tava ali: tinha posição social, salário elevado, aposentadoria confortável. Nem parece hoje em dia em que está sendo jogado no olho da rua pelo governo e pintado como marajá, apontado como parasita pelos meios de comunicação.

Conto mais uma vez: quando adolescente, fui mordido por uma dessas paixões incuráveis da idade. O objeto desse amor era morena e tinha sardas no rosto. Recém-saído do Seminário, morria de timidez. Não tinha coragem de abordá-la. Nutria paixão ilimitada e inconfessada. Tudo, porém, caminha prum desfecho. O certo é que, um dia, fiz das tripas coração e fui, de qualquer jeito, a seu encontro, no *footing* da avenida. Que decepção! Com sorriso brejeiro nos lábios, me descartou. Não podia. Não podia, porque era comprometida com outro. Masoquista, quis saber quem era o felizardo, meu rival. Eu não o conhecia, explicou. Morava noutra cidade. Sua profissão: estudava pro concurso do Banco do Brasil. Que humilhação! Eu, que entre os menores sonhos, alinhava o de ser Presidente ou Papa, era derrotado por uma larva, uma expectativa de bancário.

Tem mais.

Costumo ainda contar o caso de dona Alice Rodrigues de Souza, uma vitoriosa: conseguira colocar dois filhos no Banco do Brasil. Além disso, ninguém podia ser mais bairrista do que ela, na cidade. O mundo começava e terminava em Sobral. E nos filhos. Uma vez, estava particularmente eufórica com o êxito funcional de um deles. Dizia à amiga, Aláide Sobreira:

“Meu filho, o Toim, estourou de letra...”

A outra quis saber o que isto significava. Alice explicou:

“Já foi A, B, C, D, Z. Não tinha mais letra pra ser promovido. Aí o fizeram fiscal do Banco...”

Quando terminou o esfuziante contentamento, lembrou-se de indagar da outra:

“E seu filho, o Narcélio, como vai?”

Alaíde, muito modesta, respondeu:

“Ele é inspetor do Banco Central...”

Dona Alice olhou-a intrigada, sem entender direito o significado do posto. Não resistiu e perguntou:

“Banco Central, Banco Central? Tem agência em Sobral?”

A outra explicou que não. Não tinha. Dona Alice, então, sentenciou:

“Se não tem agência em Sobral, não deve ser importante, não...”

Ignorância ousada

Anos atrás, na rotina da cobertura jornalística do Congresso, pintou uma colega nova, muito competente e desenvolta. A certa altura da conversa com um personagem, este falou em Pedro Aleixo, presidente da Câmara em 1937, vice-presidente da República, impedido pelos militares em 1969, ex-líder da UDN, ex-ministro da Educação. A moça, sem qualquer inibição, perguntou:

“Quem foi Pedro Aleixo?”

Como a recriminasse brandamente por não conhecer figura de primeiro plano da história contemporânea, saiu-se com a escusa da idade:

“Não é do meu tempo.”

Tinha certa razão. Também não havia nascido quando um tal Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil e não posso alegar isto. Nem quando Jesus Cristo nasceu, pregou e morreu na cruz. Nem por isto, posso ignorá-lo. O que falta a muito coleguinha é informação. É conhecimento de história. Tem muita gente pelaí, deitando regra, que nunca leu, sequer, os livros do Hélio Silva. Não falo nem das obras do Gilberto Freyre, do Sérgio Buarque de Holanda, do Florestan Fernandes.

Se você quer ser jornalista, tem que ler. E ler muito. Muito embora haja casos de quem, com a audácia dos ignorantes, meteu as caras e foi em frente. Sempre há dessas exceções para contrariar as regras que nos ensinaram.

## A MATRIARCA EM PARIS

Dona Dolores cruzou o Oceano e chegou às margens do Sena. Ao deixar o Charles de Gaulle me confidenciou que realizou sonho da década de quarenta quando residia em Sobral. Apareceu a oportunidade

de turismo na Europa, por conta duma viagem a Roma, os amigos João Dias e a Neuza foram, “seu” Costa, porém, não quis. Ou não pôde. A matriarca do Beco da Piedade enfrenta as peregrinações parisienses com um pique de me dar inveja. Será que chego lá com a mesma disposição? Levo-a a jantar no “Le Train Bleu” que Luis Buñuel considerava um dos lugares mais bonitos do mundo. Conta que costumava comer ali, numa mesa que dá pra chegada e partida dos trens da Gare de Lyon. Quero imitá-lo. “Estão todas ocupadas”, informa o garçon, alegando: “O espetáculo é o mesmo em todo o restaurante.” Não creio que ele tenha lido as memórias do diretor de “A Bela da Tarde”. Por isso, eu o perdôo. E vou ao rango noutro canto do salão, que a convidada merece. Afinal, não é todo o dia que tenho mãe em Paris, não.

## AOS OITENTA ANOS NO CAMPO DE BATALHA

Felizes os valentes, os que aceitam, com ânimo  
semelhante, a derrota ou as palmas.

JORGE LUÍS BORGES

“Meninos  
Uns marmanjos cinquentões,  
Calvos, vividos, usados  
Mas resguardando no peito  
Essa alvura de garoto,  
Essa fuga para o mato,  
Essa gula defendida  
E o desejo muito simples  
De pedir à mãe que cosa,  
Mais do que nossa camisa,  
Essa alma frouxa, rasgada.”  
(Carlos Drummond de Andrade)

Seu Costa conheceu dona Dolores em Cajazeiras da Paraíba onde terminei nascendo. Sou o único paraibano da extensa ninhada. Ela era professora primária, famosa por sua caligrafia e uma das fundadoras da revista *Flor de Liz*.

O país, então, praticamente se dividia entre integralistas e comunistas. O integralismo os aproximou. Depois do malogro do *putsch* de 1938, eles já casados, a camisa verde dele terminou saia dela, rude metáfora do que foi o fascismo caboclo.

Depois de algum tempo em Fortaleza, meu pai foi nomeado gerente do IAPC em Sobral, onde nasceu a maioria dos Lustosa da Costa. Em nossa casa, foi ressuscitada a Academia Sobralense de Letras. Lá o Grupo Cênico Sobralense encenava peças. Ele escrevia e editava o boletim “O Reino de Cristo” da Congregação Mariana de Moços. E ficava orgulhoso de contabilizar a quantidade de chapéus eclesiásticos, sobre a mesa, pertencentes aos muitos padres que iam nos visitar, conversar fiado, contar fofocas de sacristia. Por isso, o dr. José Sabóia, líder da UDN, o chamava de “monsenhor Costa”.

Dona Dolores era e é desafeiçoada de tarefas domésticas, no cumprimento das quais era ajudada por “seu” Costa que trabalhava em casa. Uma vez, eles foram a Fortaleza, de trem. Vendo sua falta de jeito com um dos filhos recém-nascidos, em contraste com o desembaraço do marido, Paulo comentou:

“Papai é uma verdadeira mãe materna.”

Recebeu, como benção de Deus, o emprego no Ministério da Fazenda, que somente deixou por força da expulsória. Sempre trabalhou fora, o que lhe fez muito bem. Vassourite jamais foi seu forte. Não nasceu para desempenhar tarefas de governanta que nunca pode ter. Nem de empregada doméstica. Mulher forte da Escritura, jamais nos lembraremos dela tremendo os lábios nas emoções fáceis das comemorações familiares nem preparando comidinhas gostosas. Quando, um dia desses, o Brito ironizava a ausência da cozinheira, a refeição que faria, matou, na fonte, qualquer esperança do genro:

“Você pode até comer algum jantar pago por mim, nunca feito por mim.”

Chefe de numerosa tribo, ao lado de “seu” Costa, preparou os filhos para o jornalismo, a vida pública, o magistério, o País. Hoje, nos seus firmes e ativos oitenta anos, não desfalece na execução do projeto a que se impôs. Está sempre a cobrar, dos mais jovens, a conclusão da tese de doutorado ou a estimular os netos no caminho da Universidade.

Assim fez comigo, o filho mais velho. Se nada fiz na vida, ela não tem culpa. Bem que tentou. Condescendeu, porém, em muito, com

minha preguiça para os números. Toda vez que precisava de que eu fosse à lojinha de dona Iracema Pompeu, à padaria do Gonzaga Melo, à farmácia do João Dias, ali na antiga rua da Aurora, pra comprar linhas, biscoitos, remédios, eu ia. Antes, porém, negociava:

“Vou, se a senhora fizer meu dever de aritmética.”

Crescido, em nada melhorei. Na época devida, entrei na Faculdade de Direito. Era o jeito. Não sonhava com vitórias no foro. Jamais pensei em ser advogado. Queria sair bacharel em ciências jurídicas sociais do outro lado da linha de produção universitária para ser procurador autárquico, “marajá” àquele tempo, o que logo aconteceu.

Quando entrei em nossa Salamanca, já estava na moda, escrevendo para o rádio, jornal e, logo depois, comparecendo, toda a noite, à tevê. O jornalismo era meu destino, meu fado. A dona Dolores cabia, assim, acender uma vela em seu santuário pedindo aos céus me provessem do saber jurídico que me faltava, ocupado que me encontrava, após as aulas, nas noites de generoso uísque, sorvido no restaurante do Ideal Clube. O certo é que saí da Faculdade tão virgem em ciências jurídicas quanto quando entrei. Por isso, “seu” Costa me chama “doutor de vela”, porquanto diplomado à custa de promessas e orações maternas.

Leitora atenta e vigilante, sempre reclama quando escrevo sobre as mulheres com quem sonhei, a morte ou sobre o oceano de bebida que hei consumido e ainda consumirei. Roberto Aurélio, quando morou em Paris, ainda não era o primoroso cronista dos tempos atuais. O certo é que tropeçou em carta que lhe enviou. Erro besta, de distração. Na volta do correio, recebeu uma gramática e um dicionário, tão implacável é seu policiamento do vernáculo.

Por isso mesmo, formou todos os treze filhos, em uma ou duas faculdades. Vitoriosa em tal empreitada, motor de proa de seu clã, batalha, hoje, para que saiam as teses de Clélia e de Fred, torce por novo êxito literário de Isabel, se empenha para que os netos estudem.

Ao lado de seu Costa, é a provedora. Isto porque o maior salário é o dele e ela sempre tem com quem o repartir. Ora é a família dum amigo, outrora próspero, que ficou pobre e recebe a cesta básica. Um parente, afligido por angústias materiais a quem acode. Ou um filho, cheio de êxitos intelectuais, e de dinheiros curtos, que precisa de ajuda pra comprar o carro. Os mendigos batem à sua porta, todas as sextas. Tem sempre algum dinheiro em espécie, para os mais eloquentes, que

sabem pintar melhor a miséria de sua condição, ou farinha do Camará pro mingau, pro pirão. O tempo e a relativa folga, depois de criados os filhos, só lhe ampliaram a generosidade efetiva e racional.

É bom envelhecer, assim, lúcida, prestante, profícua, liderando seu clã do alto da gávea de um telefone que não pára de tocar. E que, com frequência, lhe traz problemas que encara com intrepidez: “A vida seria até monótona sem eles.” Quando me preocupo com o impacto de tais desafios sobre sua saúde, brinca:

“Eu vejo tudo isto como se fosse um filme.” Deve de ser grato, também, olhar pra o caminho trilhado e lembrar que jamais se deixou abater pela adversidade nem se deslumbrou com a sega dourada do que plantou. (Junho de 1994)

## ELE FICOU ME DEVENDO

São 14:45 na casa da rua da Barão de Aracati, 670, em Fortaleza. O velho senhor fatigado, depois da caminhada na praia, da refeição, cabeceia de sono, ante a tevê. Quando sua companheira lhe recomenda dormir, aquiesce, sem resistência, e vai pro quarto, trocar de roupa, para o repouso. O secretário, a última pessoa a vê-lo vivo, ao passar, percebe que ele se observa diante do espelho, segundos antes de escutar o baque surdo de seu corpo, quando o coração se lhe despedaça.

Não consigo que a cena se apague de minha mente. Ela me persegue obsessivamente.

Fico indagando, a mim mesmo, sobre o que viu, ou que procurava ver, no derradeiro instante, antes da visita da Indesejada das Gentes.

Tentaria perscrutar, nos próprios olhos, a aproximação da Morte ou isto não é possível pois ninguém admite que ela vem chegando, mesmo quando a Parca já está, junto ao leito, para nos alistar em seu macabro rebanho? O que procurou ver, diante do espelho, naquele momento?

As grandes pedras do calçamento, que alumbraram os olhos de menino do sertão, na Praça da Estação em Fortaleza, quando, vez primeira, pisou seu chão, acompanhando os pais na aventura da cidade grande? O velho prédio da Assembléia Legislativa, onde, guri de doze anos, fazia mandados para velhos imponentes, de longas barbas, que depois descobriria serem os donos do poder? Reveria o caixeiro que

lutava para sustentar a família numerosa e, nas horas vagas, empolgava terceiros com oratória inflamada nas reuniões da Fênix Caixeiral, da Congregação Mariana, nos comícios políticos? A moça, conhecida no interior da Paraíba, em fase de luta política que os uniu por idealismo, seria, depois - segundo seu rude senso de humor - por degeneração em romantismo, sua fiel e forte parceira durante 57 anos?

O primeiro filho que transportava agarrado às costas, na garupa do cavalo, a caminho do sítio no Mocambinho, com quem tomava banho de chuva, em Sobral, recebendo ambos, sobre a cabeça, as bâtegas d'água que os "jacarés" do sobrado do Bispo despejavam lá de cima e em quem, por algum tempo, enganosamente, sua vaidade enxergou o menino prodígio que jamais foi e que não pôde, homem maduro, exilado na Gália moderna, recolher seu último suspiro, fechar docemente seus olhos? Os relativos sucessos da prole numerosa que se espalharia pelo mundo afora? Em suma, será, indago, de novo, sem esperança de resposta, que divisou, por sobre o ombro, a sombra da Morte que o convocava, que o vinha buscar? Por mais que o pergunte, aquele átimo de tempo em que se mirou, ante o espelho, será sempre uma carta que se não abriu, um segredo que se não revelou, um mistério que levou para o túmulo, onde foi dormir literalmente junto com os pais, à sombra dos mangueirais de Messejana.

É noitinha na *rue* de Vouillé, no *quinzième* em Paris quando o telefone toca. O amigo médico, cheio de rodeios e delicadezas, tenta mascarar a notícia fatal. Avisa que meu pai não está bem, que o quadro é gravíssimo. É fácil perceber o que houve, de fato, embora doa-me aceitá-lo. Fico firme, por instantes. É preciso. Recebo uma visita e não é justo partilhar, com ela, minha dor.

Vou ao quarto das crianças. Sara me segue e me pergunta o que foi. Informo-lhe que de Fortaleza me dizem que seu Costa está mal, quando de fato já sou órfão, sua sombra já não me segue, não mais me protege.

"Sara, teu avô foi embora. Pra sempre."

Começa a batalha para embarcar, de volta aos penates, agora desfalcados. Terminamos eu e o irmão mais moço conseguindo os últimos lugares no avião depois da aventura de chegar ao Aeroporto Charles de Gaulle, avenidas de acesso interditas, o porão de bagagens já fechado, o aparelho a ponto de partir. Cansativa e estafante viagem nos espera,

Rio, Recife, João Pessoa, Natal, Fortaleza. Enfim, chegamos. No velório, estreito, nos braços, o pranto convulso de minha mãe viúva, que emerge de lá do fundo de sua dor:

“Eu vou ficar só”, é seu gemido.

Digo-lhe que não. Não estará jamais sozinha, pois a acompanharão sempre a sombra do companheiro, findo apenas em seu invólucro material, o amor da descendência e o bem-querer dos muitos a quem jamais faltou sua solidariedade efetiva e generosa. Logo, a intrépida mulher se recompõe para iniciar o noviciado da solidão, partilhada com os muitos que a amam e tanto lhe devem. No cemitério de Messejana, já recomposta, acompanha filhos, netos e amigos, entoando cantos religiosos, enquanto lanço a primeira pá de terra e flores sobre o jazigo que guarda os restos mortais daquele que me deu a vida e que, em 85 anos de passagem sobre o planeta, se chamou Francisco Ferreira Costa. E que, agora, dorme profundamente, como disse o poeta, à sombra do mangueiral nos sítios onde viveu e amou Iracema, a virgem dos lábios de mel.

Seu Costa foi embora, me devendo. Sem quitar dois compromissos. Visitar Sobral comigo, conforme acertáramos num almoço do Marina - de que tanto gostava. E esperar pela festa de 60 anos de casado. Como também prometera. Aliás, como nos prometêramos. Eu lhe pedia sempre esperar até lá, 1997. E, por minha vez, temerário, garantia ficar vivo até lá.

Escrevo, numa madrugada desolada do inverno parisiense, no primeiro Natal de minha existência, sem a presença física e espiritual de meu pai.

Passeando em Sobral com os olhos de ontem

Na manhã, quase madrugada, insone, passeio pelas ruas de Sobral, com os olhos de ontem. Vou até a praça do Siebra onde moram três professoras, Alzira Madeira, Laís Rodrigues e Jacira Pimentel, que, naturalmente, dormem.

Nos meus tempos de menino, para chegar à casa de dona Alzira, passava por uma bodega pouco sortida e quase nada freqüentada, numa esquina de calçada altíssima, dando pra concorrente, situada mais abaixo e melhor provida de mercadorias. Uma delas parecia ser do irmão do seu Solon Vasconcelos, que possuía outra mercearia lá pras bandas da Praça da Boa Vista, em frente à casa do Chico Romano da Ponte.

Com ela, estudaram alguns irmãos. Um deles, certa vez, ao voltar pra casa, indagou de dona Dolores:

“Mamãe, por que é que dona Alzira bate com a régua em minha cabeça, dizendo: ‘que coisa rude!’?”

A julgar por seus êxitos posteriores, a professora errou de diagnóstico.

Quando transitava por ali, rumo do Colégio Sobralense, o amplo espaço em que a prefeitura, posteriormente, implantou avenida arborizada, era deserto, açoitado pelo sol inclemente, com algumas efêmeras poças d’água, porque, a esse tempo, chovia em Sobral. Numa esquina ficava o grupo escolar Professor Arruda. Na outra, situava-se a casa do vereador udenista, José da Mata, negro retinto, sempre muito elegante, em seus ternos brancos. Solteirão irredutível, presidia o clube dos artistas, em cuja biblioteca ia fartar minha fome de livros para inquietação de meu pai, pois o dono da casa não era chegado a afeições femininas. Morava com a irmã, Semiramis, que fabricava gostosos sequilhos e que viria a morrer queimada. A lamparina, que lhe alumiaava o quarto, pegou fogo na rede, nos punhos da rede em que dormia.

No quarteirão, defronte ao da professora Alzira Madeira, estava o sobradinho do José Custódio, advogado provisionado, pai do jornalista Stênio Azevedo, que tomava conta das *misses*, ao tempo em que este concurso era de responsabilidade dos “Diários Associados”.

Na esquina do lado de cá, morava Huet Arruda, cujos filhos, aos meus olhos de menino tímido, superprotegido, eram cães em figuras de gente, inimigos de todas as vidraças da cidade. Hoje se converteram em cidadãos úteis, prestantes, a barriguinha dos cinquenta despontando, as primeiras cãs denunciando a passagem deste canalha, o tempo. Era vizinho do irmão, Clodoveu, grande advogado, ex-juiz, ex-secretário de justiça, aliado do dr. José Sabóia, chefe da UDN, com quem, às vezes, se atritava tremendo caga-raiva, conhecido ainda por sua intemperança verbal.

Num desses janeiros desolados, de céu muito azul e incerteza quanto às chuvas, de repente divisou, no horizonte, nuvem promissora que podia muito bem desfazer-se lá sobre sua fazenda nas Caraúbas, tão carecida de água. Gritou por Huet para que viesse à porta partilhar, com ele, a novidade e a expectativa. O irmão tardou. Quando apareceu, só pôde ouvi-lo, aos berros, dizendo tudo quanto era nome feio contra a nuvem que, para sua frustração, passara ao largo.

Clodoveu não se entibiava diante de nenhum interlocutor. Quando um de seus convivas, na imensa “barraca” de conversa da porta de sua casa, zombou de sua potência, chamou, aos gritos, a mulher que estava lá dentro, aviando o café, sem se perturbar com a presença do Bispo:

“Romélia, vem aqui dizer: nós não demos uma, ainda nesta madrugada!?”

Era hipocondríaco até dizer chega. Falava tanto na morte que, quando morreu, houve quem, a princípio, não acreditasse. Vivia tirando a pressão. Como sua casa tivesse fundos correspondentes com a do médico Guarany Mont’Alverne, seu comensal, mandou abrir buraco no muro, pelo qual pudesse passar o braço, para que, nas horas de angústia, soubesse a quantas andava sua saúde.

No dia do falecimento, outro de seus amigos, presença diária no papo de fim de tarde, Júlio Álvaro Coelho, saiu correndo pra sua casa. Lá, banhado em prantos, abraçou o defunto deitado numa rede que desabou com o peso de ambos.

Disso tudo me lembro enquanto perambulo por estes locais, tão povoados de histórias. É quando começam a caminhar, na avenida deserta, três senhoras. Uma delas, Dadá, filha do cirurgião Guarany Mont’Alverne, casada com o banqueiro Paulo Pierre, indaga:

“Lustosa, o que está procurando aqui, a estas horas?”

Respondo-lhe:

“O passado. O passado!”

Não seja por isso. Parece dizer. E me aponta uma de suas companheiras de andanças matutinas, Conceição Vasconcelos, uma das minhas professoras no curso primário do Educandário S.José, de dona Honorina Passos.

## ITINERÁRIO DA SAUDADE

Não consigo dormir na madrugada abafada de Sobral. Decido sair do hotel. Chamo meu pai morto e, em sua companhia, cumpro o itinerário da saudade. Percorro as ruas que percorríamos há muito tempo, detendo-me diante das casas que habitamos entre as décadas de 40 e de 50, do prédio onde se instalara a Fábrica Santa Catarina, de que foi proprietário, o local em que ficava o Cine-teatro Rangel, onde ouvi, en-

cabulado, vibrante discurso seu, em altas vozes, porque orador de antes dos tempos do microfone e do alto-falante. Seu Costa vai comigo, conforme combináramos meses antes.

Sua sombra e sua memória me seguem quando contemplo o que resta do casario antigo que, no meu tempo de criança, parecia tão alto e imponente e que hoje vejo tão acanhado. Encolheu até diante da dimensão em que os retinha a saudade de adulto.

Andamos pela Avenida Senador Paula, hoje D. José. Passamos pelo sobradão do Radier Frota. Em frente à casa comercial que foi de Chagas Barreto onde, às vezes, era mandado a fazer compras. Para ante a antiga residência de Dalva e Agenor Rodrigues, pais de Hélio, meu colega e amigo. Aqui conheci Oscar Wilde, Aldous Huxley, Erich Maria Remarque. Chorei até babar a gravata, que ainda não usava, lendo *Servidão Humana* de Sommerset Maugham. Aqui tomei o primeiro pileque.

Adiante é a capela de Rosa Gatorno, anexa ao Colégio de Santana, onde estudaram minhas irmãs. Na igreja, ajudei, muitas vezes, o falecido D. Expedito Lopes - assassinado, posteriormente, por um padre a quem chamara ao cumprimento de seus votos - a celebrar o santo sacrifício da missa.

Reencontramos, em sua casa apalacetada, aos noventa anos, o comerciante Valter Araújo, hoje viúvo. Foi casado com Cristina, que, durante mais de seis décadas, manteve roda de conversa na calçada, com as irmãs e amigas. Gostava tanto do papo que, certa tarde de chuva, esperou, sombrinha em punho, as parceiras para saber todas as novidades do dia.

Valter, há décadas, fechou as portas de seu armazém de tecidos, na praça José Sabóia. Até um dia desses, qual patético personagem de Gabriel Garcia Marquez, andava pra cima e pra baixo, pelas ruas, avenidas e praças da cidade, seguido por seu ex-auxiliar, Abelardo Lopes e Silva, que conduzia os livros de caixa do estabelecimento. De quando em vez, paravam e os folheavam na nostalgia dos negócios dantanho.

Este Abelardo - já desaparecido - de que falo, era um que me dava de presente duas moedas de cruzado, oitocentos réis, quando ia ao IAPC tratar, com meu pai, de financiamento imobiliário, naquele tempo um negócio da China, porque ainda não havia correção monetária. Este dinheirinho eu torrava logo no bar do Cascatinha, consumindo

três savorosíssimos sorvetes de 250 réis, que ainda hoje não me saem da memória gustativa. Já falei tanto nisso que a impressão que muito leitor deve de ter é que ele me presenteou com uma sorveteria, me deu logo a Kibon.

Transitamos diante das portas do velho sobrado do bispo, hoje sede do Museu Diocesano, do qual “seu” Costa era uma espécie de animador cultural do Grupo Cênico Sobralense, que abrigou a sessão de ressurgimento da Academia Sobralense de Ciências e Letras. Foi onde moramos logo que chegamos a Sobral.

No velho casarão, pela madrugada, ouviam-se passos apressados sobre o assoalho das escadas. Diziam que era a alma penada de um escravo, enforcado no local. Meu pai foi conferir: era nada. Apenas o álaçre *footing* das ratazanas nos descampados da noite.

Ali, uma das empregadas domésticas engravidou. Tomou não sei quantas “garrafadas” para abortar e nada. Terminou bebendo formicida. Ainda hoje retenho, nas ouças, os gemidos com que atroava o cavo silêncio da madrugada até que foi levada a morrer na Santa Casa.

Nesse tempo, chovia em Sobral. Tomávamos banhos de chuva, na calçada. Era delicioso receber na cabeça o despencar da água lá de cima, das bicas em forma de jacarés do sobrado, depois seu pressuroso escorrer, ávida do rio Acaraú.

Não tivemos tempo de rever a desmantelada serraria que foi do Walter Andrade, situada em diagonal à segunda casa em que residimos e ainda mantinha a aparência de cinquenta anos atrás. Não sei porquê, ela me lembrava a tenda do ferreiro de *As Grandes Esperanças*, de Charles Dickens. Não passamos na casa apalacetada do coronel Antônio Mont’Alverne, construída em 1918, com seu inalcançável pé-direito, altura esta destinada a garantir a ventilação do suntuoso imóvel. Nem de dar uma olhadela na sua sala de visitas, conservada pela viúva Marfisa, tal qual ele a deixou em 1928, quando morreu atropelado no Rio, e ainda hoje é assim conservada pela filha Rute. Nem pudemos ir também à sala de visitas da residência do doutor Juvêncio Andrade, pai do cônego Egberto, ver aqueles móveis de estilo austríaco que sempre me encantam.

Fui a Sobral, na companhia de “seu” Costa, como combináramos num almoço de domingo, no restô do Marina, que ele tanto gostava de frequentar. Houve um porém. Na estrada, logo ao deixar a cidade,

falo pelo telefone, do carro, para a família em Paris e os meus já não podem ouvir a voz alegre, otimista e ensolarada do patriarca que me acompanha apenas na saudade. Nem pode ele testemunhar este esplendoroso milagre da tecnologia.

Por isso, digo aqui em Paris, com mais uma razão, um novo motivo, em Brasília ou onde quer que esteja: Sobral não é uma cidade. É uma saudade, chorando baixinho dentro de mim.

## O DIVINO BALZAC

Todos os dias, um seminarista era escolhido para dormir no sobrado do bispo, pomposamente denominado Palácio Diocesano de Sobral, e ajudar a celebrar a missa. Para muitos, correspondia a uma noite de terror. Para o anfitrião, era uma das maneiras de controlar o Seminário. Os rapazes morriam de medo das sabatinas de D. José, severíssimo em matéria de cultura. Sem falar nos mosquitos, vorazes, mais vorazes que em qualquer parte do mundo, que consumiam o sangue do futuro padre. Sobressaltados, às quatro horas da manhã, os seminaristas sentiam D. José passar por debaixo de suas redes, rumo ao banheiro, fazer a barba e as abluções. Às cinco, vinha despertar o acólito.

Dom José adorava dar incertas no seminário. Dono de tudo, entrava sem avisar na sala de aulas, jogava o professor pra escanteio, continuava a preleção - tinha vaidade de pegar o bonde andando - ou interrogava os alunos.

Certa manhã, interrompeu a aula de literatura do segundo ano. O professor ficou a um canto, mudo, inútil, sem saber o que fazer com as mãos. Dom José queria aferir o grau de leitura dos futuros sacerdotes, seus autores prediletos. Um apontava o padre Manuel Bernardes. O outro, frei Luís de Sousa. Um terceiro chegou a citar longos trechos de *A Vida de Jesus*, de Plínio Salgado.

“E você?”, perguntou a um dos seminaristas, de olhar brilhante e reconhecida inteligência:

“Quem é seu autor preferido?”

“Balzac”.

O bispo fez que não ouviu. Disfarçou a surpresa e deu a dica:

“É Bernardes, frei Luís de Sousa ou Plínio Salgado?”

O rapazola, sem entortar caminho, manteve sua preferência:  
“É Honoré de Balzac”.

E como se não bastasse, acrescentou:

“Balzac, excelência. É divino”.

O bispo deixou a sala, danado da vida, deixando, no ar, a ameaça de sanções tenebrosas que nunca se efetivaram. Muitos anos depois, o leitor de Balzac, o grande poeta Oswaldo Chaves, foi por ele ordenado padre. Na hora decisiva de torná-lo sacerdote *ad aeternum*, o bispo, que não esquecera o incidente, lembrou:

“Espero que, doravante, seu divino seja outro...”

Dom José tinha suas implicâncias gratuitas. Uma delas era o padre Luizito Dias Rodrigues, o último dos sacerdotes, ordenado por ele em 1958. Funcionou algum tempo como seu secretário, sem entusiasmar o chefe. Muito moço, não tivera tempo de ler todos os livros conhecidos do bispo. Certa ocasião, para testá-lo, dom José perguntou:

“Já leu Humboldt?”

“Não, excelência.”

“Que padre véi burro”, murmurou o bispo a seus botões.

“Conhece Bossuet?”

“Não, excelência.”

O bispo sussurrou outra expressão de seu descontentamento.

Todo o santo dia, era a mesma provação pro padre Luizito. Não acertava uma. Até que lhe aconteceu a oportunidade de se sair melhor, em que pensou, afinal, haver caído nas graças do bispo. Falava-se de Virgílio e, na reiterada perseguição ao pupilo, o bispo atacou:

“Lembra-se da Eneida?”

Pe. Luizito tinha o seu Virgílio na ponta da língua. E, com segurança, desfiou o *arma virumque cano* até que o bispo dissesse o seu “basta”. Dom José, como se estivesse só, lançou a apreciação sumária, num julgamento implacável:

“Boa memória, mas péssima pronúncia.”

## **TOU NUINHA E OS FRADES ESTÃO EM CIMA** (Ou “As missões”)

Quando era pequeno, ainda havia “missões”. De frades. Frades capuchinhos, preferencialmente, que se detinham três, quatro dias, uma semana, numa cidade, fazendo pregações, salvando almas do fogo do inferno. Os sermões eram verdadeiro exercício de terror. A sementeira do pânico. Os sacerdotes faziam prédicas tão ameaçadoras, falando do castigo do inferno - o Satanás, naquele fogaréu, espetando os pecadores na ilharga, no traseiro, com seu agulhão de ferro em brasa - que quase todo o mundo se rendia. Amigados pediam o casamento. Pagãos requiriam o batismo. Pecadores suplicavam o perdão.

As missões eram, também, acontecimento social, oportunidade de rever e reencontrar amigos e parentes. Inclusive os que moravam fora da cidade e a ela acorriam para pleitear a benção do Senhor, ministrada pelos pregadores.

Milton Dias costumava contar que, na iminência da chegada dos santos padres à sua cidade, uma sertaneja assim se queixava ao marido da falta de roupa adequada para assistir à festa religiosa:

“Estou nuinha e os frades estão em cima”.

## **A DEFESA DA MORAL**

Quando foi feito bispo de Sobral, em 1916, D. José Tupinambá da Frota passou a mover guerra sem quartel contra o sexo, fora dos limites do código civil e da bênção da igreja, o carnaval, o tango nos clubes e o coco nos subúrbios. Topou, de cara, com o juiz municipal, Clodoveu Arruda, quando passou a combater a prostituição e pedir “saneamento radical contra o meretrício”. O magistrado que não tinha, como o sacerdote, voto de castidade, via nas prostitutas, vindas das classes mais humildes, “válvula de segurança” da sociedade pela maior tranquilidade que conferiam às moças de famílias”, menos assediadas por noivos e namorados, desde que atendidos na “zona”.

Em seu jornal *Correio da Semana*, fundado, dois anos depois e, ainda hoje existente, ele ia fundo “contra o tango e o fox-trote, filmes que ensinam o lenocínio e o adultério, revistas, folhetos e romances

obscenos, a inércia da autoridade em punir incorrigíveis Dom-Juans, a residência de decaídas em quase todas as travessas da cidade”.

Reconhecia, porém, algumas derrotas. E a culpada era a tecnologia. O progresso, a serviço do pecado. Responsabilizava, então, “esses cobiçados automóveis, as tantas casas de pasto, lanternas elétricas que permitem a alguns galgar muros e telhados pelas misérias que nos envergonham e aviltam” (17/12/1920). Por aí dá pra ver como era perigosa e, ao mesmo tempo, excitante a vida sexual de nossos avós.

Mulheres de mangas curtas ou vestidos decotados não podiam ir à igreja, não recebiam a comunhão nem podiam pensar em ser madrinhas de batismo ou crisma. As filhas de Maria sofriam o diabo naquele calorão. O vestido era de mangas compridas e as meias iam até os joelhos. Tinham de usar combinação que cobria até três quartos do braço, por baixo do vestido. As moças da sociedade achavam logo saída para satisfazer à vaidade, sem correr o risco de ir pro inferno. Inventaram “manguitos”, uns canudos de pano, às vezes do tecido do vestido, às vezes não, com que escondiam os braços, quando no interior do templo. À saída, se descobriam, fugindo do calor infernal.

## **Carnaval**

A primeira batalha perdida pela igreja sobralense, no fim da década de vinte, foi contra o Carnaval. A festança era tão animada que atraía, de Fortaleza, caixeiros-viajantes, importante categoria social onde as boas famílias recrutavam genros. D. José e seus padres ameaçavam não ministrar o sacramento da comunhão a quem caísse no pagode. Ninguém perdia folia tão animada, mesmo se arriscando a entregar a alma ao diabo.

Na década de quarenta, ainda peguei a expulsão, das fileiras da Congregação Mariana de Moços, do posteriormente “rei” de cera de carnaúba, Raimundo Machado, porque dançara o Carnaval com a mulher.

## **A beata**

Não foi a única derrota do bispo. Houve, ainda, o caso da diretora da Pia União das Filhas de Maria, moça de virtudes tão excelsas que, autorizada por dom José, mantinha, em casa, gabinete espiritual

para dar consultas gratuitas, a fim de evitar que ovelhas se tresmalhassem. Era tal o respeito de que desfrutava que, certa vez, lhe coube o encargo de preparar sertanejo, bronco de espírito, mas forte de compleição física, para o ingresso no seminário. Em meio ao apostolado, a carne falou mais alto. E a beata, ao invés de colocar o jovem cristão na senda do Senhor, encaminhou-o para a cama. Casaram-se às pressas e se mudaram da cidade.

### **Piedoso**

Teve mais. Um devoto, comerciante de aspecto desmazelado, não faltava à missa diária e era assíduo à mesa da comunhão. Quis o azar, porém, que, pro vexame do bispo, o santo varão morresse em pleno campo de batalha. Sabem onde? Em leito não abençoado pela santa madre nem protegido pelo código civil.

### **Documento**

Numa grande empresa, todos se recreavam com as funcionárias. O diretor-presidente, seus dois genros e gerentes. Um deles se descuidou e a moça apareceu grávida. Quando nasceu mais um brasileiro, o avô foi na companhia da jovem mãe à presença do presidente, reclamar seus direitos. O chefão ainda tentou defender o genro. Calou, porém, quando o avô lembrou a semelhança física entre o pai e o menino:

“Doutor, só vendo: o menino, é igual a ele. A cara dele é um dicumentu...”

### **Conforto**

O patrão se sentia mais vigoroso, ao amanhecer. Por isso, mal tomava o cafezinho de pé, ia abrir os portões da empresa. Como madrugava, tinha espaço para passar na casa de uma operária que só trabalhava no expediente da tarde. Tanto amiudou as visitas que a mulher, de nascença aristocrata e rica proprietária, decidiu enviar-lhe um presente. Mandou o motorista deixar, na casa da outra, de manhãzinha, toalha de linho, xícaras de porcelana, bule de prata. Se queria tomar café, ali, que o fizesse com o maior conforto possível. Ele escorraçou o portador com sonoro palavrão.

## A FUGA DO PADRE IVAN

Na atmosfera de repressão e carolice da cidade, certa manhã uma notícia explodiu lá em casa, com o estampido de escândalo. Tremendo escândalo. O vigário de Coreaú, padre Ivan Carvalho, roubara uma moça por quem se apaixonara e fugira, com ela, a cavalo, rumo de Parnaíba. Foi alcançado no alto da serra da Ibiapaba, pelos irmãos da moça, a quem botou pra correr, com o argumento de seu revólver. Três meses depois, desfez o casamento. Voltou a Sobral, com aquela cara vexada de pecador malsucedido. Ao sabê-lo lá em baixo, encabuladíssimo à porta do sobrado diocesano, D. José foi buscá-lo e o acolheu, com um beijo na face, sem uma recriminação. Ainda o conheci, suspenso de ordens, soturno e triste, como fiscal do Colégio Sobralense até que organizou a vida conjugal e foi viver em Camocim.

## AS GLÓRIAS DO BISPO

Dom José Tupinambá, bispo-conde de Sobral, chefiou a Igreja Católica na região noroeste do Ceará, durante mais de cinquenta anos, deixando realizações no campo da saúde, da educação, da preservação da memória nacional que ainda hoje lhe são úteis. O grande teocrata tinha justo orgulho de sua formação intelectual, de par com isso, acreditava firmemente em que a Igreja Católica detinha o monopólio dos ingressos no céu e colocava a liturgia acima de tudo.

Foi considerado por seus colegas a maior organização filosófica e teológica do clero brasileiro, ao voltar de Roma, laureado pela Universidade Gregoriana.

“O Tupy ensina melhor teologia dogmática do que o cardeal Billot, da Universidade Gregoriana”, era o julgamento do cardeal dom Sebastião Leme.

“É a maior organização metafísica do Brasil”, dizia o padre João Gualberto. O Ministro das Relações Exteriores da Itália cumprimentou seu colega brasileiro quando de sua formatura em Teologia e Direito Canônico, o que levou muita gente a pensar em seu ingresso na diplomacia. Não quis. Preferia ser o primeiro em Sobral, a ser o segundo ou o terceiro no Vaticano.

Ao retornar à terra natal, viu, com desgosto, que o lugar estava ocupado, firmemente ocupado, pelo doutor José Sabóia de Albuquerque, bacharel de Olinda, juiz de direito, chefe político, industrial riquíssimo que não demonstrava a menor intenção de abandoná-lo.

A rivalidade entre eles durou a vida inteira e rendeu uma metáfora ao bispo:

“A torre de minha igreja estará sempre acima do prédio do fórum”.

A Catedral da Sé de Sobral está erguida sobre modesta colina, acima do prédio da prefeitura, onde despachava o juiz.

Ele se gabava de seus conhecimentos musicais, de ser capaz de captar, no ato, um sustenido desafinado. De seu latim, de brigar por causa de um “i” breve ou longo na palavra “totius”.

Poucos anos após voltar a Sobral, chega à cidade o tenente Tobias Coelho, conterrâneo, residente no Rio, que fazia praça de seu maçonismo e que, num boletim ao público, criticara “as idéias retrógradas de dom José” e se referira “a seu jesuitismo que conseguira, por pistolão, afastar do cargo de vigário aquele que a ele faz jus” (dom José era protegido e primo de dom Jerônimo Tomé da Silva, bispo primaz do Brasil, a quem se deveu a criação da diocese de Sobral). Dom José desafiou-o ao debate público, no Teatro S. João:

“Dei-lhe a liberdade de escolher a língua que preferisse: português, espanhol, italiano, latim e alemão”.

Dom José amava as insígnias do posto e a liturgia. Era um espetáculo vê-lo entrar na catedral, de batina roxa com cauda, erguida por um seminarista, coberto de arminho, portando a pesada cruz peitoral de ouro, vistoso anel de dedo que os fiéis deviam beijar, genuflexos, enquanto os sinos bimbalhavam, festivos, saudando o acontecimento.

Em tais ocasiões, manda a liturgia que o vigário e o sacristão estejam a esperá-lo à porta, com a caldeirinha de água benta, para que ele possa aspergir a entrada do templo. O vigário, padre Domingos, nunca estava a postos. O bispo, aos gritos, reclamava:

“Igreja sem vigário e sem sacristão”.

Nessas ocasiões, anunciava a demissão do sacristão, Eduardo, ameaça que jamais se concretizava.

Demorou, certa ocasião, um dia inteiro, resmungando. Porque, ao passar pela igreja do Menino Deus, à noite, flagrara Monsenhor

Olavo Passos infringindo uma regra da liturgia. É que a bênção do Santíssimo Sacramento pode ser ministrada com ostensório, se solene. Se simples, com âmbula. Na bênção solene, o oficiante deve estar vestido com capa de asperge quando for erguer, para a adoração, o ostensório com a hóstia grande. Basta-lhe, porém, estar de roquete e estola no caso de ser a benção simples, com âmbula e hóstia pequena. Ao ver que Monsenhor dera a benção solene, sem ostensório, sem capa, passou o resto da noite se queixando:

“O santo padre Olavo desmoraliza minha diocese”.

Dia seguinte, no almoço com padre Correia Lima, voltou a se lamuriar:

“Donde menos se espera...”

Até morrer, em 1959, se gabava de não haver uma só igreja protestante em sua diocese. Os “crentes” eram escorraçados pela veemência de sua oratória ou, em caso de necessidade, pelas pedradas de seus fiéis.

Já no fim da vida, não mais resistia à instalação do Lion’s Clube de Sobral. Um grupo de leões chegou mesmo a convidá-lo para sua instalação na cidade. À certa altura, para lisonjeá-lo, um de seus integrantes disse:

“Porque afinal quem manda na cidade é o senhor”.

“Mando, nada”, respondeu. “Quem manda é a Chica Agostinho. Fecho o cabaré dela na quarta e ela o reabre no sábado”.

Apesar disso, sua força política ainda era muito grande. A ela se atribuiu a não instalação, em Sobral, do Batalhão de Engenharia do Exército, localizado finalmente em Crateús. Alegou a defesa da moralidade da família sobralense contra a implantação do estabelecimento.

No fundo, temia a chegada à cidade de elite de forasteiros sobre os quais não exerceria qualquer ascendência.

Nas missas, em te-déus, bênçãos do santíssimo, facilmente se impacientava com as falhas dos ajudantes. Isto no tempo do apogeu da liturgia, em que os ofícios religiosos eram belos e sofisticados espetáculos cênicos e de indumentária. A um deles, que lhe entregou o turíbulo, por trás, resmungou, a respeito da solenidade do ato:

“ Por trás, só se dá clister”.

Nada tão grave, aquele tempo, que a ordenação de um padre *ad aeternum*. Ainda sim, nesses momentos, se permitia desabafos. Foi

quando da ordenação de Austregésilo Mesquita, hoje bispo de Ingazeira. Deu vexame antes de indagar:

“Juras obediência a teu bispo?”

Ao mesmo tempo, resmungava:

“Não pergunto. Não pergunto. É uma farsa”.

Terminou por fazer a indagação.

Depois explicou que ainda se encontrava traumatizado com o padre Francisco Sancho, que abandonara a diocese, para ir morar no Rio, sem sua autorização:

“Naquela hora, estava vendo os olhos do padre Sancho”. (31/10/93)

## QUANDO D. JOSÉ ESTAVA DE BOM HUMOR

Dom José Tupinambá da Frota, que gostava de assinar D. José, bispo-conde de Sobral, nem sempre estava mal humorado, ranheta, não. Tinha, também, seus instantes de descontração, seus momentos de bom humor. Uma manhã de sol, estávamos na calçada de casa, quando ele despontou, na sacada da janela do sobrado, onde morava, chamado Palácio Diocesano, com o pupilo, padre Palhano, que vinha de debelar problema gastro-intestinal. O antibiótico começava a chegar ao Brasil e o bispo se permitiu o trocadilho:

“O Palhano esteve doente, sarou, tomando penicolina...”

Comerciário durante muitos anos, irmão marista, de pouca cultura, o padre Benedito Maia ordenou-se velho, de poucas letras, tudo fazia pra agradar ao bispo que, de cinco em cinco anos, exigia exame de madureza em teologia moral, Dogmática, Liturgia e Direito Canônico, a fim de manter o clero atualizado. Maia compensava suas limitações com o esforço de agradar. Num determinado dia, dom José perguntou:

“Padre Bené, o senhor poderia celebrar a santa missa com cachaça, ao invés de vinho?”

Maia nem hesitou:

“Se V. Excia. mandar, eu celebro”.

Seu secretário particular, Valdemar Albuquerque, tudo fazia para amenizar o mau humor do bispo. Num almoço ruim - o que, aliás, era rotina no Palácio - D. José, só de mal, indagou:

“A carne está boa, Valdemar?”

“Está ótima, excelência”.

“Pois, então, coma, Valdemar”.

Noutra oportunidade, dizia:

“Quando eu morrer, quero que plantem uma bananeira em cima da minha cova”.

“Pra quê, dom José”, perguntou Valdemar.

“Para dar banana pra todo o mundo, Valdemar. Pra uns, uma penca”.

Monsenhor Gonçalo Eufrásio de Oliveira, filho de Ubajara, era mulato entroncado, de voz fanhosa, sardônico. Aplicava apelidos grosseiros, até cruéis, aos alunos do Colégio Sobralense, principalmente os de cor escura. Estes sofriam o diabo em suas mãos.

Um deles não agüentava mais as ironias e as humilhações, que lhe eram infligidas. Durante a argüição, não acertou uma, de tanto nervosismo. Para exasperá-lo, o padre, pegando na própria carapinha, indagou:

“E isso aqui? Pelo menos isso, você sabe o que é?”

Desesperado, o estudante partiu pra retaliação:

“É cabuçu...”

Foi “velho cabuçu” o apelido que os estudantes botaram no padre pela semelhança de seu cabelo com o ninho daquelas abelhas silvestres.

Mesmo no trato com as senhoras, não mudava. Certa feita, Déa Capote, com inteira boa fé, perguntou:

“Padre, por que o senhor está coxeando?”

Respondeu no ato:

“Uma mulher jamais perguntou a um homem porque ele está caxingando...”

Muito pobre, comprou na loja do Liberato umas meias vermelhas, porque eram mais baratas. Foram dedurá-lo ao bispo por estar usando meias privativas de cônego, de Monsenhor.

Quando pintou no Palácio, D. José, imprudentemente, o interpeleou a respeito. Ele, erguendo um pouco a batina, blefou:

“D. José, por acaso estou de meias encarnadas?”

Vexado, o bispo pôde apenas responder com outra pergunta:

“Você não sabe que sou daltônico?”

Encontrando o bispo, certa manhã, depressivo, lastimando a indisciplina do clero, tentou consolá-lo, assim:

“D. José, os padres não obedecem nem aos dez mandamentos, quanto mais às ordens do bispo”.

Ele hesitava em aludir aos chifres dos fiéis do sexo masculino. Quando oficiava a missa na capela de S. Vicente de Paulo, vizinho ao prédio dos Correios, irritava-se porque os homens ficavam do lado de fora do templo, conversando, fumando:

“Entrem, entrem na casa de Deus. Vão entrando. Quem não puder entrar de frente, entre de lado...”

Durante certo tempo, respondeu pelo internato do Colégio Sobralense. À noite, no centro do pátio, era colocada lata vazia de que-rosene que funcionava como mictório e poupava esforço de vigilância sobre os alunos.

Quando um deles, desavisado, começava a usar a lata, ouvia-se a voz fanhosa do padre, berrando nos descampados da noite:

“Mija, de tabela, fi duma égua. Mija de tabela. Deixa eu dormir...”. (21/06/92)

## HISTÓRIAS DE SEMINARISTAS

Estudei em seminário de frades alemães. Primeiro em Tianguá, depois em Campina Grande. Não queria ser padre. Se dei o cano em Deus, foi porque a família era grande e o ensino deles bom e barato. Passado tanto tempo, acho engraçado a relação de ex-seminaristas com o alto e com suas memórias. Taí o Antônio Carlos Martins Melo. Escolheu ser juiz federal justo em Campina Grande, pertinho do Seminário de Ipuarana, na Lagoa Seca, de que fomos alunos. O outro foi João Teixeira Guimarães, o “Cuscus” da Serra da Meruoca. Depois de passar para a reserva do Exército, decidiu residir em Campina Grande. E comprar sítio, nos fundos do prédio do Convento em que todos estudamos. De lá, eles dois mais o Ary Jansen Branco, outro colega vindo de Santarém, telefonaram, terça de Carnaval, e deflagraram em mim profundo processo recessivo.

De novo fui aquele adolescente que fugia dos esportes para se refugiar no prazer dos livros de aventuras de Karl May. Que, uma vez, na prova de matemática, o professor-frade flagrou, com um livro entre as pernas, como se estivesse colando. Tava pescando, nada. O que não

queria era deixar, por um instante sequer, nem o da duração da prova, as emoções de *Quo vadis*? Curtia o romance que me empolgava. Ante o papo saudosista, deu-me vontade de rever o enorme casarão que abrigou minhas fantasias, meus sonhos, minhas inquietações aos 16, aos 17 anos. Pra quê, pensei depois, se eu não há muito tempo deixei de ser aquele? Só se for para ter saudades minhas. Antônio Carlos, que, no Seminário de Tianguá, chamávamos “Tatais”, não sei bem porquê, é poliglota e começou a fazer carreira no Banco do Brasil, carreira frustrada em 1964 por suas simpatias esquerdistas. Quando voltei a vê-lo em 1967, no Rio, morava pertinho, ali na Domingos Ferreira, eu na Avenida N. Sra. de Copacabana. Era, então, ligado a uma senhora que, em crises de ciúme, costumava deitar à banheira cheia d’água aparelhos de tevê, de rádio, de sons, o ferro de passar roupas, discos, o diabo a quatro. Chegava o nosso Antônio Carlos a seu apartamento no Edifício Master e encontrava toda aparelhagem doméstica em exercício de mergulho. A esse tempo, profissionalmente encontrava-se exilado numa agência no Meyer, região remota, por perseguição política. Também por isso tivera de vender o carro. Como eu detestasse dirigir, era quem pilotava meu fusca azul claro por todo o Rio. Assim, graças a ele, pude conhecer a antiga cidade maravilhosa.

Uma terça-feira de Carnaval de 1968, encontramos-nos num bar da rua Santa Clara. Bebemos. Falávamos alto como bons cearenses. Em determinado momento, discutíamos a *Divina Comédia*. E ele, em fluente italiano, começou a declamar o poema imortal. Neste instante, entrou no local Milton Dias. O grande cronista pensou com seus botões: “Quem são estes dois malucos que, numa terça-feira de Carnaval carioca, debatem Dante Alighieri?”. Ao me ver, sentou-se à mesa e brindou-nos com seu papo vivaz, colorido, inteligente.

## EU ERA COMUNISTA E NÃO SABIA...

Não costumo ir à missa. Não me tomem porém por ateu, por alguém de mal com Deus, como acontece a muitos ex-padres ou a ex-seminaristas. Nada disso, é que estudei quatro anos e meio no seminário. Assistia à missa, todo o santo dia. Aos domingos, duas vezes. Estou, portanto, remido. Tenho largo crédito nas mãos do Senhor.

Um dia destes, fui ao Mosteiro de São Bento, aqui em Brasília, assistir à missa de domingo: cantada. Canto gregoriano. Vi muito coroa, na platéia, acompanhando a missa, em latim. Eram ex-seminaristas. O que nos levava lá? O remorso de havermos dado o cano em Deus? De não lhe termos consagrado a vida? Realmente, não sei dizer. Sei, porém, que adoro rever a Escola Apostólica São José em Tianguá, no alto da Serra da Ibiapaba, percorrer seu pátio solitário, o dormitório idem, as salas de aula, o campo de futebol, a casa do motor da luz.

Tão gostosa nostalgia não me impede de lembrar também os momentos menos agradáveis dos dois anos que estudei ali e que me valeu, um dia desses, descompostura de um colega daqueles anos, revoltado porque não glamurizei o passado, não vi apenas encantamento no que passou.

Ali no pátio externo, o coração na mão, ouvimos todos o jogo do Brasil *versus* Uruguai. Fiz muitas promessas a Deus para que o Brasil fosse campeão. Tenho a impressão, porém, de que algum menino uruguaio cobriu meu lance, por isso o Barbosa engoliu aquele gol do Gighia e nós perdemos. Ficou, na boca e na alma, o sabor avinagrado daquela derrota das cores nacionais.

Os frades alemães, vindos da humilhação da guerra, liam as cartas que escrevíamos e que recebíamos. Nada lhes escapava. Uma vez reclamei da comida. Sabem os leitores como é famélico o adolescente, dum modo geral? O certo é que, na aula de Geografia, dava pra notar a irritação do padre Reitor, frei Celestino Knob. Eu nem me tocava. Não sabia, não podia imaginar que tudo se devia a mim. À certa altura, ele me repreendeu diretamente por reclamar da comida que talvez não tivesse igual em casa. Eu, que a este tempo, era um fedelho atrevido, me levantei no ato pra dizer:

“Não é igual, porque é melhor”.

O padre subiu nas tamancas. Fumando numa quenga, apoplético, expulsou-me da classe aos berros:

“Comunista! Comunista! Comunista!”

Eu era comunista e não sabia.

Saí da sala de aula, chamando o professor de “tedesco”, como se fosse a suprema ofensa.

Um colega desses tempos, a quem nunca mais vi, foi Guimarães, o Cuscus, filho da Meruoca que tinha criação clandestina de galinhas e

coelhos, em sociedade com o falecido Osmundo de Souza e com o Félix Eduardo de Souza, o “Gato Félix”, com a cumplicidade da cozinheira do colégio. Depois, entrou no Exército. Um dia desses, o Nivardo Melo me contou que, depois de passar para a reserva, ele se mudou pra Campina Grande. E vive num sítio, em Ipuarana, vizinho ao prédio do Seminário Maior, onde estudamos. Quem me explicará por que fez isso? Foi morar junto à fonte da saudade? Remorso por não haver sido padre? Ou quer, simplesmente, a ilusão de recuperar a juventude perdida? Não sei. Jamais vou sabê-lo.

Enfim, férias. O caminhão misto do “Cajazeiras” (já havia o do pai Walfrido Salmito?) passou lotado. Eu queria chegar, de qualquer maneira, naquele dia a Sobral. Veio outro caminhão. Não havia lugar junto ao motorista. Só lá em cima, na carroceria, em cima da mercadoria. Na minha ansiedade, na pressa de voltar pra casa, joguei a mala lá em cima e fui. Não sabia o que me aguardava na descida da serra, onde, às vezes, para segurar o caminhão ou o ônibus, era preciso amarrá-lo numa das árvores mais fortes que margeavam a estrada. Nunca tive tanto medo na vida. Claro, ainda não havia asfalto. A estrada era estreita, lá em baixo o abismo me olhando como se me chamasse, me atraísse. Agarrava-me à corda que amarrava a carga até as mãos doerem, tal o receio de cair. Não caí. Cheguei vivo a Sobral.

Quem me chamou a seu apartamento para me dizer que eu não dava pra agente de Deus aqui na terra foi frei Silvério Cavalcante Albuquerque, um aristocrata pernambucano que amava os bons perfumes e que era um gentleman de Deus. Até um dia desses, era bispo de Feira de Santana. Recriminou-me, em termos brandos, a continuada indisciplina, mostrando que não tinha vocação para procurador do Céu. Fê-lo de maneira tão elegante e gentil que ainda hoje dele me lembro, com carinho. Enfim, era (é) um príncipe.

Há algum tempo, tive em mãos o guia de educação sexual, editado pela Igreja Católica, na Áustria. Pelas ilustrações, pude perceber que, apesar do frio e da religião, os católicos austríacos andam muito inventivos. Um amigo me acrescentou que eles falavam ali, com toda naturalidade, de masturbação. Que tremenda mudança! Lembro-me de como ela nos era pintada, na adolescência. Para os frades alemães, fazia mal à saúde. Podia levar à cegueira. No mínimo, à loucura. Do ponto de vista de vida eterna, era pecado mortal. De modo que, além do castigo imediato, aqui

na terra, você ainda teria de expiar o erro, a eternidade inteira, penando nas caldeiras de Pedro Botelho, isto é, naquele calorão do inferno, muito pior que o do Iraque, durante o bombardeio ocidental. E pensar que tudo aquilo era um equívoco, hoje totalmente revisto. Mas agora, pra quê? Isto é hora?

## O CÃO DE SÃO BENEDITO

O atual Papa, João Paulo II, tem, seguramente, um mérito: o de haver ressuscitado o Diabo. Ele andava desaparecido e fazia muita falta. O Cão é essencial ao equilíbrio do mundo, como as cobras, os sapos, os escorpiões. Se o Capiroto não existe, tudo é possível. E até Deus perde muito de seu prestígio. Imaginemos que não mais houvesse demônio nem inferno. Corresponderia, na outra ponta, a não existir sua antinomia: Deus e a bem-aventurança do céu. O polonês Wojtila foi positivo. Não hesitou. Pôs o Tinhoso na ordem do dia. Fez muito bem.

Uma das primeiras notícias que tive das renaixões de Lúcifer foi em Sobral, na década de 40. Não vou dizer, por gabolice, que o cão era nosso. Que era, porém, da diocese de Sobral, era, porque pintava e bordava em São Benedito.

Ele aparecia apenas numa residência daquela cidade serrana, atucanando a paciência da família que ali morava. Era geralmente caseiro como os gatos. Era também um cão bairrista porque, tirante duas a três sortidas a Sobral, Fortaleza e até o Rio, continuou ali por tanto tempo aprontando das suas que tiveram de destruir o imóvel. Pintava tanta assombração no pedaço que este não serviu, sequer, para abrigar uma empresa de economia mista.

O Cão de S. Benedito começou por ser piromaníaco. Brincar com fogo era seu forte. Que grande incendiário ele se tornou!

De repente, não mais que de repente, vestidos e ternos pegavam fogo na solidão do guarda-roupa. Ninguém percebia nada até que o cheiro de queimado impregnasse o ambiente e todo o mundo fosse ver os estragos. Noutras vezes, a colcha da cama aparecia queimada exatamente na forma de um pé humano. O fogo destruíra as bonecas das meninas da casa. O então vigário, padre Coutinho, depois bispo auxiliar de Sobral, lembra que, na casa mal-assombrada, abriu uma gaveta que fumegava.

Queimava por combustão espontânea (ou diabólica?). Estava o nosso santo padre lendo o Breviário quando arrancam justo a página que estava lendo e a jogam no chão. Uma mão invisível fizera tudo aquilo.

O Cão era sedentário. Algumas vezes, porém, abria exceção. Por exemplo quando os donos da casa, fugindo às suas estrepulias, se mudaram para Sobral. Mal se instalaram na nova moradia, ouviram uma voz diabólica e zombeteira dizer:

“Vim a pé, mas cheguei primeiro”.

Eles foram, certa vez, a Fortaleza, a passeio. Estavam postos em sossego no bonde da Light quando o banco de madeira em que estavam sentados começou a arder.

Numa viagem ao Rio, hospedaram-se no Hotel Glória.

À tarde, quando faziam o *footing* no centro, suas malas pegaram fogo, com tudo o que continham.

Tão logo o casal retornou a S. Benedito, o Cão voltou às suas travessuras na terrinha. Ele não era apenas de tocar fogo nos objetos, não. Era também um grande brincalhão. Um cão moleque. De virar panelas no fogão. De mexer quadros na parede. De movimentar móveis na sala e nos quartos.

Pior, porém, ocorreu num jantar da família. O cão ficou percorrendo o prato de canjica, com o dedo, com tanta rapidez que esparramou a comida sobre a toalha, depois sobre o rosto e a roupa dos presentes.

De outra vez se divertiu, dançando. Tirou a dona da casa para dançar. E quase a mata de cansaço, pois o parceiro invisível a impeliu a dançar, durante quatro a cinco horas, sem parar, sem intervalo, sequer, para beber água.

Estou contando estas histórias, ouvidas na infância, porque ouvi falar de um pesquisador que está escrevendo sobre a cidade de S. Benedito, sem citar o Cão da década de 40, que tanto deu o que falar na Serra da Ibiapaba. Ele precisa descobrir porque o Capiroto fez tantas diabruras por lá.

Há uma versão antiga, que atribui as danações do Cão a castigo do céu. O dono da casa vivia amasiado, porque casado de papel passado e escritura assinada, com uma amazonense que continuou em sua terra, quando ele concluiu a aventura na selva. Somente anos depois, os filhos, já homens feitos, quando ela morreu, pôde casar no civil e no religioso, no Ceará. O Cão os perseguia porque viviam em adultério, em pecado.

Um amigo, pesaroso diante da dissolução dos costumes modernos que afligem a todos nós, respeitosos de Deus e temerosos do demônio, lamenta que não haja um Cão, como em S. Benedito, para atormentar cada pecador:

“Há tanta amigação no mundo de hoje que não há cão suficiente. O inferno não dá vencimento”.

Foi bom ressuscitar o Cão. Ótimo será sua multiplicação, a serviço da virtude. (13/08/89).

## O PADRE PALHANO

Ao entrar na vida solitária e rabugenta de dom José Tupinambá da Frota, o seminarista José Palhano de Saboia a encheu de luz e calor. Foi o filho que o Bispo não teve. Começou por melhorar a mesa do chamado Palácio Diocesano - que era frugalíssima - trazendo-lhe frutas importadas, trazidas da capital. Sua alegria de viver espantava as sombras do soturno sobrado onde se abrigava dom José. Levava-o a passear de carro, de avião, quando o via triste, melancólico.

Palhano era assim uma espécie de filho único. Por sua causa, o Bispo não hesitava em destituir um professor do Seminário. Aliás, ele foi ordenado sacerdote praticamente em casa, depois que foi despedido do Seminário da Prainha, em Fortaleza, por viajar, todo o fim de semana, a Sobral, sem licença dos superiores.

No interesse de sua carreira porque o queria doutor, seu bispo auxiliar, seu sucessor, mandou-o estudar em Roma. De madrugada, aos prantos, ralado de saudades, batia à porta do ausente, chamando-o:

“Zé da Palha, acorda. Acorda, está na hora.”

Para sossego de seu coração, Palhano logo voltava à terrinha, ao seu automóvel de luxo, à sua potente motocicleta, às acrobacias aéreas.

Muito inteligente e inquieto, não gostava de estudar. Por isso, pouco demorou na Universidade Gregoriana onde deixou mostra de sua versatilidade. Dom José enviou peças de artesanato e café para um cardeal, seu velho conhecido. Ao saber que o destinatário se encontrava em baixa no Vaticano, Palhano mandou o presente para outro, mais na moda, mais prestigiado pelo Papa.

Dispunha do dinheiro que queria. Tesoureiro das riquezas da Diocese, era ele quem distribuía seus cargos e suas honrarias. Largo e generoso, sua camioneta estava sempre à disposição da pobreza com quem gostava de conversar e conviver, para transportar convalescente de volta pra casa, parturiente à maternidade, noivos aos pés do altar. Em seu avião, carregado de doces e bombons para agradar as crianças. Gostava de levar as moças bonitas das cidades vizinhas para ver o céu de perto. Quando o padre-voador descia de sua máquina, vestindo elegante macacão, fazia disparar os corações femininos.

Era adorado. A matutada chegava a dizer que ele, uma vez, recusara ser Papa porque não quisera ficar longe dos amigos. Da próxima, porém, não escapava. Teria de deixar a terrinha, ir pra Roma chefiar a Igreja Católica. Simpaticíssimo, nenhum inimigo mantinha a cara fechada, quando se defrontava com seu sorriso.

Não era de surpreender entrasse na política, indispondo dom José com um velho aliado, Chico Monte, sogro de Parsifal Barroso. Foi candidato à prefeitura de Sobral em ruidosa campanha eleitoral de que o País teve notícia e que valeu ao Bispo - no fim da vida - humilhante inspeção do Arcebispo de Fortaleza, dom Antônio de Almeida Lustosa. Passava, em seu jeep, em frente ao sobrado de Chico Monte, agredindo-o e a intimidade familiar. O veterano político queria reagir, como de seus feitio e tradição. Era, porém, contido pelos seus, achando que a provocação tinha o objetivo de levá-lo à violência e à derrota da candidatura Parsifal Barroso ao governo do Estado.

Palhano ganhou. Dom José, que sempre fizera política partidária, pôde saborear seu último triunfo, presidindo almoço em homenagem ao novo prefeito. Logo depois, morreu.

Palhano, que não conhecia limites, não podia habituar-se à disciplina dos novos Bispos. Terminou excomungado por haver processado dom Valfrido Vieira, pena esta somente levantada na proximidade de sua morte, quando da passagem do Papa João Paulo II, por Fortaleza.

Entreteve polêmicas homéricas em que não hesitava em aludir ao homossexualismo de seus superiores, zoofilia e roubo de seus colegas de batina, adultério da mulher de seus adversários. Mantinha um jornalzinho, modelar nessa linha.

Quando ia mais odiosa e odienta a polêmica com o padre Sabino Loyola, suspendia a programação musical de sua Rádio Tupinambá para

lançar, no ar, edição extraordinária do jornal falado, anunciando a internação, em hospital de saúde mental de Fortaleza, do contendor:

“Acaba de sair, amarrado na carroceria de um caminhão, com destino ao Asilo de Porangaba, o padre Sabino Loyola.”

No mesmo diapasão, na Rádio Educadora, o adversário replicava num trocadilho de mau gosto:

“Palhano fedeu como seminarista, fedeu como padre e como deputado fedará.”

Inventou-se a esse tempo, historinha que bem demonstra o desconforto da cidade, com o destempero verbal de seus padres. O jornalista José Maria Soares, doce criatura, então diretor da Rádio Iracema de Sobral, teria comentado:

“Só tenho medo de que o monsenhor Fontenele queira vir para a Rádio Iracema.”

Era outro sacerdote famoso por suas cóleras.

Ao tempo dessa briga, Palhano pregava o boicote à rádio do Bispo, dirigida pelo padre Sabino:

“Não ouçam rádio que fale mal de padre.”

Padre Palhano, cassado, como deputado federal, por Castello, tantas inimizades semeara, foi residir no Rio onde se formou em Direito. Logo que pôde, voltou a Sobral, às polêmicas, aos divertidos banhos de saúde no Quebra, paradisíaca propriedade na serra da Meruoca. E à política.

Seu Costa foi seu amigo, até morrer. Certa vez, levou-o ao hospital para uma hemodiálise. No caminho, ele se queixou a meu pai de solidão:

“Pra você ver, Costa, como são as coisas. Eu, que tive tantas mulheres, morro sozinho.”

Minha mãe, que vinha no banco de trás no carro, repreendeu-o. Ele se desculpou, alegando não se lembrar de que ela estava presente. O galante padre morreu dias depois. Seu enterro foi uma consagração. Festa que gostaria de ter presenciado. A cidade, inteira, o levou à derradeira morada, lembrando seu charme, seus encantos, sua alegria de viver, perdoadando-lhe os arrebatamentos e as paixões que suscitara.

## JOSÉ SABÓIA, O OUTRO PATRÍCIO

Se houve rivalidade que durou a vida inteira, foi entre o juiz dr. José Sabóia de Albuquerque e o bispo dom José Tupinambá da Frota.

Eram dois bicudos que não se beijavam. Dizem que a ciúmeira começou em 1908, quando o padre retornou de Roma, laureado e explodiu, quatro anos depois, ao lançar loteria em favor das obras da Santa Casa, que o juiz mandou a polícia apreender, chamando seu responsável de contraventor pelo jornal *Pátria*, da família.

Em muita cousa se identificavam, principalmente no bairrismo. Por isso o bispo se rendeu ao rival, para sua mortificação, no comecinho da década de 1920. Teve de recorrer ao prestígio de seu irmão, Vicente Sabóia, junto ao Ministro das Relações Exteriores, a fim de não ser transferido para a diocese de Uberaba.

Por sua vez, convidado para integrar o Tribunal de Justiça pelo Presidente do Estado, o sobralense Moreira da Rocha, José Sabóia respondeu brincando: “Aceito, se o Tribunal vier para Sobral”.

José Sabóia (1871-1950) formou-se pela Faculdade de Direito de Recife. Ainda jovem estudante, salvou a vida de dois náufragos do navio “Bahia” em que viajava e que, à noite, colidiu com o “Piabanha”, gesto de bravura que lhe rendeu calorosas homenagens.

Juiz de 1892 a 1936, reinou absoluto na cidade até que foi aposentado compulsoriamente por dispositivo inserido na Constituição do Estado, com o objetivo expresso de afastá-lo do cargo e esvaziar-lhe a tremenda influência política que exercia na região.

Casado com dona Sinhá Sabóia, filha do falecido doutor Paulinha, falecido no Rio como deputado federal, neta do senador Paula Pessoa, “o senador dos bois”, durante cinquenta anos foi o homem mais importante de Sobral. Enfeixava o poder econômico porque era dono da fábrica de tecidos e de 16 fazendas de gado no Ceará e Piauí, herdadas do pai e do sogro. E o poder político porque controlava, com mão forte, a justiça, gozando a segurança da vitaliciedade de magistrado e o Partido Republicano Conservador, depois PSD, e, por fim, a UDN da zona norte do Estado.

Esteve quase sempre de cima, até mesmo no curto período de Franco Rabelo, apesar de seu pai haver sido vice-presidente do Estado, no primeiro período em que o comendador Nogueira Accioly foi alçado

ao poder. Conheceu a oposição depois da eleição de Menezes Pimentel ao governo do Estado, em 1935, decidida na Assembléia Legislativa pelo Smith and Wesson de seu ex-liderado, Chico Monte, que passou a ser, desde então, até o fim do Estado Novo, dono da bola e das camisas em Sobral. Antes, seu partido, o PSD, sofrera violenta resistência do bispo e do clero, que o chamava, dos altos dos púlpitos e no silêncio dos confessionários, de partido sem Deus.

Menino, presenciei a última polêmica que, apoiado pelos genros Plínio Pompeu e José Maria Alverne, Sabóia travou com o bispo e o padre Sabino Loyola, pelo *Correio da Semana*. Ele lançara seu velho aliado, o desembargador Faustino de Albuquerque, candidato ao governo do Estado pela UDN, sustentando sua candidatura contra muitas adversidades. D. José foi fundo na campanha do PSD que lançara o general Onofre Muniz Gomes de Lima, brandindo, contra o outro candidato, o anátema de ser apoiado pelos comunistas, apesar de arquiconservador e ex-presidente do Instituto Brasil-Estados Unidos. No auge da briga, o bispo escreveu artigo, sob o título “Por que vês tu o argueiro no olho do teu irmão e não vês a trave no teu?”. José Sabóia foi ao juiz Floriano Benevides e conseguiu ordem para publicar, no *Correio da Semana*, jornal da diocese, resposta sob o título “O meu anticlericalismo”.

Os céus, porém, não acudiram o candidato do bispo. José Sabóia fez cabelo e bigode. Elegeu o amigo do peito governador, fez do genro Plínio Pompeu senador, do outro genro suplente e a maioria da bancada federal da UDN. Morreu no poder, como sempre vivera. Não pôde, porém, por ter sido enterrado no Rio, usar o caixão de cedro, de árvores plantadas por ele no sítio Pedra Furada, na serra da Meruoca, que experimentava, para constrangimento do carpinteiro, que o fabricara.

José Sabóia sempre teve relações difíceis com a imprensa de sua terra. Ele sempre foi implacável com os jornalistas que “não conheciam seu lugar”. Quando rompe o século XX, está em guerra com Álvaro Ottoni, de *A Cidade*. Mais tarde, Vicente Loyola, de *O Rebate*, teve de depor perante ele, moribundo, apesar de atestado médico, fornecido por seu irmão, Massilon Sabóia, dando-o como inválido, o que teria apressado sua morte. Cordeiro de Andrade, o romancista de *O anjo negro*, foi por ele colocado diante do dilema: fechar *O Debate* ou ir para a cadeia. Preferiu se mandar, levando, pela vida afora, até à morte precoce, a amargura do exílio. Deolindo Barreto foi outro que o desafiou até seu trucidamento.

O doutor José Sabóia era mestre em colocar apelido nas pessoas, o que seguramente não lhe aumentava sua popularidade. Tinha também muito humor. Não gostava de que lhe batessem freqüentemente à porta do escritório da fábrica. Quando isso acontecia, repetidas vezes, queixava-se: “estou que nem rapariga nova. Todo mundo bate na minha porta”.

Nos últimos dias de vida, no Rio, recebeu a visita de um amigo que, para animá-lo, o achou bem disposto e saudável. Reagiu, com ironia: “eu sei que você morreu bem melhorado...”

Ante as limitações alimentares que o médico lhe impôs, indagou, então, do irmão Massilon:

“Será que posso comer, pelo menos, capim?”

Certa vez, quando lhe disseram que o deputado Egberto Rodrigues, parente de sua mulher, porquanto bisneto do Senador Paula, andava espalhando que ele era “bananeira que não deu cacho”, saiu-se com essa:

“Não tenho tempo a perder com recalques de nobreza arruinada”. (25/01/87)

## COLUNA DA HORA

Lembro-me dos azulejos do escritório da Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano e de uma camioneta em que se transportava seu proprietário, o juiz aposentado e chefe da UDN, José Sabóia de Albuquerque. Era um carro de luxo, aparentemente com madeira de lei no exterior. A mim, que era do partido adversário, o PSD, constituía sempre - apesar de tudo -, uma emoção ver apeiar-se do veículo o velho patrício. A Praça do Dr. José Sabóia tinha uma coluna da hora em cujo andar térreo se abrigava um bar. Ali, aos domingos, ia comprar uma cerveja para meu pai. Distráido como era, e sou, caí, deixei cair a garrafa que se quebrou e cortei um pouco o lábio superior, privando o autor de meus dias de sua *brama*. Naquela praça, durante algum tempo registrava-se o *footing* das moças casadouras, passeando, e nós, marmanjos, de pé, conversando fiado, fumando, de olho no olhar de alguma delas. Lembro-me de que ali funcionava o alto-falante da Rádio Iracema, naquele sobrado que foi pensão, foi residência da Maria e da Margarida Napoleão, em cujos baixos estava a farmácia de ambas. Uma noite, meninos, eu ouvi,

estava na praça com amigos, e tocou “Velha valsa, valsa amiga, tão boêmia como seu cantor”. E também “Suburbana, que estás por trás da veneziana, vem sorrir nessa canção”. Por que estas músicas ainda ressoam em meus ouvidos, quatro décadas depois?

## CHICO MONTE, O ÚLTIMO CORONEL

Chico Monte foi o último dos “coronéis” da política cearense. Filho de família tradicional, não quis estudar. Preferiu cuidar das fazendas que o pai lhe deixou e que não eram grande coisa em termos econômicos. Abriu caminho a ponta de faca e a golpes de astúcia, rumo à Câmara dos Deputados e à conquista do governo do Estado, por intermédio do genro Parsifal Barroso. Foi o primeiro deputado federal a morrer em Brasília, vítima das provocações dos adversários que o agrediam, tentando fazê-lo reviver a tradição de violência, o que, no fim da vida, no auge do prestígio, só lhe seria prejudicial.

Costumava dizer diante de algum crime de morte envolvendo correligionários: “é hora de enterrar o morto e absolver o que matou.”

Para ele, o político devia temer fama de rico, conquistador e valente. Do abonado, todos querem tirar dinheiro. O conquistador assusta maridos, pais e irmãos. O que possui fama de brigão sempre encontra quem queira testar sua valentia, desafiá-lo prum desforço.

Chico começou a vida pública como cabo eleitoral do chefe conservador, doutor José Sabóia, juiz e dono da fábrica de tecidos da cidade, eterno rival do bispo, dom José Tupinambá da Frota, por cujo partido se elegeu vereador à câmara municipal.

Em 1922, os conservadores estavam “debaixo”. Os democratas conseguiram a nomeação de um tenente de polícia, Castello Branco - famoso por botar cangaceiros pra correr no Cariri - a fim de conter suas tropelias e arruaças. Uma semana depois, Chico agride adversários políticos, na praça principal de Sobral, numa ensolarada manhã de domingo. A líder democrata, Dondon Ponte, dona do Hotel do Norte, concita o delegado a prendê-lo. Castello hesita. Ante notícia de nova provocação de Chico, Dondon lança, à face do hóspede, o desafio fatal:

“Se o senhor não tem coragem, me dê sua farda e vista minha saia, que prendo o homem...”

Castello Branco vai ao encontro do desafiante e é por ele mortalmente esfaqueado no baixo-ventre, ao final de um duelo de feras, travado lealmente em praça pública.

Absolvido, Chico, dois anos depois, é acusado de ser um dos executores do jornalista democrata Deolindo Barreto, inimigo jurado de José Sabóia, trucidado no início dos trabalhos da principal sessão eleitoral de Sobral.

Com a democratização do País após a revolução de 1930, busca espaço próprio e decide ser deputado estadual contra o antigo chefe.

Em 1935, na Assembléia Legislativa, sua argumentação é decisiva para a tumultuada eleição indireta do novo presidente do Estado, Menezes Pimentel, em face da indecisão de dois colegas:

“Se o doutor Pimentel perder, um de vocês sai daqui pro cemitério e eu pra cadeia.” Catequista tão convincente não ia perder seu latim. Pimentel se elegeu e ele afirmou prestígio político em todo o Estado.

Depois da queda do Estado Novo, para surpresa e irritação da aristocracia da cidade, elegeu-se membro da Assembléia Nacional Constituinte onde não deu um pio, como, aliás, aconteceu em sua longa trajetória parlamentar. A não ser quando se exasperou ante a virulência de ataques do comunista Trifino Correia ao presidente Eurico Dutra e, ágil, como um felino, saltou sobre várias poltronas, palavrões na boca e faca na mão, para sangrar o atrevido.

À essa época, querendo irritar um adversário, Paulo Sarasate, jornalista e intelectual, espalhou, perante os jornalistas do Palácio Tiradentes, que, na bancada cearense, havia três analfabetos:

“Eu, meu compadre João Adeodato e o Paulo Sarasate.”

Em 1950, voltou à Câmara trazendo o genro Parsifal como companheiro de bancada. Logo rompeu com o governador eleito, Raul Barbosa, que lhe prometera e não lhe dera o controle da Secretaria de Agricultura. Timbrando no falar sertanejo, garantia:

“Vou esperar, por ele, quatro anos, lambendo rapadura por trás do toco da aroeira.”

A tocaia não seria tão sofrida porquanto se filiou ao PTB do Presidente Getúlio Vargas, assegurando o controle de posições federais.

Quatro anos depois, Raul disputou e perdeu a cadeira senatorial para Parsifal Barroso, logo a seguir, nomeado Ministro do Trabalho de Juscelino Kubitschek.

Seu aliado Carlos Jereissati lhe trouxe então de presente, dos Estados Unidos, um revólver a gás, explicando assim sua utilidade:

“Chico, quando você for agredido, dá um tiro no agressor e ele fica caído, desacordado, permitindo a retirada.”

Ele não estava pelos autos e respondeu assim:

“Sair, nada. Vou lá e costuro ele de faca.”

Seus projetos não se esgotariam, porém, na reeleição à Câmara e na presença do genro no ministério.

Em 1958, Virgílio Távora armou esquema imbatível para se eleger o chefe do executivo estadual, prometendo fazer, de Chico ou alguém indicado por ele, vice-governador. Depois dum torneio de negaças, avanços e recuos, este, porém, levou o eixo da sucessão estadual para o sítio “Monte”, na serra da Meruoca, e arrebatou a governança do Estado para Parsifal Barroso. Quando Távora, finda a campanha, se queixou aos jornais de ter sido derrotado pela força dos dinheiros federais do DNOCS, ironizou:

“O Virgílio chora que nem bezerro desmamado...”

As coisas, porém, haviam mudado. Chico era deputado federal, há quinze anos. Convivia com os poderosos do país. Não se locomovia mais na burra de estimação, que o doutor José Sabóia tanto ironizava, mas em moderno avião particular. Fizera da filha única, Olga, primeira dama do Estado. Ocorre que, em Sobral, o Bispo, que sempre o apoiara contra o outro ilustrado patricio, agora se encontrava em trincheira diversa, patrocinando a eleição do pupilo querido, padre José Palhano de Sabóia, à prefeitura do município, sua base de sustentação desde 1947. Este e outros inimigos caprichavam nas provocações, nas agressões, nas calúnias, para levar o velho coronel de volta à violência costumeira e, agora, à derrota nas urnas. Para assegurar a vitória, ele, que jamais levava desaforos pra casa, era obrigado a se conter, em seu terreiro, em sua cidade, e isso lhe arreventa o coração bravio e indomável na solidão da nova capital da República, na metade do governo que conquistara e não veria terminar.

## DONDON PONTE

### Sinapismo

*Ele e ela*

*(comédia em 1 ato)*

– Casalzinho amoroso.

Iam juntinhos, mas não de braço, como disseram. Cada qual respondia melhor. Ele foi primeiro e disse que aqui não havia partido rabelista e ela disse que o *Correio da Semana* entrava muito na política. Aí ele disse que Deolindo não falava mal dos padres, em geral, e nem do padre Leopoldo em particular, apenas tirava prosa que ele é muito prosista, foi. Ela disse: Deolindo vai todas as noites no hotel e nunca falou de ninguém.

Agora, Lopes, nos diga: o que é mais admirável nesse colóquio, a ingratidão dele para com as rabelas ou o amor dela para com o padrinho? K. Listo (*A Ordem* de 26/05/1924, ironiza depoimento de Dondon Ponte em favor de Deolindo Barreto Lima, movido pelo padre Leopoldo Fernandes, diretor do *Correio da Semana* e eleitor exaltado de Belizário Távora, derrotado na disputa pela presidência do Estado por Justiniano de Serpa).

Menino ainda, conheci Dondon Ponte, sentada numa cadeira de balanço, na calçada do Hotel do Norte, apaziguada pela idade, em seus fervorosos ódios político-partidários.

A cidade inteira celebrava seus ditos espirituosos, seus desaforos, sua coragem. Eram citadas com admiração as respostas que dava aos hóspedes pretensiosos que procuravam seu estabelecimento. Viúva de Cosme Ponte, enfrentou, com desassombro, inimigos poderosos. Na República Velha, dava a maior força ao partido democrata. E ao jornal *A Lucta* de seu aliado político, Deolindo Barreto Lima. Por cortar o cabelo *à la homme*, por fumar em público seus charutos, por seu falar desabusado, Dondon causava escândalos a seu tempo, na cidade.

Rabelista rubra, inimiga jurada do doutor José Sabóia e de Chico Monte, dela se conta que, ao vê-los passar à frente de sua pensão, vestidos com a opa de irmãos do santíssimo, acompanhando a Procissão dos Passos, comentou, referindo-se a Jesus Cristo:

“Oh, homem bom pra ter irmãos ruins...”

Nery Camelo, em *Viagens na nossa terra* assim a viu: “Usa cabelos cortados à escovinha. De atitudes desassombradas. Dizem que, quando sai à rua, leva sempre um revólver dentro da bolsa e um punhal à liga. Temida pela sua mordacidade. Espirituosa e comunicativa, sua palestra constitui o melhor passatempo para os hóspedes. Mesmo para aqueles que não podem dormir à noite com as muriçocas...”

A propósito, um alemão se hospedou no Hotel do Norte. À noite, nada de conseguir pegar no sono, perseguido pelos pernilongos de picada mais funda que broca de perfurar petróleo. Queixou-se à hospedeira, que lhe recomendou apagar a luz para afastar os mosquitos. O hóspede atendeu à sugestão. Não obteve resultados. As muriçocas voltaram a atacá-lo, com redobrado vigor. Ele percebeu, além disso, a presença de vaga-lumes no quarto e falou:

“Dona Dondon, piorrou. Eles estão a atacarrrrr, agorrra de lanterrrrrna...”

Defensora da ecologia, ficava furiosa com qualquer dano causado às árvores. Certa vez, acompanhou, com muita atenção, todo o minuetto de jovem casal de namorados que se aconchegava debaixo de um fícus benjamim, próximo ao hotel. Lá pelas tantas, levada pelo hábito, a mocinha arrancou um galho de árvore e passou a morder-lhe o talo. Foi o bastante para ela sair com quatro pedras na mão na direção da namoradinha:

“Ótimo, minha filha. Coma esse galhinho que é muito bom para lombriga e é o que você tem e muito”.

Pelo que se vê, não tinha papas na língua. Desmontava qualquer um. Foi o caso de um cliente de origem modesta que voltara do Rio, próspero e cheio de riquififes. Ao café, começou a reclamar que não havia salame, bacon e outras ingresias. Ao ouvir as queixas, ela ali nas buchas, lhe desmanchou a pose:

“O que é que está falando, hein, seu Zé Chinelinha?”

“Nada, nada não, dona Dondon”, respondeu, assustado, o hóspede, já devolvido a seu natural, pela pontaria do apelido maldoso.

Outro cliente voltou para o hotel exasperado. Fora desfeiteado, no curso de uma discussão de que não se saíra bem. Ficou remoendo o fato, andando dum lado pro outro, dizendo:

“Porque eu sou é homem. Não sou de trazer desaforo para casa, porque sou é homem. Eu sou é homem”.

Depois de certo tempo, ante tantas reafirmações de sua virilidade, Dondon não se conteve e perguntou:

“E havia alguma dúvida a respeito?”.

O próprio Nery Camelo narra que ela se recusou a se deixar fotografar, com pergunta irônica:

“Então, você está fazendo coleção de animais antediluvianos?”

Ao longo dos dez anos de existência de *A Lucta*, Dondon, o Hotel do Norte, seus hóspedes, geralmente viajantes comerciais, estão sempre aparecendo no jornal. Daí as ironias do jornal da família Sabóia de Albuquerque à sua amizade com Deolindo.

Involuntariamente, conforme contei antes, precipitou uma tragédia a 7 de março de 1922, à hora do almoço, quando lhe chegaram notícias das estripulias de Chico Monte. Ela instou o chefe do destacamento policial, tenente Antônio Castello Branco, seu hóspede, a pôr paradeiro naquilo. O tenente acabou por atendê-la e foi morto. (11/01/87)

## UMA MULHER COM O CABELO NA VENTA

Para bem entender Olga Monte Barroso é preciso conhecer seu pai, Chico Monte, o último dos coronéis, homem público que conquistou o êxito, à base da violência física e da esperteza política.

Olga foi o filho homem que ele não teve. Daí ter sido sempre bravia, desaforada, autêntica. Nunca levou desaforo para casa. Enfrentou sempre, de peito aberto, o perigo, o adversário, a ameaça.

Por se mostrar assim franca e leal, incapaz de dissimulação, os jornais exploravam e muito a ascendência que exercia sobre o marido e que seria, no entanto, menor, muito inferior à de sua sucessora, Luíza sobre Virgílio Távora. Sem falar que ela era dona dos votos do marido, que, quando disputou, sem a proteção do sogro, cadeira de deputado federal pelo Partido Democrata Cristão, foi fragorosamente derrotado apesar de seu prestígio junto à elite intelectual católica.

O jornalista Sebastião Nery costuma contar haver visitado Fortaleza, a serviço de *A Tarde*. No táxi, ao deixar o aeroporto, puxou conversa com o motorista dizendo que vinha entrevistar o governador. O chofer foi logo dizendo:

“Que nada! Fale com dona Olga, que é quem manda no governo.”

Diz ele que, já ali no carro, definiu o título de sua reportagem publicada em Salvador e, posteriormente, transcrita, nos jornais do Ceará. O secretário do governo, jornalista Temístocles de Castro e Silva, lhe endereçou o seguinte telegrama:

“Volte a Fortaleza para morrer.”

Nery respondeu num sucinto despacho:

“Não volto”. E ficou nisso.

Nos tumultuados dias de setembro de 1961, Olga foi ao quartel da 10.<sup>a</sup> Região Militar libertar o auxiliar do marido, Temístocles de Castro e Silva, ali constrangido por haver defendido, em artigo assinado no jornal *O Estado*, a posse pura e simples do vice-presidente, ante a renúncia de Jânio Quadros. Empossado João Goulart, muitos dos oficiais rebeldes foram dispersos país afora, transferências que geraram ódio mortal. Sentimento que foi responsável pelo posterior seqüestro de Parsifal, quando, após assistir à posse do general Portugal Tavares, no comando do IV Exército, em Recife, foi transportado à força para Caruaru, onde o deixaram sozinho, a pé, às margens da estrada.

Durante o governo Parsifal Barroso, os jornais andaram lotados de notícias de contrabando de café, distribuído pelo sistema de cotas, a moageiras existentes ou não e, embarcado, depois, por intermédio de agentes da economia informal para as Guianas, para o exterior. Um dos mais notórios muambeiros da terra, para tornar a vida mais fácil quando, nas proximidades das cancelas de fiscalização da Secretaria da Fazenda, bradava, a plenos pulmões:

“Passagem pro café de dona Olga!”

Por conta disso, depois do golpe militar de primeiro de abril de 1964, ela respondeu ao IPM do café, presidido pelo major Egmont, filho de velho amigo e correligionário de seu pai, o ex-presidente da assembléia legislativa do Ceará, Joaquim Bastos Gonçalves. Magoada, humilhada pelo zelo revolucionário do outro, não se conteve. Endereçou-lhe bilhete que Egmont leu, perante as câmeras da TV Ceará:

“Egmont, dona Maria Alice, sua mãe, é uma santa. Você, porém, é um grandíssimo fdp!”.

A última vez que tive o privilégio de sua companhia foi numa viagem de Brasília para Fortaleza. Sentei-me a seu lado, porque gostava de ouvi-la contar seus “causos” e os “causos” do pai. Percebendo meu

pânico infantil lá nas alturas, providenciou logo o remédio: “Quer uís-que? Eu trouxe.”

Ofereceu-me o cantil, matou minha sede e contou do projeto de escrever a biografia do pai, começando por historinha que bem definia sua ética, seu estilo. Na juventude, Chico Monte presenciou briga feia. Terminada em morte dum dos contendores. E na fuga do sobrevivente. Quando a polícia chegou e o interrogou sobre o destino do matador, deu-lhe orientação errada. Para dificultar sua ação e facilitar a vida do fugitivo.

É que depois de tais ocorrências, sua filosofia era esta:

“Primeiro, vamos enterrar o morto. Depois, tratar de absolver o vivo.”

Olga Barroso foi personalidade polêmica e talvez estas mal traçadas linhas reacendam paixões adormecidas. É a homenagem que não posso deixar de prestar a esta sobralense bravia, que era muito gente. Olga era ainda uma mulher com cabelo na venta.

## O PAIOL DAS CANGALHAS

Muitas pessoas têm enorme facilidade de transpor a distância que existe entre a realidade e a fantasia. Saem duma pra outra como quem faz um parágrafo. Uma termina porque a outra começa e prossegue, audaz, sem que ninguém a atroleie ou lhe ponha freios. O que mergulhou nela, o fez tão confortavelmente que nem percebe que se afastou da realidade objetiva. Sua fantasia é sua verdade, verdade tão sua, tão própria, que a ela não tem acesso o comum dos mortais. Quem vive assim, neste espaço de sonho e imaginação, às vezes se irrita quando os outros não entendem, vêem mentira quando o que há apenas é fantasia, criatividade, imaginação.

À Sobral do meu tempo não faltavam empolgados barões de Munchausen, contadores de “causos”, e que geralmente haviam sido protagonistas, nos quais ficava difícil, senão impossível, distinguir o que era fruto exclusivo da imaginação ou apenas glamourizado por ela.

Um deles foi o lendário Messias Fonteles. Havia quem não acreditasse numa história de seu repertório em que ele, depois de penar fome, durante quarenta dias, no meio do mato, acordou e meio estremunhado, percebeu, então, que se encontrava diante de um rio de coalhada, ladeado

por ribanceira de cuscuz. Tinha, de fato, acontecido. A ele. Por conta de suas narrações fabulosas, um grupo de sobralenses, que se encontrava em Fortaleza, decidiu pregar-lhe uma peça, armar-lhe uma cilada. Contar-lhe história que superasse todas as de sua lavra. Quando ele chegou à roda, na porta do hotel da rua Senador Pompeu, um conterrâneo foi encarregado de lhe contar:

“Seu Messias, você não sabe o que acaba de acontecer, aqui na rua. Estou ainda pasmo. Pois bem, vinha ali das bandas da estação da estrada de ferro um caminhão em disparada quando, sem que ninguém pudesse esperar, surgiu em sentido contrário, em alta velocidade, uma motocicleta. A única coisa a fazer era tapar os olhos com as mãos para não ver a desgraça, a tragédia. Sabe, porém, o que aconteceu? O cara da motocicleta foi em frente, subiu ao motor, passou por cima da cabina, da carroceria e saltou lá adiante, prosseguindo, imperturbavelmente seu caminho”.

Ele deu uma risadinha murcha, como se tivesse sido derrotado, logo, porém, retornou ao seu natural e deu a volta por cima, perguntando:

“Sabe quem estava na moto? Quem era o motociclista?”

“Não”, respondeu o outro.

Ele, então, brincando com o suspensório, todo ancho, reintegrado em sua força, revelou:

“Era eu”.

Antônio Frota Cavalcante foi menino para a Amazônia, onde chegou a comandante de navio e donde trouxe algum dinheiro e muitos “causos”. Era forte em histórias de sua mocidade, principalmente em caçadas no antigamente chamado “inferno verde”.

Contava que, certa vez, se viu sozinho, no meio da floresta, diante de onça bravia. Cadê a espingarda? Ficara longe. Cadê a faca? Não tinha. O que tinha mesmo era um quicê de picar fumo, uma faquinha de menino. O jeito era arregaçar a camisa e ir à luta. Avançou contra a fera, dando-lhe uma facada na testa com tanta força que, de repente, se viu lançado por trás do animal que urrava, fazia força descomunal e ele segurando-a firmemente pelo rabo, até que a onça fugiu, sangrando, descascada, deixando-lhe o couro inteiro às mãos.

Doutra vez, não correu sangue, dado o seu bom coração e talvez graças à eloquência da besta. Iam ele e seu cachorro, na selva, quando avistaram outra onça que, preguiçosa, dormitava ao afago do sol matutino, ao lado das crias. Não teve dúvida. Aquela estava no papo. Fez pontaria

e se preparava para o tiro fatal quando o animal acordou, deu um salto e se pôs, de joelhos, numa clareira, implorando:

“Seu Antônio Frota, pelo bem de dona Dragomira, não me mate que tenho três filhos para criar”.

A súplica lhe pareceu tão comovida e comovente que ele baixou a espingarda, pigarreou e, emocionado, comentou com o cão:

“Nunca tinha ouvido onça falar.”

O cachorro confirmou:

“Nem eu”.

Uma vez, já de retorno a seus pagos, deixou ele, no gavetão da mesa da sala da casa da fazenda, uma dúzia de ovos e um saco de milho. Demorou a voltar. Quando apareceu, abriu a casa, ouviu uma piadeira sem fim e nada de identificar donde vinha o ruído. Até que abriu a gaveta e dela saiu uma dúzia de pintos, encadeados com a luminosidade, todos com uma asinha inclinada pruma banda, por conta da exigüidade do espaço em que o haviam nascido e de que ele libertara.

Campeão de reminiscências da Amazônia e doutros lugares por onde passara, era o juiz, depois desembargador e glória da magistratura cearense, Arnaud Ferreira Baltar.

Juiz de Sobral, gostava de transmitir a seus jurisdicionados imagens da riqueza do coronel Feitosa de Tauá, onde trabalhara. E narrava:

“O coronel Feitosa é rico, tão rico que, às terças-feiras, sai de sua fazenda uma tropa de trezentos burros do pé preto. Já na sexta, despacham mais trezentos burros, todos do pé branco”.

Um homem do povo, que ouvia, empolgado, a narrativa, riu. O juiz o percebeu e ficou bravo:

“Está rindo de mim? Não acredita na palavra do juiz?”

O cara se explicou:

“Acreditar, acredito, doutor Baltar. Só estava aqui imaginando comigo mesmo como era o tamanho do paiol das cangalhas”.

## O FIM DO VELHO SONHO DE SER UM BISPO COMO NOS VELHOS TEMPOS

Fui seminarista. Não dei no couro, porém, para funcionário do sobrenatural, agente do Céu aqui na terra. Foi ruim. Porque, afinal, meu sonho é (sempre foi) ser bispo de Sobral. Não desejava outra coisa na vida. E olhem que não seria desses bispos moderninhos, incrementados, camisa aberta ao peito, braços nus, calça jeans, chinela japonesa, não. Queria ser como o bispo conde dom José Tupinambá da Frota, com muita pompa e circunstância, cheio de pesadas correntes de ouro, arminhos, muito roxo, o pessoal me beijando a pedra do anel, de joelhos, como era naquele tempo. Seria bispo indulgente, muito indulgente com as mulheres bonitas no confessionário. Principalmente as pecadoras.

Minha irmã Lúcia costuma lembrar que, em seu testamento, o padre José de Alencar, senador e pai do romancista, confessa que, em virtude da fraqueza da carne, gerou não sei quantos filhos. Se fosse por Fortaleza, teria povoado o Ceará, sozinho...

Não julguem, pelo meu sonho frustrado, que a igreja abria a guarda para tais liberalidades. Não. Havia, de quando em vez, surtos severíssimos de austeridade. Um bispo, nomeado pro Ceará, chegou a Fortaleza, determinado a dar um “basta” em todos os arranjos dos padres. Teriam de observar, daí em diante, religiosamente, o voto de castidade, casar as “comadres” e nada de fazer sexo. Perturbado, apavorado com as novas ordens, um sacerdote quis saber dele:

“Excelência, nenhumazinha *pro salute*?”

“Não”, negou o bispo, inflexível.

Aliás, quando começava o ano no seminário de Sobral, dom José ia conhecer os novatos. Queria saber donde eram, filhos de quem, o que haviam lido. Um ano, notava-se o evidente desconforto de um dos seminaristas diante do interrogatório do bispo. Quando chegou sua vez, dom José perguntou:

“E você é filho de quem?”

Sem saída, o rapaz respondeu:

“Sou herdeiro do padre João Alves.”

O bispo teve pressa em sair dali.

Os padres, até algum tempo atrás, tinham o direito de contratar empregadas domésticas de idade que lhes cuidassem dos achaques

quando velhos. Os bispos exigiam que elas, as “canônicas” como se chamavam, tivessem, no mínimo, 40 anos (àquele tempo, as quarentonas eram velhas. Já haviam, há muito tempo, encostado as chuteiras). Por isso, um deles, espertinho, como quem não quer nada, consultou o superior:

“Excelência, posso ficar com duas de 20?”

Pra encerrar, conto “causo” parecido, história piedosa, edificante, dessas que levarão a mim e aos leitores aos caminhos do céu.

Um velho padre estava pra morrer em Mossoró, onde sempre vivera. O bispo encarregou um jovem sacerdote, cheio de vigor, com saúde de touro premiado – como diria Nelson Rodrigues – a fim de prepará-lo para a vida eterna. O moço era eloquente, era inflamado. Falou ao colega das belezas do céu, das recompensas que Deus reserva aos justos, da eternidade, cheia de bem-aventurança e de encanto que o aguardava. Entusiasmou-se tanto que chegou a ter vontade de morrer para usufruir logo de tais graças.

O velho sacerdote, melancólico e silencioso, assim que teve espaço, murmurou: “Está certo. Mas Mossoró é tão bonzinho...”

## **O ESTUDO E O AMOR**

Cursei a Faculdade de Direito por duas razões. Não havia, à época, bons cursos de literatura nem de Ciências Sociais, em Fortaleza. E, depois, por que queria ser, como terminei sendo, procurador de autarquia, cargo que pagava muito bem. Lembro-me perfeitamente da inveja que tínhamos dos procuradores do IAPC, autarquia de que meu pai era gerente em Sobral, que ganhavam nota preta.

Preparei-me no cursinho do professor Eleazar Teixeira, oportunidade em que conheci Paulo Elpídio de Menezes Neto, que, desde então, se tornaria um de meus melhores amigos. Tirei o 16º lugar, eu que nunca fui muito aplicado. Lúcio Brasileiro se gaba de ter ficado em terceiro lugar, ele que não quis, porém, ir até o fim, atrás do canudo de papel. Juro, porém, que a faculdade não me causou dano algum. Talvez porque haja cumprido o curso namorando na cantina, nas esquinas, nas salas de cinema. Saí dela tão virgem em Ciência Jurídica como

entrei. E no dia em que deixei de ser procurador do Ipase, doei todos os meus livros técnicos. Daí porque nunca tive coragem de usar o rico anel de chuveiro com que dona Dolores me presenteou, quando me formei.

Quando me submeti ao vestibular da Faculdade de Filosofia do Estado, em 1969, só tinha em mente paquerar. Saía da redação do *Correio do Ceará* e do *Unitário*, de que era Editor-chefe, diretamente para o exame e quase me machuquei. Até mesmo em português. Não sabia o que era catacrese, anacoluto, parequema, sínodoque. Figuras inúteis que só nos servem em tais ocasiões. O que me salvou foi redação. Tirei, acho, 5,5. Raspei o travessão. Meu amigo Matos Dourado ficou com 7,5 ou 8,5. Depois do batente, lá ia às fatigantes e sonolentas aulas, naquelas cadeiras duras. Não demorei ali dois anos.

À essa época, namorei Maria Helena, que era jovem e virgem como acontecia àquele tempo. Todavia, ousada o suficiente para manter romance escondido da vigilância da sua mãe, com um descasado com quem trocava enternecidos e intermináveis beijos à sombra das mangueiras da praça do aeroporto. Certa manhã de domingo, que dor, vi-a na praia, ao lado do aviador por quem me trocara. Doeu, daquela vez doeu. Passei recibo. Não escondi a dor de cotovelo. Não me acudiu uma pontinha, sequer, de amor próprio. Depois casou e o marido dela fugia, à noite, refugiando-se nas ondas do rádio-amadorismo.

Depois, ainda a perigo e a fim de me dar bem com as colegas, fiz o primeiro vestibular da Unifor. Para ciências econômicas. Eu, Dorian Sampaio e Danilo Marques. Estes movidos apenas por irrefreável curiosidade científica. Queriam ser Mário Henrique Simonsen, o Celso Furtado, o Delfim Neto, daqueles tempos. Como as moças não pintaram - hospitaleiras, acolhedoras e rapidamente, como sonhava - tranquei matrícula e fui cantar noutra freguesia. Dorian e Danilo, desestimulados, também encostaram as chuteiras mal o jogo começara. Vejam os leitores que brilhante carreira acadêmica teria feito se as moças me tivessem sido propícias, nas diversas faculdades que cursei...

## NA DÉCADA DE CINQUENTA

Nos anos cinquentista, Fortaleza era a capital dos clubes elegantes. Havia dezenas deles, alguns suntuosos, contrastando com a miséria geral, todos com clientela, origem e justificativas as mais diversas. De acordo com os maledicentes, tal exibição de luxo se devia às sobras dos dinheiros federais vindos para a realização de programas contra as secas. Outros, de língua ainda mais comprida, atribuíam aquelas sedes maravilhosas ao resultado do contrabando de cera de carnaúba e de algodão, tão freqüentes naquele tempo.

O certo é que, àquela época, em que poucos iam ao banho de mar e não havia boates, dançava-se a valer nos salões do Náutico, nas tertúlias (assim se chamavam as festas dançantes dos clubes) do Ideal, do Líbano, do Iate, dos Diários, do Iracema, do Comercial. Os bancários se divertiam na AABB. Os milicos no Clube Militar.

A diáspora de Massapê ia ao Massapeense que teve seus instantes de glória, graças ao prestígio político e à expressão empresarial de seus integrantes. Chegou até a receber a visita de Jacinto de Tormes, então refinado colunista social da capital do País, o Rio, e uma *Miss Brasil*, o que, naquele tempo, significava muito. A de Quixadá ao Quixadaense, a de Iguatu ao Iguatuense.

Existia até clube familiar, como o ASFAXIM, acho que era este nome, a Associação que reunia as famílias Aguiar, Ximenes, parentes e afins.

O Náutico Atlético Cearense era fortaleza da classe média e bastião dos bons costumes. Ostentava a sede mais luxuosa, possuía o maior número de sócios, comerciantes médios, funcionários, profissionais liberais. Tinha muito prestígio. Seu presidente era mais importante que muito Secretário de Estado. Sua diretoria deveria, posteriormente, fornecer líderes civis ao golpe militar de 1964. Era composta de puritanos, ativíssimos na defesa da moralidade. Ali só entrava casal. Esclareço: neste tempo, casal era homem e mulher. Só. Além disso, precisavam estar casados, de papel passado, na Igreja, escritura passada em cartório. Sem isso nada feito. Em nome da moral cristã, a diretoria não hesitou em solicitar ao senador Olavo Oliveira que abandonasse seus salões porque, desquitado, não era casado legalmente com a moça com quem vivia. Estávamos longe, muito longe

do divórcio. E em verdade, em verdade vos digo, graças a seu olho vivo, muita virgindade não foi ceifada pela concupiscência dos mais sôfregos e, por isso, nunca será devidamente louvada.

Mesmo os casados, nos salões alviverdes, tinham de andar na linha. Já contei, mil vezes, a história daquele casalzinho enamorado que dançava aconchegado em seus salões. Um diretor vigilante se tocou e chamou-lhes a atenção. O rapaz explicou, então, candidamente, que era recém-casado, estava em lua-de-mel, dançava com a mulher. O Catão não deu moleza, não. Pôs termos aos arroubos apaixonados com a indagação sutil:

“Não tem cama em casa, não?”

O Ideal Clube, bem mais liberal, era capaz de receber até casais que se haviam juntado, sem as bênçãos da Igreja, nem o “ciente” naquele tempo em que não havia ainda o divórcio, como espécie de sofisticado antro da corrupção...

Vocês vão dizer, lá vem o Lustosa com histórias de Sobral. Esta, agora, tem razão de ser. Na década de trinta, acho que foi em 1934, o Ideal retribuiu homenagem do Grêmio Recreativo Sobralense, o Palace Clube, com festa em sua sede, ainda localizada no bairro das Damas. Sabem como veio trajada a diretoria do clube da Princesa do Norte?

De casaca.

Daquela festa, ficou na memória registro da animação dos sobralenses numa frase:

“O José Maria Montalverne trocou de camisa, quatro vezes.”

Durante muitos anos rolou, na cidade, que senhora das mais respeitáveis de seu quadro social se apaixonou por um colar. Foi, várias vezes, ao joalheiro, namorar a preciosidade. Sonhava com ele.

Até que, nas proximidades do Natal, o joalheiro, abelhudo, lhe confidenciou que se tranquilizasse, não mais perdesse o sono, pensando na peça, porque ela seria sua. O marido já encomendara. Só faltava vir buscar. Ela ficou esperando.

Segundo as fofocas daquele tempo, no baile do *reveillon* do Ideal, ela, mortificada, viu o colar, tão desejado, esplendendo no colo da outra. Que diziam ser amante do marido.

A rapaziada de classe média adorava ir ao Maguary, presidido pelo sobralense Egberto de Paula Rodrigues, herdeiro de dezenas de milhares de hectares de terra na zona norte. De seus quadros, saiu uma

Miss Brasil, Emília Correia Lima, por sinal, nascida em Sobral. Claro, não era este o maior atrativo pra moçada. O que eles amavam era o centro do salão, o chamado “miolo” do clube onde se curtiam, sem restrições, porque a diretoria se lixava pros amassos dos casais.

O porteiro era “seu” Manuel. Pra conquistar seu coração, bastava saudá-lo, dizendo-lhe o nome:

“Boa noite, seu Manuel!”

Ele escancarava o riso de maus dentes e permitia o ingresso.

O Comercial Clube, que produziu uma *miss* Fortaleza de muito charme, Irineide Silveira, realizava suas “tertúlias” nas manhãs de domingo a que os rapazes compareciam devidamente trajados de paletó e gravata e as mulheres de longo, naquele calorão. O Edilmar Norões e o hoje professor universitário Luciano Gaspar, então cronistas sociais, eram mortos e vivos lá.

Ao meio-dia, o Norões, que era também locutor da Rádio Verdes Mares, anunciava que a orquestra tocaria o Hino Nacional, para que todos se pusessem de pé. Logo após, o presidente José Cláudio Oliveira soltava o gogó, numa oração patriótica porque, com frequência, estavam presentes o Governador do Estado e o Comandante da Décima Região Militar. O clube era tão importante que distribuía até títulos de Cidadão Cearense.

Um de seus diretores andava muito enxerido, atirando-se pras associadas mais jovens, certo de estar fazendo furor. Zéclaudio resolveu cortar-lhe as asas. No dia de seu aniversário, mandou o verbo, saudando o evento. E encheu a boca de primeiro cinquentenário, de meio século, dos cinquenta anos que o outro estaria fazendo. Não se sabe se a propaganda negativa, no tempo em que cinquenta anos eram muito tempo, contiveram os ímpetos do árdego colaborador.

## A CIDADE DA MINHA ADOLESCÊNCIA

Lembro a Fortaleza do final de 1955, quando aportei à rua Rodrigues Júnior, 380, de frente à mercearia do Francisquinho que, todo o santo dia, ia namorar a ex-mulher cujo retrato mantinha em lugar de honra no estabelecimento. Dormia, ali, à noite, sozinho, quando, às quintas-feiras, ia secretariar as sessões do Náutico. Uma madrugada, ouço um ruído na vidraça quebrada. Era um ladrão que tentava entrar. Le-

vantei-me rapidamente, acendi a luz, peguei um facão que ficava debaixo da rede em que dormia e abri a porta. O quase-assaltante saiu. Não se assustou com os meus gritos nem com a arma que brandia, afastando-se, sem pressa, da calçada da casa em frente.

Não havia, ainda, televisão. Nem poluição. O trânsito era ralo. Assim as pessoas colocavam as cadeiras na calçada, à tardinha, antes de ouvir a “Ave Maria” de Gounod, na PRE-9, para um balanço das novidades do dia.

Na Praça do Ferreira havia a Coluna da Hora antiga, em torno da qual se formavam muitas rodas de conversa, e o Abrigo Central, à cuja sombra, de dia, comprava jornais do Rio e, de noite, depois do expediente na *Gazeta de Notícias*, ia comer um pedaço de Souza Leão ou de Luís Felipe com refrigerante, antes de ir pra casa.

Os vendedores de peixe, de cuscuz, de miúdos de porco ou boi, lançavam pregões de suas mercadorias no silêncio das manhãs.

Éramos formais, muito formais. Íamos aos clubes, de paletó e gravata, em plena manhã de domingo. Só assim trajados podíamos entrar no Cine Diogo ou assistir às aulas na Faculdade de Direito.

O sexo não era risonho nem franco. A moçada de hoje, criada com a tranquilidade da pílula e o conforto dos motéis, precisa saber que, naquele tempo, não havia uma coisa nem outra. Quando um cidadão ia adquirir camisa-de-vênus, chegava à farmácia em horas mortas, esgueirando-se pelos cantos. E só fazia o pedido, murmurando-o entre dentes, a caixeiro do sexo masculino. Não tinha coragem de fazê-lo se fosse mulher que o atendesse.

Fazer sexo, porém, era uma festa nas grandes pensões dos subúrbios, a Margot, freqüentada pelas mais altas autoridades do Estado e do país, a Gaguinha, a Leila. No centro, eram mais modestas mas nem por isso menos animadas. Quase todas tinham orquestra com mais de doze integrantes. Eram a Nena, a Graça, a América, a Fascinação, a Cristalina, a Império, a Oitenta. As prostitutas eram conservadoras ao extremo, repelindo, em altas vozes e deliberado escândalo, qualquer proposta menos ortodoxa.

Tudo isso acabou. O amadorismo venceu o profissionalismo. Àquele tempo, não. As moças, que queriam conhecer o sexo antes do casamento, sofriam toda espécie de vexames. Os namorados levavam-nas aos chamados “chatôs”. Eram casas de cafetinas, geralmente sujas, que recebiam casais. Ou visitas masculinas para as quais vestiam meninas pobres com fardas da Escola Normal a fim de torná-las mais atraentes à freguesia.

Os mais abonados contratavam carros de praça dos postos Mazini, Nove ou Pará e tomavam o rumo da Praia do Futuro, então sítio ermo, distante. Lá, o motorista ficava sentado numa pedra fumando, olhando as estrelas, enquanto o casal se curtia no banco traseiro do automóvel.

É claro que a moça, além de correr o risco de ter de, eventualmente, bater à porta de uma “fazedora de anjos”, com todos os ônus daí decorrentes, ainda ficava falada. Quando o chofer passava em frente à sua residência, se sentia na obrigação de informar ao passageiro:

“Aí tem uma moça que dá.”

Sem falar na chantagem que outros rapazes, inteirados de sua liberalidade, faziam:

“Você saiu com o Fulano. Se não quiser sair comigo, conto a seu pai.”

Ainda assim, apesar dos riscos e percalços, ninguém deixava de transar, não.

## SONHANDO COM MESSEJANA

De quando em vez, sonho com nosso antigo sítio de Messejana, onde hoje se situa a Porciúncula e que meu pai torrou, depois de voltarmos a Fortaleza, para educar a filharada. É dor de cotovelo que não sara. Ali, durante muito tempo residiram seus pais, Chico Bento e dona Vitalina, com quem, às vezes, passava férias.

Revejo-me, menino solitário e tímido, debaixo da mangueira centenária que espalhava sombra amena e frondosa sobre a casa que habitávamos. Quase posso sentir, debaixo do pé cinquentão, a areinha fofa, macia e branca que pisava, andando pelo sítio povoado de mangueiras, cajueiros, pés de jatobá, de murici, de sirigüela.

O calçamento de Messejana era, então, longe, muito longe de Fortaleza. Os ônibus - que tomávamos na Praça dos Voluntários - velhos e maltratados, demoravam uma vida para chegar. Deles, descíamos diante do sítio de Rosa, solteirona, biruta que tinha mania de limpeza. Para matar a solidão, falava só, enquanto se escondia por trás de nuvens de poeira, varrendo seu terreiro. Às vezes, descompunha, dizia nomes feios contra galinhas que atrapalhavam seu trabalho. Para chegar à entrada de nosso sítio, passávamos pela bodega do Oliveira, que me dava bombons

coloridos. Àquele tempo, era um bom pedaço de areal que, diziam, se tornava perigoso, à noite.

À época (a gente sempre acha bom ou pensa que achou bom o tempo que passou) a inflação ainda não desmoralizava nosso dinheiro. Meu avô ganhava pouco ou quase nada com sua aposentadoria do IPEC. Hosames, outro tanto, no escritório de despachante de outro tio, seu irmão, Luiz Costa. Suponho que quem segurava as pontas era Dagmar, tia e amiga, professora em Cajazeiras, com o reforço de Abigail, que tinha bodega na Rua General Sampaio e que tantas vezes carinhosamente ali me acolheu. Dagmar adorava preparar doces exóticos e fazer bolos de carimã. Eram caprichadas as festas que promovia em honra de Nossa Senhora, com as meninas que criava ou vizinhas, vestidas de anjo.

Com muita garra, manteve, durante tempos, o jornal *Âncora*, onde conheci o grande poeta Francisco Carvalho, Manuel Aguiar Arruda, Alda Miranda entre tantos outros. Não esqueço os domingos em que o grupo de *Âncora* se reunia lá embaixo do mangueiral. De vez em quando, era necessário sacrificar mais uma galinha pela chegada de conviva inesperado. Não havia álcool. Eram tempos de sobriedade.

A grande aventura de menino era ir até o final do sítio, à casa de um preto velho, José Pinto, nosso morador. Lembro que seu terreiro era muito limpo. Quando aparecíamos lá, mandava tirar cocos. Como era bom beber água de coco, depois comer aquela laminha gostosa!

Íamos à missa no Convento dos Capuchinhos. Aos 16 anos, depois de deixar o Seminário, acho que estava distante de Deus, como acontece em tais transes. O certo é que, ao entrar na capela, não fiz a genuflexão de praxe, o que deixou meu avô, a quem acompanhava, muito magoado. Na vila, pontificava o vigário Padre Pereira, em guerra vã contra os namorados que escolhiam, justo a calçada de sua igreja, para a troca de carinhos mais ardorosos.

Não me lembro de um banho na lagoa, aquela em que Iracema, vinda do Ipu - que caminhada! -, fazia suas abluções. Sei porque me contaram que aí, quase morri afogado. Felizmente, escapei para contar a história e lamentar a destruição da lagoa. Meu coração bate como coração do menino que, há muito tempo, eu fui, quando revejo seus sítios, cheios de mangueiras, coqueiros, pés de sirigüelas e procuro, em vão, em mim, a criança que fui e que se perdeu ao longo do caminho! Ah! Messejana, que bom pedaço de minha vida vivi em teu chão!

## ÚLTIMO SALÃO

Enquanto esteve casada com Eduardo, Chiquita Gurgel manteve o último salão da sociedade cearense, liberal, generoso, desinteressado. Ela recebia todo o mundo que lhe parecia inteligente e de bom gosto. Acolhia, de preferência, jornalistas, poetas, pintores, boêmios, cada qual mais “duro” que o outro.

Certa vez, a instâncias de Lúcio Brasileiro, hospedou o entalhador Batista que, a este tempo, ainda não era famoso e se chamava Eugênio Carlos, tal qual o padre o batizara. Viera a Fortaleza vender quadros do amazonense Raimundo Andrade e títulos do Panorama Palace Hotel. O pai dele era amigo de Assis Chateaubriand dos tempos do Recife. Talvez por isso, aparecia muito na revista *O Cruzeiro*, que decantava suas façanhas amorosas em Hollywood, pra onde se mandara, a fim de se especializar no teatro de Shakespeare. Fizera algumas pontas em filmes e voltara à Pátria com a glória de haver roubado a mulher ao John Carradine, mãe do Kung-Fu, o que culminou em escandaloso “affaire” judicial.

Lembro-me de que, após um dia de boas vendas e carta da Mady, seu grande amor, o galã convocou a mim e ao Lúcio pra encarar umas perdizes no restô do extinto San Pedro Hotel. Fizera amizade com o maître e descobrira, perdidas, empoeiradas sem maior consideração na adega, algumas garrafas de Saint Émilion. Fomos, assim, à guerra santa. Só me lembro de que, às páginas tais, Eugênio se ergueu da mesa e, com voz tonitruante, acordou o hotel inteiro, interpretando Ricardo III, em bom inglês californiano.

## ERA TEMPO BOM

Aírton Rocha e Tarcísio Tavares lançaram, na TV CEARÁ, o programa “Perfil da Cidade”, de que participei junto com Lúcio Brasileiro, Frota Neto, Giácomo Mastroiani, Magola Martins, Hermínio Castelo Branco, o bom MINO, sob a batuta do Guilherme Neto. O patrocinador foi o Grupo J. Macedo. Comecei provocando o padre Arquimedes Bruno que, então, pintava como pioneiro da Teologia da Libertação:

“O senhor é comunista?”

Cometi o erro de não preparar a tréplica. O certo é que fiquei com cara de tacho quando ele me respondeu:

“Só pensa que sou comunista quem tem prisão de ventre mental.”

Lúcio tentou entrevistar Chiquita, que, atordoada pelo uísque ou pelo vallium ou pela mistura dos dois, desmaiou ante o fogaréu dos refletores e não respondeu a seu questionário proustiano.

Logo refeita, ela comandou belíssima recepção em nossa homenagem, com a presença de Olga e do governador Parsifal Barroso e *tout le monde*. O uísque jorrou como as águas do rio Acaraú, na temporada das chuvas. Não me sai da memória o tom vitríolico com que o romancista João Clímaco Bezerra, naquela memorável noite, analisava poemas febrilmente eróticos da dona da casa.

Tempos depois, ali foi sagrado “Sir” o então cronista social Klinger Mota, segundo rígido protocolo trazido da Inglaterra pelo coronel Emílio Burlamaqui. O agraciado velou, a noite inteira, antes que a anfitriã pousasse pesada espada sobre seus ombros, o que o deixava muito inquieto (“Cuidado, grande dama!” murmurava, a cada instante). Muitos estávamos fantasiados. Eu, inclusive, fui de saíote escocês de *tweed*. Também apareceu Frota Neto, então ativo na caça a forasteiras e nativas, tanto assim que um brioso marido teve de afastá-lo, certa noite, à força, do amasso com sua cara metade, bela morena de olhos verdes, pela qual andávamos todos apaixonados.

Vale a pena recordar boas coisas. O salão de Chiquita Gurgel foi uma delas.

## QUANDO ERA SÓCIO DE DEUS

Confesso: quando comecei a ter certo êxito no jornalismo, quis subornar Deus. Pensava em ganhar dinheiro e o fiz de sócio. Dava dez por cento do que ganhava à Igreja de S. Francisco, situada em Sobral, sob responsabilidade dos capuchinhos. Lembro-me de estar, uma vez, no balcão do Banco de Crédito Comercial, ali esquina com o velho prédio da Assembléia, fazendo transferência de dinheiro. Cláudio Castelo, que passava, ao me ver, entrou no banco. Ao saber do pagamento do dízimo, brincou: “Queres ganhar o céu com o dinheiro da iniquidade?”

Desisti de ficar rico e dissolvi a sociedade. Passei a investir o dízimo em uísque nas noites do restaurante do Ideal Clube.

Não nego, porém, que ainda hoje alguns dos meus negócios com a Providência Divina parecem comerciais. Dou esmolas mais generosas quando ganho um dinheiro que não esperava, alcanço alguma vitória, vivo momento prazeroso.

Noutros casos, a esmola constitui investimento. Dou aos pobres esperando receber de Deus retribuição generosa. Diretamente ou através de meus filhos. Em suma, quando faço o bem, estou sendo interesseiro, propondo ao Céu negócio que seja bom para mim, que remunere o investimento.

### **Old Parr seria melhor**

Frank Sinatra quis levar no caixão uma garrafa de Jack Daniel. Deus queira que quando eu bater as botas já funcione aqui em Brasília o forno crematório. Prefiro ser cremado. Quando souberem do ocorrido, os amigos bebam o que restar do meu Old Parr. Ou o *rouge* que estiver sobrando em minha adega. Nada de ir a cemitério, nada de choradeira.

### **Otimismo compassivo**

Jantava uma vez com a caçula do Beco da Piedade, a historiadora Isabel Lustosa, no restaurante do Hotel Ouro Verde. No tempo em que se tinha coragem de ir ao Rio e se freqüentava o Ouro Verde. Estavam lá o então presidente da CNI, Albano Franco, e a mulher. Ao sair, ele se despediu, com um aceno discreto e cúmplice. Atalhei a indulgência de que não precisava:

“Alto lá, Albano, é minha irmã!”

Coisa muito mais confortadora me aconteceu no trabalho de minha filha, na embaixada americana. Um vadio abalroara seu carro, quando da visita do Clinton. Nesses casos, a vítima fica a pé um bocado de tempo e ainda arca com o pagamento da franquia. Por isso, eu a levava à embaixada, todos os dias. Na portaria, um dos seguranças lhe perguntou se eu era seu marido.

Teve melhor. Um dia desses, entro num restaurante português com ela. O colega Jorge de Oliveira, um alagoano com bom rastro na grande imprensa, no seu canto, à espera de mesa, me olha meio feliz, meio desconfiado. Apressei-me em desfazer-lhe o otimismo compassivo, porque estes coroaos são cheios de expectativas ridentes: “Deixa de otimismo. É minha filha”. Só assim, tranqüilizado ou já despido de inveja, ele vem me abraçar.

## Aproveitar o restinho de ano

Quando a gente dá fé, passou mais um ano. Já estamos caminhando para o segundo semestre. Daqui a pouco terminam 98, 99 e estamos no ano 2000. Antigamente, nem sentia a passagem do ano. Agora, na boquinha dos sessenta, como dói.

## SAUDADES DA GAZETA

Foi na extinta *Gazeta de Notícias* que tive o primeiro salário. Pouco, mas o primeiro ganho com os miolos. Escrevendo.

Era independente, o jornal. Nada querendo do governo, dava um prejuízo brabo que o sócio majoritário, Olavo Euclides Araújo, custeava, vendendo quadras da terra pras bandas da Água Fria, hoje Bairro Edson Queiroz. Até que não pôde mais e passou a empresa adiante.

Outro de seus proprietários era Antônio Brasileiro, matuto sagaz e viajado de Caucaia, que implicava com a crônica social. Daí Luís Campos, o chefe da redação, de brincadeira, haver batizado de Lúcio Brasileiro a Newton Cavalcante, que, então, estreava no gênero.

O terceiro sócio era José Afonso Sancho. Lembro-me de que, no primeiro dia, me mandou escrever nota contra a COFAP, que incomodara um padeiro de Porangaba. Redigi-a rápido, como de hábito, e ganhei sua aprovação.

Entre os freqüentadores da redação, à noite, estava um médico amazonense, Vinícius Gonçalves (era assim que se chamava?), que era assíduo e se gabava de fumar vinte charutos por dia. Outro que aparecia era o poeta Rogaciano Leite, às vezes, depois de copiosas homenagens a Baco. Eu o acompanhava, inquieto, coração na mão, grimpando a precária escada que levava ao empoeirado sótão onde se situava a redação. O velho prédio era na rua Senador Pompeu, o mesmo onde meu pai vira, em meio à multidão de curiosos, morto, a cabeça inclinada sobre a mesa, seu fundador, Antônio Drumond, abatido a tiros.

O editorialista era G.S. Nobre a quem, adolescente curioso, crivava de perguntas sobre tudo e sobre todos, o que ainda faço, hoje, quando o procuro no Instituto do Ceará.

O repórter policial era Jonas Sampaio, o “Galeguinho”, que só vibrava com desgraça muita e chegava desolado quando a safra era escassa:

“Apenas uma tentativa de homicídio”, às vezes se queixava.

Entusiasmava-se com as grandes tragédias que galgavam as manchetes, como um desastre de trem, com dezenas de mortos.

Uma das novidades da redação era a presença feminina, a de Adísia Sá, que, às vezes, assinava suas crônicas, sob o pseudônimo de Moema. Repórter credenciada junto à Assembléia, uma vez ouviu do deputado Wilson Gonçalves a pergunta:

“Adísia, este Lúcio Brasileiro é sério?”

Cortou o papo, com rispidez:

“Não estou entendendo, deputado!”

De início, eu traduzia do espanhol telegramas da agência noticiosa INS.

Depois, escrevia tópicos que, à época, se chamavam *sueños*, publicados logo abaixo do primo-editorial do Nobre, em que defendia minhas causas da época: a criação do curso noturno da Faculdade de Direito e do Departamento de Provocação de Chuvas. Arabá Matos, Didi, Telmo Freitas, o Cirandinha, Manuel Lima, o fotografo, Yôyô, o gerente, mestre Feijão, o chefe da oficina, são nomes de que me lembro da equipe da velha *Gazeta de Notícias*.

## ESCREVER, UM VÍCIO

Escrever, para mim, é compulsão. Escrever me libertou da timidez. Escrever me pôs em contato com o mundo o que nem sempre é fácil, oralmente.

Adolescente, desforrava-me da solidão, produzindo três ou quatro artigos por dia. Para nada. Não havia quem publicasse.

Certa vez, muito na moita, achando que ia abafar, enviei carta ao suplemento literário de *Unitário*, oferecendo minha cooperação. Se não me engano, equiparava-me a João Clímaco Bezerra, Stênio Lopes, Otacílio Colares e outros cobras da época. Chegava até (vejam a audácia!) a solicitar remuneração financeira por meus escritos. Fiquei aguardando.

O certo é que estava de férias, em nosso inóspito sítio, às margens do açude Cachoeira, em Sobral, quando meu pai, ao final do ex-

pediente, de volta ao lar, descendo da charrete em que se transportava, me jogou o pacote de jornais de domingo, dizendo:

“Veja a vergonha que você me faz passar...”

Era o Jairo Martins Bastos que, na edição dominical de *Unitário*, fazia a maior gozação com o pretensioso correspondente. Levava, na maior troça, o menino do interior que sonhava escrever no mesmo jornal dele, no suplemento literário que saía àquele tempo.

Era empregado da secretaria do Náutico Atlético Cearense, quando passei no vestibular para a Faculdade de Direito. Precisava continuar trabalhando, durante o dia, para garantir a subsistência.

Sabem o que fiz? Fui até o todo-poderoso superintendente dos “Diários e Rádios Associados”, Eduardo Campos, pedir sua ajuda. Para campanha pela fundação do curso jurídico noturno. Ele, com a maior boa vontade, prometeu apoiar meu pleito. Pediu-me escrevesse a respeito.

Mal acabei de comer meu bife com ervilhas e alface, no pequeno restô da Loja de Variedades, me mandei pro escritório do clube em que trabalhava. Ali, enquanto não voltavam os outros funcionários, escrevi, velozmente, dois tópicos que logo deixei na redação dos “Associados”, num velho e desmantelado casarão da Rua Senador Pompeu a que, de quando em quando, estou retornando, nos meus sonhos. Dia seguinte, deslumbrado, experimentei a emoção de ver um deles, publicado, logo abaixo do primo-editorial do *Correio do Ceará*, escrito por Murilo Mota que, àquele tempo, fazia furor.

Quando apareci no jornal para agradecer ao Manuelito, ele me indagou à queima-roupa: “Quer trabalhar comigo?”

Temerariamente, impus condições, lembrado das ironias do Jairo: “Só se não for no jornal, nem de dia.”

Aparentemente, ele não se deu conta da minha petulância, pois concordou:

“Pois não é no jornal, nem de dia. É pra escrever a ‘Crônica do Ceará.’”

Quase caí pra trás de emoção. Afinal, iria substituir, aos 19 anos de idade, um profissional do nível de Blanchard Girão, que trocara a “Ceará Rádio Clube” pela “Rádio Dragão do Mar”, recém-fundada pelo PSD.

A “Crônica do Ceará” tinha o impacto de uma bomba, lida, ao meio-dia, na mais poderosa emissora da cidade, pela possante voz de João Ramos.

Lá sentei praça. Além do editorial, escrevia textos apaixonados (andava sempre apaixonado naquele tempo), lidos entre uma e outra canção romântica, interpretada por Guilherme Neto, seresteiro e amigo de fé.

Logo depois, Eduardo Campos me convidou para trabalhar, também, em *Unitário*. O secretário do jornal, o sobralense Felizardo Montalverne, andava brigado com Oscar Pacheco Passos, que produzia solenes e pachecais comentários políticos no outro jornal “Associado”. Viu, em mim, o concorrente para o inimigo. Deu-me todo o prestígio, fazendo-me logo titular de uma coluna, “Resenha Política”, que sustentei quente, apaixonada, alvoroçada até o ocaso da classe política de 1964. Meu pai escreveu, num esboço de memórias que deixou, haver ficado emocionado quando, no ônibus, de volta pro almoço, viu as pessoas abrirem o jornal, indo logo à terceira página, para me lerem. E que logo um deputado, seu colega de colégio e seu contemporâneo que o esnobava, voltou a falar com ele. Essa coluna era praticamente lida em “Estas são confidenciais”, meu programa na emissora, na hora do almoço, que também tinha seus ouvintes.

Veio a TV CEARÁ. Mais uma obra pioneira de Assis Chateaubriand. Houve tempo de preparação de pessoal para o novo veículo. Era uma programação local, difícil, dada a precariedade de equipamento de que saíram milagres. Principalmente na dramaturgia.

Cumpri curso, ministrado por Péricles Leal, para produtor de programas que, a esse tempo, se denominava realizador. Ao final, houve prova. Apresentei uma novelinha, um caso especial, como se diz hoje, baseado na morte de Sprandell pelos fascistas, cujo chefe ele assassinara, extraído do meu livro predileto de então, *Contraponto*, de Aldous Huxley.

Pessimista, não acreditei no meu trabalho. Tanto assim que, no final, escrevi, na gíria da especialidade: “Escurecimento sobre a carreira de realizador.”

Era engano meu. Passei. Não aceitei o lugar porque pagava pouco. Taí uma experiência que ainda faço, que ainda hoje me tenta.

Na tevê, tornei-me responsável pelo programa “Política, quase sempre”, de debates políticos, quase sempre de grande impacto, porque

eu não tinha muito juízo, felizmente, e não existia outra tevê, na cidade. O Renato Aragão satirizava as personagens das entrevistas em seu programa “Política, quase, quase”. Participei, ainda, do “Telejornal Crasa”, jornal vivo, dinâmico, feito por jornalistas que sabiam o que estavam dizendo e não bonecos bem penteados e otimamente encadernados, como se vêem hoje em dia.

Veio a eleição de 1966. Apesar de Eduardo Campos ser homem do golpe militar, tive, inventado pela amizade de seu vice na rádio e na tevê, Rômulo Siqueira, programa de televisão, intitulado “Perspectivas Cearenses”, para falar ao eleitorado. Não me elegi, porém. Tive tantos votos que me pareceram uma condecoração.

Depois, fui Editor Chefe de *Unitário* e do *Correio do Ceará*, posto de que saí, demitido estrepitosamente após haver escrito artigo violento contra o Governador do Estado e o Reitor da Universidade que estavam concluindo mandato. Dizia, a propósito, à época, ter sido atropelado por um fêretro. Aliás, dois, para ser preciso.

Neste período, o diretor comercial, por incrível que pareça, era o Guilherme Neto, cuja amizade foi preciosa para enfrentar um ou dois terremotos sentimentais que me acometeram. Ele escrevia gostoso, lembrando-me o estilo do Fernando Lobo, cronista e compositor de “Chuvas de Verão.” Adotava dois pseudônimos, o de Ivan Sodré e outro, deliberadamente suburbano, de Ivanise Santos. Eu andava demasiado prolífico, de modo que desapropriei os dois. Escrevia adoidado. Ele, às vezes, copidescava minhas crônicas. Muitas delas melhoraram muito e andam por aí fazendo algum sucesso, graças a ele. Gostava de escrever, assinando principalmente Ivanise Santos. O que levou o Geraldo Fontenele a me mandar, de gozação, carta anônima, facilmente identificável, até pelo portador, o soldado Herculano que trabalhava no Palácio da Luz, perguntando por que não me definia como Oscar Wilde ou como uma das Catarina das Rússia que acolhia, em seu leito democrático, metade da Guarda Imperial.

Nos “Diários Associados”, cumpri a parte mais importante de minha vida de homem de imprensa. Porque, quando me transferi pra Brasília, a fim de ser repórter de *O Estado de S. Paulo*, Oliveira Bastos me confiou uma coluna política diária no *Correio Braziliense*, o mais importante órgão da cadeia jornalística. Nele, falava mal do regime militar, o que me fez conhecido na Corte. Houve até quem achasse que dei alguma contribuição para o desmoronar da ditadura.

## O VELHO IAPC

De repente, me vejo menino, de cabeça grande, ainda sem óculos, martelando furiosamente nas máquinas do IAPC, repartição de que meu pai era agente. Escrevia para revistas infantis. Fazia encomendas de jogos e cadernos e livros à Cia. Editora Melhoramento. Fazia cartas para avós e tios. Era prolífico até dizer chega. Recordo o contínuo, o Carneirinho, que, parece, depois morreria assassinado. O Júlio Álvaro Coelho, marido de dona Gláucia, se coçando, de costas, na coluna da sala e me contando histórias picantes. Era pai do José Augusto Aragão Coelho, fiscal, que, uma tarde, depois de me irritar muito, me levar às lágrimas e ao desespero, me presenteou com um livro *Ali-babá e os quarenta ladrões*. De Dona Judilita Borges Monte, mãe do Zémonte, amizade que passou de pai para filho. Da Maria Célia Mendes. Da Carmindinha Pimentel. Do Clever Rocha, hoje seresteiro e cantor. E dos fiscais que apareciam, como o Edson Milbourges Ponte, pai desse médico de sólida reputação mundial, o Edson. De uma passagem do presidente do IAPC, depois senador Henrique La Rocque, em companhia de seu chefe de gabinete, Neiva Moreira, que iam, por terra, a S. Luís do Maranhão, terra natal de ambos.

Meu pai morava no prédio onde funcionava a repartição, o que era praxe naquele tempo. Assim, residíamos sempre em casarões, como o sobrado do bispo, hoje Museu Diocesano. A casa logo atrás. E a de esquina da Praça do S. Francisco onde foi, depois, a sede do Educandário S. José, então de propriedade de dona Dinorá Tomaz Ramos.

## DE COMIDAS E BEBIDAS

O primeiro restaurante de que me lembro ter freqüentado, com assiduidade, já empregado da Ceará Rádio Clube e do *Unitário*, foi o “Central”, ali na Floriano Peixoto, quase Praça do Ferreira, de propriedade do Alfredo Gurgel. Corado, mais pro forte, meio barrigudo, sempre de camisa de linho branco por fora da calça, cheio de histórias da Amazônia e de carteado, era bom anfitrião. Ia muito lá com Geraldo Fontenele e Narcélio Limaverde. Ficou famosa a história dum “vale” que fiz em seu caixa para ir jantar no Ideal. E também o grande número de

amigos a quem pedi que o procurassem, quando me mudei pro Rio em fins de 1966, pra quitação de pequena dívida que ali deixara.

Antes, a gente ia muito ao Drink Bar, de Irene, uma funcionária dos Correios. Ficava ali na General Sampaio, esquina com a Praça Clóvis Beviláqua, em diagonal com a sede da *Gazeta de Notícias* e da Rádio Uirapuru. Ali, num atentado que rendeu manchetes, atribuído pelas vítimas ao deputado Cincinato Furtado Leite, quase foram mortos a tiros Iranildo Pereira e Clóvis Lacerda que sustentavam o PSD de Santana do Cariri.

Logo começava a andar pelo Lido, freqüentado pelo Lúcio Brasileiro, que residia em frente, no Iracema Plaza Hotel. E pelo “Tony’s”, do Figueiredão, de enorme pança, ar bonachão, ali vizinho.

Quando me tornei responsável pela coluna “Resenha Política” (o título não fui eu quem escolhi), o Central já se mudara para a Avenida Beira-Mar, com o nome de Copacabana. Descobri que muitos de meus personagens podiam ser encontrados descontraídos, soltos, no restaurante do Ideal Clube. Principalmente os deputados do PSD, PTB, depois PTN, que apoiavam o governo Parsifal Barroso. Os udenistas, por motivos que jamais descobri, eram mais caseiros, saíam pouco. Fiz, do local meu reduto e ataquei, com tal intensidade, sua lagosta à baiana e seu uísque escocês que, certo fim de ano, tive de bater às portas do banco, pedir dinheiro emprestado pra quitar meus “vales”.

Airton Napoleão lera que Antônio Maria, às vezes, escrevia a crônica na pérgula do Copacabana Palace, e ficara impressionado com o fato. Num sábado à tarde, mandou vir a máquina de escrever para que, numa mesa do restaurante, eu produzisse minha coluna. Não deu certo.

A esse tempo, o restô se encontrava a cargo dum casal de judeus húngaros, os Navratill, que aportaram ao Ceará com uma filha solteira, a bela Hanna, pela qual muitos de nós andávamos perdidamente apaixonados. Oriel Mota gastava, no local, seus subsídios de deputado estadual, à espera de um olhar que jamais foi seu e, sim, de um aviador, pois, a esse tempo, as moças viviam de olhos postos no céu.

Como pagava minhas contas, possuí a desembaraço para dizer o que me dava nas ventas. Não gostei duma refeição e aproveitei um artiguete para dizê-lo, com bom humor. Contava da exígua porção de camarão que me fora servida e da pesquisa vã que empreendi, em meio ao arroz, ao molho, às batatas, para encontrar algum crustáceo. O velho Karell Navratill quebrou a cabeça, tentando entender a ironia.

Era, então, jovem e não me apraziam apenas os prazeres da mesa. Certo jantar, noite alta, céu risonho, como na velha canção, uma moça, que se achava ao lado, com parentes e aderentes, deu pra flertar comigo. Pois bem, a loura, pois se fizera loura com ajuda da botica, veio à minha mesa. Logo depois estava em meu carro, a caminho da então desolada praia do Náutico.

Quando chegou a oportunidade de explicitar-lhe minhas aspirações óbvias, fingiu surpresa, fingiu enlouquecer, não sei mesmo o quê. E saiu, gritando:

“É a carne. É só a carne.”

Talvez supusesse a ingênua donzela que a houvesse levado, naquele horário e tão prazerosamente, à solidão salobra da praia, atrás de peixe, de camarão, de lagosta. Não sei. Nunca o pude entender.

Depois, a casa ficou sob a responsabilidade de José Curi, que encostara o alaúde com o qual esperava ganhar a vida em Fortaleza e logo se fizera amigo de todos. Ele é que nem a cigarra da fábula, sem um teto de seu e não apenas por conta do amor das cartas. O coração é grande demais.

Basta contar que, durante algum tempo, se dedicou ao fornecimento de marmitas. O negócio até ia bem. Ele alegava, porém, não querer estragar a comida que sobrava, que não era vendida. Assim decidiu matar a fome de alguns pivetes que faziam ponto perto de seu trabalho. No começo, eram cinco, seis. Depois uma multidão de crianças pobres à espera da refeição. Claro que o negócio foi pro brejo.

Quando publiquei *Fortaleza, meu amor*, pedi ao fotógrafo que captasse o Curi, em ação no comando do restô do Ideal. Pra minha tristeza, ele não entendeu. Não quis. Por isso, o livro só traz retrato de uma personalidade, a do Francisquinho, que morava de frente a nós, na rua Rodrigues Júnior, aquele bodegueiro desquitado que, todo o dia, ia namorar a ex-mulher.

Freqüentava também, aos sábados, o armazém do Genésio Queiroz, na Sena Madureira, levado pelo José Júlio Cavalcante. Lá bebia o uísque do rei do açúcar com o herdeiro Edson - que ainda não era o empresário de prestígio nacional, mas já prometia - os genros Ney Rebouças e Eduardo Leite. Também aparecia o poeta Otacílio Colares. Às vezes, saíamos dali pro almoço no restô do Náutico.

Tempos depois, o uísque dos sábados era à beira da piscina da casa hospitaleira de Irene e Cláudio Martins, onde nos entretínhamos, assistindo à costumeira polêmica do dono da casa com o bardo Otacílio Colares. Ou, então, *chez* Milton Dias, na rua Coronel Ferraz, Praça da Escola Normal, onde o grande cronista e doce amigo era vizinho de si mesmo, pois morava parede e meia com a mãe.

Diarista era, nos crepúsculos, no restaurante do Savannah Hotel, na Praça do Ferreira, com Danilo Marques. Em 1966, na disputa duma cadeira de deputado federal, tive, porém, de fazer sacrifícios. Um deles: deixar o uísque do crepúsculo pra sair com Mauro Benevides, em sua camioneta Rural Willys, rumo ao subúrbio mais remoto, em busca de votos. Ele detestava bebida e eu, que precisava de seu apoio, contentava-me com o indigesto Campari. Não se esgotavam aí minhas humilhações. Ao fim de nossas preleções eleitorais, o dono da casa, geralmente, nos oferecia refrigerante quente pois, pobre como Jó, não tinha geladeira. Mauro então passava a bola adiante: “Não quero, não, compadre, porque estou empachado. Mas o doutor Lustosa aí é doido por Fanta.” Lá me cabia consumir a beberagem. A tais sacrifícios nos leva o povo.

## QUASE PIGMALIÃO

Dei um duro danado pra comprar meu primeiro fusca. Um candidato a deputado me contratou para fazer sua campanha. Isto é: bolar *jingles*, mandar gravá-los, escolher cartazes, escrever discursos, ensiná-lo a fazer a devida leitura, o diabo a quatro. Lembro-me dele, no fundo da rede, tentando pronunciar, em vão, o nome de Getúlio Vargas (ele, não sei porquê, não dizia o *i*), da peça oratória que lhe escrevera. Virei-me em dez pra juntar o precioso dinheiro, destinado a me motorizar. Logo espalharam que o meu Fusquinha havia sido presente de Carlos Jereissati, enquanto o Dauphine de Lúcio Brasileiro saíra da bolsa de José Dias Macedo. Que nada! Infelizmente, não era verdade. Fora um dinheiro suado, espremendo os miolos.

A inveja, porém, não ficou nisso. Deixei o carrinho no estacionamento do restô do Ideal, ali debaixo da janela do cassino, e fui prestar minhas homenagens a Baco. Quando me dispunha a voltar pra casa, percebi que um malvado riscara, com um prego, indelevelmente, o capô

do veículo com dúvidas (aliás ele não nutria dúvidas, tinha era certeza) sobre minha masculinidade. O que fazer? Nada.

Durante a campanha eleitoral, findos o namoro e as aulas na Faculdade, lá ia à casa apalacetada de Raul Carneiro, na Avenida Santos Dumont, onde se reunia a corte de Carlos Jereissati. Depois que este se inteirava das novidades do dia e despachava com o último correligionário, levava-o, no meu fusquinha riscado e amarrotado, pra sua morada, na Tristão Gonçalves.

No peito e na raça, ele enfrentou a confederação das oligarquias que receavam seu aparecimento, como força de renovação, e a ascensão de Adail Barreto, tido como esquerdista, ao governo do Estado. Definiu a vitória na capital com seu excelente (e inesperado) desempenho na TV CEARÁ. Os que lhe viram a fala, lembram do seu gesto com as duas mãos na direção do ventre, como querendo mostrar a tentativa de açambarcar o Estado pelas correntes políticas tradicionais, agrupadas na chamada “União pelo Ceará”. O eleitorado o entendeu. Espalhou-se que Álvaro Costa e eu havíamos bolado a apresentação que lhe rendeu a vitória. Nada disso. É certo que ele treinou o programa conosco. Seus efeitos especiais, como o gesto para condenar o “acórdão”, constituíram surpresa até pra nós. O mérito assim foi só dele.

Que nem o do professor Moraes, que Danilo Marques levou ao nosso escritório e de Dorian Sampaio, para o promover de segundo suplente de vereador a deputado federal, doze anos depois. Toda a tarde, ele ia nos pedir temas, sugestões e treinar sua apresentação no vídeo. Aproveitou e melhorou várias propostas nossas, rejeitando, porém, minha idéia de dar um passeio no elefante do Jumbo (que vinha de ser inaugurado em Fortaleza) pela Avenida Beira-Mar. Vamos ser justos. Suas falas foram sempre melhores do que as do nosso roteiro. Conquistou, assim, três mandatos consecutivos.

## VERSATILIDADE

O pessoal da UDN do doutor José Sabóia costumava aludir à extrema versatilidade dos eleitores de Chico Monte, do velho PSD. Para ilustrá-la chegavam a contar a história de uma senhora, cabo eleitoral pessedista, que, no fim do dia da eleição, se apeava da camioneta Dodge do líder, arrebetada. Fatigada da maratona:

“Que diabo. Pra outra o compadre Chico Monte não me pega. Estou arriada, estou morta”.

E contava:

“De manhã cedo, votei na Meruoca. Na hora do almoço, votei no Jordão. E, agora, estou chegando do Patriarca onde também tive de votar. Estou arrasada”.

“O pessoal votaram...”

Os pessedistas de Santana do Cariri, Paes de Andrade e Iranildo Pereira, à frente, contavam, no passado, a saga de correligionário, exilado no Crato por razões políticas que, numa eleição, correndo todos os riscos, decidiu subir a serra pra votar. Não se deixara intimidar pelo poderio dos Furtado Leite, Hildo e Cincinato, da UDN. Penou até encontrar uma camioneta que quisesse transportá-lo. Aconteceu que, no meio do caminho, por azar, o carro deu o prego. Empacou que nem jumento ruim. Nada de sair do lugar. Já era tarde quando o tenaz cidadão conseguiu burra emprestada em cujos costados chegou à cidade. À seção eleitoral. Quando se apresentou ao presidente de mesa, este pegou seu título, examinou-o com cuidado, conferiu a foto com a feição do candidato e só então foi procurar seu nome na lista respectiva. Lá descobriu, pra escândalo seu, que o moço já votara. Deu-lhe a maior bronca:

“Você já votou. Quer votar outra vez? Quer fraudar a eleição? Não sabe que votar duas vezes é crime? Posso prendê-lo em flagrante”.

O pobre do eleitor saiu dali, murcho, frustrado, agradecido a Deus de não ver o sol quadrado. À saída, um amigo lhe perguntou:

“Como é? Ainda conseguiu votar?”.

Apontando, com o queixo, o interior da sessão eleitoral, respondeu, fulo da vida: “O pessoal votaram...”

Na Pátria Velha, em Guaramiranga, o velho Chico Linhares, a cada eleição, amargava um desgosto. Não obtinha, como outros chefes políticos do interior, a consagração da unanimidade pros seus candidatos. Tudo por conta da teimosia, da birra dum tal Ismael Pordeus (não era o historiador) que votava contra ele. Aconselhado por amigos, na proximidade de certo pleito, convocou os préstimos de um certo Luizinho Batista, catequista capaz de converter o incréu mais renitente. A ele coube, assim, presidir a sessão eleitoral e mostrar, então, a validade de

seus métodos persuasivos. A sala estava repleta quando chegou Pordeus. Chamado em voz alta pelo secretário, soltou o título sobre a mesa e foi cascavilhar os bolsos, à procura dos óculos. Quando os encontrou, quando os enganchou sobre o nariz, o título havia desaparecido. Foi a maior discussão: “Deixei aqui. Não deixou. Alguém roubou. O senhor está me chamando de ladrão? Me respeite. Não sou homem de duas conversas”, era o que se ouvia do bate-boca. E nada de reaparecer o título. Tudo parecia resolvido quando o dissidente mete a mão no bolso da calça e saca dele a segunda via do título de eleitor. Por esta, Luizinho não esperava. Pálido de espanto, decepcionado, frustrado, só pôde estender a mão à palmatória, murmurando:

“É, um homem prevenido vale por dois”.

Em campanha, o candidato é o otimista profissional. Tem de acreditar em suas possibilidades. Pra persuadir os outros. Se não está convencido da própria vitória, como convencerá os eleitores?

Deu-se o caso que Vicente Gomes Parente, vulgo Pipiu, militante político desde os tempos de Franco Rabelo, cansou de pedir votos pros outros. E se perguntou:

“Por que não eu?”

A resposta foi o lançamento de sua candidatura a uma cadeira na Câmara Municipal de Sobral.

A decisão foi calorosamente recebida pelos amigos. Pela família numerosa e ilustre, então, nem se fala. Toda ela se comprometeu com o candidato. Pra votar e não só isso, suar a camisa, trabalhar. Era natural que, em pouco, se considerasse vitorioso, eleito. Os pré-vitoriosos são generosos. Certo crepúsculo, depois de tantas homenagens colhidas na rua, voltou pra casa e disse pra mulher:

“Estou eleito. E eleito folgadoamente. Se você quiser, pode votar naquele seu primo candidato, para ele não fazer feio nas urnas”.

Veio a eleição. O primo ganhou. Pipiu só teve um voto: o seu.

Zé-de-Sales não era apenas aquela figura folclórica dos oficiais de Justiça de Fortaleza: com unhas enormes feito o Zé-do-Caixaão, pés compridos, intermináveis, terno escuro, camisa clara, gravata roxa, chapéu de madeira compensada.

Era também um filósofo. O nosso Barão de Paranapiacaba cabeça chata. O Rochefoucauld cearense. Dizia: “Armador baixo é econo-

mia de corda. E urubu não come mato”. Ou, então, sentenciava: “As lagoas do Ceará não tomam água porque são propriedade privada”.

Além de frases, alimentava projetos, um deles encanar o vento da serra de Maranguape pra amenizar o calor que fazia em Fortaleza. Pra viabilizá-lo, urgia eleger-se vereador. Candidatou-se. Foi à luta. Gastou a sola do sapato no centro e nos subúrbios. Percorreu toda a capital, distritos inclusive. Uma canseira. Trabalhão de candidato a deputado federal. Veio a eleição. A apuração. Ele todo apetrechado, aparelhado para registrar a vitória, em detalhado mapa, com espaço para cada uma das urnas de Fortaleza. Aconteceu, porém, o que não se podia prever. O desastre. Os eleitores se esqueceram dele. Firme na apuração, Zé-de-Sales não arredava pé de seu posto nem pra beber água. Ia anotando, zero, zero, zero. Os mesários perguntavam-lhe, de brincadeira:

“Quer que some?”

Já eram duas horas da tarde. Nenhum voto lhe aparecera. Ele firme, na vigília. Um amigo, olhando o mapa, pontilhado de decepções, se ofereceu pra substituí-lo:

“Zé, vá almoçar. Enquanto você almoça, fico em seu lugar, anotando os votos.” E continuou escrevendo zeros no mapa.

Mais tarde quando lhe perguntavam pelo resultado do pleito, não dava o braço a torcer. Respondia, contristado:

“Não tive nem 400 votos”.

Não estava mentindo. De fato, não recebera quatrocentos votos. Apenas 18. (17/01/93)

## QUANDO IA SER DEPUTADO

Ocorreu-me em 1966 a aventura eleitoral. Repórter político, pretendi passar de espectador a ator, a protagonista. Com a coragem e a cara. Hão de querer saber por que não quis começar do começo, não sonhei com uma cadeira na Assembléia Legislativa, na Câmara de Vereadores. Simplesmente, pelo medo da proximidade do eleitor, da pressão da clientela miserável. Nada me aterrorizava mais que a perspectiva de acordar com um louco amarrado à porta de casa, para eu internar de qualquer maneira, e sabia que este era um dos desafios do cotidiano de vereadores e deputados cearenses.

Obtive a mais calorosa solidariedade dos colegas de imprensa. Deram-me notas simpáticas, elogios, torcida. Dois deles se encarregaram, do livro de ouro, arrecadaram dinheiro para a campanha. Um outro, Dorian Sampaio, no segundo mandato de deputado estadual, fez dobradinha comigo, ele que, no pleito anterior, votara no homem mais rico do Ceará, José Dias Macedo. Graças a seu prestígio, recebi votos no interior, não, porém, o suficiente para me eleger.

Levou-me a Aracati. O que podíamos, porém, fazer ali contra Abelardo Costa Lima, que continua a ser o dono das bolas e das camisas e que, àquele tempo, disputava votos com outro descendente de família tradicional, Ernesto Gurgel Valente?

Sem falar que integrávamos uma sigla maldita, o MDB, que amedrontava o eleitor dos pequenos aglomerados urbanos. Aliamo-nos a um enfermeiro, Mário della Rovere, líder populista que se dizia descendente direto dum papa. Sei apenas que, no primeiro comício de que participei, ousei denunciar:

“O Abelardo costuma dizer que não se incomoda com o que o Dorian e o Lustosa falam. Acha que o povo do Aracati é como um cachorrinho, que vai correndo se ele o chamar, estalando os dedos.”

A coisa pegou. Pegou tanto que fui o candidato a deputado federal mais votado na cidade.

É claro que nem tudo eram flores. Chegamos a um distrito perdido cujo nome não resistiu ao olvido e não houve quem quisesse nos acolher. Trepamos a um caixão de querosene e discursamos um pro outro. Lembro-me de assim saudar o companheiro que havia sido expulso do programa de propaganda eleitoral gratuita na televisão porque se metera a fazer gracinhas com as forças armadas, chamando-as de “Helenas Rubinsteins da democracia”: “Dorian Sampaio, pugilista da democracia, boxeur da liberdade.” Fomos e voltamos sem um aperto de mão de qualquer dos moradores do lugarejo.

Dorian havia sido bem votado em Uruburetama, terra de Florinda Bulcão. Levou-me lá com ele. Era praxe que os candidatos subissem a serra, a cavalo. Há séculos, não montava. Tive de fazê-lo. A cavalgada saiu da porta da casa de nosso candidato a prefeito, João Galdino. Eu, candidato ao mandato mais importante na disputa, o de deputado federal, não saí do lugar. O cavalo conhece o cavaleiro. O meu, ciente das deficiências de quem o tentava guiar, empacara. Não havia jeito de fazê-

lo andar. Era situação que não se podia admitir. Dorian voltou pra mo dizer. Fiz das tripas coração e usei o chicote. Galopamos. Medo era o que não me faltava, mas o ginete não desconfiou. Rendeu-se e nos emparelhamos ao restante da comitiva. Cada vez que o cavalo, numa descida, pisava em falso, o coração queria-me sair pela boca. Quando sua pata escorregava numa grotá, numa loca, lá embaixo esperavam-me as fauces aterradoras do abismo. Ia, porém, em frente, sonhando com as paradas para descansar as partes mais sofridas do corpo, chupar laranjas da serra, deitar no friozinho do chão de cimento do alpendre das casas.

No meio da subida, ocorreu-nos ir à casa do Gabrielzinho, influente cabo eleitoral. No pleito anterior, não tivera qualquer problema em votar no Macedo. Como Dorian mudara de parceiro - quanto mudará! - se desobrigou de apoiar seu companheiro de chapa. Vendera os votos ao Wilmar Pontes.

(O Wilmar negociava a compra em termos estritamente monetários, sem qualquer concessão ao romantismo. Acertava, por exemplo, a aquisição de votos pelo equivalente a cem mil dólares. Aí o cabo eleitoral acrescentava um “porém”. Queria saber das nomeações que ele arranjaria, das posições estaduais, das verbas públicas que conseguiria. Wilmar, então refazia tudo, poupando-se aborrecimentos:

“Ao invés de cem mil, dou-lhe duzentos mil dólares com a condição de você nunca mais me procurar.”

Não sei se as palavras eram estas. O que ele queria era resumir o acordo a dinheiro e não ficar devendo qualquer obrigação política ao cabo eleitoral e ao lugarejo que habitava.

Pois bem. Gabrielzinho nos recebeu meio sem jeito, desconfiado. Sentamos no alpendre, jogando conversa fora. Era um papo descozido que não ia nem voltava, não saía do lugar. O que ele queria era ver-nos pelas costas. Nós, porém, estávamos famintos. Não havia onde comer nas redondezas. Dorian, desembaraçado, cobrou:

“Não se come nessa casa, não?”

O anfitrião explicou que não nos esperava, não o havíamos avisado, não sabia que vínhamos almoçar. Estava desprevenido.

“Qualquer coisa serve”, insistiu Dorian.

Gabrielzinho resmungou algo, a respeito duns preás.

“Que viessem os preás”, rogou Dorian.

Cozidos, n’água e sal, por um ex-correligionário, sem nenhum intento de agradecer, imaginem como ficaram os preás!

Lembro-me de que, por baixo da modesta mesa de refeições, havia intenso e desenvolto tráfego de cães e galinhas. Ainda quis encarar o rato do mato. Não deu. O que fazer? Enquanto Dorian conversava animadamente, joguei, com discrição, os bocados que me couberam, aos pés, onde os cães domésticos os devoraram com valentia. Contentei-me com pedaços de batata doce.

Só de mal, pra agravar meus padecimentos, de quando em vez Dorian indagava:

“Está bom o preá, jornalista? Não se encabule, não. Mais um pedacinho.”

E tascava mais preá em meu prato.

Na volta, tentei descer de bicicleta. Foi pior, muito pior. Mais arriscado. Afinal, não havia freios que agüentassem. O jeito foi, humildemente, voltar ao cavalo que, de longe, silencioso e zombeteiro, testemunhava minha rendição.

O bom e generoso povo de Uruburetama, berço de Florinda Bulcão e de outras glórias cearenses, compreendeu a extensão de meu holocausto hípico e procedeu, nas urnas, com justiça, ao ressarcimento de minhas angústias, meus penares e minhas assaduras.

## FOI HÁ VINTE ANOS

Ainda não era democracia. Tanto assim que fuzilavam comunistas, a torto e a direito. “Suicidavam” presos políticos. Retornara, contudo, a liberdade de imprensa. E já se podia, também, falar contra a ditadura militar em praça pública. Por isso, para ajudar a restauração da democracia, há vinte anos, aceitei ser candidato a suplente de senador pelo MDB. O candidato era Chagas Vasconcelos, orador de uma espécie de populismo rural, que trocara a reeleição certa à Assembléia, pela aventura cívica. Manteve-se, durante a campanha, com imperturbável bom humor, lembrando, em todas as reuniões, sua Santana do Acaraú e prometendo cantar no comício de encerramento da campanha, realizado em Maranguape, o que, realmente, fez.

“Isso rende?” me perguntou um pragmático. Nada. Era apenas o exercício da cidadania. Abrir a boca e os pulmões pelo que achava causa justa, a volta da democracia. Sabia que não íamos, não podíamos

ganhar. Deixei-me levar pelo fascínio das causas perdidas, capricho que não abandonei de todo.

Achando que abafava, dirigi logo telegrama ao patrão, Júlio Mesquita Neto, anunciando o feito. Não sabia que a luta pela liberdade era privilégio do dono. Como resposta, veio ordem para demissão imediata de *O Estado de S. Paulo*, que Carlos Chagas, meu superior imediato, contornou, com habilidade mineira. Continuei no batente. E só nos fins de semana, rumava para a campanha.

Pegava então a camioneta Alvorada, do Nenen, amigo de Chagas Vasconcelos, e ganhava o sertão.

Em Poranga, num comício friorento pela manhã, uma professorinha, carinhosamente, entoou “Parabéns para você”. Estava eu chegando aos quarenta anos.

Durante o comício de Sobral, na praça Dr. José Saboya, o saudoso Paulino Rocha anunciou o nascimento de minha filha, Sara, naquela tarde. E a nova brasileira foi saudada com palmas da multidão.

Em discurso no Mucuripe, mandei brasa no governo, com veemência. Surpreso, Paes de Andrade telefonou para colegas de bancada em Brasília anunciando: “Temos um novo Chico Pinto: o Lustosa”. Chico havia sido cassado pela veemência (muito justa) com que condenou o facínora Augusto Pinochet.

Falamos à multidão naquela Praça da Matriz de Viçosa do Ceará. Na mesma noite, teríamos de ir a outro comício em Tianguá. Pediram-me ir à frente para segurar o povo. Não o deixar dispersar-se. Fui em frente e foi aquela pauleira. À época, a revista alemã *Der Spiegel* falara de possível crime de corrupção do todo-poderoso ministro Golbery do Couto e Silva e era sobre isso que falava quando chegou Chagas Vasconcelos. Que brincou: “Aqui em Tianguá esta revista é muito lida”.

Ao saber da contundência de minhas falas, o secretário do presidente Figueiredo, Heitor de Aquino, mostrou surpresa: “Mas o Lustosa nos trata tão bem aqui”. De fato, quando ouvia, em Brasília, por dever profissional, os homens do governo, eu não lhes desfechava tiros nem lhes disparava libelos. Comunicava-me com a urbanidade necessária.

O bom humor não nos abandonou jamais. Nem sequer quando Chagas nos levou a Miráíma e Cruxati, então remotos distritos de Itapipoca, de acesso poeirento, em precárias estradas de piçarra. Para espancar o sono, terminávamos entoando hinos religiosos. E estando Mauro Benevides a bordo, bem se vê que a coisa era séria:

“No céu, no céu  
Na santa glória um dia,  
Com a Virgem Maria,  
No céu, no céu com minha mãe estarei...”  
Mauro cobrava:  
“Dr. Lustosa, a segunda voz.”

Não me lembro de jamais haver encontrado esta segunda voz, que ficava por conta do Chagas, do Barros Pinho, do Carlos Vasconcelos. Talvez do Paes de Andrade. Ou não? Porque Paes preferia, com voz empostada, recitar-nos página inteira de Eça de Queiroz, sobre um dos milagres de Jesus. Ou então as frases finais de *O Crime do Padre Amaro*. Às vezes, nos entretínhamos em debates sobre o autor de *Os Maias*. Mauro, depois, intervinha para mostrar quão afinado era com *Os Lusíadas*, com Luís Vaz de Camões. Chagas brandia sonetos do pe. Antônio Tomaz. Creio que o poeta Barros Pinho atirava com a própria pólvora. Noite alta, céu risonho, cabelos brancos do pó da estrada, famintos, encaramos um resto de multidão sonolenta (ou apática?) para a qual discursamos, e, depois, um capote (galinha d’Angola), preparado com carinho, mas frio, gelado pelo atraso do comício, pelo adiantado da hora.

E o Chagas: “Vou terminar derrotado e viciado em conhaque”.

Terminou o comício em Maranguape, cantando.

Durante toda a caminhada, fazia piada:

“Depois dessa campanha, fico desempregado e viciado em conhaque”. É que, às vezes, afinava a garganta com um drinque. E não tinha ilusões quanto ao resultado da eleição.

Que ano maravilhoso! A sensação de estar dizendo a verdade, correndo risco para denunciar a ditadura. Verdadeira psicoterapia de multidão a que me submeti. Não há dinheiro que pague o prazer que experimentei.

É claro, depois de haver haurido “a poeira balsâmica de nossas estradas” - para usar expressão do Dorian Sampaio -, peguei o restinho das férias e me mandei a Paris, a fim de consumir o pato numerado de “La Tour d’Argent”.

## IN ILLO TEMPORE

A cidade, que amo e de que falo tanto, não mais existe a não ser na recriação de minha nostalgia. A geografia mudou. Já não há mais centro da cidade, reunindo o governo, a prefeitura, a Catedral da Sé e o comércio. Tudo se dispersou. Também as pessoas se espalharam, emigraram ou já foram estudar a geologia do campo santo. O que remanesce são fragmentos dispersos que vamos juntando, segundo nossas próprias e saudosas carências.

Passeio, sozinho, pelo antigo centro, pela Praça do Ferreira, pelo antigo “quarteirão de sucesso” da cidade. Não mais encontro aquelas personagens que o povoavam e coloriam, paquerando. Ou batendo papo, o pé encostado à parede das lojas, dos cafés, das livrarias. Não acho quem procuro. Talvez por isso mesmo reveja Fortaleza com os olhos da saudade e busque o reencontro nas coisas de ontem Como os outros nos vêem.

Como diz a velha canção: “É no espelho do meu quarto e no olhar das mulheres que vejo a minha idade”. Sempre penso comigo mesmo quando vejo uma contemporânea e a acho tão acabadinha, tão envelhecida: “O que será que ela está pensando de mim?” Mas não são apenas as mulheres que nos enxergam, com os anos que temos. Os marmanjos, também.

Algum tempo atrás marquei encontro com um amigo, à porta do antigo Iracema Plaza Hotel. Ele atrasou-se e precisei partir. Ao chegar, depois da hora, indagou do porteiro por mim. Sabem a resposta do maldito?

“Era um senhor gordo, de óculos e de cabelos brancos?”

Fora assim que ele me vira.

Ou então acontece que você deixa um aparelho de som pra consertar. No dia seguinte, telefona pro técnico para saber do resultado:

“Sou aquele rapaz que esteve ontem de manhã aí e deixou um som pra consertar.”

Há um silêncio embaraçoso do outro lado do fio, até que o técnico põe ordem no raciocínio e os pingos nos *ii*:

“Rapaz, não. Quem esteve aqui foi um senhor gordo, de óculos, cabeça quase toda branca.”

Pedro Nava costumava dizer que o primeiro sinal de que você está envelhecendo consiste em achar os contemporâneos velhos. Quando encontro aquele colega e o acho tão chochinho, tão envelhecido, na iminência de virar sexagenário, logo me dou conta de que somos da mesma idade e vou ao espelho em busca de consolação ou sofrimento.

É como sempre digo. O mesmo acontece às mulheres de nosso tempo, as desejadas, as tesudas de trinta e tantos anos atrás. Tanto as que nos deram bolas e nós, aí, pensamos, como pude querer tanto a titular de tanto pé-de-galinha, daquelas pelancas, aquela flacidez? Quanto as que nos esnobaram, vingamo-nos em pensamento: pra que aquela pose toda, tanto orgulho, para terminar - aliás nem terminar, pois é só depois do meio-dia - no estado em que se encontram? Bem feito.

Não nos acontece, como disse no comecinho, refletir sobre o que elas, eventualmente, estão achando de nós. Aí só me ocorre aquela história cruel, atribuída ao padre Pita, ao final de sermão sobre a vaidade humana. Depois de esbravejar contra tal pecado, o santo e riquíssimo pastor pretendeu fulanizar, personalizar sua fala numa das senhoras presentes à missa na Igreja de Santa Filomena. Voltando-se para os fiéis presentes, convocou uma das senhoras que havia sido *miss*, na década de trinta, a se levantar:

“Dona Ivone, apresente-se.”

Ela se adiantou e ele começou a expor sua tese da vaidade humana:

“Taqui, dona Ivone. Foi *Miss* Ceará. Foi considerada a mulher mais bela do Estado. Foi fotografada para a revista *O Cruzeiro*. Foi desejada pelos homens. Invejada pelas mulheres. Agora prestem atenção a este caquinho, ao estado a que ficou reduzida.”

## QUANTO ME FALTOU

Hão de perguntar porque, tendo sido o candidato mais votado do MDB na capital e tendo recebido tantos votos em Aracati e Uruburetama, não fui eleito. Respondo já.

Candidato pobre não se elege no Nordeste. Pois bem. Meses depois, estava no Rio, num lindo sábado de sol, bebericando meu gim com água tônica, na pérgula do Copacabana Palace, com o jornalista Orlandino Rocha, de *O Cruzeiro*. Ao ouvir minha história, ele quis saber:

“De quantos votos precisavas para ser eleito?”

Respondi no ato:

“De quinze milhões de cruzeiros.”

Se tivesse aquele dinheiro para comover “colégios” eleitorais, dominados por sobas do interior, a história seria outra.

## CADERNO DO REPÓRTER POLÍTICO

Não posso passar diante do velho prédio da Assembléia Legislativa do Ceará, sem me deixar assaltar por fundas nostalgias de meus primeiros tempos de repórter político. Como já contei, o secretário de *Unitário*, Felizardo Montalverne, estava de mal com o Oscar Pacheco Passos, circunspecto comentarista do *Correio do Ceará*, também jornal da cadeia “associada”. Suponho que, por isso, me deu a maior força em seu jornal, fazendo-me titular da coluna “Resenha Política”. Diz-me a consciência e o Lúcio Brasileiro tem a bondade de o registrar, de quando em vez, que não me saí, de todo mal, da empreitada.

Como sempre gostei de velhos, logo deles me fiz aceito. Adorava ouvir histórias de Filemon Teles, ricoço do Crato, sempre elegantemente vestido de branco, de permanente bom humor, contemporâneo das polacas no Rio e do esplendor da libra esterlina. Do “tenente” Edson da Mota Correia, revolucionário de 1930. De Guilherme Gouveia, matuto rico da Granja, em cuja residência todos haviam lido Eça de Queiroz, que, na tribuna da Casa, nervoso, atropelava as palavras e o próprio discurso. Morreu pobre. Precisou do seguro social do emprego público para sobreviver, no final de honrada existência. De Barros dos Santos, sarcástico, duro, sempre de terno branco impecavelmente passado, com

o qual, se dizia, passava toda a semana. Uma vez, contrariando os hábitos caseiros, aceitou convite para jantar no restô do Ideal, em minha companhia. Não deu certo porque um colega bêbado e ressentido invadiu nossa mesa e passou o tempo todo agredindo meu convidado. Nesse tempo, cheguei ainda a ser amigo do Valdemar Alcântara, um dos “cardeais” do PSD, o que foi considerado uma façanha, àquele tempo, porque o austero homem público tinha cara fechada e nenhuma preocupação de agradar. Na intimidade, era bom papo, irônico, bem-humorado.

Quem me municiaa a coluna, cedinho, era o telefonema de Wilson Roriz, líder do governo, um político de muito faro para assuntos polêmicos, defensor da criação do Estado do Cariri. De tarde, ia conferir suas informações com as dos udenistas Barros dos Santos, Edson da Mota Correia, Guilherme Gouveia, Filemon Teles, José Napoleão, Moacir Aguiar, Edival Távora, Cincinato Furtado Leite, Aquiles Peres Mota, do pessepista Pontes Neto, do republicano Péricles Moreira da Rocha, do integralista Pio Sampaio.

De noite, assinava o ponto no restô do Ideal. A bancada da UDN, na oposição ao governo Parsifal Barroso, circulava pouco. Quem muito aparecia, nos restôs do Náutico e do Ideal, eram os pessedistas, Vicente Augusto, ainda hoje muito encontradiço no último, Stênio Dantas, Ernâni Viana, Murilo Aguiar que, depois dos segundos drinques, começava a tocar violino imaginário ou cantava comigo cânticos religiosos. Era preciso ouvir-nos, na madrugada, encharcados de uísque e de Drambuie, cantando:

“No céu, no céu, com minha mãe estarei/ na santa glória um dia...”

Ou então: “A 13 de maio, na Cova da Iria/ Nos céus aparece a Virgem Maria”.

No Ideal, quem passava sempre apressado, ninguém sabia porquê nem pra quê, vindo do cassino, era Péricles Moreira da Rocha, líder do Partido Republicano que sonhava ser prefeito da capital. Como o fora, oito anos, o irmão Acrísio que, às vezes, também descia de lá para conversar conosco, gostava de lembrar os tempos em que fora atleta, jogador de futebol, queria lhe apalpássemos os músculos, para que víssemos o quanto ainda eram rijos. “Pekin”, a certa altura, proclamava-se convencido da vitória: “Se for só este pessoal, Murilo Borges, Moura Beleza, Zé Cláudio, Mário de Assis, estou eleito. Só perco se aparecer algum japonês, algo assim totalmente diferente.” Não foi nenhum orien-

tal que desbaratou seu populismo, e, sim, um general, de oratória modesta, Murilo Borges, vitorioso nas urnas daqueles tempos de excitação esquerdista. Ele substituiria, no posto, outro militar, o general Cordeiro Neto, que, na ditadura do Estado Novo, instituía a “lata”, trabalhos forçados para presos, em construções do governo.

O jornalista Temístocles de Castro e Silva, homem forte do governo, chegava mais tarde e sempre mandava abrir mais um litro de bom “scotch” para matar a sede dos colegas menos afortunados.

No plenário da velha Assembléia, ouvi, estarrecido, um deputado defender, com a cara mais lisa do mundo, o veto que o governador Parsifal Barroso apusera a projeto de sua autoria, devidamente aprovado, graças a seu empenho. Verdadeiro filicídio.

Na casa, havia o grupo de deputados chamados “independentes”, que vivia de chantagear o Governo, a cada votação importante, exigindo empregos, arame farpado, carros oficiais, até dinheiro. A coisa era tão escandalosa que incomodou minha proverbial tolerância com os erros alheios. Um de seus integrantes, homem de maus bofes e boa pontaria, ficou fulo da vida com minhas críticas e subiu à tribuna da Assembléia para dizer que ia me fazer engolir o jornal.

(Felizmente, a esse tempo, ainda não trabalhava no “Estadão”...). Não tive dúvidas. Saí dali direto para a redação da Ceará Rádio Clube, onde me esbaldei, em carta endereçada ao presidente da Casa, Franklin Chaves. Levei a ameaça na troça. Denunciei o autor da ameaça como querendo me matar, tal a quantidade de toxinas de tinta usada na impressão do jornal. Disse, ainda, que, desde criança, perdera o medo de alma quando tomei o lençol de uma ama que me pretendia assustar. Depois fui ao encontro de Dorian Sampaio, para lhe dizer que tinha medo, é certo. Mas jamais poderia deixar de ir à Assembléia, dia seguinte. Se deixasse de ir, nunca mais teria condições de botar os pés ali. Ele me emprestou o revólver, o que me deu certa segurança. Andei um ano com aquele trambolho, à cintura. O que faria mesmo com ele, no caso de ser agredido? O pior é que, à noite, ao entrar no W.C. do restô do Ideal, deparei-me com o valentão. Não dava, não deu pra recuar. Fui à sessão da Assembléia, dia seguinte, sem alterar a rotina. Estou, aqui, vivo pra contar a história. Ele já morreu. E não devia ter a boa pontaria de que se gabava. Vi-o, poucos anos depois, desferir cinco

tiros seguidos, do plenário, sobre um deputado que ocupava a tribuna e que, providencialmente, se agachou, sem ser atingido.

Existia refinamento literário no mundo político. A esse tempo, na residência do governador Parsifal Barroso, reuniam-se amigos, auxiliares, cortesãos em animada roda de conversa. Numa certa noite, houve verdadeira tertúlia literária a que estavam presentes os secretários de Estado, Paes de Andrade, Figueiredo Correia e o general José Góis de Campos Barros, todos fazendo de conta de que ainda não sabiam que seriam exonerados, dia seguinte. Rezam outras versões que somente o general Góis tinha certeza de que seria demitido. Tanto que, a horas tais, declamou poesia, relativa à traição de Judas, ante o anfitrião. Quando amanheceu o dia seguinte, estavam os três no olho da rua.

O recrutamento de funcionárias do Legislativo se fazia pelos melhores critérios estéticos. Tanto assim que ali tive três namoradas. A primeira, uma *lady*, refinada companhia que me honrou em alguns acontecimentos sociais a que estivemos presentes. A outra nem tanto. Tratava-se, porém, de menina boníssima. Noiva de outro, dona, porém, dum coração amplo, capaz de abrigar nós dois confortavelmente. Já a terceira suculenta senhora, de grandes olhos úmidos, cheios de delicioso e sensual espanto. Vivia muitos amores, apesar das limitações do código. Além disso, acha tempo pra ser uma artista, uma literata. Ou pensam vocês que nossos encontros, nos altos do Jalcý Avenida, eram só matéria, sexo, volúpia? Se pensaram, estão muito enganados. Ela levava, na bolsa, caderno de espiral em que anotava poesias alheias de que se agradara e as que perpetrara e me fazia ouvir, nos intervalos.

Senhora de má memória, no entanto. Digo isso e provo. Anos depois, ao revê-la, nas escadarias do novo prédio da Assembléia, percebi que não mais sabia meu nome. Trocou-o por outro, o que me deixou mortalmente humilhado. Quedei murcho de decepção. Teria o outro protagonizado alguns daqueles saraus eróticos? Foi o que primeiro me ocorreu. Depois, modesto, perguntei a meus botões: meu desempenho terá sido tão pálido que ela olvidou o parceiro? E olhem que vivia eu meus fogosos vinte e poucos anos. Hoje, na quietação dos cinquenta, não tenho mais meios eficazes de lhe reavivar a memória. Acho, porém, que a generosa senhora devia, de quando em vez, pelo menos dar uma olhadela em seu fichário, para não esquecer o nome dos parceiros dantanho. (outubro de 1988)

## GARANTIA DE FIDELIDADE

Maria Helena foi namoro, cheio de sobressaltos, à sombra das mangueiras da praça do Aeroporto Pinto Martins, do qual já falei aqui. Eu, solteiro de segunda mão. Ela, filha de professora que, em sonetos bissextos, exaltava a pureza dos lírios e condenava a lascívia das rosas. Não podia dar certo. Não deu. Antes, porém, que a dura realidade mo mostrasse, investi tudo naquele amor que me trazia, desassossegado e em festa, o coração. Até que, um dia, ela me trocou por um solteiro de fato. No domingo, vi-a na praia, aninhada nas pernas do avião que a paquerava. Ela, com quem na sexta trocara beijos tórridos. Doe, como doeu. Vocês pensam que fui inglês, tive fleugma e comportamento digno? Nada. Não tive a menor classe. Do telefone do restô do Ideal passei recibo, esbravejei, insultei, agredi, de puro despeito e total frustração.

A moça casou. Até que, um dia, ainda morava em Fortaleza com o marido, me telefonou. Não sei pra quê, a propósito de quê. Não entendi nem me esforcei por isso. Depois se mudou. Deixei de pensar nela. Supunha-a muito feliz, assistindo, em casa, às novelas das seis, à espera do escolhido. Enganei-me. Não era. Um dia voltou. Direto pros meus braços, morta de arrependida de não haver casado comigo. De sua cegueira na época. De seu erro irreparável. Era o que me dizia e com tal convicção que me senti o escolhido dela e de Deus pra aquele resgate. O único, é claro. Aquele com quem, de fato, devia ter casado.

Por acaso, lhe caiu da bolsa a agenda telefônica. Confesso, olhei-a. Meu nome estava ali, não o nego. Meninos, eu vi. Ao lado, no entanto, de outros amores dos tempos em que o namoro esbarrava em certos limites. Fiquei sem saber se começara por mim ou por mim terminara a revisitação da leal menina aos antigos fãs.

Uma tarde - quando, sinceramente, se lamentava de não haver casado comigo - ficou patente, mesmo que não o disséssemos com palavras, que, a esta altura do campeonato, se fosse possível rever a História, reescrever o passado, eu estaria com ela. Seria seu marido. Talvez ricamente ornamentado. Ela, rapidamente, se deu conta da situação tal como se afigurava, no momento, e inteligente como era, garantiu:

"Se eu tivesse casado contigo, não te trairia, não."

É claro que não. Concordei porque sou bom e esta bondade consiste, em certos casos, em não discordar das mulheres, mesmo da-

quelas a quem um só marido é muito pouco porque amor demais têm pra dar. Maria Helena estava tentada a reescrever sua biografia, a mudar a História, ou somente a nossa História. Por que não o fazer, por inteiro? Tomei resolução. Aceitei-a tal como então se propunha: minha, somente minha, na revisão conveniente do pretérito.

## EMPREGO PÚBLICO NO CEARÁ

Conta o incorrigível *blagueur* monsenhor Quinderé que João Felipe, ainda moço e pobre, chegou ao Rio, com carta do coronel Bizerril Fontenelle pro marechal Floriano Peixoto, pedindo emprego de engenheiro. Depois de ler a correspondência, o presidente disse ao portador não haver vaga. Ante seu ar desconsolado, refletiu um pouco e decidiu: “Vou nomeá-lo Ministro da Viação. O lugar está vago”. Dito e feito. João Felipe se houve tão bem que veio a se tornar uma das glórias da engenharia nacional.

Tempos depois, o condestável da República era Pinheiro Machado. Presidente do Senado, pintava e bordava. Era o dono da bola e das camisas, principalmente nos tempos em que o viúvo, Hermes da Fonseca, se consolava da perda da mulher, nos braços da jovem Nair de Teffé. Um senador, fã de Ruy Barbosa, se espantava, certa vez, na Câmara Alta, que um analfabeto, um chucro, que não sabia nem colocar os pronomes, tivesse tanta força. Um colega lhe lembrou:

“Ele pode não empregar bem os pronomes, mas emprega muito bem os sujeitos”.

Era fim de governo no Ceará. O PSD perdera, devendo ceder o poleiro à UDN. A cada revezamento, era hábito, àquela época, criar empregos para amparar os amigos. As leis eram boladas, cuidadosamente, para que não houvesse desvios, nem traições. Quase continham o retrato 3x4 dos beneficiários. Estava em gestação um desses “inventários” na Assembléia Legislativa do Estado. Numa sala discreta, cardeais do PSD e da UDN faziam os últimos cálculos, os derradeiros acertos pra que não se registrassem furos. Nem preterições. Tudo muito justo, verdadeiramente equânime.

Um deputado, renomado professor, vestal na Assembléia, não fora aquinhado. Jamais aceitaria participar da operação. Temia-se que o

fervoroso e ativo moralista, se soubesse da conspirata, botasse a boca no trombone, pusesse tudo a perder. Como, nestes e noutros casos, pinta sempre um espírito de porco, alguém o informou de que se tramava. Ele nem hesitou. Apesar de acidentado, pulou do leito, pegou as muletas e se mandou pro velho prédio da Assembléia. Ali, ao preço de muito sacrifício, galgou os dois lances da íngreme escada. Fremente de indignação, empurrou a porta do gabinete da conspiração e, dali mesmo, bradou:

“Celerados! Celerados!”

(A esse tempo, ainda se usava a palavra celerado).

Os outros se voltaram, surpresos, encabulados. Baixaram a cabeça. Não esperavam jamais a interrupção, tal o estado de saúde do puritano, que era grave, menos grave, porém, que seu amor de pai.

Ele, aos berros, prosseguiu na condenação:

“Celerados. Vocês são iguais a ladrões públicos. Num Estado arrasado, como no Ceará, ainda criam empregos milionários, arruinando as finanças”. Depois de concluir o inflamado sermão aos colegas silenciosos, com a sensação do dever cumprido, foi refazer-se da emoção no cafezinho. Logo chegou ao mesmo local dos inventariantes, esperta raposa da UDN, o Zé Napoleão, que, depois de reclamar um cafezinho, sem olhar pra ele, murmurou:

“Ingrato”.

Como a vestal se voltasse, o “inventariante”, ainda fitando um ponto à frente, não o interlocutor, prosseguiu:

“Você é um ingrato, Renato”.

Ante a curiosidade do outro, agora o fitou, para explicar:

“Enquanto você estava no hospital, sem poder se locomover, seus colegas aqui se preocupavam com você. Até já haviam proposto a criação de um lugar de taquígrafo pro seu menino, o Antônio.”

O puritano soltou a xícara sobre o pires e ponderou:

“Mas o Antônio não sabe taquígrafia”.

“Besteira”, atalhou o outro. E o tranqüilizou:

“Aprende! Ora, um menino inteligente como ele”.

Vergado ao peso do amor paternal, a vestal se rendeu.

Graças à sua compreensão, os quadros da Assembléia ganharam taquígrafo operoso e competente.

## UM QUARTO DE SÉCULO

Vai, aqui, o que quis dizer, no Othon, aos diplomados de 1962 pela Faculdade de Direito do Ceará e não pude, seja por causa do uísque, que já me engrolava a voz, seja pelo microfone, que não a reproduzia.

Pois é, vinha no avião, com a prole, quando Sara me indagou: “Pai, como é que tu vais comemorar vinte e cinco anos de advogado, se não és advogado?”

Realmente, sou um estranho no ninho. Cursei Direito, apenas porque não havia boa faculdade de Literatura ou de Ciências Sociais, na época. E porque queria ser procurador de autarquia, emprego de marajá, à época, o que fui, logo depois que concluí o curso. Por isso, fiquei até encabulado com a nota do Edilmar Norões, falando da turma de 1962 como do Lustosa da Costa. Afinal, cumpri o curso na escadaria da velha faculdade, já apaixonado pelas mulheres e pelo jornalismo político. Graças a Deus, não pus a perder causa de ninguém. Isso já me conforta.

### Época

Somos do tempo em que camisa-de-vênus era palavrão. O único veado famoso da cidade era pobre. Era o Zé-Tatá, sobralense, dono de bordel e conhecido por sua valentia pessoal. Não havia pílula nem motel. Esperávamos, à calçada do Cine Diogo - onde só se podia entrar de paletó - o desfolhar das muitas anáguas em que se escondia o corpo feminino. A nudez ainda era de causar o deslumbramento de Manuel Bandeira. Por isso, era o tempo da brecha, no pé de escada do Anexo da faculdade, onde ficavam alguns *voyeurs*, de olho nas pernas das colegas. Havia, ainda, muitas pensões alegres nas ruas centrais, onde as meninas dançavam com os fregueses, antes e depois de atendê-los. A Margô, freqüentada por desembargadores e até por João Goulart, como vice-presidente da República, ficava no subúrbio. Aos domingos, poucos iam à praia. O chique mesmo era freqüentar as chamadas tertúlias dançantes dos clubes grã-finos, de paletó.

### Tempo

Os formados de 1962 comemoraram 25 anos. Aliás, trinta de conhecimento, de convivência. Estava eu mui conformado com a data.

Na missa, o padre Gotardo falou de um quarto de século. Era comigo. Doeui. Doeui, sim, porque você agüenta vinte e cinco anos. Agora, um quarto de século pesa sobre você como um rochedo.

## **Os vitoriosos**

As festas de reencontro são cruéis por quanto excludentes. Reúnem os vencedores, cada qual a conferir seus troféus com os dos outros. Não comparecem aqueles a quem a vida não sorriu, os que ficaram pela estrada e, naturalmente, os que a parca já convocou. É duro, porque injusto.

## **Virgens**

Àquele tempo, só se assistia às aulas de paletó. Fumar em classe, nem pensar. As colegas eram geralmente virgens. Algumas, mais avançadas, sofriam a sanção da maledicência e do assédio redobrado dos rapazes. Se fora de um, tinha de ser de todos. Os homens viviam as contradições do machismo nordestino. Forcejavam para que as namoradas não mais fossem virgens. Quando o conseguiam, delas se despediam, com frequência, depreciando-as. Apaixonados por alguma colega mais moderna, de cuja condição usufruíam, enciumavam-se de não terem sido pioneiros. Tão complicado era o universo masculino nordestino. O amor era difícil àquele tempo. Como tínhamos a saúde dos vinte e poucos anos, amávamo-nos onde podíamos. Junto aos muros, atrás de igrejas, nos táxis, até em salas de cinema e elevadores. Nossos verdes anos e a compreensão das parceiras compensavam a falta de motéis. A natureza, às vezes, pregava peças. Ah! A incerteza, o medo e a angústia de recorrer aos fazedores de anjos.

## **REPETIR**

Houve quem propusesse amiudar os encontros. Reunir a turma todo o ano. Não sei se será possível. Falou-se, porém, na festa dos próximos vinte anos e Celeste propôs que se realizasse no andar térreo. Provavelmente, não iríamos querer enfrentar tantos lances da escada, como agora. Farei o possível para estar presente. Vou me empenhar, em

primeiro lugar, em estar vivo. Depois, em me manter em condições de vir, pelos meus próprios pés. Foi bom o reencontro. Rir, cantar, dançar, jogar bolinhas de papel nos outros, restituídos, por instantes, só por instantes, à atmosfera e à convivência de um quarto de século atrás. De tudo, resta uma certeza vulgar: já tive 25 anos. E era bom. Nunca mais terei de novo 25 anos e é uma pena. Há pouco, porém, que extrair o possível do iminente cinquentenário.

## VINTE E CINCO ANOS DEPOIS

Uma das decisões de que mais me orgulho foi haver aceito o desafio de Dorian Sampaio para ressuscitarmos, juntos, o Anuário do Ceará. Ele acabava de ter seu mandato e seus direitos políticos cassados e eu fora estrepitosamente demitido do posto de Editor-Chefe do *Unitário* e do *Correio do Ceará*. O empreendimento surgiu como um desafio, numa hora difícil.

Apesar das condições adversas, conseguimos reunir, num mutirão de boa vontade, o então governador César Cals, que nos instou e muito nos ajudou a melhorar a qualidade material da obra; empresários que nos forneceram elementos sobre suas empresas; e historiadores que, direta ou indiretamente, nos municiaram de dados.

Do ponto de vista pessoal, foi tarefa prazerosa. Enquanto trabalhamos no livro, ganhei rico dinheirinho que me permitiu passar, todo o ano, dois meses na Europa, e contraí o gosto pelo estudo da História do Ceará. Melhorei, em muito, meu conhecimento da economia da terra. Cada vez que folheio aqueles exemplares, dou-lhes mais valor. Eles são e serão sempre referência inescapável a quem pretender escrever a história administrativa e empresarial do Estado. Tenho certeza de que a edição de 1973, de mais de novecentas páginas, ainda vai ser reconhecida por nossos pesquisadores. Foi aquela em que mais me empenhei porque, sem avisar ao sócio, decidira morar em Paris. E a equipe? Tudo gente do nível dum Milton Dias, F. S. Nascimento, Guilherme Neto, Marcelo Costa, Gilmar de Carvalho, Ângela Borges, Roberto Aurélio, Ricardo Rodrigues.

O duro, naquele tempo, era o problema da impressão. Como me irritava o Luiz Esteves com sua mesa apinhada de provas tipográficas,

fotografias, faturas, encomendas, dois telefones pendurados no pescoço, administrando o caos na mais perfeita lucidez!

Vinte e cinco anos depois, registro: ele tanto demorava a entregar quanto a cobrar. E, afinal, bancou o empreendimento. Confiou em nós. Não lhe demos um só níquel adiantado, inclusive porque não tínhamos. Bom e correto Luiz Esteves, que Deus o conserve por muitos e muitos anos, com suas pilhas de provas, papéis, seus inúmeros telefones e seu inalterável bom humor!

Paris, abril de 1995.

## A PRAIA DE IRACEMA

Quem for a Fortaleza não pode deixar de dar um pulinho na Praia de Iracema. Por mais que conheça a cidade e o próprio local, vai ter uma surpresa. Pra melhor. Ela está linda. Muito mais do que antes. Perdeu o Lido. Ganhou um espigão. Não tem mais o Panela. Surgiram, contudo, dezenas de outros restaurantes. Conheço alguns. Se você for saudosista, dê uma voltinha pelo Estoril onde não encontrará ninguém conhecido. A não ser, os seus, os meus fantasmas. Se a saudade for renitente, pare pra tomar uma cervejinha. Geralmente, ela vem quente. Pra comer ostras, o lugar certo é a Praia dos Meus Amores, do Getty's, da saudosa Sandra Gentil. Se estiver a fim de encarar uísque de boa procedência, passe no La Bohème, de Ignês Fiúza. Vá, ali, às segundas, pra ver a turba passar, os mais animados que vão curtir O Pirata.

Curta, pelo menos, um pôr de sol na Ponte Metálica. Passeie, depois, por aquelas ruas de nomes de índios, dos bravios antepassados, com seu casario antigo pintado de novo. Vá bater pernas, sem pressa, mãos no bolso, ar basbaque de turista, pelo seu calçadão, ouvindo o bramir do oceano contra o quebra-mar, o paredão de pedra que pretende contê-lo, ameaçar-lhe a liberdade.

A primeira vez que fui à Praia de Iracema, não me lembro. Só sei porque me contaram. Devia ter de três para quatro anos de idade. Meu avô, o "major Piano", Crispiniano Figueiredo Lustosa, viera de Cajazeiras, na Paraíba, onde nasci, com tio Antônio. Fomos todos jantar no Ramon que não existe mais, há muito tempo. Sem que seu "Costa" e

Dona Dolores percebessem, Antônio me pôs nas mãos um copo de cerveja que entornei, gostosamente. Aí não parei mais.

Adolescente, recém-chegado de Sobral, ia, às vezes, ao Tony's Bar, do gordo e pachorrento Figueiredão, vizinho ao extinto Iracema Plaza Hotel. Não posso esquecer certa manhã de domingo em que a orquestra tocava alto, muito alto, "Esmeralda", história de tremenda dor de cotovelo. Praguejava o perdedor:

"Vestida de noiva, com véu e grinalda  
Lá vai Esmeralda casar na igreja  
Deus queira que os anjos não cantem pra ela  
E na capela seu vigário não esteja."

Logo que entrei no jornalismo, tornei-me amigo de Lúcio Brasileiro, privilégio de que continuo a desfrutar. Saíamos, juntos, quase todas as noites. Não havia muitas opções. O principal, quase disse o único, restaurante da cidade era o Lido, do Charles d'Eva, situado em frente ao prédio do Iracema Plaza Hotel, entrando no mar com suas paredes açoitadas infatigavelmente pelo oceano exasperado. Foi onde aprendi a comer ostras frescas e participei de almoço que o Brasileiro ofereceu ao pintor Antônio Bandeira, então morando em Paris.

Marcamos encontro ali, certa noite de domingo. Acontece que, no meio do caminho, havia outro carro cujo dono zombou de minha distração e de minha lerdeza. Era na avenida Dom Manuel. No intuito de provar-lhe o contrário, acelerei, ultrapassei-o pela contramão, de maneira tão desastrada que, ao frear ante outro veículo, capotei. Meu anjo da guarda, que, às vezes, se distrai, principalmente no que diz respeito às mulheres, estava vigilante e atento, como um escoteiro, uma bandeirante. Assim não sofri um arranhão. O Zéqueiroz, a cujas portas aconteceu o acidente, ajudou-me a desvirar o fusquinha, todo amarrotado que fui deixar em casa. Me piquei, de táxi, pro Lido onde o Brasileiro papeava com Celso Nunes, do qual me contam que pilotou o automóvel, com toda segurança, até depois dos noventa e lá vai pedra.

Estava escrito que outras emoções me aguardavam naquela noite. Conversávamos os dois quando chegou um deputado estadual do PSD, que vinha de ser nomeado Secretário de Polícia e pediu licença pra se abancar à nossa mesa. Concordamos. Era um cara alinhado.

Conversa vai, conversa vem, disse-lhe estar pensando em me candidatar a deputado federal. Entre goles de água mineral, ele não conteve o entusiasmo. Me deu a maior corda. E apoio. Prometeu-me ali, no ato, oitocentos votos. Nem mais nem menos: 800. Gratuitos. Eu não precisava ir nem lá. Ele me traria o boletim eleitoral, com os resultados. Agradei, comovido. Era minha noite de sorte, apesar da virada do carro.

Pois não ficou nisso.

Como soubesse que, no final do ano, terminaria o curso de Direito, ofereceu-me um lugar de consultor jurídico de sua Secretaria.

Não terminariam aí as emoções daquela noite.

O parlamentar, que era também fazendeiro, estava mais generoso do que nunca. À certa altura, me presenteou com uma bezerra. Uma bezerra de verdade, com quatro patas, dois chifres ainda incipientes, cabeça, tronco e membros. Que estava, na fazenda, às minhas ordens.

Suponho que o Brasileiro, mortificado, ouvia o ressoar das espórtulas que a largueza do parlamentar lançava no pires do colonista político, esnobando o cronista social.

Naquele ano, não fui candidato. Se fosse, teria, no mínimo, aqueles oitocentos votos.

Ao me diplomar em ciências jurídicas, fui logo nomeado procurador do IPASE, lugar que Carlos Jereissati, pouco antes de morrer, pediu ao Jango e que Osires Pontes, depois, tirou do mocó do Palácio do Planalto para a notoriedade das páginas do Diário Oficial da União.

Resta-me a bezerra. Se ela era parideira e eu, tão sortudo quanto naquela noite, deve ser mãe de numeroso rebanho de minha propriedade, lá pras bandas do Jaguaribe.

Nem sempre, porém, na Praia de Iracema, a Fortuna me bafejava assim. Também ali experimentei revezes. Depois duma festa, fomos ao Estoril. Pedi um filé. O Brasileiro, um caldo de peixe. O meu pedaço de carne veio duro, duro, como pedra. Lutei inutilmente contra sua rijeza. Perdi. Reclamei ao garçom. Ele, resoluto e pragmático, resolveu, na horinha, o problema, anunciando: “Vou buscar uma faca mais amolada”.

## O BAIRRO DE JACARECANGA QUE CONHECI

Adolescente solitário, nos fins de semana, à tarde, tomava o ônibus da empresa do Oscar Pedreira, na Barão do Rio Branco (ou ia a pé?), rumo da Praça do Liceu, na Jacarecanga. Fazer o quê, não sei. Talvez turismo, pra conhecer a cidade. Passava pela mansão Itapuca, de Alfredo Salgado, construída com material importado da Europa, que olhava com olhos deslumbrados. Descia naquela leitaria, esquina com Guilherme Rocha, localizada próxima à casa do radialista Paulino Rocha pois, a este tempo, bebia leite e coalhada. Ainda não se inventara o iogurte. Olhava a prontidão do quartel do Corpo de Bombeiros que interessava menos pela rotina dos soldados do fogo que pelo fato de ser o local onde se guardavam em prisão especial os doutores, gente importante que não podia ir para a Cadeia Pública, feita só pros pobres. O silêncio das salas do Liceu, que era ainda a grande instituição de ensino do Ceará e só acabaria com a fundação da Universidade Federal. Quase todos os seus mestres viraram professores universitários e não tiveram substitutos. Os alunos do Liceu eram uma rapaziada valente, que tomava parte em manifestações políticas e quebrava os ônibus do Oscar Pedreira, quando a Câmara de Vereadores elevava o preço das passagens.

Gostaria de conhecer o Bom Pastor, que acolhia as moças de virgindade perdida e tentava recompô-la, através de preces e de recolhimento. Claro que era impossível. A Escola de Aprendizes de Marinheiros, com a brancura intocada de seus muros, não pichados nem mesmo nas campanhas eleitorais. O Asilo dos Velhos, encargo do Torres de Melo.

Havia belas casas apalacetadas, as de Florival Seraine, Brasil Pinheiro, Thomaz Pompeu Sobrinho, Luiz Morais Correia, avô do deputado Carlos Virgílio, Pedro Sampaio e principalmente as da família de Pedro Philomeno Gomes, filho e genros. O antigo fabricante de cigarros de Sobral se tornara disparado o homem mais rico do Ceará. Dono da fábrica de tecidos e de redes São José, responsável pela plantação racional de caju e pela construção do primeiro hotel de praia, o Iracema Plaza Hotel, não ganhara tanto dinheiro brincando. Ao contrário, tinha por ele muito respeito.

Dele se contava que tomou, uma vez, carro de praça no centro, rumo da fábrica. Ao chegar, perguntou ao motorista qual o preço da corrida. Ao ouvir que custava vinte e cinco cruzeiros, estrilou. O chofer, então, tentou desmontar sua choradeira, dizendo-lhe:

“Seu filho, Chico Philomeno, não acha caro. Porque me dá uma nota de cinquenta e me manda guardar o troco.”

Sem saber o que dizer, saiu-se com esta:

“É que ele tem pai rico. Eu, não.”

Um de seus operários encontrou, no pátio da fábrica, nota de quinhentos mil réis que, àquele tempo, equivalia a um bom dinheiro. Veio-lhe entregar e ficou esperando a gorjeta. Nada. Despedindo-o rápido, Pedro disse:

“Vá andar mais, para ver se o sô acha mais dinheiro. Isto é lá dinheiro que se ache. É muito pouco.”

Um de seus capatazes era chamado, com freqüência, à Polícia, para responder a acusações de defloração. Pedro recriminou-o:

“O sô está faltando muito. O sô está querendo mudar minha fábrica? Minha fábrica é de tecidos, não é de menino, não.”

Doutra feita, para estimular os operários que trabalhavam numa obra de construção civil, na fábrica, disse-lhes naqueles tempos de guerra fria:

“Trabalhem direito, sôs, que, quando o comunismo vier, tudo isto será de vocês.”

Viciado no trabalho, Pedro Philomeno Gomes tinha um genro, Acrísio Moreira da Rocha, duas vezes prefeito de Fortaleza, que não cultivava a mesma devoção. Até tentou, sim, bem que tentou. Chegou mesmo a adquirir moderno consultório odontológico. Aconteceu-lhe comprar, ao mesmo tempo, possante motocicleta em que gastava os dias, passeando. Anos depois, feito alcaide, doou o consultório, ainda todo embalado, à Casa do Estudante.

Mais tarde, Acrísio não deixava o fundo da rede quando ia à fazenda, por dinheiro nenhum do mundo. Adquirira moderno binóculo, através do qual observava o movimento do gado. Dizia-se que, com preguiça de contar as reses que negociava, vendia-as por minutos. Um comprador, certa vez, convidou-o a dar uma cavalgada para olhar as vacas, Acrísio recusou-se terminantemente a acompanhá-lo:

“Se é você quem vai comprar, por que tenho de ver o gado?”

Quando prefeito, era acusado de passar meses sem ir à sede da Prefeitura nem despachar. Um secretário, Nilo Porfírio Sampaio, imitava, com perfeição, sua assinatura, que deitava nos atos oficiais, poupando o prefeito do labor caligráfico. Voltemos, porém, a seu Pedro e ao folclore que inspirava.

Meu jegue, não!

Era na década de 1950 em Fortaleza. Àquele tempo, a utopia comunista estava arrebanhando adeptos. Conta-se, a propósito, que um botador d'água por ela se deixara seduzir e, nas folgas do trabalho de venda da mercadoria a domicílio, desenvolvia seu apostolado. Neste fim de tarde em que ocorreu a história que ora conto, mais uma vez, tentava fazer a cabeça de um compadre, momentaneamente desempregado, enquanto seus três jumentos roíam a escassa grama das alamedas da Praça Fernandes Vieira. Olhando pra casa de Pedro Philomeno, dizia:

“Seu” Pedro possui centenas de casas. Pra quê? Pode morar em mais de uma? Quando o comunismo vier, fica com a sua e distribui as outras com os necessitados. O Oscar Pedreira, iria aonde com tantos ônibus? Fica com o seu e dá os outros pros seus motoristas.”

Fez uma pausa. O compadre olhando, cúpido, os três jegues que retouçavam a relva seca, perguntou, de súbito:

“E quem tem três jumentos? Distribui dois com os mais carecidos?”

O compadre teve bastante presença de espírito para liquidar, logo, a quimera distributivista do outro:

“Compadre, nessa questão de comunismo, jumento não toma parte, não...”

Ali, no Jacarecanga, tive eu a primeira namorada. De sua casa, saía pro restô do Ideal Clube. Quem me pegava, em seu dismantelado *jeep*, vindo de idêntico expediente sentimental no Monte Castelo, era o jornalista Dário Macedo que iria declamar, pra mim, versos de Vinícius de Moraes. Ele tinha especial preferência por “A Moça do Miramar.” Eu lhe matava a sede. De tempos em tempos, interrompia sua interpretação, pra chamar o garçom:

“Rodrigues, um uísque pra mim. Um rum pro Dário.”

Lúcio Brasileiro acha que a discriminação etílica feria meu companheiro desses minúsculos saraus como uma punhalada e a ela se deveram tantos arranca-rabos que tivemos, ao longo de nossa convivência. Não sei se ele preferia rum mesmo ou se era a bebida que eu estava em condições de lhe oferecer naqueles tempos vasqueiros.

## O SAGÜI QUE VIROU CARVÃO

O folclore da Praça do Ferreira está a merecer um livro. Taí um tema para Blanchard Girão, depois de publicar *Sessão das quatro*. Conteí, um dia desses, a história da galinha que caiu do restaurante do Hotel Excelsior e foi despedaçada a pontapés pela turba-multa divertida, alegre, brincalhona, impiedosa. Nem sempre, porém, a multidão de desocupados que ali fazia ponto foi tão cruel. Aconteceu de um sagüi, vindo não se sabe de onde, talvez do mesmo Hotel, pular dali, feito a galinha, sobre fios elétricos nos quais ficou se equilibrando, enquanto alguém chamava os bombeiros. Os populares o observavam, silenciosos, até que ele tocou no poste e foi carbonizado. Um oh! de consternação saiu da boca de todos, quando os despojos do macaquinho foram ao chão.

### As vaias no sol

Na Praça do Ferreira, o sol foi vaiado, após muitos dias de chuva, sem aparecer. Quando deu as caras, estremunhado, entre nuvens cinzas, recebeu aquela vaia.

### As pernas alvíssimas dos marujos

Vaia também sofreram uns quatro marinheiros suecos que entenderam de passear no local, de bermudas e tênis. Naquele tempo, ninguém, nem marmanjo, andava mostrando as pernas na rua. Então aquelas pernas brancas, isentas de qualquer banho de sol, chamaram a atenção da molecada que passou a seguir os marujos, aos gritos e apupos.

### Vaia na primeira minissaia

Vaia feia também levou a primeira moça de minissaia. Atrás de suas belas pernas, a multidão, estupidamente, vaiava e a seguia. A garota, apavorada com os gritos e com a perseguição, homiziou-se na então Casa Parente, o velho magazine que vem de desaparecer, da rua do Barão do Rio Branco.

## Uma penosa imolada

Wilson Ibiapina me avisa que o diretor de teatro Aderbal Freire está em Brasília. Convoca o Inácio de Almeida para almoçarmos com ele. Foi um encontro nostálgico e prazeroso. À certa altura, os dois primeiros me contaram o estranho episódio, já relatado aqui, ocorrido na década de sessenta na Praça do Ferreira, de uma galinha que fugira do Excelsior Hotel e foi despedaçada, a pontapés, ao cair na rua Major Facundo. Eram jovens e permaneciam muito tempo naquele local. Puderam testemunhar o surpreendente acontecimento.

A penosa – esclarecem-me eles - estava na dispensa do restaurante, no primeiro andar. De repente, se aproxima da janela e se depara com um mundo que nunca dantes pudera ver do galinheiro. Havia muita gente lá embaixo caminhando, como jamais vira no quintal da casa em que fora criada. Automóveis que passam. Música da loja de discos. E a galinha, abobalhada com aquele mundo movimentado, colorido, musical, quer participar dele. E vê que basta se lançar da janela lá embaixo para se integrar à realidade tão atraente. É bem verdade que não aprendeu a voar. Mas é tão perto. Ela se rende à tentação e se lança lá de cima rumo ao solo. Não contava, porém, com duas cordinhas negras que ficavam entre a janela e o chão. Eram os fios de iluminação elétrica sobre os quais caiu e nos quais ficou pendurada. Oscilando. Agora, sim, a galinha sente medo de morrer. É aquele balanço, tangido pelo vento. Embaixo, as pessoas a descobrem e a observam e gritam. É a vertigem de olhar o chão que a atrai. E cada vez mais forte lhe parece o vento que ela se entrega ao destino e salta lá de cima. De repente, mal cai no chão, sofre o primeiro ataque. Alguém a chuta com toda a força, no rumo do grupo de pessoas. Estas disputam o direito de chutar a galinha. E o fazem. E ela sangra. E se rasga. E de repente, ao chute mais forte, as vísceras saem do corpo. Ela agoniza sob novos chutes, até que morre numa poça de sangue. O último flagrante de sua vida foi a alegria de um rapaz magrinho, de baixa estatura, que lhe deu o derradeiro e mais forte pontapé e ficou rindo, feliz, realizado, encostado à parede do hotel, olhando a calça suja de sangue e dando gargalhadas. Foi nos anos sessenta. Aderbal e Ibiapina viram o massacre.

## Pula! Pula!

Também não vi, mas soube do caso do cara que subiu à torre da TV Ceará para se suicidar. Embaixo, começou o aglomerado. E as pessoas, sôfregas, por emoções fortes, passaram a pedir o suicídio: “Pula, pula!” Foi, inicialmente o grito de um só que surpreendeu os presentes antes que todos, uníssonos, passassem a reclamar pressa no desfecho.

Pula logo!

Um rapaz, de pasta de executivo, olhou o relógio e reclamou impaciente: “Pula logo, senão não vou poder assinar o ponto”. Foi quando o suicídio se consumou. Talvez para que o outro não perdesse o dia de trabalho.

## APRESENTAÇÃO DE LOUVAÇÃO DE FORTALEZA

Estou em Paris, sonho de toda uma existência. Moro na *rue de Vouillé*, no *quinzisième*. Entro, porém, no meu edifício por uma ruazinha que a *Mairie* de Paris teve a gentileza de batizar com o nome de Santos Dumont. Começo da semana, segunda, fez frio, caiu granizo, caiu neve e o dia terminou com um lindo sol instalado no céu. Amanheci, neste dia tão vário, diante do meu Pentium, reescrevendo páginas sobre a cidade amada, embalado pelo cantar de um passarinho no terraço, dando pra *rue Brancion*, onde uma rosa vermelha esplende em toda a beleza primaveril.

Leitores indulgentes, como Neno Cavalcante e Edmo Linhares, em Fortaleza; e Paulo Pestana, em Brasília, me sugerem, há muito, enfeixar em livro minhas crônicas semanais. Rendo-me. Tenho pensado num título: *Louvação dos encantos de Fortaleza, a loura desposada do sol*, porque reuniria páginas perpassadas de saudade e de amor, que escrevi sobre minha aventura na capital cearense. Cheguei à cidade em fins de 1975 e dela saí quase vinte anos depois, com saudades, sem sacudir o pó das sandálias. Muito pelo contrário, pois só levava de Fortaleza boas recordações na bagagem.

Convidei Blanchard Girão para prefaciá-lo. De interesseiro que sou. Afinal, ele escreveu, em livro que há pouco publicou, tanta coisa boa a meu respeito, que eu gostaria de lhe ouvir a repetição. Porque

termina alguém acreditando e quem ganha com isso é minha imagem. Pros outros, chamei o Dorian Sampaio, o Milton Dias e o Frota Neto, movido pela mesma motivação interesseira.

Blanchard é uma alma cheia de cordialidade e ternura. Já explico a razão de seus exageros em relação a mim e que muito me comovem. Nem pensem que não curto as referências que ele me fez. Gosto muito e as mostrei, todo feliz, à filharada. Fui seu substituto na PRE 9 e muito me honro disso. Anos depois, era Editor-Chefe do *Correio do Ceará* e do *Unitário* e ele tivera o mandato e os direitos políticos cassados pelos militares. Pra ganhar o pão de cada dia, andava pelos subúrbios do jornalismo. Dava forma literária às reportagens publicitárias que a Eme Socorro fazia no Norte do País. Era um desperdício. Um trabalho quase braçal. O *Correio* estava sem cronista, desde o desaparecimento do Caio Cid. Pra melhorar o jornal, sugeri que Blanchard o substituísse, com sua prosa apurada, do agrado de muitos de nós, havia muito tempo. Eduardo Campos, apesar de um dos líderes dos acontecimentos de 1964, não levantou qualquer objeção. Não fiz nenhum favor ao cronista como, erroneamente, ele pensa e escreve. Foi ato de esperteza conquistar um grande profissional pro jornal que dirigia e que ninguém se lembrara de acolher. Era, decerto, um brasileiro exilado no próprio País por motivos políticos. Ele passou a escrever páginas suaves, poéticas, de bom gosto, como todos esperávamos. Não fui, assim, nenhum herói a desafiar a situação e não fiz nenhum grande obséquio ao colega.

Quem ganhou foi o *Correio do Ceará*. E isto qualquer pessoa reconhecerá, ao ler os exemplares daquela fase. Nesse tempo, suponho haver dado ainda algum estímulo aos estreantes José Augusto Lopes e Leda Maria. Apenas porque identifiquei neles suas potencialidades e tenho sobejas razões para crer que não me equivoquei. Não fosse eu, mais cedo ou mais tarde, alguém terminaria vendo os talentos de ambos.

Luiz Carlos Aguiar, quando esteve aqui, jantando conosco no Le Grand Café Capucines, sugeriu que eu fizesse o lançamento nos salões do Ideal Clube, em cujo restaurante passei (passo ainda) tantos bons momentos de minha vida. Dessa vez, vou trair o Náutico Atlético Cearense, do qual fui empregado e onde tenho lançado outras obras. Só me mortifica um pouco é que, graças a Deus, tenho lá, na sua presidência, outro amigo, o Stênio Carvalho Lima.

No silêncio das madrugadas, reescrevo as páginas sobre a cidade amada e seus personagens no meu Pentium. Só não encontro aquela que escrevi sobre a morte do Dário Macedo, “Estão chamando minha turma”, que o Edson Filho achou muito pessimista. Vou pedir os bons ofícios da Soninha Pinheiro para localizá-la. Qualquer dia, eu as mando de volta, uma obra à procura de um editor.

Não é um livro sobre os sete pecados da capital. Estes são encargos do Luciano Diógenes. Como o Santo Ambrósio da lenda, mencionada por Eça, que não quis ver o câncer que corroía o seio da mulher que amava, eu também só vi os encantos ensolarados da cidade amada. Não faltará quem, com autoridade maior, denuncie suas mazelas. Fiquei com a parte do elogio, da louvação.

Foi bom reler e reescrever algumas destas páginas e, assim, mergulhar naquele tempo que passou e do qual só quero lembrar as boas coisas vividas. Vou fazer força pra estar vivo até o lançamento (e depois dele também) em que desejo reunir o maior número de pessoas queridas. Até aquelas a quem o Marcelo Linhares se refere, dizendo que “há trinta anos não saem de casa.”

Paris, abril de 1995.

## **NEM CAMÕES FOI CAPAZ DE ME SALVAR**

Manhã de 15 de março de 1985. Repórter da sucursal de O Estado de S.Paulo, dou plantão junto ao Hospital de Base, onde Tancredo Neves foi operado. Ali madrugada Mauro Benevides, presidente do PMDB cearense, convidado pelo presidente eleito para comandar o Banco do Nordeste. Pergunta-me o que vou pleitear do novo governo. Respondo que nada. Aliás, interessa-me apenas a presença no Conselho de Administração do Banco do Nordeste, a que sempre, por diversas razões, fui ligado e que me permitiria visitar Fortaleza, em suas reuniões trimestrais. A remuneração não era lá grande coisa. Ao que me lembre, mal dava pro hotel. Ele, prestimosamente, se prontifica a me indicar. Agradeço e volto ao trabalho. Rolam dias, semanas, meses e nada de eu ser eleito. Na terceira cobrança, Benevides me sai com esta:

“Doutor Lustosinha, descobri que aquele emprego não serve pra você, não...”

Por outras vias, terminei chegando lá e ficando por seis anos. Quando Itamar Franco tomou posse, Mauro indicou o novo presidente da instituição, o Melo, que, logo depois, me telefonou para informar que um cara comprara centenas de milhares de ações só pra ser conselheiro. Queria porque queria meu lugar. (Só a mim acontecem tais coisas !). À noite, vou a jantar, em homenagem ao colega Francisco Baker, secretário de imprensa da Presidência da República. Mauro, ao me encontrar, pergunta se sei dos perigos que rondam meu posto. Digo-lhe que sim. Anuncia, porém, que falou, sério, ao Melo, a meu respeito. Citou até Camões:

“Pedi a ele todo engenho e arte pra você continuar no banco.”  
Não continuei.

Devo, porém, dizer que este negócio de conselheiro não é bom pra pobre, não. Por causa de minha eleição, “seu” Costa logo perdeu o direito ao cheque garantido (“o contrerrâneo”) que usava, há bem vinte anos. Assim como o cunhado e dois irmãos, todos funcionários concursados do BNB.

Não nego, porém - seria insincero fazê-lo -, que experimentei certo conforto como integrante do Conselho de Administração do Banco do Nordeste. O negócio foi o seguinte. Meu dinheiro encurtou brutalmente nos tempos de Collor. O preço do caviar e do escocês, se não aumentou, não baixou um centavo. Andava vendendo a alma. Como sou cara escancarado, todo mundo ouvia minhas lamúrias. Uma vez, queixava-me de tais percalços em reunião do Conselho, quando o Célio, advogado do banco, me restituiu a moral de antigamente.

“Mas você é banqueiro.”

Foi com emoção que me certifiquei de que, como integrante do Conselho, era banqueiro. Tanto quanto o Amador Aguiar, do Bradesco, com a vantagem suplementar de que ainda estou vivo, bolindo, e ele não. Quanto o Olavo Setúbal. O Walter Moreira Sales. Era demais pro meu pobre coração. Confesso: me emocionei. A coisa, de repente, melhorara substancialmente. Desci as escadarias do prédio-sede do BNB, pisando firme, com passadas de proprietário. Era banqueiro e não sabia.

## EU E O TCU

Quando assumi lugar no Conselho de Administração do Banco do Nordeste, contei a história daquele milionário paulista, nascido no Ceará, Luís Campelo, que, pra atender ao Lúcio Brasileiro, aquiesceu em indicar seu nome pra compor órgão idêntico no Banco do Estado do Ceará. Longe estava ele de prever que o BEC seria rigorosamente pilhado, saqueado e o ricoço teria seus bens declarados indisponíveis e ficaria impedido de se ausentar do território nacional, tudo por conta de traficâncias de terceiros a que esteve alheio. Veio o governo Itamar e saí do Conselho.

Um dia desses, toco o telefone da rua pra casa e Raquel, inquieta, me fala de intimação do Tribunal de Contas da União, para que explique porque o BNB não aplicou recursos de, pelo menos, 5% do FNE no Piauí e na Paraíba, conforme preceitua a Constituição. Tudo sob ameaça de penas da lei.

Logo o TCU em cujo corpo encontro três a quatro amigos dos mais prestantes e leais com que Deus me aquinhoou!

Disse-lhes que o BNB, decerto, não financiou projetos naqueles Estados porque não houve solicitação.

Agora podem me colocar ante o detetor de mentiras, o pau-de-arara, um concerto de harpa paraguaia, um programa de tevê do Sílvio Santos, podem me impor qualquer outro suplício que, ainda assim, não direi mesmo do porquê daquele crime. Sou inocente do sangue desse justo. Jamais pedi a qualquer gerente do banco que aviasse o empréstimo dum cigarro a quem quer que seja. Nem que sequer financiasse uma plantação de canapum.

## A GAGUINHA NA PRAÇA DO FERREIRA

Certas pessoas, no relato de suas histórias, costumam nos destinar o papel de desgraçado ou de vilão. Por que cargas d'água se acham no direito de nos designar, mesmo hipoteticamente, para que assumamos uma desgraça, uma infâmia? É sinal de que nos querem mal, mesmo em ficção. Em seu imaginário. Eu jamais chegarei a um amigo para lhe propor diálogo, começando assim:

“Se, por acaso, tu estivesse com AIDS...”

Tem gente, porém, que o faz com a maior naturalidade. Um dia desses, falava-se sobre pena de morte. Eu era (sou) contrário. Ao ouvir meus argumentos, um parlamentar apelou:

“E se uma filha tua fosse seqüestrada?”

Aí não me contive. Contra-ataquei no ato:

“Por que não a tua?”

Outro faz a mesma proposta:

“Vamos supor que estás na UTI, desenganado e...”

Você tem mais é que jogar bruto na volta:

“Por que não és tu que estás na UTI, sem mais qualquer esperança?”

Às vezes, nem se trata de proposta de tal gravidade. No entanto, incomoda. Desagrada. Uma bela senhora contava, em encontro recente, episódio constrangedor que protagonizara com o marido, num bar em Paris, agredidos ambos por um bêbado importuno. Para contar o fato, sugeriu:

“Faz de conta que eras o bêbado, Lustosa...”

Recusei imediatamente. Não queria que me considerassem um chato, nem mesmo representando. Nem como ator.

“Seu” Costa, que parecia apeado da condição de marajá, volta a me pagar o rango no restô do Ideal. É ali que vejo gente de cuja companhia careço. Um fã, acho que juiz ou promotor no Crato, se aproxima para dizer o quanto apreciara minhas crônicas. Fico radiante embora com o pé atrás pois sei quanto o brasileiro é avaro em matéria de elogios. Quase sempre, quando os profere, é pela metade. Com a trava de um “até”, um “contudo”, um “porém”. Talvez pelo receio de parecer puxa-saco. Interesseiro. Homossexual, sei lá. Pois bem, esta figura se aproximou da mesa com intenção de ser gentil. À certa altura, no entanto, colocou a clássica restrição:

“Estou dizendo isto mas não preciso de você para coisa nenhuma...”

Senti que ia continuar, pois o tom era crespo, áspero, agressivo. Como se estivesse arrependido por me elogiar. Interrompi-o para altear bandeira branca. Nem ele me elogiaria mais, o que não pedira. Nem me agrediria, o que não desejava. Felizmente, ele se mancou. É horrível essa dificuldade que as pessoas têm de bater palmas pros outros. Homem, então, é pior. Fica cheio de dedos quando se trata de aplaudir outro

homem, com medo de que o tomem por veado. É engraçada tal insegurança.

O mais importante, porém, vem agora. Adoro rever Fortaleza, que faz parte de meu passado. Sou aquele cara nostálgico, que, estando ali, vai, todos os dias, à Praça do Ferreira, atrás não sei mais de quê. Que compra jornais no Bodinho. Que procura, em vão, amigos e conhecidos.

O centro é outro, a cidade é outra, eu mesmo sou diferente. Já não sou aquele adolescente, “foca” da *Gazeta de Notícias* que depois da aula na Escola de Comércio Carlos Carvalho, do trabalho no jornal, ia conversar junto à Coluna da Hora, lanchar no Abrigo Central. Por isso quase não encontro ninguém. Sigo, à procura de uma Fortaleza, que só existe em minha saudade, de personagens que não mais freqüentam o centro porque envelheceram, não saem mais de casa. Não têm mais o que fazer ali. Insisto, porém, em reencontrar a cidade perdida nos desvãos da memória.

Às vezes, sucede-me dar de cara com reminiscências daquele tempo. Nostálgico, empreendia mais uma vagabundagem de turista, quando respeitável senhora me aborda.

“Sou a Irinete, não se lembra?”

“Lembro, sim. Irinete Alves Cabral, a Gaguinha”, respondi-lhe. Perguntei o que estava fazendo e ela revelou que lia muito.

“O quê?” quis saber, curioso. Ela, então, contou:

“Acabo de ler *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.”

Não resisti à pergunta:

“Gaguinha, vais fazer vestibular?”

Não, não vai. É que, na idade madura, passado o tempo dos calores e dos amores, se deu ao hábito da leitura.

Ali estava a Gaguinha, vinda dos longes da década de sessenta. Das brumas dos tempos repressivos, anteriores à revolução sexual. Era dona de famosa “pensão”, sortida de muitas moças que nos propiciavam impetuoso culto à Vênus mercenária. Seu nome aparecia muito nos jornais, segundo ela, quando cobrava os avultados “vales” de alguns jornalistas e eles, em represália, reclamavam a ação da Polícia contra a exploração do lenocínio. Guarda também outras recordações da imprensa, bem mais amenas, por sinal, pois nela recrutou a grande paixão de sua vida.

Os mais novos não sabem de quem se trata. Nem podem. A dona da “pensão alegre” mais luxuosa da cidade, afastada pessoal e profissionalmente das lides, é, agora, grave senhora, que frequenta os clássicos e fala do sucesso dos filhos.

## **QUE SAUDADES QUE TENHO DO CIGARRO!**

Deixei de fumar há bem quinze anos. Não pensem os leitores, porém, que me converti num cruzado contra a nicotina, um daqueles chatos que ficam tirando o cigarro da boca dos outros, para salvá-los do câncer. Nem tampouco me tornei um virtuoso. Um militante da BACОВI, Barreira Contra o Vício, do Baltazar Barreira.

Larguei o vício pelo seguinte: medo de morrer. Foi, no entanto, separação amigável, sem rancores, sem ficar falando mal do ex-companheiro. Porque, afinal, só me ficaram boas recordações do prazer que o cigarro me proporcionou. Não posso lutar contra os que continuam fumando porque recordo, sempre, que agredi muito interlocutor ou interlocutora com as baforadas do meu “Charm”.

Foi em Sobral, naturalmente, que fumei o primeiro cigarro, às escondidas, no enorme porão da casa da rua Maestro José Pedro, onde residíamos. Era um “Zig-Zag” da Manufatura de Cigarros Araken, indústria cearense. Não achei nada bom. Ficou-me apenas o gosto de papel queimado na boca. Aí percebi que o vício, em sua estréia, fica sempre aquém das expectativas que criamos em torno dele, das fantasias com que o enfeitamos.

Quando passei a fumar, às claras, já era metido a besta, razão porque optei pela marca mais cara, a do Colúmbia, de sabor adocicado, a carteira ilustrada por uma caravela. Como vivia de mesada, no bolso da camisa portava carteira de “Globo” (cinco letras de sucesso), de preço bem mais barato. Reservava-a para os filões, os que fumavam mas nunca traziam cigarros. Lembro-me, por essa época, de haver travado relações com o primeiro cigarro americano, chegado à cidade de contrabando, suponho. Foi um “Camel” comprado no “Bar da Antártica”, ao lado do concorrente “Cascatinha.” Ambos não mais existem. São apenas saudade.

Meu primeiro emprego, em Fortaleza, foi na *Gazeta de Notícias*. A folha, comandada por Olavo Euclides Araújo, independente e desabusada, tinha seus fãs. Um deles, o médico amazonense Vinícius Gonçalves. Ia lá, todas as noites, bater papo, sempre de charuto na boca. Gabava-se, para nosso espanto, de fumar vinte deles por dia.

Logo depois, repórter político, freqüentava o restô do Ideal. Às vezes, quem descia do cassino, onde jogava, era o ex-prefeito Acrísio Moreira da Rocha, cujas primeiras conversas costumavam agradar. Ele falava, falava, falava e quando ia acender um Hollywood sem filtro no outro, punha a mão na boca do interlocutor para não ser interrompido.

Muito tempo depois, tive escritório vizinho ao ex-governador Plácido Castelo. Pois bem, o homem que chegara a lugar tão alto na vida pública virava um menino, ante o vício. Fumava no banheiro, escondido de médicos e filhos.

Fumei muito, fumei desbragadamente e foi muito prazeroso fumar durante tanto tempo. Tem mais: vou-lhes confessar. Ainda hoje sonho que estou fumando. Primeiro, resisto à tentação. Depois me rendo gostosamente a ela, dizendo a mim mesmo: a gente morre de qualquer jeito por que, então, não fumar?

Quando acordo, fico na maior dúvida: vou ao pneumatologista ou ao analista?

Parei. Hão de dizer ante fumante tão voraz:

“Que força de vontade!”

Foi nada. Foi medo mesmo. Da primeira e única vez em que me hospitalizei por conta dum susto do coração. E olhem que quando, no Instituto do Coração, a médica Maria Helena começou a examinar a maçaroca de radiografias, perguntei-lhe inquieto:

“Como é? A coisa está muito preta?”

“Por quê? Você fuma muito?”

“De sessenta a oitenta cigarros por dia.”

“Pois nem parece.”

Vocês pensam que isto me tranqüilizou? Nada. O medo era tal que parei.

Fui logo a seguir ao encontro do médico Hélio Magalhães, cardiologista que trabalhava com Adib Jatene. Decretou-me intervenção

cirúrgica na aorta. (Como vêem, os cirurgiões cardiovasculares há muito andam de olho em mim, brandindo seus afiados bisturis). Perguntei-lhe se podia esperar. Disse-me que sim. Podia. Ainda hoje ando fugindo deles. Mas não era disso de que queria falar. Dez anos depois, o grande profissional deu-me a honra de ir lá em casa. E para que o prazer fosse maior veio com outro pernambucano, o gentil-homem Marcos Vilaça.

O médico tinha sede. Dessedentamo-nos juntos. Mais: ele lançava-me, desafiador, baforadas gostosas de seu “Hollywood”, matando-me de inveja. Ainda assim resisti.

Era tudo o que tinha a dizer sobre o tabaco. Parece matéria paga da Souza Cruz, mas nem é. É que não tenho autoridade, não posso falar mal de quem sempre me fez boa companhia, me proporcionou prazer por tanto tempo.

Que saudades ainda tenho do cigarro!

## QUANDO IA SER PUBLICITÁRIO

Demitido do lugar de Editor-Chefe de *Unitário* e do *Correio do Ceará*, fiquei três a quatro meses sem prefixo. No desvio. Não me afligi mais porque do ponto de vista material ouvi palavras solidárias e decisivas. Foi de Elano de Paula e Walder Ary, fundadores do grupo Master-Incosa para cuja união de alguma maneira contribuía em seus primórdios, que se apressaram em me assegurar: “Pode ficar tranquilo que você não vai baixar de padrão de vida, não.”

Apesar de contar com amigos deste naipe, fui à luta. Associei-me a Dorian Sampaio para editar o *Anuário do Ceará* e pra fazer publicidade. Propaganda não era nosso forte, como os leitores logo poderão ver. À cata de clientes, batemos, certa tarde, às portas da indústria de “Produtos Raphael”, uns empresários da zona norte, do Marco ou do Mocambo, que, na capital, vendiam galinhas, ovos, produtos feitos à base de carne de porco.

Em nossa batalha, contávamos os acontecidos do dia a Danilo Marques, que gostava de ironizar a atuação teatral de Dorian, no esforço de conquistar aquela conta. Inventava, então, que o ex-vereador, ex-deputado, ex-diretor de jornal chegara a imitar, na sala da presidência do grupo, um bem nutrido porquinho que, aflito, fugira, por muito tempo, do

facalhão do açougueiro e que só a ele se rendera, por fim exausto, sob uma condição:

“Mate-me se eu for me tornar um produto Raphael”.

Não foi, exatamente, assim, embora todos conheçamos as qualidades cênicas do sócio que, em tempos de jovem, chegou a fazer teatro. Lembrei-me, porém, dessa fase de nossas existências, vendo, aqui, em Paris, o *outdoor* dos produtos Noblet. Um porquinho se debulha em lágrimas, enquanto uma menina procura consolá-lo:

*Pleure pas grosse bête, tu vas chez Noblet.*

A cada vez que me pilho, sem ter o que fazer, passeio no Boulevard Saint Michel, no Quartier Latin, ou nos Champs Elysées. Os filhos me questionam se não me canso, se não enjoô do programa. Que nada! Ir ali, pra mim, constitui sempre novidade. É como se fosse sempre a primeira vez.

É claro que vivi, noutros locais, emoção mais funda. Talvez por mais rara. Foi, em certo crepúsculo, num verão distante, em Veneza, ao entrar no ambiente majestático da Praça de São Marco, quando ali se acendiam todas as luzes da cidade dos doges. Ou, então, aquela outra experimentada quando, em 1974, pela primeira vez, pus os pés na Catedral de Westminster e caminhei, por cima da lápide do túmulo de Isaac Newton. Emocionado, ainda consegui brincar com Antônio Lúcio Carneiro:

“É mesmo o Newton? Aquele da maçã?”

Era.

Isso, porém, não me impede de sentir saudades das caminhadas matinais pelo centro de Fortaleza, deixando-me acariciar pelo vento do Aracati, ao entrar na Praça do Ferreira, vindo pela Floriano Peixoto, depois de passar na sapataria do Citó e na joalheria do Pedro. De parar em “A Leão do Sul” pra tomar um caldo de cana com sabor de antigamente. Comprar jornais na banca do Bodinho. Perguntar pelo livreiro aposentado Luís Maia, que saiu de Fortaleza para Recife, ou pelo poeta Alcides Pinto, que trocou a cátedra universitária pela criação de bodes em Santana do Acaraú. Rever o velho prédio da Assembléia onde fui repórter e vivi tão bons momentos. Passear pela Praça dos Leões. No finzinho da tarde, procurar o banco dos “velhos” na Praça do Ferreira, dando pra Farmácia Oswaldo Cruz. Enfim, saio, pelaí, tentando recolher pedaços de mim mesmo, espalhados ao longo do caminho.

## PORQUE NÃO FIQUEI MILIONÁRIO

Quando morei no Rio, fiquei um ou dois meses no desvio. Os donos da firma em que trabalhava pensavam que estavam ricos. Não estavam. Quando deram fé, faliram. A empresa foi à garra e eu perdi o meu fim-de-mês garantido. Aírton Rocha, amigo prestante, um dia me telefonou com a solução. Descobrira o caminho das pedras. Íamos ficar ricos, muito ricos. Já eufórico, fui a seu encontro. Ele me desvendou a rota da fortuna: a importação de arroz do México. Era um negócio da China. Seríamos milionários em pouco tempo. Saí dali pisando firme, olhando de cima o comum dos mortais a quem não ocorrera idéia tão brilhante. No “Antônio’s” bebi uma boa Tuborg, por conta dos gloriosos dias futuros. Da iminente prosperidade.

Caí, porém, na besteira de consultar um empresário sobre a mina, a jazida que descobríamos. Fui ter com Elano de Paula, compositor de “Canção de Amor”, o primeiro grande sucesso de Elizete Cardoso, irmão de Chico Anísio. Conteí-lhe que ia ficar milionário, em pouco tempo. Ele quis saber como. Disse-lhe que iríamos importar arroz do México. Negócio lucrativo, seguro, como não existia outro. Em que ninguém pensara.

Ele, então, perguntou:

“Vocês têm dinheiro?”

Escapara-nos tal detalhe. Não tínhamos.

Implacável, ele quis saber mais:

“Vocês têm o arroz?”

Era outra ninharia com que não nos preocupáramos. Não possuíamos o nobre grão.

Ele, então, concluiu brutal:

“Então, o que vocês têm é uma idéia. Idéia, todo mundo tem.”

Aí, está, contado, em síntese, porque não fiquei milionário com a importação de arroz do México.

Há, porém, outras fórmulas igualmente venturosas de fazer fortuna. Ao jornalista Sabino Henrique acudiu uma. Amigo desvelado lhe apontou o caminho dos milhões: plantar urucum. (Admiro a abnegação dessas pessoas, que, tendo, em mãos a receita da riqueza, ao invés de usá-la em proveito próprio, passam-na a terceiros. Isto, sim, é que é verdadeira amizade).

Por algum tempo, o arguto homem de imprensa viveu a euforia de milionário. Tinha um sítio. Quarenta e cinco hectares de boa terra, pras bandas de Paracuru e o plantou, todinho, de urucum. Já se considerava o rei do urucum. Via-se filmado no “Gente que faz” do Bamerindus, em meio às suas plantações. Imaginava-se homenageado pela Organização Mundial de Saúde pela propagação do corante natural, pelo combate indireto que, assim, movia ao câncer. Contemplava, em pensamento, toneladas de sacas de urucum, no porto do Mucuripe, indo pra Hollywood maquiar os peles-vermelhas dos filmes, temperar e colorir a macarronada dos gringos, o arroz dos milhões de chineses, de japoneses. Venderia colorau para todo o mercado norte-americano, europeu, pra gregos, troianos e goianos.

Só não lhe ocorreu insignificante detalhe, em meio a seu sonho de grandeza: a chuva. O urucum precisa tanto d’água quanto nós, humanos e desbotados. Ele não sabia disso, de que precisava, como todo agricultor - vá ser ele rei do urucum ou plantar uvas no Ipu - de chuva, das bênçãos de São Pedro. Como de hábito, houve seca no Ceará. O certo é que o plantio todo gorou. Ele não tirou, de seus quarenta e cinco hectares, um cacho de urucum. Uma lata de colorau. E ainda teve de encarar a postura glacial do Banco do Nordeste, uma casa bancária sem nenhum apreço pelos sonhos, pelos delírios dos clientes.

Com tanta adversidade, como é que a gente pode virar milionário?

## SEM CUMPRIMENTO NEM PAGAMENTO

Em fins de 1967, morando no Rio, trabalhei no *Diário de Notícias* na reportagem política, ao lado do austero e conservador Maurício Vaitsman. O jornal já não era mais a respeitada folha de Orlando Dantas que o deixara em invejável situação financeira, com dinheiro em caixa para construção de nova sede e proprietário da revista *O Mundo Ilustrado*, adquirida ao Geraldo Rocha.

Muito pelo contrário. O filho, João Dantas, logo pôs os pés pelas mãos e jogou tudo fora. Se jornalista já é um bicho insuportavelmente mascarado, vocês imaginem o dono do jornal, principalmente filhinho de papai que, para chegar a tal situação, tivera apenas o trabalho de nascer. Era o caso do herdeiro. Um bobo. Na campanha eleitoral de 1960, con-

venceu-se de que seria primeiro-ministro, mentor, dono do governo. A muito custo, o máximo que Jânio Quadros lhe arranhou foi emprego de embaixador itinerante junto aos países do Leste.

Quando trabalhei no *Diário de Notícias*, já estava falido. No entanto, quando descia no elevador na companhia de algum funcionário, não se dignava dirigir-nos o olhar. Não nos cumprimentava. Nem nos pagava.

O encarregado de nos dar um “vale” esporádico e de nos levar na conversa e, decerto, aos outros credores, era o mineiro Severo Pí涅heiro da Fonseca, que, *malgré tout*, conseguia ser benquisto.

Claro que a incompetência e a pose de João Dantas levaram ao naufrágio o *Diário de Notícias* que quando chegou a cair em suas desastradas mãos era um dos melhores e mais respeitados jornais do Rio de Janeiro.

## O TEMPO, ESSE INIMIGO

“Ontem foi-se. Amanhã vem apressado.

Hoje parte, sem parar num assunto:

Sou um foi, um será e um é cansado.

No hoje, no amanhã, no ontem, junto mortalha e fraldas, sendo assim forçado a sucessões presentes de defunto”

(Raquel, quem disse isto?)

Há certo gosto em observar a arcana

Areia que resvala e que declina e, a ponto de cair, se apinha com uma pessoa que é toda humana. (Jorge Luís Borges, *O Relógio de Areia*)

Não é relógio porque os há por toda parte e são meus senhores. Vivo de olho em seus mostradores. Vivo apressadamente, portanto. E sofro, como sofro, a sensação de tempo perdido, a todo instante! O tempo perdido em conversas que não enriquecem, em companhias que não enobrecem, em contatos que não crescem. Fico com pena de não estar escrevendo minha novela. De não haver caprichado mais no que escrevi. De não ler tanto quanto devia. Tenho, aliás, medo de morrer sem ter lido muitos livros que ainda não conheço. E sem haver entregue ao mundo o livro que jaz em mim. Como a estátua se encontra no mármore, ansiando pelo cinzel do artista.

Contei inúmeras vezes, mas repito sempre, pois, como Nelson Rodrigues, sou flor de obsessão. Tive um relógio que durou em meu pulso o espaço de um amor. Infeliz como pedra de esgoto, mal-atado, muito mal pelo Código Civil, amei. Amei uma criaturinha mais moça que eu, de mais simples alma e a Deus agradeço. Ela foi água fresca na sede, agasalho no frio, conforto do oásis no deserto. Eu andava precisado, como andava. Muito lhe devi e devo naqueles tempos inóspitos. A moça, porém. Era noiva e o noivo, intolerante. Sabem o que fez, movido pelo despeito, pelo ciúme? Certa madrugada, contratou um caminhão, um piano, um pianista, um cantor e se mandou para a casa de (nossa) amada. No silêncio e na bruma, feito Cyrano de Bergerac, fez o seresteiro cantar, dez, vinte vezes, “Nono mandamento”. Àquele tempo quase não passavam carros e a voz acusadora agredia o silêncio: “Você traiu o nono mandamento, o nono da nossa lei”. E terminava, cretinamente, pedindo “consolação para um, felicidade para dois”. Não era, porém, disso que ia falar.

Há indícios de que ela me amava. Enchia-me de presentes. O pai operava na área de importação. Sem qualquer burocracia, o que, às vezes, o punha em dificuldades compreensíveis até à incompreensível aduana. Ela foi ao lote de mercadorias dele e dali tirou um Mondaine que me deu. Usei-o, durante o tempo feliz de nosso complicado amor.

Teve pior: pouco antes de trocar o Senado pelo Tribunal de Contas, Henrique de La Rocque me chamou a um canto para me dar um relógio “que marcasse minhas horas de felicidade”. Disse-me ele com carinho de tio. Foi um vexame. A relação, aqui, era naturalmente outra. Não usei o presente. Morria de vergonha, porém, de quem me dera. E passava pelo saudoso senador, escondendo o pulso para que não pensasse que desprezara seu presente. É que a gente já anda tão sobrecarregado de responsabilidades e de objetos que quando se pode livrar de umas ou de outros, nem hesita. No tocante a relógios, é fácil. Inclusive porque o vizinho sempre anda com um, em que você espia pelo rabo de olho.

Quando somos jovens, temos em relação ao tempo a impaciência de credores. Estamos sempre querendo que ele corra. Para que chegue logo o carnaval, a Semana Santa, as férias de julho, o São João, então depois dos “bros”, o tempo voa. Até o Natal. Até o *réveillon*. Quando damos fé, estamos um ano mais velhos. É quando passamos a nos portar como devedores. Embalamos-nos na esperança de que o Banco esqueça o dia do vencimento da promissória. Ou, então, passamos a pleitear prorrogação.

Ainda hoje sou dos apressados, reconheço minha culpa, minha máxima culpa. Nem posso recriminar os outros. Nos tempos em que trabalhávamos juntos, Guilherme Neto costumava me perguntar porque vivia tão sofregamente: “Tens muito medo de morrer”. O quanto, porém, se perde em amar tão depressa, beber tão rápido, ler e viver correndo, ao invés de curtir mais, usufruir mais cada oportunidade de prazer. Inclusive porque ela pode não se repetir. Para que, então, andar tão velozmente atrás das voltas do relógio?

É o que tenho vontade de dizer a essas meninas de hoje, Raquel e Sara, em particular, que nutrem desejo tão intenso de se despedirem, logo, desses tempos amenos e leves. Para que tanta pressa em deixar de ser criança? Para que a angústia de ir logo à frente, chegar logo à faculdade, formar-se, ingressar cedo na rotina do trabalho ou na frustração do desemprego? Para que trabalhar tão cedo? Dar duro pelo pão de cada dia, casar? Agüentar marido que, muitas vezes, somente produz desgosto e roupa suja? Limpar cocô de neném. Chegar logo à idade da gente e ficar com bruta vontade de negar? Ah! Peçamos ao tempo que maneeire, ao relógio, que está certo, não pare, mas que, pelo menos, não voe. Peraí, não curti a vida como devia, como merecia, uma outra oportunidade, sim, porque somente, agora, aprendi a amar, a beber, a viver, e quando não me resta tanto e a cobradora implacável, senão está às portas, avança a passos largos?

## MINHA AMIGA, A GARRAFA

Um dia desses, Paulo José, ao se servir de uísque, lá em casa, se deteve, observando o copo em que servi, baixo, sólido e amplo: “Isto é que é gostar de beber e de dar de beber”. Não gosto de copos altos nem finos para o uísque. Estes têm de ser baixos e entroncados. Precisam ter por onde se lhes pegue como as mulheres, onde se encham as mãos. Estou longe, porém, de ser bom bebedor. Primeiro, pela sofreguidão com que vou ao copo. Lúcio Brasileiro e Guilherme Neto sempre se disseram impressionados com a rapidez com que enfrento o *scotch*. José Hugo Machado, cearense de Lisboa, brinca: “Tu és dos que não podem ver copo cheio”. Além do mais, gosto de uísque com muito gelo, o que lhe desfigura o *bouquet*. Curto e curto muito gelo se dissolvendo no

dourado do uísque. Quem consome, porém, assim, não tem paladar requintado. Por isso mesmo, quando o Brasileiro, certa vez, para me homenagear com carinho fraterno, abriu um Royal Salute, protestei: "Não mereço". Como ele sabe que humildade não é o meu forte, quis saber por quê. É que uísque de qualidade deve ser servido puro. Sem gelo. Comporta, no máximo, água fresca da Irlanda, bebida em separado, após cada gole. Agora, com quatro, cinco pedras de gelo, vira sangria, garapa. É a mistura que me permito.

É fundamental que o gelo venha de água limpa, filtrada e que não seja tocado pelas mãos de ninguém. Porque muito *barman* não se manca. Não tem educação social nem formação profissional e, por isso, coloca pedras de gelo com as mãos, em nosso copo. Sabe Deus onde, antes, pusera as mãos.

Fernando Sabino conta que, em bar de luxo, em Nova York, vendo cidadão ansioso por se relacionar, meter o dedo no gelo de seu uísque, indagou: "O senhor é brasileiro?" O outro, mais que depressa, continuou e perguntou: "Como é que o senhor descobriu?" O cronista lhe explicou: "Porque só o brasileiro faz a porcaria de mexer com o dedo o gelo do uísque..."

O uísque deve ser sorvido em companhia leve, longe dos sectários, dos fanáticos, dos obsessivos, dos que querem prolongar, na mesa do bar, o expediente do trabalho ou problemas profissionais. Dos que pretendem impor-nos sua opinião. Dos que falam muito alto, por exibicionismo, por falta de educação. Cumpre, pois, buscar companhias leves, saudáveis, que privilegiem o lado ameno da vida. Cuja conversa tenha sal, senso de humor, que te enriqueça, que não te jogue no colo problemas e dramas. Certa vez, um bom bebedor de uísque estava a um canto do bar, fugindo de companhias, quando lhe indagaram o porquê da solidão. Explicou: "O uísque está muito caro. Não posso desperdiçá-lo na companhia de chatos". É a lei fundamental, é o primeiro mandamento, exigência *sine qua non*: fuja do chato como o bode da chuva, o diabo da cruz. Há dias, fiquei em pânico diante da perspectiva de que um desses me viesse, no bar, baixasse no meu centro e desfizesse uma roda que era toda harmonia, toda bom caráter, toda alto-astrol. Mais cuidado, portanto, com os que têm contas a ajustar com a vida, os que guardam, lá dentro, como animais de estimação, suas mágoas e suas frustrações e somente querem, do álcool, liberação. São pessoas atormentadas que

apenas sossegam quando jogam seu tormento sobre os outros que nada têm a ver com isto. Ao longo dos anos, tenho bebido tonéis e sempre em boa companhia. Desde o primeiro pileque, em casa de Agenor Rodrigues, com Hélio, filho do anfitrião já falecido, Antônio Rangel e Oswaldo Rangel. Todos os copinhos de vodka (nacional, bem se vê) num jantar no Kremlin, com Flávio Marçílio, uísque no Palácio de Westminster, com o presidente da Câmara dos Comuns, Sarney e Accioly Filho. Bom champã com Thomaz Coelho, no La Tour D'Argent, e com Norton Macedo e Ary Kffuri, no Maxim's. A cachaca de Chico Caldas, em Viçosa, com Tarcísio Tavares e o abstêmio Arialdo Pinho. O álcool não me torna valente nem arruaceiro. Não me leva a meter a mão no decote das mulheres dos amigos. Nem a dizer grosserias que não diria, sóbrio. Torna-me, porém, mais romântico, dá-me o desejo de curtir música sentimental, nostálgica. O álcool me tem sido boa companhia, na euforia das comemorações, nos instantes crepusculares em que a gente saca que a vida está feia e não dá para agüentar. Aí, então, você vira um pouco de Deus. Decreta, por conta própria, morte interina, provisória, mergulhando na garrafa os gnomos, os duendes, os fantasmas que o perturbam. Mais tarde, acorda e vai à luta, com um Vallium número dez ou Old Parr de boa origem. Ninguém pode considerar-se definitivamente infeliz ou totalmente perdido. Tem, sempre, possibilidades de ganhar o reino dos céus.

## 20 ANOS DE BRASÍLIA

Quando publiquei *Fortaleza, meu amor*, Carlos Eduardo brincou: "Pai, depois de *Sobral do meu tempo*, *Fortaleza, meu amor*, vai ser' *Brasília, minha namorada*?"

Não sei o que respondi ao caçula. O certo é que Deus me conferiu o privilégio de amar as cidades em que vivi. Delas não saí tângido pelos cobradores nem pelo meirinho, graças a Deus, e, sim em busca de mais espaço para desenvolver meu trabalho.

Em 1974, havia comandado, ao lado de Dorian Sampaio, três edições do Anuário do Ceará, uma delas que esperava, comigo mesmo, fosse a última, de quase mil páginas. Ganhávamos bom dinheiro e desenvolvíamos razoável trabalho de pesquisa, além de nossa presença na tevê e nos jornais. De repente, achei que andava à procura de algo mais,

aquela confortável rotina ia-me levar à estagnação e decidi me picar, sem nada avisar ao sócio. Antes, passei uns meses em Paris, num apartamento de sexto andar na *rue* de Montparnasse, sem elevador, pra me desarmar, não chegar tão chucro à capital da República.

E foi, no segundo dia de dezembro de 1974, numa segunda-feira, que desembarcamos no aeroporto internacional de Brasília, onde Gláucia, então casada com Fernando César, nos esperava com um *bouquet* de lindas rosas. Fernando já me conseguira, com Carlos Chagas, lugar na sucursal de *O Estado de São Paulo* e apartamento provisório onde me alojar, do qual involuntariamente “expulsei” outro que se tornaria também excelente amigo, Sérgio Chacon. Já lá vão vinte anos. Os Mesquitas precisaram de 14 anos para descobrir que eu não servia. Assim “caí” com toda a equipe, quando Chagas deixou o suave comando. Tão ameno que uma das colegas daquele tempo, Hebe Guimarães, que passou longa temporada na Europa, quis-nos reunir numa festa das “viúvas de Chagas”, para a qual obteve adesão pressurosa de quantos trabalharam com ele naquele tempo.

Quando tentava morar em Brasília, sobreveio o golpe. Lembro-me de haver escrito vários artigos contra a sedição e a gorilada, que foram assinados por Alberto, irmão já falecido, à época jornalista conhecido na capital. Por conta disso, ele entrou no chamado IPM do Arcebispo, instaurado contra os que, como dom José Newton, se haviam pronunciado em defesa da legalidade, através dos microfones da Rádio Nacional. Dez anos depois, assisti à interminável agonia da ditadura militar, à eleição e à morte de Tancredo Neves e à deposição de um presidente, acusado de corrupção (lembro, a propósito, haver levado Carlos Eduardo a ver o plenário do Senado convertido em Tribunal. Naquele instante, em que lá entramos, discursava o austero Antônio Mariz).

Em Brasília, no tempo do Oliveira Bastos, escrevi coluna no *Correio Braziliense* ao qual devi (e devo) a divulgação de meu nome na Corte. Aqui se criaram meus três filhos da segunda ninhada, a primogênita Raquel, já cursando escola superior, ganhando seus trocados como professora de inglês; a bela Sara, iluminando, com seu sorriso, os crepúsculos de domingo do Gilberto Salomão. Fiz muitas amizades - o que sempre acontece onde quer que vá. Liguei-me tanto à cidade, embora costume dizer que moro mesmo é no Congresso, na Câmara e no Senado,

e não no Plano Piloto - que só a trocaria, hoje em dia, por Paris, o que ora faço. E assim mesmo temporariamente. É tal a afeição que lhe voto.

Só me falta, agora, perpetrar o livro sobre a capital que ainda não conheço bem, circunscrito que tenho vivido ao mundo político. Vou saber do Carlos, como o batizo: *Brasília, meu xodó* ou *Brasília, meu maior amor*? Afinal, em seu chão passei o período de tempo mais comprido de minha existência. (12/03/95)

## AS TRAGÉDIAS DE 31 DE MARÇO

Foi num 31 de março (quantas desgraças públicas e particulares acontecem neste dia fatídico!) que me hospitalizei vez primeira. Nos dias e noites intermináveis da UTI, os medicamentos mexem com a cabeça da gente. O certo é que, um dia, neurastênico, me irritei com o que achei barulheira de alguns visitantes, pedi papel e caneta para escrever artigo contra o hospital. Sapateeí, esbravejei, reclamei. Fiquei brabo. Ao deixar o hospital de base, pedi desculpas aos médicos que tão carinhosamente me haviam tratado. Um deles, o paraibano Aluísio Franca, nem se surpreendeu e explicou porquê: “O Aliomar Baleeiro, quando presidente do Supremo, quis sair daqui, nuzinho, tal qual veio ao mundo e não deixamos. Perguntou: não tem *habeas corpus*? Respondi-lhe que não. Então ele se conformou, ficou.” Em Paris, em idêntico lugar, também dei meus vexames e clamei por uma mulher. Sabem qual o nome de mulher que me veio aos lábios, mais cheio de pontos que estudante aprovado em vestibular, enfaixado, o próprio S. Sebastião de Sobral, no Salpêtrière? O de Sara, minha filha. Que exemplo edificante! Que pai d’égua, pai modelo, pai profissional! Até eu me surpreendo com minhas virtudes. Por isso é que digo, em verdade vos digo: qualquer dia saio santo revel. Vou canonizado sem saber. Nem mesmo querendo. Às vezes, até eu me surpreendo com as reservas de santidade que escondo, que guardo em mim.

## MORRI E NÃO SABIA

Quando vou entrar no novo restaurante de comidas do Mediterrâneo, “Abajour da Adi”, um conhecido que degusta seu cachimbo na calçada, para não perturbar os outros fregueses, me cumprimenta e como há muito não me vê, me dá pêsames pelo “falecimento do nosso querido Lustosa da Costa na Europa.” Está comovido e explica porquê: “Gostava muito do Lustosa.” Aceitei e agradei os cumprimentos. Poderia haver-lhe dito que realmente andei raspando o travessão em Paris, mas escapei graças à perícia de seus cirurgiões. Ia, porém, desmobilizar a compunção e o sentimento do amigo. Sem jeito, calei, para não o decepcionar, preferindo continuar morto a seus olhos. Logo, porém, dele me despedi e entrei no restaurante sobrevivente de mim mesmo. Olhei-me no espelho para conferir se era eu mesmo quem me olhava, se continuava vivo. Por segurança, telefonei para casa a fim de saber de Raquel se eu ainda era gente ou alma do outro mundo. Ela garantiu que estou vivo, não gostou do engano do cara, estranhou porque não protestei jurando que não morri. Dei-lhe as razões acima. Fiquei, de certa maneira, encabulado de estar vivo, decepcionando o outro. O cara mostrava tal sentimento que não achei justo tirar-lhe o motivo da emoção, como que puxar a cadeira em que estava sentado. Também resisti à tentação de sentir saudades de mim Apenas admiti permanecer defunto para ele, a seus olhos, embora constrangido no papel. No entanto, reintegrado em minha existência física, fui ao rango e com tal disposição que me convenci, definitivamente, de que não morrera, apesar das versões em contrário.

## DOIS CAJAZEIRENSES EM LISBOA

Vinha de passar pelo restô Martinho das Arcadas, onde se realizara sarau em homenagem ao centenário de Fernando Pessoa, e de assistir a um concerto ao ar livre, em frente ao Teatro de Dom Carlos, por conta de Santo Antônio, padroeiro de Lisboa. O bar do Tivoli Jardim - já encerrara atividades. Decidi tomar a saideira no restô do Hotel Tivoli, no último andar, com aquela vista esplendorosa da capital portuguesa. Ao me aproximar do balcão do bar, ouço alguém se despedir de dois amigos, dizendo:

“Renan Miranda, editor de *O Globo*”.

Muito na minha, dirigi-me, discretamente, ao *barman*, reclamando meu *scotch*.

O colega, no entanto, queria papo e me interpelou:

“E você, quem é?”

“Não sou ninguém, não”, respondi, com hipocrisia, com falsa modéstia, tentando me esquivar do papo.

Ele insistiu, tenaz:

“Você não escrevia ‘Lustosa da Costa Informa’, no *Correio do Ceará*?”

Quase caí para trás. Ele continuou:

“Trabalhei com o Dorian Sampaio, na *Gazeta*, e com o Costa, em *O Povo*”.

Ante minha admiração, lembrou que havíamos sido contemporâneos na Faculdade de Direito do Ceará:

“Terminei em 1964 e fui o orador da turma. Trabalhei em Recife, no *Diário de Pernambuco*, na *Veja* e, agora, estou no *Globo*”.

Perguntei-lhe:

“Como é que sendo nós cearenses nunca nos encontramos em Fortaleza?”

Ele negou fosse cabeça-chata.

“Nasci em Cajazeiras, da Paraíba”.

Foi demais. Puxei da carteira de identidade para provar que também deixara o umbigo enterrado em Cajazeiras. Não pude, assim, por força de tantas coincidências, recusar atender a seu convite para esticada, madrugada adentro, em “A Parreirinha de Alfama”, onde fomos ouvir o fado de dona Argentina. Valeu a noite.

Ao chegar a Lisboa, liguei para Tarcizo Azevedo, ex-dono do Sandra’s e do Duna’s, que está tentando montar restô cearense, em Lisboa, na Rua do Salitre, bem pertinho do hotel em que me hospedo. Ele me informa que o administrador geral do Banco do Brasil, Emílio César Burlamaqui, nos quer oferecer jantar em “O Escorial”, onde já passei um final de ano, alguns tempos atrás. Quando me defrontei com o anfitrião, perguntei-lhe se tinha parentesco com o coronel Emílio Roriz Burlamaqui. Ele confirmou:

“É meu primo. Me hospedei muitas vezes em seu apartamento no Rio, quando ele morava na Rua Santa Clara”.

Quando lhe indaguei onde morava, respondeu que no bairro das Amoreiras.

“Rua Amoreiras, nº 80? Vizinho do José Hugo Machado?”

Ele confirmou. E aí pude ver o quanto o mundo (ou Portugal?) está ficando pequeno para os nordestinos.

## VIVENDO NA SAUDADE (OU JÁ FUI BOM NISSO)

O bilhete Brasília-Roma me sai por CR\$ 26 mil, 1 mil 187 dólares. Como sempre, desço primeiro em Lisboa, para ir chegando à Europa, aos poucos. Naquele chão de meu bem-querer, arranco-me no Tivoli Jardim. A diária de casal custa 1.900 escudos, mais ou menos 40 dólares, pois a “verdinha”, a “alface” está valendo 47 escudos.

Mal deixo a mulher e as malas no apartamento, ganho o bredo. Vou bater pernas na Avenida da Liberdade, no Rossio, no Chiado.

À noite, no Cassino do Estoril a sorte me bafeja. Não acho justo, porém, desfalcar a Pátria-mãe. Volto à roleta pra devolver o apurado. Quando o consigo, apodera-se de mim a idéia de jantar. Opto pelo restô do cassino.

Folheio o cardápio. Simpatizo com o pato estufado. Recorro ao *maître* pra que me explique como é tal prato. Ele é categórico no esclarecimento:

“Pato estufado é pato estufado”.

Dissipam-se as dúvidas. Para que o tal pato estufado desça, redondinho, peço um tinto, o Conde de Santar, ao preço de 200 escudos. O garçom me empurra, goela abaixo, aguardente velha de Penafiel, gororoba que nos queima a garganta e a algibeira, pela qual nos cobra 130 escudos, a dose. Somos cinco à mesa, a conta chega a 2.130.

Dia seguinte, tomo o trem pra Queluz. Quero rever o palácio onde nasceu e morreu Pedro I (o Pedro IV deles). Depois, almoçar no restô “Cozinha Velha”, ali instalado. A esse tempo, como vedes, os preços eram baratíssimos e o português era bom, não queria ser europeu, tratava-nos com carinho fraterno e se deslumbrava com as primeiras novelas da Globo. Em suma, não nos olhava com o pé atrás, como penetras, intrusos, não hostilizava o brasileiro como parece fazer hoje em dia, pra agradar aos sócios ricos do Mercado Comum.

Como era obsequioso o português! Passeava pelas ruas de Amadora, numa radiosa manhã de sol. Quando a fome chegou, entrei, por acaso, numa farmácia e indaguei o funcionário por um restaurante onde pudesse fartar o bandulho com arroz de mariscos, bom como o do “Solar dos Presuntos”, às portas de Santo Antão ou do “Solar de S. Pedro”, na praça do Mercado de Sintra. O ajudante de farmácia, solícito, pressuroso, gentil, saiu de seus cuidados, veio até a calçada pra me orientar.

Apontando um largo, dois quarteirões adiante, me perguntou:

“O senhor está a ver aquele sítio à frente?”

“Estou”, foi o que pude responder.

“Pois não é lá”.

Calei-me indeciso, à espera de que prosseguisse.

Ele, então, me deu a dica:

“Quando o senhor passar daquele largo, vai encontrar a estátua de um cavalheiro, de costas. É logo ali”.

Segui seu conselho. O estadista luso estava de fato de costas para quem ia, como eu.

Fui ao “Nevada”. Comi como um abade e encharquei-me do Bucellas, o velho, e bendisse o Deus que criara o arroz de mariscos e os ajudantes de farmácia.

Ao então presidente Sarney ocorreu episódio interessante quando, ao lado de Marcos Villaça, fazia a ronda das livrarias, numa sexta-feira, último dia útil de sua temporada lusitana. Perguntou por um livro. Não havia, na casa, naquele instante. Gentil, o gerente se prontificou a consegui-lo. O Presidente lamentou porque viajaria domingo.

E indagou, com derradeira esperança:

“Vocês fecham, aos sábados?”

Prontamente, o livreiro negou:

“ Não fechamos, Presidente”.

“Como?” Sarney perguntou, surpreso.

Foi a vez do anfitrião explicar:

“Não fechamos porque não abrimos”.

Hélio Matos, que foi secretário de Hugo Napoleão, participou de interessante seminário de sua especialidade, realizado nos salões do Tivoli da Serra, localizado em Sintra, com esplêndida visão de seus choupais. Fez amizade com outro brilhante colega. Que, ao final do encontro, quis lhe dar o endereço, mas estava sem cartão de visitas. Escreveu, então, à mão:

“Nome: Joaquim Manuel Pereira  
Endereço: Rua dos Ciprestes, nº 60  
Telefone: não tem.”

Deixamos Lisboa, com saudades. Vamos a Paris. Mais precisamente, ao pato numerado do “La Tour d’Argent”.

O *maître* quer saber o que bebemos. Pedimos champã. Que marca? Indaga. Norton Macedo nem hesita:

“O melhor”.

Peço-lhe modos, parcimônia, sem muita convicção. O certo foi que o divino licor rolou como as águas do rio Acaraú nos tempos em que chovia em Sobral. Como o pato 551.978. O vinho me desata a língua. De repente, desvenda um francês fluente que jazia em mim e que não conhecia. Aí falo com o patrão, Claude Terrail. Pergunto-lhe se posso roubar cinzeiros. Ele não responde. Sorridente, vira as costas, dando-nos autorização. Volta a conversar conosco. Pergunta por Ibrahim Sued. Digo-lhe que também escrevo em jornal, mais precisamente em *O Estado de São Paulo*. Quer saber de Jorge Guinle.

Brinco:

“É aquele miúdo *playboy* brasileiro?”

Foi uma noite inesquecível. Éramos seis à mesa. Pagamos 2 mil e quatrocentos francos.

Fomos a Roma e vimos o Papa.

Antes disso, pesa-me confessá-lo, temo que a *Folha de São Paulo* o saiba e aí estou perdido e mal pago. Porque jantamos com o Giulio Andreotti, aquele que, segundo o vigilante jornal paulista, está metido em grandes maracutaia, até beijava a face dos chefões da Máfia. Pois bem, comi de seus pirões do Emílio Colombo, presidente do Parlamento Europeu. Que o intrépido jornal paulista não saiba de tais mordomias, é o que, todo o santo dia, peço a Deus.

## UM SUSTO

Há onze anos, num 31 de março (quanta coisa ruim tem acontecido neste dia!), me apareceu em casa um mala sem alça, um chato tão desagradável que, por o aturar, não o mandar embora como devia, minha pressão subiu. Foi lá pro 26º andar. Supus ter sofrido enfarte do miocárdio. De repente, estou na UTI, imobilizado, sem poder receber visitas, cheio de tubos no braço e no nariz. Aí você pensa que acontecimento como aquele jamais lhe poderia suceder e, no entanto, lhe sucedeu. A vítima é você quando bem podia ser o outro. Os outros.

É certo que fui tratado, como príncipe, no Hospital Distrital de Brasília. E do lado de fora, pela solidariedade dos amigos que foi fervorosa.

Me pelava de medo de morrer. Andava com os nervos à flor da pele. Havia, acho que ainda há ali, um padre velhinho, padre Brusco, capelão do Hospital. Pode ter sido impressão minha ou fruto do medo, não sei. Achei que o sacerdote botava os olhos compridos na minha direção, imaginando-me presunto iminente, possível freguês de extrema-unção que ele devia encaminhar, o quanto antes, pro reino dos céus. Um dia, como ele me olhasse muito, fiquei brabo da vida e mandei-o àquele lugar.

Igual ao que fiz com o Eurico Rezende, então governador do Espírito Santo, que, ao me encontrar, foi logo perguntando:

“Então, andaste fazendo vestibular pra eternidade?”

Como vocês podem notar, não morri. Não era minha hora e ainda um bocado de *scotch* a consumir. Não tenho, porém, leitores, o direito de tomar o tempo de vocês com recordações de hospital. Vamos a outras lembranças.

## CAMISAS POR CHAMPÃ

Uma vez, estava em Paris e era dezembro. Fazia compras na Galeria Lafayette, com o ex-reitor Paulo Elpídio, colega de pré-vestibular e meu amigo desde então. Andava atrás de umas camisas com etiquetas francesas. Não achei. À certa altura, me dei conta de que não andaria com as etiquetas pro lado de fora das camisas para aular a inveja alheia e de que os colarinhos europeus são muito altos e incômodos pros gogós de cabeças-chatas. Desisti. Era crepúsculo de 31 de dezembro e tinha sede. Propus, então, a Paulo: “Vamos beber estas camisas?”

Ele se rendeu fácil à minha proposta. Fomos, então, à cantina de *Monsieur* Krautner, no Boulevard Montparnasse, esquina com a torre, executá-la. Sentamo-nos na varanda envidraçada, para não deixar de ver Paris passar. Paulo pediu champanhe. “Aqui? A estas horas? Não é possível”, diz o garçom. Não vira ninguém até então pedir ostras e champanhe naquele local, naquela hora. E alinhou severos argumentos contrários ao atendimento de nosso pleito. Depois de ouvi-lo, Paulo, então, engrossou:

“Será necessário fazer um requerimento ao gerente?”

Ao ouvir falar no patrão, o garçom, furioso, foi lá dentro. Deblaterou com o superior hierárquico, repetindo as razões do veto. Perdeu. Fulo da vida, veio atender-nos. Pedi um litro de champanhe. Pra nos humilhar, ele fez questão de enfatizar o preço.

“É exatamente esta”, confirmei.

Resmungando, ele nos trouxe o bom champanhe e aquelas suculentas, deliciosas, sensuais ostras que se comem em Paris, enquanto o Paulo filosofava:

“Se fosse na Inglaterra, eles nos teriam pedido mil desculpas, diriam que não sabiam como nos atender, iam aprender, voltássemos no próximo ano, nem pagaríamos nada. Agora, não, não dava. Não sabiam como fazer”.

## TANTO POR NADA

Fui ao Sara Kubitschek, um dos mais famosos hospitais brasileiros. Lá o chão é tão limpo que dá vontade de você dormir ali naquele friozinho gostoso. À entrada do prédio, um pano imenso, grosso como de rede, funciona como tapete, escabelo. É tão limpo que o Wilson Ibiapina achou que não era para ser pisado. Entrou, esgueirando-se. Lá você é chamado à consulta através de aparelho de tevê. É examinado pelo menos por três médicos. Faz um exame caríssimo, a chamada tomografia, além de mil radiografias. Sem falar numa sessão de choques elétricos na perna, que levei sem estar mais na ditadura nem ser preso político. Depois de tanto eu onerar o contribuinte, veio um fisioterapeuta e resumiu meus males: “Sua espinha vertebral tem cabelos brancos”. Era – explicou – a fadiga do material. O desgaste natural do uso. Fiquei até com remorso de

ter custado tanto ao contribuinte, para tão reles resultado, tão decepcionante diagnóstico - um mero bico de papagaio. Causado pela idade. Pior, na casa do sem ter jeito. É ir com ele até o fim. Se doer, aspirina. Analgésicos. Não carecia hospital tão bem aparelhado, tanto médico qualificado, tanto exame para um simples problema de coluna. E para que me receitassem Melhoral.

## MEU CARDIOLOGISTA

Meu médico de Brasília, o gaúcho Adir Prates Flores, que estudou no México ao tempo em que a Cidade do México abrigava avançadíssimo centro cardiológico, é, principalmente, um otimista. Como já escrevi aqui, no dia em que eu for embora, há de dizer: “Morreu, mas estava bonzinho”.

Além de seu alto-astral, convive com meus hábitos, meus vícios, meus defeitos, sem querer fazer de mim outro Lustosa. Ou São Lustosa. Aceita minha sede pelos *rouges*, meu amor pelos bons queijos. Não exige que tenha silhueta de sílfide nem que ande, todos os dias, sem destino, dez quilômetros. Pergunto-lhe quanto devo viver, bebendo o que bebo, fazendo as extravagâncias que faço e aí obtenho sua resposta. Cala quando lhe indago se estes que não se fazem restrições, não aceitam fazer sacrifícios, ficam-se pelando de medo quando chega a hora, quando a Indesejada das gentes se aproxima. É um médico. Não um diretor espiritual, um reformador moral. Quero dele apenas me diga por onde vou terminar indo como vou. Quero que me aceite tal qual sou e serei. Não aquele ser ideal. Este não precisaria do médico.

## RÈVEILLON EM PARIS

Houve tempo em que a Europa era perto. Tão próxima que eu visitava Portugal todos os anos, o que era doce ao meu coração. Ali era tratado como príncipe. Dizem que isto mudou e se mudou, lamento-o de veras. A vida era tão fácil, que podia também visitar a França, com frequência. O saudoso Freitas Nobre, cearense de São Paulo, líder do MDB, vendo meu gosto por Paris, me indicou “Le Grand Hotel de Suez”,

no 31 do *boulevard Saint Michel*, ali no quente do Quartier Latin, onde hei ficado, vez primeira, em 1976, pagando oitenta e um francos (a diária hoje deve orçar por oitenta e um dólares). É pouso que tenho recomendado a muitos amigos e que, por isso mesmo, virou endereço de cearense em Paris. A localização é privilegiada. Você fica na *rive gauche*, a um passo do Sena, da Notre Dame, da Sorbonne, em meio aos célebres cafés da cidade. Claro, o estabelecimento não tem luxo. E a exigüidade do seu elevador levou Paes de Andrade a uma crise de claustrofobia.

A primeira vez em que me abriguei, sob seu teto, o proprietário, Pierre Lemagat me recomendou um apartamento de fundos, dando pra *rue Saint-Jacques*, para me poupar da *brouhaha*, isto é, da algazarra do Boul Mich. Ora, foi justo o que me atraiu. Se estivesse querendo repouso, calma, ia para a Serra de Santo Estêvão. Ou iria fazer retiro espiritual no Colégio dos Salesianos de Baturité. Queria mesmo era a *brouhaha*, o mundo passando e eu o vendo passar do Café de Cluny.

Foi, no Le Grand Hotel de Suez que, certa madrugada, a Providência Divina me mandou Papai Noel antecipado sem que tivesse eu colocado os sapatos à porta do apartamento e eu não fui capaz de perceber, de recolher a dádiva. Estava posto em sossego, prestes a dormir, quando bateram à porta. Levantei-me, surpreso. Não esperava ninguém. Quanto mais visitas, sem aviso. Abri. Sabem quem era, leitores? Duas louras dessas que fazem a alegria dos espelhos, como diria Nelson Rodrigues, dessas belas nórdicas a quem apetece, no verão, os negros e os mestiços. Apesar de ciente disto, sabem o que fez aqui o panaca? Nem lhes abriu, inteiramente, a porta, como se fazia mister. Apenas, por ela entreaberta, murmurei, trêmulo, confuso:

“Não é aqui, não.”

Foi aí que Deus percebeu que eu não merecia as moças. Mandou-as cantar noutra freguesia.

Ali, pertinho na *rue des Écoles*, assisti a um show em que o cara fazia amor numa rede, pendurado lá em cima, perto do teto. Coitado, era feito jumento de lote, diria, ao saber do acontecido, lá em Sobral, o dr. Ramos presidente da Academia de Letras da cidade. Era obrigado a fazer, por profissão, o que só tem graça por lazer. Enquanto o rapaz, sobre nossas cabeças, dava duro para cumprir o dever, eu cá com meus botões, ficava pensando sobre como reagiria o público brasileiro em tal transe. Se o *show* fosse aqui, garanto que muita gente ia ficar revoltada. Ia ver, naquele tesão todo, ofensa pessoal. Uma agressão. Torceria para que o

casal desabasse lá de cima. O cara não desse conta da moça. Todos, porém, acompanhamos, atentamente, o esforçado rapaz e soltamos um “uff” aliviado quando, afinal, deu conta do recado.

Eram fins de 1977 e vinha da Inglaterra. Aportei no modesto hotelzinho. Ary Kfuri, Norton Macedo e Santos Filho, que haviam alugado *limousine* presidencial, iam ali me buscar para alegres deambulações pela chamada Cidade Luz. Numa delas, lancei, literalmente, meu primeiro livro... às águas do Sena. Eu, no carrão, me sentava no banquinho do ajudante de ordens. Chique pra valer.

Uma noite, eles foram me pegar para o *Réveillon* do Maxim’s. Lá fui àquele templo do consumismo, entre novos ricos do mundo inteiro, orientais lindíssimas com jóias que me encandeavam. Era eu provavelmente o único dos presentes, de *smoking* alugado.

Quando entramos, sentimo-nos, a princípio, intimidados. Descontraímo-nos quando o garçom falou espanhol. Pressuroso, lhe coloquei, no bolso, cinqüenta francos, para que o champã rolasse, em nossa mesa, como as águas do Acaraú na estação das chuvas. Naquele tempo, dez francos ainda eram muita coisa. Foi meu presente para o violonista que tocou “As time goes by” e “Fascination”.

Pois bem. Nós - que, de início, estávamos meio mal feitos de corpo, sem jeito - nos soltamos e terminamos, para espanto dos nativos, puxando, nos salões, cordão de carnaval, do qual participavam Beki Klabin e Hosmany Ramos (o cirurgião plástico que virou bandido). Eu, em francês macarrônico, suplicava, em vão, ao maestro, que tocasse “Cidade Maravilhosa”.

Doce e elegante velhinha, vendo minha euforia, se aproximou. E, galantemente, deitou-me sobre a cabeça confetes que trazia num copo. Eu, bicho do mato, sem nada entender, lancei o conteúdo do meu copo sobre ela. E o “champã” manchou a linda pintura de seus cabelos azuis. Desapontada, ela voltou para sua mesa, para sentar junto ao marido. Não levava raiva porque não identificara maldade nos meus olhos, no meu gesto. Só ignorância.

Uma tarde, fui à Place de Tertre passear. E lá terminei me rendendo à cantada de um daqueles projetos de Picasso, estudantes de pintura, e me deixei retratar. Quando vi o resultado do trabalho, francamente não gostei. E o disse. Achei-me muito lânguido. Reclamei ao pintor: “Está muito maricon...”

Ele, no ato, devolveu a pelota:

“No tiengo culpa.”

Doutra feita, estava no Café Cluny, em manhã ensolarada. Um bêbado dormia na calçada, na coxia. O sol forte o acordou. De repente, se deu conta de que estava diante do café. E viu a todos nós, ali sentados, tomando nosso chá, nosso vinho, e se irritou. Desfechou então o que lhe pareceu supremo insulto:

“*Capitalistes! Capitalistes!*”

Só pude exclamar espantado, ante o riso dos presentes:

“*Moi, capitaliste?*”

## DE MICRO NOVO NO CYBERESPAÇO

Deixem-me dizer que não sou ligado a *gadgets*, como alguns amigos. No apartamento do Luciano Diógenes, por exemplo, se acotovelam oito a nove aparelhos de tevê, outro tanto de aparelhos de som, gravadores e computadores. Que nem Wilson Ibiapina, outro colecionador de quinquilharias eletrônicas, é uma espécie de Jacinto de Tormes, digo, de Senador Pompeu, em matéria de acumular conquistas da tecnologia.

Eu, não. Não me apego a tais novidades. Em máquinas. Pior. Nunca tive até hoje um relógio e vivo sem tal adereço muito bem. Jamais pensei em adquirir um telefone celular. Quem teria tanta urgência em ligar para mim? Meu carro não tem som nem rádio, mas nem por isso deixa de me levar aonde quero, aonde preciso.

### Sem tevê em cores

Nos primeiros tempos de Brasília, nossa empregada doméstica estranhava que o irmão dela possuísse um *big* televisor em cores e nós apenas uma pequena tevê preto e branco. Foi quando comprei um aparelho de grande porte. Que estava capenga, com quase vinte anos nos couros. Aceitei sugestão de Sara para doá-lo. Rebolar no mato, como dizemos na terrinha.

## A economia do desperdício

A quem? Pensei nos porteiros. Qual deles queria tão arcaico presente? Iam considerá-lo um acinte. O telão de um deles era muito mais caro que o nosso melhor aparelho. Com a facilidade de compra, através do crediário, nos primeiros meses do Real, quem iria querer um aparelho de tevê de vinte anos de idade e funcionamento? Felizmente, Sara lembrou antiga criada que mora, com crescente número de filhos e netos, num arrabalde miserável, numa de nossas cidades satélites, e foi lá deixar o presente.

## O complexo do Paulo

Ex-reitor Paulo Elpídio vivia muito satisfeito com seu computador. Que, para gente de nosso tope, é uma máquina de escrever metida a besta. E que, através da Internet, nos aproxima dos amigos distantes. Passaram, porém, a lhe pôr complexo de inferioridade. A pressão do consumidor. Em derredor, amigos e colegas indagavam:

“Quantos megahertz tem teu micro?”

Ele respondia: “cem”.

O outro nem disfarçava o desprezo. Pisava em cima:

“Pois o meu tem duzentos”.

Aí o Paulo promoveu o *up-grade*. Uma prótese em sua máquina, a fim de lhe aumentar a potência para 200mhz.

## Superior, ao menos nisso

Ele caiu na besteira de confessar tal fraqueza, numa prazerosa noite em que, há pouco, nos encontramos na capital. Jurei a mim mesmo ficar superior a ele. Ao menos no setor de informática. Assim adquiri (ainda não descobri para quê) um 233 mhz. Ia até mandar um *e-mail* tripudiando sobre ele com minha transitória vantagem. Mas o Reitor ainda não havia voltado ao Rio. Falei em passageira superioridade porque, em seis meses, minha poderosa máquina estará antiga, de cabelos brancos, pedindo substituta, dada a velocidade da aceleração histórica.

## O lixo moderno

A gente ouve falar no lixo de cidades como Nova Iorque ou Tóquio em que encontramos aparelhos de tevê, computadores, até pianos de cauda esperando a coleta do Serviço de Limpeza Pública. Estamos a caminho disso. Inclusive porque consertar um som, um liquidificador, um ferro elétrico é totalmente antieconômico.

## Velho?

O que, então, fazer com meu Pentium 60, adquirido em Paris em fins de 1994 por mais de três mil dólares. Por quanto ele o queria? O vendedor, fingindo encabulamento, olhando de lado, murmurou:

“Uns cem dólares”.

O quê, homem? Por este preço, ele fica no quarto da empregada, servindo nas emergências. E também para eu não ter saudades da máquina tão prestante, embora no começo meio arisca, recordo, pela qual já me afeiçoara e a quem dão tão pouco valor.

## PERDI A CONTA DAS GAFES QUE COMETI

Segundo o dito popular, em boca fechada não entra mosca. Tem mais: nem dela sai besteira. Quantas gafes já cometi, em minha vida, só por falar o que não devia? A loquacidade e a pressa foram mães delas. Por isso, é melhor manter a boca fechada. Daí decorrem duas vantagens: você não engorda nem diz tolice.

Lembro-me de que, certa vez, de férias em Fortaleza, fui incumbido por seu Costa de pedir a casa da Rodrigues Júnior, que estava alugada, porque íamos trocar Sobral pela Capital. Ele me advertiu, várias vezes, para o fato de que o inquilino era muito mais novo que a mulher. Prestasse bem atenção para não dar mancada. Vacilo. Felizmente quando cheguei lá, a dona de casa não estava presente. Fiquei descansado. Descontraí-me. Ao lado do locatário, de cabelos e bigodes negros como a asa da graúna, sentava-se sua avó, doce velhinha, cheia de cãs. Falando pelos cotovelos, à certa altura da conversa, fiz referência à septuagenária:

“Com licença, aqui, de sua avó...”

Foi a vez do dono da casa me advertir:

“Não se trata de avó. É minha mulher”.

Vocês pensam que melhorei com os anos? (Aliás, ninguém melhora nada com o tempo. Perde tudo, inclusive a vida. Depois, falo sobre esta ilusão de que, como os vinhos, somos cada vez melhores, com o correr dos anos). Fiz foi piorar. Era março de 1964, véspera do golpe. Estava na entrada da Câmara quando divisei Guerreiro Ramos. O sociólogo era suplente de deputado federal em exercício. Conhecia sua obra e sua vida. Pra mostrar isto, perguntei:

“O senhor foi integralista até que ano?”

Ele quase engole o charuto. E a mim, também.

Anos depois, pensei em escrever sobre a Legião Cearense do Trabalho, do Severino Sombra, e da vinculação do clero ao integralismo. Sabem pra quem toquei o telefone, pedindo depoimento? Imaginem! Pra outro integralista arrependido, dom Hélder Câmara. É claro que o santo varão se saiu com quatro pedras na mão. Tinha toda razão: pra que eu ia ressuscitar justo o capítulo ensombrado de sua brilhante biografia?

Outro dia, fui tomar uísque com Lúcio Alcântara e a filha Daniela, arquiteta. Disse-lhe que o Wilson Ibiapina não viria, apesar de convidado, porque ia levar a filha, Flávia, pra casa. E acrescentei:

“Ele não veio porque a Flávia é muito nova e talvez não tivesse o que conversar com Daniela”.

A arquiteta ficou braba:

“Ora, Lustosa, a gente se rala, se mata de estudar pra se formar cedo, pra ser chamada de velha!”.

No aeroporto de Brasília, o Ministro da Justiça, Petrônio Portella, que era muito vaidoso e também muito gentil, agrada meu filho Carlos Eduardo, então com seus dois anos e num dia de muita simpatia. Correspondeu aos agrados do senador piauiense e lançou-se em seus braços.

Petrônio, muito vaidoso, informou: “Toda criança é louca por mim”.

Eu, sem qualquer necessidade, aparteei: “Ele é assim com todo mundo”.

Ainda no aeroporto, o então Ministro do Exército, Sylvio Frota, que andava sonhando com a Presidência da República, me cumprimen-

ta. E logo lhe falo de sua raiz sobralense, sobre o que ele não tem muito a dizer, pois morou pouco tempo na Princesa do Norte. Entende de contar a discussão havida numa Câmara Municipal de Mato Grosso em que alguém argüiu contra determinada obra pública a lei da gravidade.

Eu, sôfrego, imprudente, cortei-lhe o barato:

“E um vereador apresentou projeto revogando a lei da gravidade?”

Era. Mas devia ter deixado o fim para o narrador.

Anos depois, em Paris, passeando pelos Champs Elisées, encontro o ex-ministro Jutahy Magalhães, que perdera a eleição na Bahia. A certa altura, a título de autoconsolo, comenta: “Graças a isso é que posso estar assim, tão à vontade, passeando em Paris”. Não me custava nada ficar calado. Sabem os leitores o que respondi?

“Pois encontrei, nesse instante, o Teotônio Vilella Filho, que nem precisou perder a eleição para vir a Paris...”

Wilson Ibiapina conta que o avô, Pedro Ferreira, historiador da Serra Grande, nunca respondia à primeira pergunta que lhe faziam. Mesmo correndo o risco de parecer surdo, esperava que ela fosse repetida. Ao neto, explicava:

“Quando você ouvir uma pergunta a primeira vez, medite. Fique pensando nas respostas que pode dar. Prefiro parecer surdo a responder logo da primeira vez”.

## O QUANTO MELHOREI

Nunca cheguei a jogar o sorvete na testa, inclusive porque, no meu tempo de menino, ele vinha em taça de metal. Pelo menos, no bar Cascatinha, em Sobral, não havia as casquinhas de hoje.

Ao longo dos anos, devo confessar, evolui muito. Já sei até abrir gaveta de bagagem de avião. E sozinho. Aprendi isso depois que entendi que *push*, ali escrito, não me recomendava puxar e, sim, premer, pressionar. Ainda não sei abrir, devidamente, aquele saquinho de plástico que contém os talheres. Também, não se pode ser perfeito. Não se deve aprender tudo duma vez. Senão, perde a graça. Não nos resta mais nada a acrescentar, em matéria de conhecimento, de curiosidade a satisfazer.

O ex-reitor Paulo Elpídio Menezes Neto costuma dizer que somente encontrou alguém pior que eu, em matéria de coordenação

motora, o ex-governador Parsifal Barroso. Este, até pra fechar a porta do carro, fazia-o da maneira mais desajeitada, mais complicada possível.

Como ia dizendo, sem intenção de humilhar vocês, tenho melhorado muito. Sei até ligar o aparelho de televisão. Só não sei é ir atrás da imagem quando ela vai embora, nem da cor, quando ela foge do vídeo.

Passei por maus momentos. No tempo em que viajava pro exterior, acho que foi em 1972. Passei noite de cão no King Minos Hotel, em Atenas. De calor sobralense. Ou senegalês. Tudo porque não soube ligar o ar-condicionado do apartamento. Só dia seguinte o descobri, o que não me adiantou mais nada.

É certo que não sei ligar o CD *player* pra ouvir os discos laser. *Cantos gregorianos*. Isto, porém, ocorre até com gente mais moça. Um dia destes, no avião, o Wilson me contou que o filho dele foi passar temporada nos States. Antes de viajar, passou-lhe uma série de instruções sobre como manipular os aparelhos eletrônicos da casa. E ia perguntando: “Está entendendo, pai?”. Mesmo quando não compreendia, o nosso Aragão dizia: “sim”, temendo apenas que o mestre o submetesse a teste e o pegasse na mentira. Raquel não teve tais cuidados, ao viajar. Esperei por ela, pra ouvir meus discos.

Quando morava, sozinho no Rio, vivi instante de desespero. Queria até morrer. Sabem por quê? Porque a pia da cozinha do apartamento entupira. Deu-me aquele desespero que me acomete quando sou obrigado a encarar os pequenos desafios do cotidiano. Danilo Marques, que presenciou minha angústia, elegeu-a como símbolo de minha incapacidade de resolver problemas menores. Quando me vê, semblante preocupado, tenso, indaga:

“A pia entupiu?”

Pode ser Q.I. baixo. É que também houve salto tecnológico vertiginoso. Taí a xerox. Sou do tempo da prensa manual para copiar documentos. A cópia saía, naturalmente, borrada da rudimentar máquina existente na Fábrica Santa Catarina, em Sobral. Agora, a xerox reproduz centenas de cópias, num abrir e fechar de olhos. Sem falar que o telefone engole uma delas, por segundos, e logo a remete pra Tóquio, Los Angeles ou Sobral. Pra mim, é milagre. Continua a ser milagre.

E o telefone? Sou dos que ainda falam alto, ao telefone, quando recebe chamada internacional, lembrando o tempo em que a gente queria fazer-se ouvir, através do Atlântico.

## LIVRO É QUE NEM FILHO

Não vale a pena levar nada muito a sério. Nem nós mesmos. Quem se leva muito a sério, perde o *sense of humour*. Corre o risco de se tornar chato. A propósito, dizia eu a um companheiro de bar que, quando jovem, li os livros certos, na presunção de que ia ser alguma coisa na vida. Logo, porém, percebi o quanto me enganara. Ele supôs que eu estivesse brincando. Riu muito, lembrando Álvaro Moreyra: “Um dia acreditei na vida. Ela, em mim. Depois, desandamos a rir um do outro...”

De quando em vez, a gente é dado a um balanço existencial. Olhar o que ficara pra trás.

Filhos, pelos quais respondo, tenho quatro. Livros quase dez, se incluídos os Anuários do Ceará, editados em parceria com Dorian Sampaio. Árvore só me lembro de haver plantado uma. Foi ali em frente ao Hospital Militar no sesquicentenário de Fortaleza quando o alcaide era o Fialho.

Na vida, porém, já me meti em cada uma. Eu mesmo quando volto a cabeça pro passado, tomo susto. Um dia desses, a Suzana Ribeiro, numa das missas de sétimo dia a que vou, quando estou em Fortaleza, me perguntou se havia sido proprietário de “A Invernada”. Pensei em título de livro. Em propriedade de algum irmão ou cunhado. Até que ela me esclareceu que se tratava do sítio do cardiologista Luiz Carlos Fontenele, ali no Coité, perto da estância do José Macedo. Aí me lembrei de que já me acontecera a inacreditável aventura de ter sido dono de sítio. Foi quando apareceu o Luiz Carlos e me livrou de tal responsabilidade e até hoje lhe sou grato por isto.

Já me imaginaram de botas compridas (com medo das cobras, claro, embora o Hélio Barros garanta que os ofídios só nos picam, nos mordem quando se sentem ameaçados, quando têm medo de nós. Meu Deus, como é que eu vou chegar perto de uma cascavel e perguntar qual a expectativa dela em relação a mim?), caminhando no mato, estabelecendo relações de trabalho com os campônios, voltando à cidade, com o carro lotado de macaxeira, ovos, galinhas caipiras, verduras, frutas? É ocorrência tão antiga, tão paleontológica quanto certos casamentos bestas que você faz e que é como se nunca houvessem nos acontecido, como se tivessem sido protagonizados por terceiros. Por

isso, tive de buscar esta recordação nos desvãos, nos sótãos empoeirados da memória.

Tudo isto de árvores e sítios me vem à mente porque o Neno Cavalcante e o Edmo Linhares, em Fortaleza, e o Paulo Pestana, em Brasília, entre outros amigos, me cobram mais um livro. Enfeixar, num volume, estas conversas pra boi dormir. Quer que elas deixem de ser couves do amanhecer. Que se eternizem num livro de crônicas. Sei, não. Será que vale a pena? Antes devo saldar compromisso assumido comigo mesmo, de escrever romance, versando aspectos da saga sobralense. Posso dizer mesmo que, há muito, ando grávido desta obra. O parto está tão demorado quanto de mula. Para me estimular, meu tio, Oscar, o historiador da Igreja Católica, garante que, um dia, sai, e sai a jato. Deus o ouça a ele que é seu funcionário graduado. Assim o espero. Isto não quer dizer que não me venha a render, porém, à sugestão.

É que tenho publicado muita coisa, apressadamente, sem que houvesse razão para tal correria, tanta agonia. É que vivo tão rápido que o Guilherme Neto costuma perguntar se tenho muito medo de morrer. Às vezes, amigo de fé, identificando notórias falhas de acabamento em minhas obras, me adverte disso. Como meu ex-professor, o padre-poeta Oswaldo Chaves, lá de Sobral.

A gente, porém, não se emenda. Inclusive porque livro é que nem filho. Quando nasce, você pode até achá-lo feinho. Depois se acostuma. Termina por amá-lo e não querer mais perceber seus defeitos.

Táí, inicialmente, o caso de *Sobral do meu tempo*, preguiçoso como costumam ser livros de jornalistas, reunindo, sem maiores cuidados, páginas de memórias, crônicas, pesquisa histórica, artigos sobre a cidade em que vivi a infância e parte da adolescência. Até a foto de capa saiu errada. Quem notou a falha da montagem foi o engenheiro Oswaldo Rangel, colega, acho que do curso primário, no Educandário S. José, de dona Honorina Passos, como o irmão Antônio, oftalmologista, na noite do lançamento em Sobral. Este enjeitadinho me tem proporcionado grandes, indizíveis alegrias.

Quando conheci Jorge Amado em casa de Roseana Sarney, ele me disse: “Li seu livro e gostei. O James, também.” E acrescentou: “Ali há material para quatro a cinco romances.” (Foi o que também disse Blanchard Girão, ao escrever sobre *Clero, Nobreza e Povo de Sobral*.)

O que me cobrava, muito antes disso, o saudoso Juarez Barroso, não sei bem porquê. O que exigem de mim sempre que me encontram José Rangel e Tarcísio Tavares, entre outros amigos.)

Depois, um amigo gaúcho, René Dorneles, me avisou que, por conta dele, sou citado no *Aurélio*, segunda edição. Não sosseguei senão quando folheei as mil e tantas páginas do dicionário e ali encontrei seis referências ao livrinho. Voltei-me, então, pra ele e agradei-lhe, contrito, o prazer que já me proporcionou, com remorsos, como se lhe pedisse perdão do pouco caso em que, durante muito tempo o tive, antes do reconhecimento alheio.

## COMO SÃO SÁBIOS OS VENDEDORES DE RAPADURA!

Quando me pediram para falar de 1994, só pude dizer que o acontecimento mais triste, deste e de outros anos, se passou no âmbito familiar: foi a partida de meu pai. Ele se foi e restou um consolo: saiu de cena sem sofrer e sem infligir sofrimento aos outros. Deus o poupou do que mais temia: a humilhação da invalidez. Da dependência física ou financeira. “Seu” Costa morreu de repente, na plenitude de sua alegria, de seu otimismo, de sua lucidez. A gente sabe que vai acontecer, inexoravelmente. Apesar de esperar, de temer, por muito tempo antes, o ocorrido nem por isso dói menos. Aproveitei muito a convivência dele, nos últimos tempos, recolhi seus “causos”, registrei suas recordações sobralenses, razão porque não me ocorreu, em momento algum, me re-criminar por não lhe haver dado assistência. Ainda assim, machuca. Passado o impacto, é que a gente sente a pancada. A dor de saber que nunca, nunca mais ouviremos suas histórias, sua risada, sua tosse.

Jorge Luís Borges costumava dizer: “Meu pai morreu e está sempre a meu lado. Quando quero escandir versos de Swinburne, faço-o, dizem, com a voz dele.” Lá em casa, somos mais prosaicos. Ninguém da família frequentou Swinburne. Lembro meu pai, em circunstâncias mais banais, porque herdei sua tosse ruidosa, quase disse escandalosa.

Ele nunca leu “Rei Lear” de Shakespeare mas gostava muito de contar as histórias de sertanejos abastados que precipitavam a própria

sucessão, antecipando a herança dos descendentes e terminavam a vida, na miséria, na mendicância. Era o que temia e de que Deus o poupou. Nas memórias que começou, fala da ajuda literária que lhe dei na educação da numerosa prole, nunca financeira “porque nunca precisei”, conclui orgulhosamente. Ao contrário, envaidecia-se de me pagar o almoço dos domingos no Marina ou no restô do Ideal e queria que bebesse o uísque de qualidade, nunca de marca mais barata para lhe poupar despesa. E também de entrar com alguma contribuição pras campanhas eleitorais dos filhos.

Imaginem os leitores a África que foi viajar, em temporada de festas, de Paris para Fortaleza. Embarcamos eu e Fred, depois de todos os passageiros. O bagageiro já fechado. Atordoado, ouço um vizinho, guri duns 16 anos, dizer que descende de família cearense. Quando acordo, quero saber direito sua história. Como Ivone Araújo, matriarca sobralense, amiga de dona Dolores, pergunto logo: “Quem é seu avô?” Ele é Bernardo, neto de Maria Teresa, minha colega de francês, em tempos idos e vividos que se divertia muito com minha dificuldade de pronúncia e do grande fisiologista Gilmário Mourão Teixeira que trocou o consultório em Fortaleza por um posto importante na Organização Mundial de Saúde. Lembro que, numa manhã de sábado, de sol, tomei, no bar do extinto Savannah, gim tônica com ele, o ex-reitor Valter Cantídio, os saudosos José Carlos Ribeiro e Newton Gonçalves. O garoto mora em Bruxelas onde o pai é diretor da Coca-Cola e vai pro Rio, curtir os avós.

Na Varig, a moça que me atende tem, no tom da voz, cadência familiar. Intrigado, a certa altura, não resisto. Pergunto-lhe de quem é filha. Diz que é do Wilson Machado. Então! Foi meu colega de PRE 9 quando me pediu o apresentasse a Carlos Jereissati para ser candidato a vereador pelo PTB, depois deputado estadual, pelo MDB. Neste tempo, Carolina não era, sequer, uma aura de desejo no olhar de seu pai cuja casa frequentávamos, depois do Telejornal Crasa, para comer arroz de pequi, quando Lúcio Brasileiro era assediado por fundas nostalgias gustativas.

Debaixo da marquise do Palácio do Comércio, ao lado da primeira agência do Bancesa, enquanto compro rapaduras de Cascavel pra minha sobremesa em Paris, sou abordado por uma velhinha que me pede esmola e com sorriso triste no canto da boca me revela que até

aquela hora não comera nada. Está com fome. Derreto-me em sentimentalismo. Penso logo em minha mãe - que tem praticamente a sua idade - e que nunca viveu provação igual porque sempre teve, graças a Deus, oportunidade de trabalhar. Não sou como aquele pão-duro que se diz socialista e nega esmola aos pobres por não querer atrasar a marcha da Revolução. Não, não vou esperar tão laborioso parto da História. Prefiro remediar aquele problema momentâneo, pagando o almoço da contrerrânea. O vendedor de rapadura sentença:

“É melhor poder dar que precisar pedir.”

Como são sábios os vendedores de rapadura de minha terra!

## UMA BISAVÓ

Não é noite. Já não é mais manhã. Fui mais moço, podem crer. Talvez nem o aparentasse. Quando assumi meu primeiro emprego na secretaria do Náutico Atlético Cearense, uma das funcionárias, Frassinetti me indagou: “O senhor já tem uns 27 anos?”. A danada me sapecava, exatamente, uma década a mais. Tudo por conta do ar taciturno, austero, de ex-seminarista, os óculos, o paletó escuro.

O tempo passou na janela. Por dentro, você até pode nem notar. Mas se se detém, se você presta mesmo atenção, aí você sente. Não só no espelho de seu quarto. E no olhar das mulheres. Também na maneira com que o tratam.

Foi aquele domingo de voltar mais cedo da Praia do Futuro. Vinha a sós, imerso em meus pensamentos, quando, à altura da esquina do Náutico, duas suburbanas, sumariamente despidas, pedem carona. Você, delirantemente otimista, começa a sonhar que vai se dar bem. Uma delas põe a cabeça dentro do carro e formula a desastrada pergunta:

“Tio, o senhor podia nos levar ao centro?”

Claro que não. Se queriam realmente que as levasse, mesmo que fosse só isso, deviam primeiro aprender a tratar a gente. Uma mentirinha galante, consoladora, teria pegado bem. Se me injuria de “tio” que vá a pé. No máximo, de buzu.

Tem coisas, porém, que são inevitáveis. De que não é possível escapar. É quando você dá de cara com seu nome, na coluna “Há trinta anos” de *O Povo*, entrevistando o governador Miguel Arraes no programa

“Política quase sempre” da TV CEARÁ. Quando já não tem filho de amigo na relação dos aprovados no vestibular. (Quem está passando, agora, são os netos). Quando a porta do elevador se abre, e lhe dão preferência para sair. Quando você é apresentado a um jovem profissional, nem mais pergunta: “quem é seu pai?” vai logo querendo saber o nome do avô. Sabem o que me aconteceu, na última vez em que fiz isso? Foi na S. Raimundo onde fora ver o Régis Jucá. Pois a moça, uma médica, doutora Marilena, respondeu que era neta. Sim, neta de um antigo companheiro de uísque, de noitadas do fim da década de sessenta, Zé Raimundo Gondim.

Tem pior.

O pior mesmo me aconteceu, um dia desses, ao folhear página do DN GENTE da Soninha Pinheiro. De repente, não mais que de repente, deparo-me com foto de respeitável senhora, ainda gloriosa ruína que ali comparecia como bisavó. E que, em tempos idos, fora minha Julieta, sendo eu Romeu, minha Virgília quando era Brás Cubas.

Ainda guardava resquícios da beleza antiga mas era bisavó. Eu amara, outrora, uma moça que, hoje, possui bisnetos. Considerei-me, de alguma maneira, uma virtualidade de bisavô.

## CORAGEM DE QUÊ?

Quando estava no exterior, Zé Bonifácio Câmara me enviou cartão-postal exaltando a coragem de me operar do coração em Paris. Fiquei matutando comigo mesmo sobre se merecia a homenagem. Acho tão engraçado este tecido de equívocos que se vai enroscando em torno de minha biografia. Não sabe ele o quão covarde sou. O medo que senti. Durante os quinze anos em que andei fugindo do bisturi. Antes. Depois da operação, quando me vi mais cheio de pontos que estudante aprovado em vestibular, é que me dei conta de sua gravidade, do abismo que pulei. É verdade que, passado o evento, devo reconhecer que não carecia ter tido tanto medo, não. Mas tive.

Não sou valente. Não tenho, como dizia meu pai, coragem de mamar em onça. Ocorre que, quando ia fazer qualquer exame, os médicos assumiam tal ar de pânico que quis saber a razão. Eles foram claros; se ficar, o bicho pega. Se fugir, também. Asseguravam que carregava

uma bomba atômica no peito, bomba que podia explodir a qualquer momento. Isto nos outros já é grave, vá lá na gente. O negócio era resolver logo. Por que, porém, aqui na França e não em Fortaleza, com o Régis, tendo dona Dolores por perto?

Não dava. Tinha um trabalho a executar em Paris. E a temporada de estudos dos filhos no Velho Mundo. Você não é só você, sua bolsa, seu livro, seu copo de vinho. É você e suas circunstâncias. Tinha de ser em Paris. Não fui tão destemido assim, como pensa o Bonifácio, em enfrentar a solidão de um hospital estrangeiro. É que no seu colégio de cirurgiões havia uma voz brasileira, acatada, a me socorrer. Era o médico brasileiro, Leonardo Esteves Lima, com experiência de dez anos em trincar corações alheios. (Ele me levou a seu chefe, Prof. Iradj Gandjbakhch, que, um dia desses, esteve em todas as folhas do mundo, como tendo realizado uma operação sem abrir o peito do paciente. Faça-nha que o discípulo repetiu logo depois em Brasília. Por que não esperei por ela?). Por isso, fui. E, felizmente, voltei. Estou aqui, contando a história.

Outra vez foi um deputado estadual que subiu à tribuna da Assembléia Legislativa para me ameaçar de engolir o jornal em que escrevera algo que lhe desagradara. Que devia fazer diante do valentão? Deixar de freqüentar o Poder Legislativo? Mudar de cidade? Trocar de profissão? Morrendo de medo, voltei lá no dia seguinte. Ele esbravejou de novo desaforos da tribuna e ficou por isso mesmo. Por causa disso, durante um ano inteiro, eu andava com um revólver no cós, arma que o Dorian Sampaio me emprestara. Serviria para quê? Para jogar na cabeça dele se me agredisse? Talvez só pra isso.

Esta fama que termina me acompanhando decorre de fatos consumados, diante dos quais tive de me curvar. Em 1966, quis passar de testemunha a protagonista. De repórter político a deputado. Não tinha um tostão no bolso ou no banco. Nem apoio de ninguém importante. A não ser os amigos. Fui o candidato mais votado do MDB a deputado. Não me elegi por falta de combustível. Da vil pecúnia para comover o eleitorado interiorano. Diante de tal brilhareco, houve amigos que me exaltaram a intrepidez. O destemor. A ousadia. Que nada!

Como jornalista, estava habituado à rotina do vereador. Do deputado estadual. Que acordavam, com um “doido” amarrado à porta, vindo, de jipe, do interior, para ser hospitalizado de qualquer maneira.

Ou que tinha de aviar uma intervenção cirúrgica urgente. O enterro a pagar. Tudo que explodia no peito, na mão do despachante, digo do vereador, do deputado e ele tinha de resolver sozinho. Encarar. (Não foi coragem coisa nenhuma). Só por isso, fui logo candidato a uma cadeira na Câmara dos Deputados - para ficar longe das bases, da realidade eleitoral, hoje o confesso.

## UMA PALAVRA DE ALENTO

Contei, aqui, a história do meu benfazejo Barão de Münchhausen, um cara que, quando cheguei em Brasília, me ofereceu trabalho que equivaleria a seis meses de salário de *O Estado de S. Paulo*. Apesar de o conhecer, acreditei. E foi bom. Andava meio duro. Embalado nessa promessa fui à luta. Descobri outras fontes de renda que não aquela, nascida apenas da vontade de agradar, sem maior compromisso com a realidade. Sábado, tive o prazer de reencontrá-lo na ronda das livrarias. Quando lhe disse que, no segundo semestre, iria à luta para complementar os ganhos, de pronto, me ofereceu excelente emprego de bom fim-de-mês, meio expediente, trabalhando para um velho conhecido e para fazer aquilo de que gosto. Com que facilidade, ele me resolveu o problema! Passei, graças a ele, ótimo fim de semana.

É claro que a promessa e o emprego ele os esqueceu, ao tomar o carro. Ao encontrar outro conhecido. Fez-me bem, porém, devo confessar. Gosto de suas mentiras alvissareiras. Quando falei no lançamento de meu romance, ele se prontificou a me ajudar. E foi logo dando o nome de colegas a quem devo procurar, amigos que poderão ser úteis. Ao final, terminei por lhe agradecer a boa vontade e o encorajamento. Depois refletindo, vi que se tratava de pessoas a quem conheço, há mais tempo de que ele. Meus amigos. Ele bolou, porém, o lançamento duma forma tão cheia de boa vontade e inteligência que saí do papo duplamente feliz. Com a mobilização de minhas afeições e a esperança de elevar o padrão de vida.

Há certas pessoas que nos presenteiam, com tanta simpatia e generosidade, com o que já é nosso, que nem o percebemos na hora. E a eles ficamos agradecidos. Sabem multiplicar e fazer render nosso capital como ninguém.

Um amigo ia comprar um carro popular para a filha. Ao encontrar um conhecido rico, disse-lhe de tal intento. O outro o dissuadiu e o convenceu a adquirir um carro de melhor qualidade. (Jamais conheci rico que me desse dinheiro. No máximo, idéias.) Afinal, a moça só lhe dava gosto. Vinha de concluir mestrado no exterior com brilho. Estava na idade casadoura. Um automóvel melhor era carro de representação. Essencial. Como o meu amigo alegava estar sem dinheiro, lembrou que, em junho, ele receberia parte do décimo terceiro salário. Perguntou se tinha ações da Telebrasil a torrar. Um saldo do fundo de investimentos 157. Cozeu-o, com competência, na própria banha. O certo é que terminou o papo persuadido a dar um veículo de melhor qualidade à herdeira. E como na fábula da divisão dos camelos de Malba Tahan, mais do que isto, dotado dos meios para tanto. Pelo menos na avaliação otimista do outro.

Assim fui eu.

Quando deixei este amigo mendaz e gentil, parti melhor de vida e de estado de espírito. É sempre melhor de que dar de cara com alguém que vai azinavar o resto de teu dia. E também acontece.

## SAPATOS NOVOS

Crônica se presta a muita coisa, às vezes. O que pode interessar, por exemplo, aos leitores, contar-lhes que abri dos peitos e comprei um par de sapatos? No entanto, o cronista tem o descaramento de tomar o precioso tempo de vocês, para lhes falar de acontecimentos tão chãos. Pois bem, os sapatos novos me constroem os pés. Estão apertados. Sabem os leitores por quê? Porque a indústria de calçados importa modelos da Europa que não têm a ver conosco. Os nossos antepassados próximos estavam até um dia desses trepando em pé de pau na África ou correndo, descalços, os Peris e as Iracemas por nossas campinas. Como podemos, assim, ter pés finos, educados como os da gente do Velho Mundo, que anda calçada desde os tempos dos Césares? Ou mesmo antes?

## MUSA DA DÉCADA DE SETENTA

Ando relendo crônica do comecinho de 1970 que escrevi sobre uma senhora que morava naquela rua, ao lado da antiga 25ª Circunscrição Militar, pegada ao prédio da Secretaria de Polícia, com quem, às vezes, conversava, saindo do Edifício Pajeú onde trabalhava (ali era a Ceará Rádio Clube) a caminho do centro. Foi uma “Carta do Beco” escrita assim:

“Tenho uma namorada. Minha namorada se chama Justina. Os cabelos de minha amada são brancos, muito brancos. Às vezes parecem lilás. É muito vaidosa minha namorada. No escandaloso azul da tarde, ela se põe à calçada. Cadeiras na calçada são o fraco de Justina. Quando nos vemos, os olhos brilham de alegria e ela fica tão jovem. É perfumado, sabe a banho recente, a fino sabonete o beijo de Justina. Quando ela senta à calçada, a rua se transfigura. Porque ela põe ‘boas noites’ e ‘eu e tu’, manjeronas e alecrim imaginários na Rua Sena Madureira. A cabeça branca fita o longe e ela olha o infinito, bêbada de ternura, de sonho, de fantasia. Tem uma alma jovem, tecida da melhor alegria da primavera esta namorada que a tarde me desvenda e é sua prenda mais rica. Foram muitos os janeiros que viveu, mas ela só lembra os bons. Uma mulher de muito amor parece-me esta Justina.”

## RECUERDOS DE SOBRAL

Pego a capa do caderno em que escrevi em 1947 as páginas de meu diário. Vejo que o adquiri na Comercial Gráfica de Luiz Aquino & Cia., na rua Menino Deus, 106 ou Domingos Olímpio, 25, porque era uma tipografia e papelaria situada na esquina.

## RECUERDOS DO RIO

Entre os meus guardados, encontro um anúncio de jornal do programa Informe Especial da TV Tupi em que Murilo Melo Filho, Pedro Gomes, Luiz Viana (assim assinava suas reportagens o ex-deputado Prisco Viana, que logo depois teve de mudar de nome, na Bahia, ao ser nomeado secretário de imprensa do governador Luiz Vianna), Cícero Sandroni, Lustosa da Costa, sob a direção de Heron Domingues. Foi em julho de 1967 quando entrevistamos o ministro Delfim Neto.

## FUGIR PARA ONDE?

Num encontro com amigos, eles alinham os assaltos de que eles ou familiares foram vítimas em Brasília. Paulo José sentencia: “Sob este aspecto, Brasília já era”. De fato, a capital era aquele paraíso da classe média, poupada dos pobres, todos eles antigamente conformados em morar nos guetos em derredor. Ocorre que, por demagogia, um governador distribuiu centenas de milhares de lotes de terrenos de graça, multiplicando o número de miseráveis, sem quaisquer esperanças de emprego, no cinturão em torno da novacap. São desesperados, que, tangidos pela fome, roubam uma arma e começam a buscar a solução. Para onde devo ir? Para Fortaleza? Aí também a insegurança reina. Voltar para Sobral? Quando me lembro de que ali Rosamaria e Edward Dias foram assaltados, na porta, em plena manhã de um domingo recente, vejo que mudar não é a solução.

## LEMBRANDO A CABEÇA DE MARIA ANTONIETA

Como é mesmo o nome daquela professora universitária cearense que, cumprindo bolsa de estudos em Paris, foi ao campo e lá lhe deu vontade de preparar galinha à cabidela, o *coq au vin* lá deles, à brasileira? A primeira providência consistiu em estrangular a penosa, ante o horror dos nativos que se mostraram escandalizados face à brutalidade da cena. Diante do ataque de frescura dos gauleses, ela “apelou”: “Pior foram vocês, que decapitaram sua Rainha.” Calou-os.

## MICRO É QUE NEM CASAMENTO

Não sei se lhes falei que o meu novo micro deu problemas. E quando o computador, no primeiro, segundo mês não se acerta com a gente, é que nem casamento. Acabar logo para evitar maiores dores-de-cabeça. O que adquiri, com dois meses, ficou cheio de manhas, manias e negaças. Não queria nada. Propus ao vendedor a restituição da máquina emburrada. Hesitou, claro. Ameacei denunciá-lo ao Procon e ele terminou

por me devolver o dinheiro. Depois, um amigo me advertiu de que essas máquinas modernas vêm lotadas de caprichos, dão sempre quiproquós. Vou torcer para que a nova não seja assim complicada.

Bom, vou tentar a convivência com o meu ACER de quem o vendedor disse ter um *design* arrogante. Ele queria falar de *design* arrojado e lhe saiu arrogante. O que se há de fazer?

## TUDO NOVO

Há vinte anos me ocorreu a segunda aventura eleitoral. Fui companheiro de chapa senatorial de Chagas Vasconcelos, que trocou uma eleição garantida para a Assembléia, para emprestar seu nome à campanha eleitoral do MDB. Foi momento prazeroso de nossas vidas. De psicoterapia de multidão. De encher o peito e soltar o grito, há tanto tempo estrangulado na garganta, contra a ditadura. Claro que não podíamos ganhar contra a força. Como nunca me abandonou certo fascínio pelas causas perdidas, entrei de cabeça na campanha e a Deus, por isso, agradeço.

Um dia desses revi Chaguinhas. Ambos daquele tempo para cá, tivemos o peito aberto pela curiosidade dos cirurgiões cárdio-vasculares. Ele duas vezes. Escapamos.

O coração, antes disso, impôs-lhe novidades. Casou de novo. E, no aeroporto, encontrei o Chagas que passaria uma noite em Brasília. Por isso, embarcava com a mulher e dois herdeiros (herdeiros de quê?) para a nova capital, a fim de assistir a um julgamento em tribunal superior. E, se tempo tivesse, voltaria no mesmo dia à santa terrinha. Tal é o xodó com a nova família que fundou.

## EMPREGO

No Iguatemi revejo Maria do Carmo Rangel e a mãe, Celeste. Falamos de Sobral, dos filhos e dos empregos que têm e terão. Maria do Carmo conta que o desencanto da juventude é tal que a filha, Daniele, no dia seguinte à formatura em Direito, comentou:

“Mãe, ontem eu era uma esperança da Pátria. Hoje me converti num problema social”.

## **TERRINHA BOA, A NOSSA**

Falta-me autoridade para falar sobre o assunto, eu que sou exilado voluntário. Como, porém, a coerência não é o forte de jornalista, lá vou eu em frente. Todos me falam

Do Ceará e de seus atrativos. Uma amiga costuma dizer que “toda mulher cearense termina por conseguir trazer o marido para Fortaleza. Mesmo as pobres”, acrescenta. Foi o seu caso. Após enviuvar, trouxe o segundo marido para a terrinha. Castello costumava dizer que o “Exército do Ceará” não dava generais porque eles pleiteavam ficar sempre em Fortaleza, alternando-se entre a Décima Região, a Circunscrição Militar, o CPOR, o GO e o 23º BC. Ao final, terminavam passando para a reserva, para não se despregarem do solo natal.

Há quem diga que o Everardo Maciel está submetendo a exame de títulos e de competência profissional os funcionários da Receita Federal que querem ser lotados em Fortaleza, tal a afluência de candidatos.

Não querem sair

Taí uma atividade em que ninguém sabe a hora de sair de cena. A do político. Não diria que se trata de vício incurável mas que é difícil de largar, é. Fica em ação até que o eleitorado decreta, várias vezes, sua caducidade. Às vezes, não aceita o primeiro revés. Pede confirmação às urnas. Talvez porque todos querem ser longevos como o foram Tancredo Neves e Ulysses Guimarães. Como são Leonel Brizola e Franco Montoro. É raro o cara ter a humildade de Aureliano Chaves, ao perder a eleição para Presidente da República e reconhecer:

“O eleitorado cansou de mim”.

## **VERGONHA DA ORIGEM**

Até os australianos nutrem orgulho de seus antepassados. Exibem, vaidosos, os prontuários dos avós, forçados, como eram chamados então. Ladrões, assassinos, falsários. Pois, afinal, a Austrália era colônia penal da Inglaterra.

Não recebemos, logo, a fina flor da aristocracia portuguesa. Afinal, o ouro demorou muito a ser descoberto. Veio, porém, até gente boa entre

os primeiros colonizadores lusos. Ainda assim morremos de vergonha de nossas raízes. De primeiro, todos nós, mestiços, que havíamos lido algum livro, nos considerávamos franceses exilados nos trópicos.

Atualmente, queremos ser descendentes de anglo-saxões. De passageiros do “Mayflower”. É a maior palhaçada. Até as palavras são assim travestidas.

Por exemplo, inventaram uma complicada história para explicar a etimologia da palavra baitola. Ela se deveria a um inglês, homossexual, funcionário da Light que fornecia luz e energia e explorava o serviço de bondes. Ao falar da bitola dos trilhos, pronunciava “baitóla”. Não tem nada disso. Quem leu *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, viu que “baito” era a residência secreta de homens, onde adolescentes se preparavam para a maturidade, local e convivência que favorecia práticas homossexuais.

## PICI

Inventaram que PICI vinha das iniciais de *Post of Comand* (PC), em inglês, por conta da presença dos americanos na Base Aérea de Fortaleza, quando da II Guerra Mundial. À essa época havia nascido também a palavra forró, vinda de *for all* (para todos), nome de bailes dados por eles. Cocorote seria a rota do Cocó. Ora, Rachel de Queiroz conta que em 1927 seu pai era dono do sítio, onde depois se instalou a Base e que se chamava Pici. Forró vem de forrobodó. Cocorote é sinônimo de coque, piparote na cabeça e sempre denominou o bairro. Nada tão nosso.

## Novidade, para quê?

A cada instante, a publicidade nos mostra a modernidade e as inovações técnicas dos carros. Para que isto? São vantagens que nem sempre nos servem de grande proveito. Tanto me faz andar no modelo europeu ou coreano mais moderno quanto no antiquado Lada soviético. O carro, de fato, não pode ser utilizado segundo o prospecto. A propaganda. Porque o congestionamento do trânsito não permite. Porque o código proíbe. Andamos de automóvel quando nos podíamos locomover em veículo de tração animal. Há muito em Paris a velocidade dos carros equivale à das carruagens dos tempos de Napoleão.



“Só pode ter sido com o Venelouis Xavier Pereira”.

Claro que acertei.

Ela se encontrava a seu lado quando o falecido diretor de *O Estado* foi acordado por agressores, familiares de um personagem que ele atingia com suas críticas. Está casada com bisonho mineiro de Corinto e garante ser dona (?) de *boutique* em Paris, onde reside há dez anos. Vem mais uísque e, de repente, estou conversando com um sul-africano, de nacionalidade inglesa, que conhece Sobral pois morou na cidade da Granja, pesquisando a ocorrência de ouro. É muito para meu pobre coração (ainda não operado) cearense, pelo que tomo o primeiro táxi de volta para o lar.

### Somente sonhos

Ando doido de vontade de voltar à Europa. E não é só para comprar meu Paco Rabane que está acabando. É para, em primeiro lugar, ver a Expo 98 em Lisboa, passear de bonde em suas ladeiras, comer no antigo Convento Mariano, hoje York Mansion.

### Nos arredores

Quando voltar à França, quero almoçar no Le Manège, em Saint Germain en laye, arredores de Paris, consumir ali sua *salade campagnarde* e seu *côte de bouef à la moelle*, como fiz lá várias vezes. Uma vez, eu e Carlos Eduardo. E depois passear pelo seu castelo e pelas ruas, em manhã de sol. Vou pegar, como fazia, o ônibus 89 na *rue* Brancion, esquina com Vouillé, e seguir até o Jardim de Luxemburgo. Ali descerei pelo lado direito, passando pela Sorbonne e pelo “le Grand Hotel de Suez”, em que tantas vezes me hospedei, indo até a Notre Dame.

### TELEFONE EM PARIS

Quando Fernando César indagou, de um conhecido, meu telefone em Paris, ele respondeu, cheio de despeito:

“Liga para o Informador Popular de lá, que eles sabem”.

Foi ironia. Mas vã. Porque como eu tinha telefone em meu nome, quem quisesse, de fato, me encontrar, bastava ir ao computador do Correio e lá me identificaria o número do aparelho bem como o endereço da

residência, situada na *rue* de Vouillé com Brancion, em cima do Banco Nacional de Paris. Ou o Minitel, um computador doméstico, simples que atende a este tipo de demanda.

O apartamento, que alugamos, era razoável.

Dispunha, porém, de um terraço de igual tamanho, no qual Carlos Eduardo, às vezes, jogava futebol com amigos.

### **Um casal solidário**

Dei-me bem com todo o mundo que conheci em Paris. Pequenos e grandes. Gregos, troianos e goianos. Gostava do porteiro do prédio. Topou com minha cara. Tornou-se meu amigo. Foi ele quem teve a iniciativa de ir à Telecom ligar meu telefone, sem que eu pedisse, só porque simpatizou com minha cara ou viu a extensão de minha dificuldade. O que lá é raro. Mais tarde, quando passei pelas mãos do cirurgião, sua mulher veio me dizer que rezou pelo êxito de minha cirurgia cardíovascular. Nunca vi casal trabalhar tanto. O dia inteiro, suando a camisa.

### **Romênia**

Não sou o poeta Luciano Maia, mas pretendo (também) conhecer a Romênia. Primeiro para rever em Bucareste o embaixador Jerônimo Moscardo de Souza, que me cobriu de atenções em Paris e me tornou a vida ali mais agradável, para mim e para os meus. Fui convidado a participar do Congresso “La Latinité: l’avenir d’un passé”, a se realizar na cidade universitária de Cluj-Napoca. Ficarei hospedado no Hotel Transilvânia. Vem cá, leitor: não foi na Transilvânia que nasceu o Conde Drácula?

### **Quebradeira, a rotina**

Os dinheiros é que estão curtos. Ano passado fui a Lisboa e a Cancun e, quando voltei, estava arruinado. Tive de vender um apartamento fuleiro que tinha em Fortaleza. Agora nada tenho mais a vender. A não ser a pena. E não tem quem compre. Sem falar que ninguém usa mais pena, caneta nem Bic. É computador.

## Hábitos

Aos domingos, acordava cedo, como sempre, enquanto em casa todos dormiam, e ia até Abbesses de metrô. Subia até a Place de Tertre, ainda com pouco movimento. Nem sabia se o violoncelista alemão, naquele canto da praça que dá para o Museu Salvador Dalí, já havia começado a tocar.

Bebericava meu *rouge* com um amigo querido. Informei-o de que os garçons franceses ficam furiosos quando chamados com um “psiu”, que eles acham que só se deva usar com os cães. Meu amigo, ao pedir a segunda garrafa, proferiu seu “psiu” e levou sua bronca. Outra bronca certa: interromper fila para fazer pergunta, no Correio, na polícia, no banco, o que constitui hábito bem nosso.

O francês cultivava o mau hábito de se assoar à mesa de refeições. De comer na rua com toda a desenvoltura. O vício do cigarro entre os adolescentes. Mas bonito é todo mundo, no metrô, lendo. Livro ou jornal. Até os mendigos.

## ANDO COM SAUDADES DO VELHO MUNDO

Quero voltar a Lisboa, saindo de Fortaleza pelas asas da TAP, e não apenas para ver a Expo 98. Pretendo mais. Sonho convidar o casal João Almino a jantar no York House, à rua das Janelas Verdes, depois de tomar um drinque em seu bar. Jantar sob as palmeiras de seu jardim, nas noites de verão, em mesas brancas e impecáveis, ou ali tomar o pequeno-almoço ao som do canto dos pássaros, envolvido por perfumes nos quais se misturam as essências das flores e da maresia que chega do Tejo. No antigo Convento dos Marianos. Não me atrevo a querer me hospedar lá, como já fizeram Graham Greene, John le Carré, Marguerite Duras, José Régio. O quarto individual tem o preço mínimo de 25.500 escudos. Tudo isso está prometido nos folhetos de propaganda, de onde chupei essa literatura toda.

## MIA COUTO

Na ronda das livrarias dos sábados revejo o ministro Nelson Jobim, que diz sofrer do mesmo mal que me acomete: presentear os amigos com os *Contos Abensonhados*, do moçambicano Mia Couto. Lembra que fui eu quem lhe apresentou o livro do Rosa africano.

## NEM NOME DE PRATO

Vou ao cantinho do Faustino, verificar se ele aceitou a sugestão do psicanalista Roberto Nóbrega Teixeira, de batizar com o meu nome seu fricandó de cordeiro. Nada. Decepção. Nunca fui nada na vida. Nem inspetor de quarteirão nem síndico do meu prédio. Passageiro do Ita. Nem prato de restaurante. Aí cobreí minha vingança. Ao invés de recorrer aos seus dotes de grande cozinheiro, pedi-lhe uma lagosta ao natural. “Não estas do fundo do *freezer*”, ainda recomendei. Decepção dele. Prazer meu, que curti lagosta fresca, como há muito não fazia. A dificuldade residuiu em pagar a conta. Velho problema dos pobres: briga para pagar conta. Tal problema jamais embaraça um rico.

## SEMPRE UMA FESTA

À noite, paro na calçada de La Nuit e assisto à festa de todas as noites da Praia de Iracema. Ali a pobreza não dá as caras. Só aparece a face rica, bonita, bronzeada da “loura desposada do sol”. É gente que não acaba mais. Como as fisionomias não se repetem, fico sempre curioso de saber para onde vão.

Passo no La Bohème e revejo, juntos, dois caras alto-astral, de bem com a vida, a quem encontrar é sempre a certeza de um instante prazeroso. São Luizinho Cysne, da melhor cepa, e Marcello Feitosa, filho do ex-deputado Januário, este nascido como eu em Cajazeiras da Paraíba e que conheceu meu avô, o “major” Piano de “A Nortista”, Crispiniano Figueiredo Lustosa.

## CAÍ FEIO

Tenho uma teoria segundo a qual as quedas, tanto as físicas quanto as morais, são para a mocidade. Na velhice elas devem ser evitadas. As físicas, porque a recomposição demora. As morais, porque não há tempo para que os contemporâneos as esqueçam.

Até o último dia 10, aos 59 anos, jamais quebrara ou luxara braço ou perna. Na manhã daquele dia fatal, depois de sacar dinheiro na agência do Banco do Brasil da Monsenhor Tabosa, escorreguei ao sair e caí apoiado na mão esquerda que trinqueei. Desmunhequei feio e voltei a dar despesa ao Sarah Kubitschek, um dos melhores hospitais do mundo na especialidade. Fosse nos Estados Unidos e ia receber indenização. Batuco essas notas vadias com o dedo indicador da mão direita. Pior que nos tempos de criança, quando, com dois dedos de cada mão, maltratava as pesadas máquinas do IAPC escrevendo, escrevendo sempre.

Lembro-me do maior traumatologista de Sobral, Antônio Félix Ibiapina cujos métodos drásticos o converteram num craque da especialidade, apesar de ser apenas barbeiro e capador de cavalos. Doíam no coração os lancinantes urros e gemidos dos eqüinos, ao perderem a virilidade. A coisa era tão impressionante que um caixeiro quebrou o braço. Os amigos o socorreram. Quando ouviu o nome de Antônio Félix, para cuja barbearia estava sendo levado, escapou deles, fugiu para nunca mais voltar. Preferiu ficar troncho ou maneta a correr riscos.

## SAUDADES DA ANTIGA TV CEARÁ

Pelo que me mandam dizer do Ceará, o ex-secretário de Comunicação, Ciro Saraiva voltou à moda, comandando a *Tribuna do Ceará*. Jornalista é assim. Nunca encosta as chuteiras. Está sempre retornando. Em entrevista concedida a Lúcio Brasileiro ele restaurou a verdade histórica. Registrou, como já o fiz, que Luciano Diógenes foi o primeiro diretor de jornalismo da TV Ceará, substituído, a seguir, por Wilson Ibiapina, que também pintava na telinha e fazia o maior sucesso. As mulheres afluíam, em multidões ávidas, ao então chamado Bairro da Estância, para conhecer o nosso William Bonner cabeça-chata. Os invejosos e os desafetos espalharam, à época, que nem todas

elas voltavam tão felizes de lá porque esperavam encontrar um galã da estatura dum campeão de basquetebol norte-americano e não achavam. O que se sabe é que, logo depois, o nosso herói preferiu o espaço da TV Tupi, no Rio. Depois, o da TV Globo, em Brasília, onde brilhou até um dia desses.

Bons tempos da TV Ceará, da cadeia associada. Prestigiava-se o talento local. Não só no jornalismo. Também no setor de novelas que chegaram a conquistar prêmios internacionais. Hoje, tudo é padronizado. Não sobra espaço pro sotaque da gente. Pra vida inteligente, a não ser a que existe entre Rio e São Paulo

Depois, apareceu o Telejornal Crasa, patrocinado pela empresa de Clóvis Rolim e apresentado, ao vivo, por jornalistas profissionais que podiam até falar bobagens, mas sabiam o que estavam dizendo, ou mesmo lendo. Éramos João Ramos, Aderson Brás, Augusto Borges, Wilson Machado, Lúcio Brasileiro e eu. Quando saí, em 1966, para o desafio das urnas, ficou o Pádua Lopes encarregado da área política.

Lembro-me de que a equipe visitou Sobral para receber homenagens do prefeito Cesário Barreto. Todos nós fomos chamados ao palco de um grande salão (Era um clube? Um cinema, Zémária Soares? Onde era?), e ali aplaudidos.

Outras vezes, íamos comer arroz de mariscos *chez* Wilson Machado e ouvir canções românticas de Francisco Petrônio. Uma noite, fomos estraçalhar caranguejos em Maraponga (só ali os havia, vindos, como hoje, de Parnaíba). Lúcio queria, por fina força, que o Cirênio Cordeiro, seu convidado, tivesse a veia poética e a cultura do Otacílio Colares, o vate, que, este às vezes, nos brindava com sua cintilante conversa.

A televisão, apesar da pobreza de meios materiais, era criativa. Chegou a ganhar prêmios internacionais com atores cearenses interpretando peças teatrais de autores da terra.

Não foi diferente a estréia do Brasileiro, que inventou de submeter a “socialite” Chiquita Gurgel ao chamado “questionário proustiano” que até hoje não descobri o que vem a ser. Atordoada pelo fogaréu e o calor dos refletores, a grande dama desmaiou por causa do vallium ingerido, do scotch ou dos dois somados. Isto não impediu que, a seguir, nos oferecesse um festão, com a presença do Governador do Estado, em que o uísque jorrou como as águas do rio Acaraú em temporada de chuva.

Lúcio costuma dizer que abandonei atividade tão prestigiada e tão rendosa por causa do patrulhamento do então deputado Pontes Neto, que me interpelou:

“Então, aderiste ao Zémacedo?”

Não sei se foi por isso que saí ou porque andava entusiasmado com o programa de entrevistas “Política quase sempre” e o “Telejornal Crasa”, na televisão, a coluna em *Unitário*, lida, na Ceará Rádio Clube, sob o título “Estas são confidenciais.”

Lembro-me ainda do ex-presidente Juscelino Kubitschek depois do golpe de 1964, sendo entrevistado em “Política quase sempre”. Já não era mais o “enfant gaté” da empresa. Ficou praticamente sozinho, na sala do diretor artístico, Guilherme Neto, com o Êsio Pinheiro (suponho), numa tremenda maçada porque a emissora, única no Estado, não possuía maior preocupação com horário.

À certa altura da espera, tentando ser engraçadinho, falei pro futuro entrevistado:

“Presidente, minha mãe não tem culpa nenhuma nisso.”

Ele, que estava sentado pacientemente, levantou os olhos apertados em minha direção e esboçou sorriso contrariado, dando a entender ter precisa consciência de que os tempos haviam mudado.

Sucesso mesmo foi a aparição do ex-prefeito Acrísio Moreira da Rocha com sua tremenda cara de pau. Ele passava dia e noite, no carteado, no cassino do Ideal. Isto não constituía segredo pra ninguém. Transmít-lhe, assim, pergunta dum telespectador:

“O senhor é jogador profissional?”

Ele soltou um risinho altaneiro, auto-suficiente pelo canto dos lábios. E respondeu que não. Não era. Nunca fora. No seu tempo, ainda não havia profissionalismo. Quando jogara futebol pelo Maguary Esporte Clube, era amador. Não ganhava nada. Como pelas características do programa, não havia tréplica, passei-lhe outra questão. E ele saiu cantando vitória.

É do que ora me recordo, aqui no frio primaveril de Paris. Isto, porém, se encontra muito melhor contado e mais documentado no livro *A televisão no Ceará*, preciosa coletânea de dados, que o Gilmar de Carvalho reuniu sob o estímulo do Ciro Saraiva, então Secretário de Comunicação do Estado do Ceará.

## **TURISTA SEM DISSIMULAÇÃO**

Quando morei em Paris, ia a restaurantes de turistas. Nada dessa bobagem de ir a lugares que só os nativos freqüentam. Isso é besteira muito grande. Sou ou não sou forasteiro? Turista? Claro que sim. A quem engano, pretendendo ser outra coisa. Por acaso sou parisiense? Nada. Ia mesmo era pro Procope, Le Pied de Cochon, La Coupole, Le Fouquet's. Nos três primeiros, não gastava muito mais do que num restaurante popular de Brasília. Nesse tempo, o álcool estava suspenso, então a refeição saía por uns vinte dólares por cabeça. Em tais restaurantes.

## **TEM MAIS É DE MOSTRAR**

Há uma história clássica de bazófia masculina em Brasília. Um cara esteve muito tempo de olho na coleguinha de trabalho. Nada. Rezou, penou, insistiu, até que um dia, ela, cansada ante seu peditório ou por falta do que fazer, aquiesceu no encontro. Pois bem. Lá se foram. Chegados ao local onde deveria ocorrer o corpo-a-corpo, a discreta donzela só fez um pedido ao futuro parceiro: o absoluto silêncio. Não dizer a ninguém que ela fora sua. Foi a vez do rapaz, ele arrenegou. Assim, não queria, não. “Se não pudesse espalhar a conquista, de que ela lhe valia?”. Assim nada se passou entre os dois que ele pudesse, depois, contar aos amigos. Foi do que me lembrei quando um conterrâneo, mais ou menos da minha idade, mas ainda lotado de sonhos na área, me mostrou seu carro novo, de vidros fumê. E explicou porque o ensombrado das janelas: “Se eu descolar uma gatinha esperta, jeitosa, posso andar com ela por toda a parte que ninguém vê”. Chamei-lhe a atenção para sua burrice. Na idade em que se encontrava, não podia querer o segredo para uma conquista: “Se conquistares mesmo um brotinho assim, não deves só abrir as janelas do carro. Tens mais é de alugar o papa-móvel para mostrar do que ainda és capaz. Escancarar”.

## **APROVEITAR**

Encontro um colega jovem, muito jovem, de óculos de professor, barba e bigode, escondendo a idade. Advirto-o para o prejuízo: “Nada de ocultar a mocidade. Tens de mostrá-la e vivê-la, inclusive porque ela passa muito rápido. Quando você der fé, ela terá ido embora. É aproveitar.”

## **MOROSO NO PAGAMENTO**

Afinal, paguei um dinheiro que devia ao Antenor Barros Leal. Sou-lhe grato. Não é nem pela estóica paciência com que aguardou o acontecido. E, sim, por não se haver rendido à tentação de me dar conselhos. De não gastar tanto. De pensar na velhice. De arranjar outra fonte de renda. Ou, então, mui justamente podia ter-me perguntado: “Por que não me pagaste ao invés da temporada lisboeta? Por que foste a Cancun sem haver liquidado a dívida para comigo?”. Não o fez e sou grato a Deus por merecer tal tipo de amigo.

## **APRENDI TUDO ERRADO**

O idioma devia ser outro. Assim que pude, levei os filhos para um banho de civilização na Europa. Passamos um ano em Paris, durante o qual eles aprenderam o idioma no Curso de Civilização Francesa da Sorbonne e no Lycée Montaigne. Sem falar em que percorreram treze países, mochila às costas. Pensei haver feito um grande investimento. Quando voltei, o Itamaraty não mais exigia francês no seu exame e o quente era estudar espanhol. Eu lhes pusera à disposição uma língua aristocrática e literária, quando importante, agora, é o idioma do Mercosul. Aí soube que muitos anos-luz à frente, Leda Maria mandara sua Raquel, logo, para uma temporada no Japão.

## A GABOLICE DEVIA SER OUTRA

Como todo pai, gosto de contar minha vantagem. Uma delas, a de que aos 17 anos já trabalhava. Na *Gazeta de Notícias* e na secretaria do Náutico. Hoje gosto de me gabar de que as duas filhas têm emprego e cursam faculdade. (E ficam danadas da vida quando a juventude de Brasília é toda retratada como um bando de moços desocupados, que quebram carros e puxam fumo).

Uma é funcionária da Embaixada dos EUA. A outra, da República do Myanmar. Lugares que conquistaram, por conta própria.

Afinal, fui educado na religião do trabalho, achando que todo o homem deve ganhar o pão (e o uísque) de cada dia com o suor de seu rosto. Descubro, a essa altura dos acontecimentos, que também estou anos-luz ultrapassado. Daqui para a frente, o que se há-de valorizar será o ócio. O trabalho ficará a cargo do robô e do computador. O trabalho vai desaparecer até como valor moral.

## O LUXO

Um dia desses, estive aqui em casa o embaixador Jerônimo Moscardo de Souza. Ele atalhou minha inquietação, alertando-me para o valor do luxo: “A França ainda hoje vive das extravagâncias de Luís XIV. O Egito das pirâmides”. Realmente, o que perdeu daquele tempo foram as pirâmides, seus túmulos luxuosos ou os palácios franceses. Monumentos que os governantes erigiram a si mesmos, à sua vaidade. Tudo então absolutamente inútil, desnecessário.

## SEM FAZER NADA

Como ficarei eu - habituado a acordar cedo, por maior que haja sido o pifão da véspera; acostumado, até bem pouco, a deixar filho em colégio, a abrir o prédio da Câmara dos Deputados - se souber que terei de passar o dia inteiro sem nada fazer? Que farão, de seu tempo, os homens do novo milênio? Dedicar-se-ão vinte e quatro horas à ociosidade?

Há quem diga que apenas 20% da mão-de-obra válida terá ocupação no próximo século. Um outro futurólogo é mais drástico: “Só haverá dois tipos de emprego em breve: guia turístico e babá de velho rico”.

## ÍNDIA

Fui à Embaixada da Índia no Sete de Setembro lá deles. Os garçons cumpriam sádico desfile com bandejas de coca e de guaraná. Não entendi nada até que me disseram ser proibido tomar bebidas espirituosas no Dia da Independência e no aniversário da morte de Ghandi. Lá não me pilham mais em tais comemorações. Fui, porém, lá de novo para o delicioso jantar típico que o Embaixador e sra. Ishrat Aziz ofereciam pela despedida de Mr. & Mrs. Ujahgar Singh

A partida de Kewal e Mr. Ujahgar Singh. A promessa que ela fez voltar ao Brasil, com o primeiro salário do filho (dado à família, segundo o costume nacional). Saiu lavada em prantos e deixou muitas amigas chorosas. No discurso, ao final do jantar típico, o diplomata fez questão de citar apenas nosso nome, como dos amigos que fizera no País. Tem gente que por onde passa deixa marca positiva, um rastro bom. Assim foi este casal indiano que talvez nunca mais teremos o prazer de rever.

## SARAMAGO

José Saramago é unanimidade nacional no Brasil. Pensei em sugerir-lhe viesse morar aqui. Depois, não. Seria a vulgarização do mito. Lembrei Brigitte Bardot, quando era a mulher mais *sexy* do mundo, a artista mais badalada do universo. Arranjou namorado brasileiro, que a trouxe para o Brasil, a fazer-nos inveja com tão glorioso troféu. Passou uma temporada em Búzios. No começo, aquela sensação, a perseguição dos *paparazzi*. O deslumbramento dos nativos. Daí a pouco o cansaço da admiração. A fadiga dos deslumbrados. Uma certa raiva de ter-se prostrado diante do ídolo. E passou-se ao inverno. Certo despeito. Algum ressentimento. Quando ela chegava aos cantos, murmurava-se: “Lá vem a chata da Brigitte? Não vai mais embora, não?”

## BEBENDO POR PROCURAÇÃO

Quem quer me achar, me acha. O português de Arganil, Rosário Dias, telefona para dizer que guarda um aguardente de sua terra, com algumas décadas em suas mãos. Como nos seus 97 não mais cultua Baco, ele quer que eu o faça. Por procuração.

Em 1970, fui à Europa vez primeira. No avião, a colônia lusa, residente em Fortaleza. Um deles se apresenta, é Orlando Dias Branco. Digo-lhe que Guilherme Neto me falara muito bem de Ivens, seu sobrinho. Que está ao lado. Viajo entre eles, o da Casa das Rendas, o Alexandre Vidal, o Bicho, da Casa Bicho. Em Lisboa, sou homenageado por eles com almoço no Automóvel Clube e os deixo frustrados. Requeriam-me um discurso e me furtei a tal encargo. Não sou bom de gogó. Senti que ficaram desapontados. De noite, Manuel Dias Branco me levou a uma casa de fados. Ele consumia seu S.João, tinto da região de Bairradas. Eu e Ivens nos empenhamos num campeonato e quase demos conta de um litro de aguardente 1920. Éramos jovens naquela época e tínhamos muita sede.

## ESTEREÓTIPOS

Tão obsoleto quanto as cegonhas. Tão instrutivo quanto papo de *disc-jockey*. Tão divertido quanto humor de guia turístico.

## COMO EM PARIS

Faço de conta que estou em Paris e peço caneta e lápis ao “Tatu”, amigo garçom, do “Colher de Pau”, da Praia de Iracema, e recorro a mais recente gafe que cometi. Estava num sarau sobralense com direito à música erudita no piano e à presença de talentoso poeta que também canta. Este declamou poemas de autores que amo e cantou baixinho músicas de que gosto o que foi suficiente, ao lado do generoso scotch para que me entusiasmasse. Podia ter ficado de boca fechada onde não entra mosca. Nem comida e bebida que engordam. Sabem os leitores o que fiz, vibrando com tal companheiro. Virei-me para sua mulher, uma gentil moça e arquiteta de profissão e assim o elogiei: “Pode não ser bom marido

mas é uma grande presença na noite.” Ela, moça de fina educação, naturalmente, não passou recibo da bobagem. Maior quando me dei conta de que o vate jamais se inscreveu no partido dos amigados, atualmente nem bebe mais, sorvendo somente inocentes licores caseiros. Apenas, como poeta e boêmio ama a noite, é freguês da madrugada, gosta de declamar, a desoras, poemas para outros boêmios, como fez naquela noite. Que diabo de direito tinha eu para formular tão extemporânea hipótese?

## AGRADECIMENTO

Como fui feliz lendo *Quo vadis?* no Seminário. Ou quando acompanhei o romancista alemão Karl May em suas aventuras pela savana americana, e de Winnetou, pelo México, pelo Turquestão? E de mergulhar na sociedade francesa retratada por Honoré de Balzac? Deslumbrar-me com o faiscante jogo verbal de *O Retrato de Dorian Gray* e das peças teatrais de Oscar Wilde? Chorar, feito um bobo, com *Servidão Humana*? Fazer farras com Carlos Eduardo, João da Ega, o Cruges em *Os Maias*? Passear com Jacinto de Tormes em Paris? E o divertimento de ler *As Farpas* de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz? Como fui feliz lendo *Arco de Triunfo*, de Erich Maria Remarque? As memórias de Miguel Torga e a magia da ficção e do estilo de José Saramago? E Machado de Assis, que nos reserva surpresa e novidade em cada releitura? E a grande e prazerosa descoberta de Jorge Luís Borges, aos 50 anos?

## IA A SOBRAL

Perdi o avião para Sobral e até achei bom. Era manhã de muita chuva. Já imaginaram quanto o bicho ia balançar? (Os leitores sabem que viajo, tomando conta do avião. A qualquer catabi, balanço, preocupo-me. E fico furioso com a displicência dos outros. Só eu com aquela responsabilidade toda. O pior foi um dia desses, quando o piloto do Boeing deixou a cabine e veio passear nos corredores do avião. O que agravou minha responsabilidade e meu pânico. Isto não se faz). Os pessimistas costumam dizer que monomotor já sai na emergência. Um só motor é a iminência da *panne*. Os otimistas garantem que eles não caem. Planam. E voam sempre próximo à estrada real onde podem pousar, em caso de necessidade.

## LIVRO EM PARIS

Deus me tem proporcionado tanta coisa boa. Taí o lançamento de *Louvação de Fortaleza*, em setembro de 1995, nos salões da Unesco em Paris. Como podia sonhar com isso? Pretendia fazê-lo numa livraria portuguesa da *rue* du Sommerard - que freqüentava - mas o editor Martins Filho bateu pé e não concordou. Reclamou o concurso do Embaixador Jerônimo Moscardo de Souza e lá se foi este conterrâneo organizar a festa. Que constituiu régio presente. O salão cheio. Compareceram não só muitos amigos professores que estudavam na capital francesa como os embaixadores ligados a Jerônimo. O embaixador Carlos Alberto Leite Barbosa. O da Argentina, Torres Aguero. A de Honduras, simpática Sônia Mendiela de Bardaroux. A Encarregada de Negócios do Peru, Maria Alvarado de Diaz. O do Chile, escritor Jorge Edwards. O de Portugal, José Antônio Moya Ribera. O de Angola, Domingos Van Dunem. O da Guiné Bissau, Leonel Sebastião Vieira. A da Costa Rica, Maria de Los Angeles Sancho Barquero. O chileno Jorge Edwards, antigo secretário de Pablo Neruda, ficou intrigado com a expressão do padre Pita, usada para mostrar a decadência física de uma fiel de sua paróquia: “Foi Miss Brasil, desejada pelos homens, invejada pelas mulheres. Eis como está. Vejam este caquinho”. Ele queria saber de Jerônimo o que significava *caquinho*.

## MULATAS OU MALETAS?

Rezam as lendas que d. Pedro II sofreu acidente em Petrópolis. Quando chegou ao Rio, um jornal registrou sua vinda, apoiado em duas malas. Reclamaram da folha o erro de revisão. Dia seguinte, o mesmo veículo corrigiu o lapso, dizendo que o Imperador voltara à Corte, sustentado por duas mulatas. Ninguém mais pediu correção do erro, temendo desgraça maior. Foi o que me aconteceu quando contei da gafe que cometi a respeito do poeta que jamais se inscrevera no partido dos amigados e que até deixou de beber, sorvendo apenas inocentes licores caseiros. Caiu o “nunca” foi da agremiação dos amancebados e quem não prestou atenção ao contexto pode haver entendido justo o contrário do que quis dizer. Mas não vou explicar muito, não, senão a coisa piora.

## ETELVINO NA ÍNDIA

Eduarda Dorazi (uma Pompeu de Souza Brasil, que foi diplomata brasileira, como a irmã Stela Frota Neto, antes de casar com diplomata italiano) me conta da presença de *Vida, paixão e morte de Etelvino Soares* em exposição de livros, ora realizada em Nova Delhi: “Fui controlar nos recortes de jornais que preparei para te mandar junto com as fotografias. A feira se chama ‘World International Book Fair’ e é organizada de dois em dois anos pela National Book Trust. Já são 25 anos - 13 vezes - em que o evento acontece. O melhor *stand* estrangeiro, pelo que pude ver no domingo, é aquele organizado pela França. Que vergonha, a Itália não participou. O Brasil contava com um *stand* pequeno, mas muito digno. E o que é melhor, o teu livro estava lá no meio!!!”

Você saber que tem um leitor esperando para ver o que você escreveu. E se você não tiver acertado o ponto? Não estiver inspirado? Não lhe fornecer biscoitos finos como Oswald Andrade requeria “A frustração do outro”. E a sua? É que nem o cozinheiro cujos quitutes não agradam ao freguês, ao consumidor.

## QUALIDADE DE VIDA, NEM A ALDEOTA TEM

Há um espaço de mar à vista na varanda do apartamento de minha mãe, localizado quase em frente ao extinto Clube Líbano Brasileiro. Às vezes, fico ali a desfrutar a paisagem e o vento raro. O local, porém, é da AABB e este clube vai ser vendido para dar lugar a espigões. A nesga de oceano - aquele magro quinhão dos verdes mares bravios que me regalam os olhos - vai desaparecer. E o apartamento ficará sem ventilação, sem o afago da brisa do Aracati. Isto na Aldeota, sinal de que nem os mais aquinhoados defendem a qualidade de vida.

## CLOACA

Aliás, ali na calçada da rua Silva Jatahy, durante o Fortal, hospedaram-se vários grupos. Muitas tribos. Ali se aboletaram, comeram, beberam, fumaram, dançaram, satisfizeram às suas necessidades fisiológicas. Na rua, transformada numa cloaca. E a gente nutre a ilusão de que tal calamidade só acontece nas ruas de La Paz, em Nova Delhi ou em Luanda. Esquece-se que o Haiti é aqui.

## COTAS

É claro que defendo o direito das minorias. Que eles devem ter voz. Precisam ser escutadas. Não sou muito simpático, porém, ao sistema de cotas para favorecê-las. Isto de nomear uma mulher para cada homem que for apontado para o Supremo Tribunal Federal pode gerar precedentes perigosos. Por que não indicar, proporcionalmente, um *gay*? Um dono de jornal previu que o terceiro sexo, em breve, será o primeiro, razão pela qual ele já foi à frente, como batalhão precursor da mudança? E os negros ficarão sem um representante na Alta Corte? E os zanolhos, vesgos, não terão vez? E os manetas? Por que não teremos um Ministro do Supremo com um só braço? Os gogos? Os fanhos? São minorias que devem ter seu espaço naquela casa que o Moacir Aguiar costumava chamar, em seus discursos na velha Assembléia, de Pretório Excelso.

Entra uma, entram várias mulheres no Supremo, porque haverá uma lei estabelecendo o sistema de cotas? Não seria um absurdo excluir as lésbicas que, em breve, serão o segundo sexo? Os gogos não terão sua vez? E os xifópagos?

## POR QUE LOGO COMIGO, SENHOR?

Há certas coisas que você pensa que só acontecem aos outros. Quando acontecem a você, é aquele Deus nos acuda, aquela surpresa doída como se você estivesse isento de tais danos, dessas mazelas.

Quando você que se considera o tal no seu trabalho, pela competência, pelo bom relacionamento, pelo prazer com que desempenha

sua tarefa e é demitido, estrepitosamente. Fica no olho da rua, sem jornal nem tevê que o acolha, que o empregue. Você se pergunta: como isso pode acontecer justo a mim? Eu devia estar livre de tais percalços.

É assim quando você, de repente, é passado para trás por uma mulher, você que se considerava o gostoso, que achava que era o danado, que podia fazer e acontecer, se danar quando bem entendesse e estava livre de tais riscos. De repente, o corneado é você. Como dói.

Ou então quando você vai ao médico e ele diz que você vai entrar na faca. Ou se entrega ao bisturi ou o coração lhe estoura e é tudo tão rápido que você nem sentirá passar para o andar de cima. De repente, você está de peito costurado na solidão da UTI, se perguntando: “Por que comigo”?

Deus lá em cima deve de estar respondendo: “Por que não com você? Por que você seria indene de tais problemas? Por que seu empregador o deixaria a salvo de pontapé na bunda? Por que ficaria livre de chifres, de cirurgias?

Você é um ser humano qualquer, sujeito a fragilidades, a erros, a quedas. Como todos os outros. Sua vaidade é que lhe deu impressão diversa. Falsa como tudo o que nosso orgulho produz, engendra, inventa.

Só quero elogios

Um dia desses recebi carta que logo percebi amarga, fel puro. Por covardia, por comodidade, pedi ao Wilson Ibiapina para lê-la. Uma tremenda agressão. Nem a olhei. Passei batido. Eu lá quero saber disso. Tratava-se de um pobre diabo, morto de inveja do vidão que levo, dos amigos que tenho, da coisas boas que a vida me proporcionou e lhe negou. Coisas pequenas, é certo, que fui buscar, que não herdei, que conquistei sozinho. O que eu posso fazer para remediar isso? Ir viver a vida mesquinha dele é que não vou. Inclusive porque não resolveria nada. Seria apenas mais um infeliz na praça, raspando suas chagas com o caco de telha, feito Jó.

Sou que nem Costa e Silva. Contam as lendas que, depois de designado para suceder a Castello na Presidência, o marechal foi almoçar na sede do *Jornal do Brasil*. A certa altura do campeonato, a proprietária, Condessa Pereira Carneiro, velha espertíssima, prometeu ao futuro Presidente julgar os atos de seu governo, com isenção, com imparcialidade. Costa e Silva protestou:

“Com imparcialidade, não, Condessa. Quero é todo dia editorial a meu favor e retrato na primeira página”.

Não sou marechal mas alimento tais sonhos.

## Alaska

Marido de professora - foi traído por menino de 13 anos nos EEUU, que nela fez um filho - envergonhado com o chifre, fugiu para o Alaska. Se cada cara corneado decidir mudar para tão longe do lugar do crime, haverá congestionamento de estradas. E o Alaska sofrerá problemas de superpovoamento.

Tudo, porém se deve a uma questão de publicidade. Este caso foi divulgado, ao vivo e em cores, pela televisão do mundo inteiro. Assim não há quem agüente. Quando você é corno, mas só um vizinho abelhudo sabe, vá lá. Ou então o pessoal do seu prédio de apartamentos. Mesmo o da rua. O que desespera é quando todo o bairro toma conhecimento. A cidade. O mundo, quando se trata de noticiário da tevê. Ao vivo e a cores. Via Embratel. Não dá para agüentar. O jeito é fugir para as geleiras do Alaska para lá esfriar a cabeça. Ou então fazer como aquele personagem de Manuel Bandeira. Ao acabar de ser chifrado no último bairro do Rio para onde ia se escafedendo a cada traição da mulher, matou-a a facadas. Mas o homicídio é antiestético. Quem vale sujar as mãos em sangue?

Lembro a propósito o livro de Vargas Llosa - *O elogio da ma-drasta* - em que se conta história parecida.

## Crise

Meu Pentium andou em crise existencial e fiquei órfão da informática, morrendo de solidão. O máximo que ele me concedia era gravar as bobagens que ia escrevendo. Só. Só podia ser macumba pois vírus não era. As pessoas, a quem recorri, ao encarar o problema, prometiam voltar dia seguinte e terminavam não mais aparecendo, nem para receber o dinheiro do trabalho. Senti-me isolado da informática, algo perdido e sem objetivo na vida. Como terminar a publicação sobre Régis Jucá, que tinha de mandar para o Lúcio Brasileiro fazer a revisão e o Cláudio Pereira, a edição? E as tolices que eles amontoam, toda a semana, que me fazem tão feliz, que se o Pádua sabe, corta logo o salário, deixando-me como remuneração o prazer do contato com os leitores.

## UM AMARAL SINGULAR

Um dia desses conversava com Leonardo Mota Neto, à porta da livraria, sobre as vicissitudes que vivemos e ainda viveremos e ele me dizia ter tido notícias de minha temporada européia através da coluna do Gilberto Amaral. Como falássemos de sua amizade solidária e eu o chamasse o Lúcio Brasileiro do Cerrado, Leo observou: “O Gilberto nunca deixa a gente se afogar. Quando estamos lá embaixo ele vem e nos levanta.”

Lembrei-lhe, a propósito, que, quando fui hospitalizado em 1981 com suspeita de enfarte de miocárdio, a primeira providência dele foi ir à Caixa Econômica Federal pagar a prestação do apartamento que estava atrasada. Para, no caso de eu bater as botas, a família ter assegurada a herança do imóvel.

Desde que nos conhecemos, tem sido assim. Prestigia-me ainda em sua coluna com excessos de generosidade. Ele é um coração cheio de largueza. Desmedido. Há quem o critique por isso. E por citar os poderosos da cidade, do País. Claro, se ele é o cronista da Corte podia falar de quem? Afinal, ajudou a mudança da capital para onde veio quando casou, tendo tido JK, amigo e correligionário de seu sogro, como padrinho de casamento. Foram assim seus começos.

Gilberto é aquele amigo estilo Sarney, capaz de se prejudicar para não prejudicar um amigo. Sua coluna é povoada de Presidentes, ministros, senadores, milionários porque é entre eles que circula. Você pode, porém, encontrar lá também notícia da moça que lhe serve café na Câmara ou do contínuo do Comitê de Imprensa. É assim o Amaral em sua generosidade.

E tem delicadezas, eu que o diga! Que nem a Ethel Xerez, no seu “ABC de Fortaleza”. Esta para publicar, procura minha melhor foto, às vezes, de antigamente, com os cabelos negros como a asa da graúna, o que me deixa feliz e com uma bruta saudade de mim daquele tempo.

Minha medicina preferida

Ou desse remédio é que o coroa gosta

Leio, na revista de S. Paulo, nota sobre “Goles recomendados”: “Há algum tempo os médicos recomendam drinques diários, no fim da tarde, para prevenir problemas de coração”. Se for vinho tinto, então,

é quase a segurança de imortalidade. Não vêem os franceses como custam a morrer?! Apesar de se esbaldarem no consumo de *croissants* amanteigados, filé *mignon* com molho *béarnaise*, seguido por queijo *camembert*, só morrem em último caso. Têm a maior dificuldade em tomar o rumo do cemitério. Graças aos *bons rouges* que entornam, todo o santo dia. Que fazem bem ao coração, sustentam os médicos, e evitam a gripe. Há muito tempo sabia disso e há décadas é assim que cuido de minha higidez física. Sempre à luz mortíça dos crepúsculos nunca de dia, sol a pino. Entro no bar como quem ingressa no ambulatório médico, no consultório do clínico, do cardiologista. Quando vou me abastecer na loja de venda de bebidas é como se fosse à farmácia. E convenhamos: é muito melhor comprar o bom Balantines que Vallium 12. Isto é que é remédio. O mais é dar lucro às multinacionais da indústria farmacêutica.

## VALE A PENA CHEGAR AOS 100 ANOS?

*Fima despertou com o toque de uma pesada e quente mão. Abriu os olhos e viu a mão bronzeada de seu pai apoiada sobre sua coxa, como uma tartaruga. A mão era velha e grossa, com unhas amareladas. Tinha vales e colinas e era repleta de veias azuis, com manchas de pigmentos e esparsos tufos de pêlos. Por um momento entrou em pânico. Então percebeu que se tratava de sua própria mão (Amós Oz, “FIMA”).*

Quando chegou aos 50, Zé Hugo Machado ficou em crise. E fitava, desolado, a própria mão para identificar, nela, vestígios da passagem do tempo. Creio que já passou outra data redonda e não fui informado de como se comportou. Terá se habituado à mão sexagenária?

Falo isso a propósito do casal amigo que indaga se já voltei a beber e como confirmo, me recrimina. Acham eles que posso morrer. Argumento como o senador Vieira: “Quase todos os amigos que deixaram de beber, morreram.” Adoro este querido mundo que habito e que me prodigalizou tanta coisa boa. Cumpre-me indagar: será que, daqui pra frente, continuará a ser tão prazeroso? Por outro lado, se deixo de tomar meu vinho, ler meus livros, que interesse vou ter de me demorar aqui embaixo?

Informo a estes amigos que lá em casa o povo é meio longevo. "Seu" Costa é que se precipitou e inventou de partir aos 85, todavia, na plenitude da razão, graças a Deus. Dona Dolores está nos 82 e vai longe. Pergunto-me sempre: será que tenho competência para viver bem tanto tempo? Você tem de saber se vale a pena, pondera o Paulo Elpídio. Será que valeu a pena para o senador Plínio Pompeu chegar aos 102 anos em Sobral, sobrevivendo aos descendentes?

Airton Monte quer a maravilhosa possibilidade de viver para sempre livre da ferrugem corrosiva da velhice? Tudo bem. Vivo um século com saúde mas vou conversar com quem? Quem querará escutar minhas lorotas?

### **Voto em 1966**

A próxima eleição será eletrônica, computadorizada. Quando disputei a deputação federal, em 1966, ainda se utilizava, no interior, a cédula individual que o eleitor levava de casa para depositar na urna.

Não podia ser identificada, sob pena de quebrar o sigilo do voto que era assim anulado. Por isso, nas campanhas, mocinhas maliciosas, funcionando de astutos cabos eleitorais, pediam ao eleitor mais ingênuo para ver suas cédulas, ou "chapas" como eram chamadas. Ao verificarem que eram do candidato adversário, costumavam fingir alegria e beijá-las, de tão felizes que ficavam, deixando no papel a marca do batom. Para botar o voto a perder.

### **Cumpre agradar os amigos**

Um amigo não se entusiasmou com a idéia de editar livro de homenagem ao Regis Jucá desdenhando tal tipo de homenagens. Se fosse a uma instituição, vá lá, admitiu. Não penso assim. Estou noutra e muito feliz. Por isso discordo. Primeiro, porque adoro puxar o saco dos amigos enquanto vivos. Quando podem ouvir nossos elogios, saber do bem que lhes queremos, da admiração que lhes temos. Escrever-lhes comovido necrológico não adianta nada nem me faz feliz. Além do mais, por que iria eu homenagear a Faculdade de Medicina? O Hospital de Messejana? Uma instituição? Curto é gente. O médico que bebe comigo, ouviu meus patéticos receios de entrar no bisturi, agüenta ouvir estoicamente minhas velhas histórias.

## HÁ TRINTA ANOS

Estava em Brasília quando do golpe de primeiro de abril de 1964, que mergulharia o País numa longa noite de horror e de sombras. Tentava transferir-me para a capital. Escrevi muitas matérias naqueles dias agitados, que eram lidas na Rádio Nacional com a assinatura de Alberto, irmão mais moço, pioneiro do cerrado e jornalista atuante. Eu, recém-chegado, não conhecia ninguém. Nem era conhecido. Conforme revelei antes, por causa disso Alberto foi indiciado no chamado IPM do Arcebispo, dom José Newton, entre os que defenderam a manutenção da legalidade.

Mas os acontecimentos se passavam no Rio. A História transcorria lá. As comunicações eram difíceis. O catarinense Lenoir Vargas se perguntava, assustado:

“Será que se esqueceram da gente?”

Esqueceram nada. Vieram logo as cassações de mandatos e de direitos políticos. Recordo o pranto desatado de Nely, mulher de Crisanto Moreira da Rocha, embora fosse ele, como suplente, beneficiário das sanções. Um deputado pernambucano, Murilo Costa Rego (era este mesmo o nome?) protestou, da tribuna, quando o presidente em exercício, Afonso Celso (ou era Lenoir Vargas?), leu a primeira lista de cassações. Intrépido, ele concluiu sua fala citando “O Defunto” de Pedro Nava:

“Olhem bem pra minha cara

E pra de vocês também.”

Lino Braun, suplente do PTB gaúcho, ganhou o mandato com a cassação de colegas. Todos os dias, ia ao gabinete do diretor geral da Câmara, Luciano Brandão, pra se certificar de que ainda era deputado.

“Luciano, estou achando que isso acaba logo. Não vai durar.”

O que ele não queria era ouvir (mas ouvia) do interlocutor:

“Acaba, não. Vai durar.”

Jamais poderíamos supor que aquilo fosse continuar. Mas continuou e o pior viria depois. Tempos de brutalidade, ignorância, arrogância, grosseria, delação, censura, tortura.

## CANETA BIC

Sou aquele caso típico de que falava Cândido Mendes de Almeida, o da “contemporaneidade do não coetâneo”. É certo que ando moderno, uso o computador. Até já naveguei nas águas da Internet, tendo os filhos como comandantes da nau. Agora, quanto à escrita, prefiro a manual. É quando o pensamento se solta, persegue elegâncias, as boas maneiras. Primeiro, escrevo à mão. Depois é que passo tudo para o Pentium. Nada tão contraditório.

Em matéria de caneta, prefiro a Bic preta. Ah! Se fosse um Manuel Bandeira, não celebraria as três moças do sabonete Araxá, não. Cantaria as virtudes da Bic. Com ela, geralmente escrevo macio. Ela desliza sobre o papel. Macia, obediente, dócil, quase voluptuosa, bom adjutório da inspiração. Tem mais: a Bic desinventou o sexto mandamento: “Não roubarás”. Sim porque nos aliviou do pecado. Você rouba uma Bic e ela custa tão barato, vale tão pouco que você está inocente, de alma branca, leve sem pecados, pode até comungar. Ruim é quando você leva uma dessas canetas que se dão de presente ao chefe ou ao patrão que valem uma fortuna e cujo surripiar pode levar a ferros, ao calabouço. A Bic, não. Lembro-me de quando era Conselheiro do Banco do Nordeste, (banco rico nos bons tempos inflacionários!) e saía das reuniões com uma, duas, até três canetas, (dessas de trinta centavos a unidade) colocadas sobre a mesa de reunião que, por descuido, (seria descuido ou roubalheira ?) guardava automaticamente no bolso interno do paletó. O pessoal deve de ter pensado: como é que um cara fala de vida tão boa e tão luxuosa em sua coluna e está rapinando uma ou duas míseras Bics? Se o Tribunal de Contas descobre isto, me chama à colação, vai-me exigir a restituição do que afanei. Sem remorsos. Porque o roubo da Bic não está proibido nas tábuas da lei que Moisés recebeu. Não há nada ali que se refira à apropriação indébita de tal instrumento de escrever.

## **O PRAZER DE LER**

Gosto muito de dividir com os amigos o prazer da descoberta de um bom autor. De presenteá-los com livros.

Confesso, porém, que me desagrade emprestar livros. Geralmente ninguém os devolve. Mesmo quando você vai à casa do cara que está com livro de sua propriedade, à mostra na estante. Ele, porém, não se manca de restituir o que é seu. E, às vezes, é bem precioso. Um dia desses, um amigo me pediu emprestado romance de que lhe falara bem. Tentei embromar, ganhar tempo, ver se ele se mancava e o adquiria em qualquer livraria mas foi em vão. Terminei lhe entregando o pedido, muito sem gosto, sem vontade, sem ter a certeza de que ele me será devolvido. Fiquei pensando: se ele ganha tão bem, o livro se encontra à venda em todas as livrarias, por que não o comprou? Só lhe servia o meu?

## **O desrespeito ao livro**

Outro temor que me assalta é quanto ao tratamento que ele pode dar ao volume, se mo devolver. Espero que ele não o risque, não dobre suas páginas, não o deixe ao alcance dos rabiscos de filhos e netos, não escangote a capa etc. e tal. A jornalista Célia de Nadaí emprestou livro a uma colega que o devolveu cheio de cabelos, riscado, sujo de manteiga. Protestou contra aquela falta de respeito. A outra explicou que, quando lia, havia tal processo de interação entre ela e a leitura que tudo acontecia. Célia, então, expressou sua indignação: “Pois deixe esse processo de interação para os seus livros. Não para os meus.”

## **Viajar nem sempre é cultura**

Viajar é muito bom. Principalmente para quem, diferente de mim, quer se instruir e não apenas lotar o bandulho de arroz de mariscos e Bucelas Velho. Sou, porém, um pobre homem da Praça do S.Francisco de faróis baixos. E cujos apetites, com os anos, estão subindo.

Aliás, não há certeza de que viajar ilustre, instrua, torne alguém culto. Se isso fosse rigorosamente verdadeiro, comissário de avião era todo erudição. O Paulo Elpídio, com muito mau caráter,

diagnosticou, um dia desses, o nenhum aproveitamento que um conhecido fizera de longa e recente temporada no exterior: “Os burros também vão a Paris”. Será? Quando revejo as crônicas de viagens que perpetrei e as comparo às de grandes autores, baixa em mim insuportável complexo de inferioridade. Eles viram tanta coisa. Eu baixei a vista pro meu prato e pro meu copo e quase ali comecei e concluí minha experiência turística.

## O AMOR E A IDÉIA DE JANTAR

“Um amigo chega à boate, põe-me as mãos sobre os ombros (ele em pé e eu sentado) e pergunta: “Meu amigo, eu estou bêbado e com dor de cotovelo. Se eu comer, o que é que passa: o pileque ou a dor de cotovelo?”, respondi, fiado em experiências anteriores: “Quem tem dor-de-cotovelo, mesmo, não come.” (Antônio Maria)

O grande Eça, de *A Cidade e as Serras*, desmente esta afirmativa. Lembremos o amor de José Fernandes por Madame Colombe, a piranha que o deixou arrasado. A vítima conta que “tarde, muito tarde, quando já se cerravam com estrondo as cortinas de ferro das lojas, surdiu, de entre todas estas confusas ruínas do meu ser, a eterna sobrevivente de todas as ruínas - a idéia de jantar”.

Em Portugal, o grande cronista da atualidade, Miguel Esteves Cardoso, nos coloca na situação que muitos de nós já vivemos, diante de uma dessas vítimas natas que nos desfiam suas mazelas e misérias.

“Chega um infeliz ao pé de nós e diz que não sabe se há de ir beber uma cerveja ou matar-se. E pergunta, depois de ter feito o inventário das tristezas das últimas 24 horas: E tu? Sempre bem disposto, não? O que é que se pode responder? Apetece mentir e dizer que nos morreu uma avó, que nos atraíçooou uma namorada, que nos atropelaram a cadelinha ali na estrada de Sines.”

Isto lembra aquele cara que gosta de se queixar dos chifres da mulher. O que você pode dizer? Que é isto mesmo? Que você também carrega tais adereços? Realmente, é muito embaraçoso.

Um milico às direitas

Um milico, desses que não bebe, não fuma, anda religiosamente dez quilômetros, sofreu enfarte do miocárdio e quase se foi dessa para melhor.

Pois fui ao médico e ele me disse que minha função hepática é boa. Normal, apesar dos tonéis de uísque, vinho e champã que já sorvi, aqui e alhures. O ácido úrico está normal. E completou: Coitada de tua mulher. Não fica viúva tão cedo. Pois esta é, pelo menos, a conversa do médico.

Consoladora para quem não tem vontade de viver pela metade. Meia vida. Andar trafegando pelaí cheio de limitações. Correndo feito um babaca. Deixando para amanhã o uísque que pode consumir hoje.

Já estou chegando à idade canônica. Do respeito que nos votam as mulheres, não mais o desejo. Ou a esperança do desejo. Já não fumo. Se me despeço de Baco, o que vai ser da vida?

## UMA FESTA DE AMIGOS

Foi linda a festa que reuniu “la crema de la crema” da cidade, no Ideal, por ocasião do lançamento do *No après-midi de nossas vidas*. O único problema foi interromper a concessão de autógrafos para os discursos. Deixou muita gente frustrada na fila. Mas também não saudar os presentes, seria mal.

## NO APRÈS-MIDI EM BRASÍLIA

O saldo, porém, foi uma festa em meu coração. Recordo aquela observação de Acrísio Moreira da Rocha, duas vezes eleito prefeito de Fortaleza, falando sobre suas vitórias eleitorais: “Pensar que o cara acorda, faz a barba, toma banho, veste a roupa, penteia o cabelo, sai de casa, entra na fila, só para votar no Acrísio.”

Foi o que me ocorreu na noite de autógrafos aqui na Câmara dos Deputados. O cara se largar de casa, para a Praça dos Três Poderes no final da tarde, encarar o problema de estacionamento cada dia mais irritante, a chuva que caía forte, descobrir o Espaço Cultural da Câmara, para ali adquirir meu livro, esperar meu autógrafo, constitui uma glória. Afago no meu superego. Merecer isso aqui e em Fortaleza. Às vezes, até na sede da Unesco em Paris. Na Embaixada do Brasil em Portugal. É benção de Deus a Quem agradeço.

## A CAMINHO DA UNIVERSIDADE

Eleazar Teixeira, professor do meu cursinho e do Paulo Elpídio apareceu na noite do Ideal. Lá se vão 36 anos que nos apontou o caminho da Faculdade que cursamos, mal e porcamente.

### BOA MOÇA

Tive uma namorada, na Faculdade, que dividia os encantos comigo e com o tenaz fauno que era o professor de “Introdução à Ciência do Direito”, Heribaldo Costa. A boa moça me abriu as portas do segundo ano. Nunca pude captar “Introdução à Ciência do Direito” (mais precisamente de abrir o compêndio) e foi ela quem me ajudou a passar. Nunca fui assaz agradecido à generosa protetora. Deve de estar pelaí, administrando justiça, defendendo o Direito. Grande bacharela!

E Heribaldo era severíssimo. Na sala de aulas. Acho que o ingresso de paletó era obrigatório. E nem se podia pensar em fumar.

### O PADRINHO: MEU PAI

Eu já estava noutra. Era colunista político de *Unitário* e não me saía mal. No segundo ano, Flávio Marcílio, que vinha de deixar a cadeira de governador e reassumira a cadeira de Direito Privado Internacional, ao fazer a chamada, logo me reconheceu: “É você, Lustosa?”

Gostava muito de Carlos Jereissati, que era muito atencioso comigo. Dava-me a maior atenção nas conversas noturnas que tínhamos da casa de Raul Carneiro até a sua, na Tristão Gonçalves. Como eu tinha interesse em ser procurador de autarquia, o que terminei sendo, por influência dele e de Ozires Pontes - nesse tempo, emprego público ainda não era palavra - ficou a impressão de que ele seria meu padrinho. Claro que não foi. Compareceu, doente, abatido, à sala cheia da Faculdade de Direito para me prestigiar e por isso lhe fiquei grato. Mas quem me acompanhou até o Reitor para receber o diploma foi, naturalmente, “seu” Costa.

## SEM CONFUNDIR AS COISAS

Graças a Deus, nunca misturei as coisas. Tenho um conhecido cujos filhos são, cada um, afilhado de um patrão que teve, de um patrocinador político de sua carreira. É loucura. Não se pode misturar família com ligações políticas que, às vezes, são duradouras, outras não, são passageiras e mutantes.

## COMEMORAÇÃO

A turma de 1962 da Faculdade de Direito vai comemorar 35 anos de formatura. Infelizmente, não poderei estar aí. Leorne Belém, orador de nossa turma em cujo discurso havia referência ao “olhar nublado das mães”, me representará.

“Seu” Costa me chamava “doutor de vela”. Porque, a cada dia de prova, dona Dolores acendia uma vela ao santo de sua devoção para que me provesse do saber jurídico que me faltava. Entre o trabalho, o namoro e o uísque do Ideal, o Direito ia pro espaço.

Não tenho porque debitar minha ignorância aos professores, à Faculdade, ao fato de estudar “à noite”, não. Não aprendi de preguiça, de desleixo, de burrice.

Da mesma maneira, não fiquei rico. Ninguém me passou para trás, atrasou minha vida, me prejudicou. Foi incompetência. Não enriqueci ainda porque não me empenhei, não dei duro para isso, não me interessei. Oportunidade até me ofereceram.

Continuo liso, correndo atrás dos cartões de crédito, vendendo, um dia desses, um apartamentozinho fuleiro para me livrar das despesas com viagem a Portugal e ao México.

Ainda não precisei dar o golpe em ninguém, graças a Deus. Nem requerer autofalência. E tem dado para pagar os compromissos. Um conhecido, de quarenta anos, me observa: “Desde que te conheci, tem sido assim, sendo apertado para pagar os papagaios.”

É isso aí. Só que ninguém me arrebatará a vida boa que tive, as viagens que empreendi, o uísque que consumi, as mulheres que amei, os amigos que me têm curtido, os livros que hei publicado. Olhando bem, fazendo balanço sumário, eu sou é rico. Milionário. Duma riqueza que ninguém confisca.

## **COISA DE POBRE**

Vejo no restaurante disputa entre dois cavalheiros para ver quem, dentre eles, paga a conta. Só faltam brigar. Diagnostico logo: “Isto é coisa de pobre: brigar para pagar conta. Duvido que algum rico faça isso.”

## **SEM RANCOR**

Não estou em idade de guardar rancor de ninguém. Não se trata de bondade ou de virtude, não. É auto-estima, defesa de mim mesmo. Quando nasceu alguém neste mundo para merecer o meu ódio? Ainda não apareceu. Ódio pesa muito na bagagem, oxida o resto dos seus pertences, trava o seu coração. Não, não está com nada ter raiva.

Claro, você não é santo, tem seus momentos de mau humor, se aborrece, explode mas logo esfria. Não vai ficar remoendo. Curtindo aquela chateação. Naturalmente, depois de certa idade, cumpre evitar pessoas que o irritam, aborrecem, lhe fazem mal. Nada de aturar quem nos empobrece, nos estraga o dia mal. E há gente assim. Fugir delas é preciso.

## **MIMOS DE NATAL**

Um cara me encontra: não sei o que faço para te mandar um uísque no Natal. Engraçado, o Imposto Predial me localiza, a Receita federal sabe onde me cobrar. Quando alguém quer uma nota na coluna, facilmente me acha. Só encontra dificuldade em me mandar um mimo. Por que não apela para o Sedex, a Vapex, a Transbrasil, o moleque de recados? Engraçado, né?

## **A FALTA QUE ELE ME FEZ**

Tive de trocar de micro. Passei uma noite sem tal companhia. Ele dormiu fora de casa para efeitos de transferência de arquivos. Como me fez falta! Você fica sempre esperando algum recado, vindo do Frota Neto, em Washington. Da cunhada dele, Maria Eduarda, em Nova Delhi.

Do Mia Couto, em Moçambique. Do Germano de Almeida, em Cabo Verde. Dos amigos do Ceará. Sem falar nos mundos que nele se escondem e vamos pouco a pouco desvendando. O Pentium vira uma espécie de vício, de dependência como deve de ter sido o rádio-amador do tempo dos nossos pais e avós.

Fiquei com saudades do computador velho, não vou negar. No começo nossas relações foram difíceis, depois, não. Casamento quase perfeito. Teria sido melhor se eu procurasse mais o entender. Não o fiz. Ainda assim ele deu duro por nós dois. Por nossas relações. Em Paris, onde o comprei, descobri a navegação na Internet. Raquel adquiriu passagem aérea, através do Minitel, dando apenas o número de meu cartão de crédito. Pude ler, de véspera, no sábado, a edição do DN Gente de domingo. Que sensação engraçada. Principalmente isto foi fantástico para aquele adolescente sobralense que ficava, segunda-feira, meio-dia, esperando a chegada dos jornais de domingo da capital à agência distribuidora do José Osmar Albuquerque.

Confesso, depois de ler no micro, ainda hoje vou ao jornalista comprar o *Diário* para ver como saiu minha matéria porque ainda sou aquele cara ligado no papel. Até para corrigir o texto. Preciso imprimi-lo. Só aí identifico com mais frequência o que devo corrigir, alterar.

E, apesar de gostar tanto dos meus *e-mails*, ainda aguardo o porteiro, ansioso, todas as tardes com a correspondência. E fico ligado para a portaria do prédio onde moro a fim de saber se o carteiro já passou, se as cartas foram selecionadas, se estão subindo. Sou o último dos caras que ainda escreve cartas e adora recebê-las.

### Um novo cidadão

Meu filho caçula Carlos Eduardo chegou à maioridade. E numa ansiedade bem nossa, bem do clã, todo o dia batalha por todos os documentos que lhe dêem atestado de cidadania. É um mundo bem diverso do meu o que o aguarda. Claro. Acabo de perpetrar uma bobagem. Um lugar-comum. O universo em que viveu meu pai também era muito diferente daquele em que viveu meu avô. É bem verdade que a aceleração histórica é muito mais intensa do que nos dois períodos. Ah, isto é.

## Não pergunto sem solução

Vejo meu livreiro preocupado. Claro, é a crise. Não lhe pergunto nada porque presumo as razões e não tenho como afastá-las. A gente só deve fazer certas indagações quando tem a resposta, saída, solução. Por curiosidade, pode até parecer sadismo. Certo prazer em saber do aperto alheio. O ideal é você só perguntar quando, ao ouvir a resposta, tem condições de resolver o problema, de aviar a saída.

## Calvados

Lúcio Brasileiro conta que começou a gostar de uma cerveja por que ela entra numa história que o encantou. Também me deixei fascinar por calvados, aguardente de maçã da Normandia porque era a bebida em que se amarrava Ravic, herói de *O Arco de Triunfo*, de Erich Maria Remarque, livro de minha preferência por muitos anos. Somente fui sorver tal bebida no bar do hotel em Zurich, em 1970, em companhia do Cláudio Santos, que integrava nosso ônibus de turismo.

## O JORNAL ME DISPENSOU DE APRENDER A DANÇAR

Primeiro que tudo, devo dizer-lhes que nem sempre tive 59 anos, estive na iminência de me tornar sexagenário, como ora me ocorre. Não. Já fui moço. Até recém-nascido, em Cajazeiras. Depois a Vida fez de mim o que quis.

Era um menino velho triste e encabulado em Sobral. Adolescente, cheio de complexos, encabulado, cortava caminho, mudava de rota para não passar junto às rodas de conversa na calçada. Tinha fundo desgosto. Não sabia dançar, o que me distanciava dos bailes e das moças. Sofria com isso. Como todo o tímido, era muito orgulhoso. Tinha a vaidade de haver lido *Contraponto*, de Aldous Huxley, e precisava me sentir superior aos outros, na convivência daqueles ingleses aristocratas, ricos e cerebrais. Já me encontrara em *O Retrato de Dorian Gray* e me encantara com a faiscante ourivesaria verbal de Oscar Wilde. Publicara jornais de duração efêmera que não resolveram meu problema.

O primeiro emprego foi na *Gazeta de Notícias*, ao me mudar para Fortaleza. O que, porém, me fez bem à alma e à cabeça foi a coluna política de *Unitário*. Ela constituiu minha salvação. A comunicação com o mundo. Eu era, afinal, alguém e muito jovem. Deu-me status para circular na cidade, e, depois, na sociedade, sem a paralisante timidez da adolescência. Tirou-me até o mortificante complexo de não saber dançar.

Tinha leitores. Meu pai registrou, em seus escritos memorialísticos, sua vaidade ao ver, no ônibus, em que ia para o trabalho ou voltava dele, que os leitores de *Unitário* abriam logo o jornal na terceira página, atrás da “Resenha Política”. Havia, sim, quem gostasse daquelas notas soltas, descomprometidas, cheias de malícia própria e alheia. Porque muita vez me fiz porta-voz de intrigantes. Porque tinha muito pouco juízo. E nem sei se criei tal bicho.

O jornal também me tirou da fossa, da tristeza. Estava no Rio, longe da família, dos amigos, do bar do Ideal depois de uma eleição perdida e do desfazimento de uma relação matrimonial que, há muito, acabara. Escrevia furiosamente. E um dos colegas do escritório em que trabalhava, de José Ayler Aguiar Rocha, onde me empregara seu irmão Ayrton, Wilson Rianelli, levava minha produção para a *Tribuna da Imprensa*, em cujas páginas Carlos Lacerda ainda escrevia. Uma manhã de sol, ao sair de casa, à avenida Nossa Senhora de Copacabana, para o trabalho que era próximo de meu apartamento no Edifício Copamar, adquiro o jornal do “Corvo” na primeira banca. E, trêmulo, deslumbado, encontro, em sua primeira página, assinado, meu artigo “A crise na universidade”. Passei noutra banca, temendo que fosse trote. Comprei outro exemplar. Também nele estava minha prosa. Um terceiro para conjurar qualquer brincadeira. Não era brincadeira, não era trote. Estava eu lá, onde Lacerda publicava suas catilinárias. Ao chegar ao escritório da Pronews (assim se chamava a empresa de José Ayler) fui saudado com palmas pelos colegas de trabalho.

Por isso, abomino colegas dizerem a propósito da profissão dos filhos: “Deus queira que não desejem entrar nessa profissão desgraçada”. Jamais diria isso. Não vou induzi-los ao jornalismo (Raquel trocou Biologia por Comunicação Social, este ano) embora eles me vejam sempre cercado de jornais. Compro seis aos sábados e sete aos domingos e os tresleio. Eles, também. E não posso me queixar do ofício que exerço, que nos permite a ilusão de que lutamos por melhorar o mundo, torná-lo

mais justo, menos mentiroso, menos hipócrita. E que me deu status, me dispensou de aprender a dançar e me pôs em contato com dirigentes do País. Até do mundo. Não tenho porque maldizer o que faço.

Inclusive porque sou um daqueles privilegiados. São os que amam o que fazem e, por isso, não cansam no ofício. É-me leve o fardo de escrever. Escrevo rápido. Há quem goste de minha prosa. Minha mãe, por exemplo. E tenho até outros leitores. Alguns que há décadas lêem essa conversa para boi dormir. E gostam.

Por mim, necessito do leitor, do ouvinte. Quando não me quiserem mais no jornal, tentarei uma estação de rádio. Escreverei nos muros, nas paredes. Preciso comunicar-me com o semelhante. Através do jornal. De cartas. De mensagens, através da Internet. O diabo a quatro.

Amigos se preocupam com o que consideram minha violência contra os vendilhões da pátria. O crescido partido dos Silvérios dos Reis. Confesso: este receio, que inspiro nos amigos de que possa sofrer represálias dos poderosos, me faz bem. Não é bravata, não. Longe disso. É uma espécie de consolo, de conforto. Porque nos agrada saber que assim somos vistos por eles. O pior era se estivesse dando notinhas em troca de passagens aéreas ou almoços em restaurantes de luxo. Tomando dinheiro de empresários para favorecer seus negócios. Felizmente, não é o caso. Graças a Deus, meu caso é de loucura puramente cívica. E se ela ainda arde, 44 anos depois que escrevi com as iniciais L.C. um artigo no *Correio da Semana*, de Sobral sobre a ascensão de Café Filho à presidência da República, devo erguer as mãos para os céus e agradecer ao Senhor, por esta graça. (1997).

## SEXAGENÁRIO

Bem que não queria ser sexagenário. Não era o que queria. Nunca pensei chegasse a tanto. A alternativa, porém, era fatal. Quem não quer envelhecer, morre. Por isso me conformei. Até o fim do ano ingressarei nessa categoria *sexy*. Não é nada confortável. Bem menos ruim, creio que vocês também concordam, que estar morando na cidade dos pés juntos.

## PORQUE SESSENTA

A gente, não se sabe bem porquê, dá o maior valor às datas redondas. Breve, pois, farei sessenta anos de peregrinação sobre a terra e verifico que, pelo menos, a metade foi boa. Foi ótima. A vida me deu tudo o que pedi e mais alguma coisa. Tirou-me o que me pesava e podia me arruinar e, assim leve, passei a trafegar pelas estradas do mundo. Tenho mais é que agradecer a Deus, todos os dias, de joelhos, o que a vida me prodigalizou. Até agora foi prazerosa. Nem queria que melhorasse. Basta continuar como vai. É o que peço ao Senhor.

## OBRIGADO, MEU DEUS!

Agradeço ao Senhor pelos filhos que tive, pelos livros que li, pelos livros que publiquei, pelas amizades que fiz, pelas mulheres que me amaram, pelo *scotch* e pelo *rouge* que bebi, em quantidades industriais. Pela saúde de que desfrutei. Pela bem sucedida meia-sola feita no coração em Paris. Em suma: muita gente me leu e houve até quem gostasse do que escrevi. Algumas mulheres me amaram. Os garçons foram sempre atenciosos. Os amigos, cortesês. Bebi este divino licor destilado na Escócia, estes *rouges* maravilhosos, saídos dos vinhedos franceses. Que mais poderia querer da vida?



*A gota tomou conta do meu pé esquerdo e vai abrindo seu caminho, subindo, de modo que mais dia, menos dia, baterá à porta do coração; não me queixo, pois penso em todo o roast-beef que comi, em todo o bordeaux que bebi, e acho que valeu a pena...* (Alessandro Barbero, Boa Vida e Guerras Alheias do fidalgo Mr. Pyle)



## COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

1. IRACEMA – José de Alencar – Edição fac-similada; UFC – 1983.
2. FORTALEZA E A CRÔNICA HISTÓRICA – Raimundo Girão – UFC – 1983.
3. TEMPOS HERÓICOS – Esperidião de Queiroz Lima – Reedição da 2ª parte do livro ANTIGA FAMÍLIA DO SERTÃO – UFC – 1984.
4. AS VISÕES DO CORPO – Francisco Carvalho – UFC – 1984.
5. CONTOS ESCOLHIDOS – Moreira Campos – 4ª Edição – UFC, 1984.
6. DEZ ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – UFC – 1985.
7. O NORTE CANTA – Martins d'Alvarez – 2ª Edição – UFC – 1985.
8. TIBÚRCIO – O GRANDE SOLDADO E PENSADOR – Eusébio de Sousa – Edição Especial – UFC – 1985.
9. O CRATO DE MEU TEMPO – Paulo Elpídio de Menezes – 2ª Edição – UFC – 1985.
10. BUMBA-MEU-BOI E OUTROS TEMAS – Lauro Ruiz de Andrade – UFC – 1985.
11. CANTO DE AMOR AO CEARÁ – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1985.
12. MUNDO PERDIDO – Fran Martins – 2ª Edição – UFC – 1985.
13. ILDEFONSO ALBANO E OUTROS ENSAIOS – F. Alves de Andrade – UFC – 1985.
14. POEMAS ESCOLHIDOS – Cruz Filho – UFC – 1986.
15. REFLEXÕES SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS – Antônio Martins Filho – UFC – 1987.
16. GUSTAVO BARROSO – SOL, MAR E SERTÃO – Eduardo Campos – UFC – 1988.
17. EXERCÍCIOS DE LITERATURA – Francisco Carvalho – UFC – 1989.
18. POESIAS – 2ª Edição – Filgueiras Lima – UFC – 1989.
19. A RECEPÇÃO DOS ROMANCES INDIANISTAS DE JOSÉ DE ALENCAR – Ingrid Schwaborn – UFC – 1990.
20. LITERATURA SEM FRONTEIRAS – Coordenadores: Helmut Feldmann e Teoberto Landim – UFC – 1990.
21. UFC & BNB – Educação para o Desenvolvimento – Antônio Martins Filho – UFC – 1990.
22. IMPÉRIO DO BACAMARTE – Joaryvar Macedo – 2ª Edição – UFC – 1990/1992.
23. O MUNDO DE FLORA – Angela Gutiérrez – UFC – 1990.
24. CRÔNICAS DA PROVÍNCIA DO CEARÁ – Manuel Albano Amora – UFC – 1990.
25. APOLOGIA DE AUGUSTO DOS ANJOS E OUTROS ESTUDOS – F.S. Nascimento – UFC – 1990.
26. ESPELHO DE CRISTAL – Wilson Fernandes – UFC – 1990.
27. MEDICINA MEU AMOR – CONTOS E CRÔNICAS – José Murilo Martins – UFC – 1991.
28. O TERRITÓRIO DA PALAVRA – MEMÓRIA & LITERATURA – Carlos d'Alge – UFC – 1991.
29. METAFÍSICA DAS PARTES – Carlos Gildemar Pontes – UFC – 1991.
30. REINCIDÊNCIA – Cláudio Martins – UFC – 1991.
31. CONCEITOS & CONFRONTOS – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1991.
32. DESCRIÇÃO DA CIDADE DE FORTALEZA – Antônio Bezerra de Menezes – Introdução e Notas de Raimundo Girão – UFC – 1992.
33. NOTURNOS DE MUCURIBE E POEMAS DE ÊXTASE E ABISMO – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1992.
34. NOVOS ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – UFC – 1992.
35. SECA, A ESTAÇÃO DO INFERNO – Teoberto Landim – UFC – 1992.
36. FORTALEZA DESCALÇA – Otacílio de Azevedo – UFC – 1992.
37. CRÔNICA DAS RAÍZES – Francisco Carvalho – UFC – 1992.
38. A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DO CEARÁ – O POVOAMENTO – Vinícius Barros Leal – UFC – 1993.
39. FORMAS E SISTEMAS DE GOVERNO – ITINERÁRIOS E QUESTIONAMENTO – André Haguette (Organizador) – UFC – 1993.
40. HISTÓRIA ABREVIADA DE FORTALEZA E CRÔNICAS SOBRE A CIDADE AMADA – Mozart Soriano Aderaldo – UFC – 1993.
41. ANDANÇAS E MARINHAGENS – Linhares Filho – UFC – 1993.
42. TEMPOS E HOMENS QUE PASSARAM A HISTÓRIA – Tácito Theophilo – UFC – 1993.
43. POESIAS INCOMPLETAS – Antônio Girão Barroso – UFC – 1994.
44. FICÇÃO REUNIDA – Durval Aires, Dimas Macedo (Organizador). – UFC – 1994.
45. O CEU É MUITO ALTO – Lembranças – Blanchard Girão – UFC – 1994.
46. SONATA DOS PUNHAIS – Francisco Carvalho – UFC – 1994.

47. MAR OCEANO – Fran Martins – 2ª edição – UFC – 1994.
48. SEARA – Luciano Maia – UFC – 1994.
49. MEUS EUS – Pedro Henrique Saraiva Leão – UFC – 1994.
50. A PADARIA ESPIRITUAL – Leonardo Mota – 2ª edição – Introdução e Notas de Sânzio de Azevedo – UFC – 1994.
51. CANTIGAS DO CORAÇÃO – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1995.
52. PROSA DISPERSA – Newton Gonçalves – UFC – 1995.
53. O OUTRO NORDESTE – Djacir Menezes – UFC – 1995.
54. LEITURA E CONJUNTURA – Dimas Macedo – UFC – 1995.
55. LOUVAÇÃO DE FORTALEZA – Lustosa da Costa – UFC – 1995.
56. TEXTOS E CONTEXTOS – Francisco Carvalho – UFC – 1995.
57. NOVOS RETRATOS E LEMBRANÇAS – Antônio Sales – UFC – 1995.
58. MARÉ ALTA – Yolanda Gadelha Theophilo – Imprensa Universitária – 1995.
59. TEORIA DA VERSIFICAÇÃO MODERNA – F.S. Nascimento – UFC – 1995.
60. ELOGIO AOS DOUTORES E OUTRAS MENSAGENS – Antônio Martins Filho – UFC – 1995.
61. COISAS IMPERFEITAS. (Escritos de Filosofia da Ciência) – José Anchieta Esmeraldo e Rui Verlaine Oliveira Moreira – UFC – 1996.
62. SITUAÇÕES E INTERPRETAÇÕES LITERÁRIAS – Pedro Paulo Montenegro – UFC – 1996.
63. MEMÓRIAS DE UM CAÇADOR DE ESTRELAS – Rubens de Azevedo – UFC – 1996.
64. OS CAMINHOS DA UNIDADE GERMÂNICA – Paulo Elpídio de Menezes Neto – UFC – 1996.
65. NO MUNDO DOS TREBELHOS – Ronald Câmara – UFC – 1996.
66. NADA DE NOVO SOB O SOL – Lúcia Fernandes Martins – UFC – 1996.
67. DIMENSÕES ESPIRITUAIS DA ESPANHA & OUTROS TEMAS – José Newton Alves de Sousa – UFC – 1996.
68. POESIA COMPLETA – Aluísio Medeiros – UFC – 1996.
69. ÁGUAS PASSADAS – Olga Stela Wouters – UFC – 1996.
70. CONCEITOS DE FILOSOFIA – Willis Santiago Guerra Filho – UFC – 1996.
71. RESGATE DE IDÉIAS – Estudos e Expressões Estéticas – Vianney Mesquita – UFC – 1996.
72. A RUA E O MUNDO – Fran Martins – UFC – 1996.
73. MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA – José de Figueiredo Filho – UFC – 1996.
74. A PADARIA ESPIRITUAL E O SIMBOLISMO NO CEARÁ – Sânzio de Azevedo – UFC – 1996.
75. HISTÓRIA ABREVIADA DA UFC – Antônio Martins Filho – UFC – 1996.
76. O ESPANHALHO – Pedro Rodrigues Salgueiro – UFC – 1996.
77. A GRAMÁTICA DOPALADAR – *Antepasto de velhas receitas* – Eduardo Campos – UFC.
78. RAÍZES DA VOZ – Francisco Carvalho – UFC – 1996.
79. MISCELÂNEA – de garoto sertanejo a médico cardiologista – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1996.
80. REPASSE CRÍTICO DA GRAMÁTICA PORTUGUESA – Martinz de Aguiar – UFC – 1996.
81. FÚRIAS DO ORÁCULO: uma antologia crítica da obra de José Alcides Pinto – UFC – 1996.
82. TRÊS DIMENSÕES DA POÉTICA DE FRANCISCO CARVALHO – Ana Vlândia Aires Mourão – UFC – 1996.
83. NO MUNDO DA LUA – Martins D'Alvarez – UFC – 1996.
84. NOVELO DE ESTÓRIAS – Hilda Gouveia de Oliveira – UFC – 1996.
85. AS QUATRO SERGIPANAS – Padre F. Montenegro – UFC – 1996.
86. POEMAS DA MEIA-LUZ – Hamilton Monteiro – UFC – 1996.
87. REBUSCAS E REENCONTROS – Linhares Filho – UFC – 1996.
88. ALENCAR, O PADRE REBELDE – J.C. Alencar Araripe – UFC – 1996.
89. RITMOS E LEGENDAS – Martins D'Alvarez – UFC – 1996.
90. O RETRATO DE JANO – Paulo Elpídio de Menezes Neto – UFC – 1996.
91. ROSTRO HERMOSO – Luciano Maia – UFC – 1996.
92. REFLEXÕES MONÍSTICAS SOBRE GEOGRAFIA E OUTROS TEMAS – Caio Lóssio Botelho – UFC – 1996.
93. ATRAVÉS DA LITERATURA CEARENSE – Crítica – Florival Seraine – UFC – 1996.
94. VIRGÍLIO TÁVORA: SUA ÉPOCA – Marcelo Linhares – UFC – 1996.
95. O INQUILINO DO PASSADO – Eduardo Campos – UFC – 1996.
96. POESIA REUNIDA – Otacílio Colares – UFC – 1996.
97. PALIMPSESTO & OUTROS SONETOS – Virgílio Maia – UFC – 1996.
98. MISSISSIPI – Gustavo Barroso – UFC – 1996.
99. PORTUGAL E OUTRAS PÁTRIAS – Osmundo Pontes – UFC – 1996.

100. AS TRÊS MARIAS – Rachel de Queiroz – UFC – 1996.
101. DONA GUIDINHA DO POÇO – Oliveira Paiva – UFC – 1997.
102. ESCADARIAS NA AURORA – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1997.
103. QUIXADÁ & SERRA DO ESTÊVÃO – José Bonifácio de Sousa – UFC – 1997.
104. CANÇÃO DA MENINA – Angela Gutiérrez – UFC – 1997.
105. O SAL DA ESCRITA – Carlos d'Alge – UFC – 1997.
106. MATHIAS BECK E A CIA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS: o domínio holandês no Ceará colonial – Rita Krommen – UFC – 1997.
107. MENINO SÓ – Jader de Carvalho – UFC – 1997.
108. UMA LEITURA ÍNTIMA DE DÓRA, DORALINA – A lição dos manuscritos – Ítalo Gurgel – UFC – 1997.
109. FICÇÕES – Martins d'Alvarez – UFC – 1997.
110. PRÍNCIPE, LOBO E HOMEM COMUM - (Análise das idéias de Maquiavel, Hobbes e Locke) – Rui Martinho Rodrigues – UFC – 1997.
111. GEOGRAFIA ESTÉTICA DE FORTALEZA – Raimundo Girão – UFC – 1997.
112. CARTAS E POEMAS AO ANJO DA GUARDA – Rita de Cássia – UFC – 1997.
113. RIO SUBTERRÂNEO – José Costa Matos – UFC – 1997.
114. ADOLFO CAMINHA: Vida e Obra – Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
115. POEMAS DO CÁRCERE E ÂNSIA REVEL – Carlos Gondim - organização e introdução de Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
116. RIMAS – José Albano – UFC – 1997.
117. VOZ CEARÁ – Stella Leonardos – UFC – 1997.
118. GIRASSÓIS DE BARRO – Francisco Carvalho – UFC – 1997.
119. AS CUNHÁS – Milton Dias – UFC – 1997.
120. FORTALEZA: VELHOS CARNAVAIS – Caterina Maria de Saboya Oliveira – UFC – 1997.
121. NÓS SOMOS JOVENS – Fran Martins – UFC – 1997.
122. TRIGO SEM JOIO (seleção de poemas) – Otacílio de Azevedo – UFC – 1997.
123. UMA CEARENSE NA TERRA DOS *BITTE SCHÖN* – Regine Limaverde – UFC – 1997.
124. O PACTO (Romance) – Stela Nascimento – UFC – 1997.
125. A POLÍTICA DO CORPO NA OBRA LITERÁRIA DE RODOLFO TEÓFILO – João Alfredo de Sousa Montenegro – UFC – 1997.
126. IMAGENS DO CEARÁ – Herman Lima – UFC – 1997.
127. EDITOR DE INSÔNIA E OUTROS CONTOS – José Alcides Pinto – UFC – 1997.
128. A CAPITAL DO CEARÁ – Geraldo da Silva Nobre – UFC – 1997.
129. MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMARCA DO CRATO – Raimundo de Oliveira Borges – UFC – 1997.
130. CORPO MÍSTICO & OUTROS TEXTOS PARA TEATRO – Oswald Barroso – UFC – 1997.
131. AS VERDES LÉGUAS – Francisco Carvalho – UFC – 1997.
132. AUTORES CEARENSES – Joaquim Alves – UFC – 1997.
133. IMAGINANDO ERROS – José Anchieta Esmeraldo Barreto, Rui Verlaïne Oliveira Moreira (organizadores) – UFC – 1997.
134. O POÉTICO COMO HUMANIZAÇÃO EM MIGUEL TORGA – Linhares Filho – UFC – 1997.
135. DOIS DE OUROS – Fran Martins – UFC – 1997.
136. AUTA DE SOUZA – Jandira Carvalho – UFC – 1997.
137. NO *APRÈS-MIDI* DE NOSSAS VIDAS – Lustosa da Costa – UFC – 1997.
138. MAR VIOLETA, VIOLETA MAR – Fabiana Guimarães Rocha – UFC – 1997.
139. NÃO HÁ ESTRELAS NO CÉU – João Clímaco Bezerra – UFC – 1997.
140. SONETOS CEARENSES (poetas cearenses) – Hugo Victor – UFC – 1997.
141. IRACEMA – José de Alencar – UFC – 1997.
142. PIREU IDA E VOLTA & OUTRAS CRÔNICAS – Fran Martins – UFC – 1997.
143. UMA CHAMA AO VENTO – Braga Montenegro – UFC – 1997.
144. O DISCURSO CONSTITUINTE/Uma Abordagem Crítica – Dimas Macedo – UFC – 1997.
145. A ESCRITA ACADÊMICA (Acertos e Desacertos) – José Anchieta Esmeraldo Barreto e Vianney Mesquita – UFC – 1997.
146. A ESTRELA AZUL E O ALMOFARIZ: Exercícios de poesia e metapoesia – Horácio Dídimo – UFC – 1998.
147. RUA DA SAUDADE (POESIA) – Eduardo Fontes – UFC – 1998.
148. REMINISCÊNCIAS – Monsenhor José Quinderé – UFC – 1998.
149. A INSTITUIÇÃO NOTARIAL NO DIREITO COMPARADO E NO DIREITO BRASILEIRO – Regnoberto Marques de Melo Júnior – UFC – 1998.

150. CRÔNICAS DA MOCIDADE NO CEARÁ - Pires Saboia - UFC - 1998.
151. MÃO DE MARTELO E OUTROS CONTOS - Astolfo Lima Sandy - UFC - 1998.
152. A NOITE EM BABYLÔNIA E OUTROS RELATOS AO ETERNO - Poesia - Artur Eduardo Benevides - UFC - 1998.
153. ESTRELA DO PASTOR - Romance - Fran Martins - UFC - 1998.
154. A BORBOLETA ACORRENTADA - Contos - Eduardo Campos - UFC - 1998.
155. HISTÓRIA ABREVIADA DE LA UFC - Antonio Martins Filho - UFC - 1998.
156. GRACILIANO RAMOS - *Reflexos de Sua Personalidade na Obra* - Helmut Feldmann - UFC - 1998.
157. OS CAMINHOS DA MUNICIPALIZAÇÃO NO CEARÁ - *Uma Avaliação* - André Haguette e Eloísa Vidal (*Organizadores*) - UFC - 1998.
158. O CRUZEIRO TEM CINCO ESTRELAS - Romance - Fran Martins - UFC - 1998.
159. MÉDICOS ESCRITORES E ESCRITORES MÉDICOS DA UFC - Geraldo Bezerra da Silva - UFC - 1998.
160. A VOLTA DO INQUILINO DO PASSADO - Segunda Locação - Memórias - Eduardo Campos - UFC - 1998.
161. O LIMOE E A VÁRZEA - Poesia - Regine Limaverde - UFC - 1998.
162. TERRA BÁRBARA - Poesia - Jäder de Carvalho - UFC - 1998.
163. A GUERRA DOS PANFLETOS - História - Waldy Sombra - UFC - 1998.
164. ROMANCE DA NUVEM PÁSSARO - Poesia - Francisco Carvalho - UFC - 1998.
165. NOTÍCIA DO POVO CEARENSE - História - 2ª Edição - Yaco Fernandes - UFC - 1998.
166. A ÚLTIMA TESTEMUNHA - Romance - Elano Paula - UFC - 1998.
167. A INVENÇÃO DO DISCURSO AMBIENTAL - Ecologia - Eduardo Campos - UFC - 1998.
168. URBANIDADE E CULTURA POLÍTICA - (*A cidade de Fortaleza e o liberalismo cearense no século XIX*) - José Ernesto Pimentel Filho - UFC - 1998.
169. PEDRAS DO ARCO-ÍRIS OU A INVENÇÃO DO AZUL NO EDITAL DO RIO - Poesia - Barros Pinho - UFC - 1998.
170. CONTAGEM PROGRESSIVA - Reminiscências da Infância - Memórias - Caio Porfírio Carneiro - UFC - 1998.
171. RACHE O PROCÓPIO! - Crônicas - Lustosa da Costa - UFC - 1998.
172. O VENDEDOUR DE JUDAS - Contos - Tércia Montenegro - UFC - 1998.
173. A CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA - Ensaios - José Filomeno de Moraes Filho - UFC - 1998.
174. ALMA DE POETA - Poesia - Eduardo Fontes - UFC - 1998.
175. ESTUDOS TÓPICOS DE DIREITO ELEITORAL - Ensaios - Napoleão Nunes Maia Filho - UFC - 1998.
176. SALA DE RETRATOS - Poesia - Marly Vasconcelos - UFC - 1998.
177. A CONCHA IMPOSSÍVEL - Poesia - Napoleão Maia Filho - UFC - 1998.
178. RASGANDO PAPÉIS - Memórias - Tacito Theophilo Gaspar de Oliveira - UFC - 1998.
179. CRATO: LAMPEJOS POLÍTICOS E CULTURAIS - História - F. S. Nascimento - UFC - 1998.
180. NA TRILHA DOS MATUIÚS - Contos - José Costa Matos - UFC - 1998.
181. NADA NUEVO BAJO EL SOL - Novela - Lúcia Fernandes Martins - UFC - 1998.
182. GENTE NOVA - (Notas e Impressões) - Crítica - Mário Linhares - UFC - 1998.
183. TEMAS DE DIREITO ADMINISTRATIVO E TRIBUTÁRIO - Napoleão Nunes Maia Filho - UFC - 1998.
184. O GUARANI ERA UM TUPI? - *Sobre os romances indianistas O Guarani, Iracema, Ubirajara de José de Alencar* - Ingrid Schwamborn - UFC - 1998.
185. A PRESENÇA DA POESIA NO MUNDO DOS NEGÓCIOS - Antônio Martins Filho - UFC - 1998.
186. NORTE MAGNÉTICO - Poesia - Sérgio Macedo - UFC - 1998.
187. REVOLUÇÃO POR CONSENTIMENTO - Valores ético-sociais do empresariado - União pelo Ceará político - 1962/CIC-1978 - José Flávio Costa Lima - UFC - 1998.
188. CANTO IMATERIAL - Poesia - Vanderley Moreira - UFC - 1998.
189. POR UM FIO - Contos - Sandra Maia - UFC - 1999.
190. ERA UMA VEZ - Poesia - Karla Karenina - UFC - 1999.
191. O PORTAL E A PASSAGEM - Poesia - Beatriz Alcântara - UFC - 1999.
192. POÇO DOS PAUS - Romance - 2ª Edição - Fran Martins - UFC - 1999.
193. CAPISTRANO DE ABREU - Biobibliografia - José Aurélio Saraiva Câmara - UFC - 1999.
194. UNIVERSIDADE - Caminho para o desenvolvimento - José Teodoro Soares - UFC - 1999.
195. PONTA DE RUA - Romance - 2ª Edição - Fran Martins - UFC - 1999.
196. MELANCHOLIA - (Antologia) - Sociedade de Belas Letras & Artes Academia da Incerteza - UFC - 1999.

197. TEATRO - (Teatro Completo de Eduardo Campos)-VOL I - Eduardo Campos - UFC - 1999.
198. TEATRO - (Teatro Completo de Eduardo Campos) -VOL II - Eduardo Campos - UFC - 1999.
199. Para uma FILOSOFIA da FILOSOFIA (Conceitos de Filosofia) - Willis Santiago Guerra Filho - UFC - 1999.
200. CAMINHOS ANTIGOS E POVOAMENTO DO BRASIL - 3ª Edição - J. Capistrano de Abreu - UFC - 1999.
201. O GUARANI - José de Alencar - Romance - (Volume I) - UFC - 1999.
202. O GUARANI - José de Alencar - Romance - (Volume II) - UFC - 1999.
203. CARLOS BASTOS TIGRE- *O Guardião das Árvores* (Centenário) - Ilka Tigre/ Organizadora - UFC - 1999.
204. NORDESTE MÍSTICO-Império da Fé - *Ensaio sobre manifestações da religiosidade popular, no folclore e do sincretismo religioso do Nordeste* - Vilma Maciel e Célia Magalhães - UFC - 1999.
205. ROTEIRO BIOGRÁFICO DAS RUAS DO CRATO - J. Lindemberg de Aquino - UFC - 1999.
206. BRASIL, A EUROPA DOS TRÓPICOS - *500 anos rumo à Civilização Trópico-Equatorial*- Caio Lóssio Botelho - UFC - 1999.
207. VOZES DO SILÊNCIO - Poesia - Cecília Bossi - UFC - 1999.
208. ESTÂNCIA CEARENSE - Poesia - Márcio Catunda - UFC - 1999.
209. A SHORT HISTORY OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF CEARÁ (UFC) – Antônio Martins Filho – UFC – 1999.
210. O ELEFANTE E OS CEGOS – José Anchieta Esmeraldo Barreto, Rui Verlaine Oliveira Moreira (*Organizadores*) – UFC – 1999.
211. MANIPUEIRA – Contos – Fran Martins – UFC – 1999.
212. REENCONTRO – Contos – Glória Martins – UFC – 1999..
213. LOUVADO SEJA TAMBÉM O PEIXE (crônicas) – Ciro Colares – UFC – 1999.
214. A LEI 4.320 – COMENTADA AO ALCANCE DE TODOS (Direito Financeiro) – Afonso Gomes Aguiar – UFC – 1999.
215. DIREITO PROCESSUAL – QUATRO ENSAIOS – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 1999.
216. CANTOS DA ANTEVÉSPERA – Sânzio de Azevedo – UFC – 1999.
217. NOITE FELIZ (Contos) – Fran Martins – UFC – 1999.
218. O PRANTO INSÓLITO – Eduardo Campos – UFC – 1999.
219. PALAVRAS AOS QUE AINDA OUVEM (Discursos) – Raimundo Bezerra Falcão – UFC – 1999.
220. LUSO-BRASILIDADES - NOS 500 ANOS – Dário Moreira de Castro Alves – UFC – 1999.
221. FEITOSAS - GENEALOGIA - HISTÓRIA - BIOGRAFIAS - Aécio Feitosa - UFC - 1999.
222. CANUDOS - Poema dos Quinhentos - Carlos Newton Júnior - UFC - 1999.
223. PERSONAS - Notas de Um Bibliófilo Cearense - José Bonifácio Câmara - UFC - 1999.
224. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: Em busca da operacionalização - Manoel do Nascimento Barradas (Organizador) - UFC - 1999.
225. COMEÇAR DE NOVO: Romance - Elano Paula - UFC - 1999.
226. COMO ME TORNEI SEXAGENÁRIO - Lustosa da Costa - UFC - 1999.





Impressão e Acabamento  
Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará  
Av. da Universidade, 2932 - Fundos - Benfica  
Caixa Postal 2600 - Fone: (85) 281-4748  
Fortaleza - Ceará - Brasil

